

# VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



## AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (\*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

---

VIDAS  
DOS  
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR  
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO  
PROF. A. DELLA NINA  
(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XVI

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

SÃO PAULO  
Caixa Postal 4468

**NIHIL OBSTAT**

Padre Antônio Charbel, S. D. B.

**IMPRIMATUR**

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Setembro

### 3.º DIA DE SETEMBRO

## SANTA SERÁPIA E SANTA SABINA

### *Mártires*

O imperador Adriano, que faleceu em 138, tornou-se muito cruel nos últimos anos. Antes de morrer, mandou matar, entre outros, o cunhado Sérvio, e Fuscus, sobrinho neto; matou de desgosto, ou com veneno, sua própria esposa Sabina, e depois fez dela uma deusa; mandou assassinar César Verus e fez dêle um deus. E para substituí-lo, adotou Tito Antonino, obrigando-o ao mesmo tempo adotar um jovem, filho de Verus, e seu próprio parente, chamado Marcus Antonius, mais conhecido pelo nome de Marco Aurélio. Sob o govêrno dêsse imperador devasso, cruel e caprichoso, que nem mesmo poupava os próprios parentes, os cristãos muito sofreram.

Ora, residia em Roma, no monte Aventino, num bairro chamado Vendine, uma ilustre dama romana, Sabina, viúva de Valentino e filha de Herodes. Suas riquezas eram tão consideráveis que por três vêzes proporcionara jogos públicos na própria Roma. Tinha em casa uma filha adotiva, Serápia ou Seráfia, originária da Antioquia e cristã. Essa excelente moça não tardou em retribuir as bondades de sua

segunda mãe com um benefício ainda maior: fê-la conhecer Jesus Cristo, propiciando-lhe o meio de tornar-se filha de Deus e herdeira do céu. A ilustre Sabina abraçou a fé dos cristãos. Dedicava-se com zelo crescente às obras de caridade na ocasião em que o presidente Berilo mandou buscar em sua casa a virgem Serápia para fazê-la comparecer perante o tribunal, por ser cristã. No primeiro momento, Sabina, grande dama romana, assim como seus empregados, opôs-se a que levassem Serápia. Esta, porém, assim lhe falou: "Senhora minha mãe, deixai-me ir; quanto a vós, orai apenas e tende confiança no Senhor Jesus Cristo; pois, por mais indigna e pecadora que eu seja, espero que meu Senhor Jesus Cristo me torne digna de seus santos, eu, sua serva". Sabina respondeu-lhe: "Minha filha e minha senhora, virgem Serápia, quero viver ou morrer convosco, não vos deixarei partir".

Contudo, diante da insistência dos meirinhos do magistrado, mandou preparar sua liteira e dirigiu-se ao pretório. Quando o presidente soube quem estava à porta, foi-lhe ao encontro e disse-lhe: "Por que não respeitais a vossa posição? Por que não considerais quem sois e de quem sois a filha? Pois vos associastes aos cristãos, esquecestes vosso nascimento, a memória do homem de quem fôstes espôsa, e a lembrança dos deuses, cuja cólera muito receio tendes provocado. Retornai à vossa casa e abandonai essa infeliz que, com os seus sortilégios, vos afastou, e a muitos outros, do culto dos deuses. Sabina respondeu: "Possais vós, pelos sortilégios dessa santa moça, serdes persuadido, como o fui, com razão, a abandonar os ídolos impuros e a reconhecer

o verdadeiro Deus, que atrai os bons à vida eterna e abandona os maus às penas eternas!" Então o presidente, tomado de respeito, retirou-se para o pretório. E Sabina retornou à casa, levando consigo a virgem de Deus.

Três dias depois, quando Berilo presidia aos jogos públicos do anfiteatro, deu ordem aos satélites para trazerem à força a virgem Serápia. Sabina acompanhou-a a pé. Vendo que não podia socorrer a filha adotiva, disse Sabina ao presidente em voz alta: "Miserável, a quem o ódio cega, cuida de não ultrajar, para a tua infelicidade, a santa virgem de Deus; pois Jesus, Nosso Senhor, está disposto a castigar com tormentos eternos, tu e teus imperadores, que tantos perseguis aquêles que servem o Deus vivo". Em seguida regressou à casa, debulhada em lágrimas.

Depois de mandar trazer Serápia à sua presença, o presidente lhe ordenou: "Sacrifica aos deuses imortais, aos quais sacrificam nossos senhores, os imperadores". Respondeu Serápia: "Temo e sirvo o Deus Todo-Poderoso, que fêz o céu e a terra e tudo que contém; mas não adoro os deuses a quem me ordenais adorar. Não são deuses, mas demônios, e é essa a razão por que não me é permitido adorá-los, pois sou cristã". O presidente: "Então vem e sacrifica a teu Cristo". Serápia: "Todos os dias eu lhe ofereço sacrifícios, adorando-o e dirigindo-lhe preces noite e dia". O presidente: "E onde está o templo de teu Cristo? e qual é o sacrifício que lhe ofereces?" Serápia: "Meu sacrifício consiste em oferecer-me a mim própria, através da pureza de uma vida casta, e por meio da sua misericórdia, conduzir outros à mesma

profissão". O presidente: "São êsses o templo de teu Deus e os sacrifícios ao teu Cristo?" Serápia: "Não há nada mais alto do que conhecer o verdadeiro Deus, viver piedosamente e servi-lo". O presidente: "Então és tu mesma o templo de teu Deus, como dizes?" Serápia: "Enquanto me conservar pura, por sua graça, serei seu templo, pois assim dizem as Santas Escrituras: "Sois o templo do Deus vivo, e o Espírito de Deus habita em vós". O presidente: "Se fores violada, cessas de ser o templo de teu Deus?" Serápia: "A divina Escritura também diz: "Se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá".

O presidente ordenou que Serápia fôsse entregue a dois libertinos do Egito a fim que dela abusassem durante a noite inteira. Conduziram-na a um gabinete escuro. Serápia disse ao entrar: "Ó vós três vêzes santo, Senhor Jesus Cristo, invoco-vos, vós que sois o verdadeiro guardião dos fiéis. Invoco-vos, Senhor Jesus Cristo, vós que sois a luz e a alegria eterna. Invoco-vos, Senhor Jesus Cristo, vós que com as portas fechadas visitastes e fortalecestes vossos apóstolos na prisão. Guardai-me, conjuro-vos, e tende piedade de mim, vossa serva Serápia, estrangeira nesta terra, preservai-me dos pensamentos impuros dêstes jovens. Que os olhos dêles escureçam e assim não possam tocar-me, a mim, vossa serva, que confia em vós, e que êles não profanem o sinête que imprimistes em mim com a vossa consagração. Confundi-lhes o impudor, resguardai-me da impureza da carne, e ordenai que eu vá para vós. Assisti também, Senhor Jesus Cristo, vossa serva Sabina. Santificai-a na vossa grandeza, Senhor Jesus Cristo, a fim

de que o inimigo não triunfe dela, pois muito sofreu pelo vosso nome, por minha causa, por causa de vossa serva. Senhor Jesus Cristo, ouvi-me, vós que sois o Filho bendito, glorificado e digno de todos os louvores, com o Pai e o Espírito Santo no século dos séculos, *Amém*. Na primeira hora da noite, como os jovens tentassem aproximar-se da virgem de Cristo, à fôrça, imediatamente se ouviu um grande estrépito e houve um horrível tremor de terra, que foi sentido no bairro inteiro. Terrificados, os jovens perderam as fôrças e caíram no chão, desfalecidos e cegos. Ao testemunhar o auxílio que lhe vinha do alto, a piedosa serva de Deus ergueu as mãos para o céu e passou a noite inteira em prece.

No dia seguinte, ao romper da manhã, o presidente mandou buscar os dois libertinos para interrogá-los. Os satélites encontraram a virgem em oração e os jovens estendidos no chão como mortos. O presidente disse a Serápia: "Então, êles vos entretiveram?" Serápia: "Aquêles de quem falais não estiveram comigo, mas apenas aquêles a quem pertenço. O presidente: "E quem é êle?" Serápia: "É meu guarda e meu defensor, o Senhor Jesus Cristo". O presidente: "Vamos aos fatos: com que sortilégios tirastes a fôrça a êstes jovens?" Serápia: "A nós, cristãos, não é permitido usar de sortilégios; mas Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Senhor de todos, restitui à vida, quando o invocamos, aquêles que assim matastes". Tendo mandado buscar os jovens, Santa Serápia, na presença de todos, pronunciou a seguinte oração: "Senhor Deus Todo-Poderoso, que fizestes o céu, a terra, e o mar, assim como tudo que contém; vós, que por intermédio de vossos santos

apóstolos, ressuscitastes os mortos, purificastes os leprosos, expulsastes os demônios, restituístes a palavra aos mudos, o ouvido aos surdos, ouvi nesta hora a vossa serva que põe em vós a sua confiança, não diferais a causa deste infeliz incrédulo, mas para a sua confusão, levantai, a meu rôgo, êstes jovens, na presença de todos, a fim de que reconheçam que sois o único Deus e que não existe outro. Em seguida, tocando os mancebos com a mão, disse: Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, levantai-vos! "E êles se levantaram e puseram-se a falar. Interrogados pelo presidente sôbre o que lhes sucedera, responderam: "No momento em que obedecendo às vossas ordens nos aproximávamos dessa moça, entrou um jovem de beleza e estatura extraordinárias, resplandecente como o sol, que se colocou entre nós e ela; tal era o seu esplendor que fomos tomados de tremores, de cegueira e perdemos o conhecimento até agora. Diante disso, ou essa moça se serve de malefícios ou então seu Deus é em verdade o grande Deus.

O presidente a Serápia: "Dize-me com que espécie de sortilégios conseguiste tal coisa e eu te deixarei partir". Serápia: "Tenho horror aos sortilégios: e todos os cristãos, apenas pronunciando o nome de Cristo, reduzem a nada os sortilégios e êstes não poderão prejudicá-los." O presidente: "Veremos o que podem as tuas artes. Pois se não sacrificas, mandarei cortar-te a cabeça". Serápia: "Faze o que quiseres, não sacrifico aos demônios e não farei a vontade de vosso pai Satanás, porque sou cristã". O presidente mandou que lhe applicassem duas tochas ardentes; mas elas se apagaram, e os

que as seguravam caíram para trás. O presidente insistiu: "Sacrifica aos deuses para não morreres". Serápia: "Se não sacrifiquei aos vossos demônios, é precisamente para não morrer da vossa morte". O presidente: "Tu que és cruel e perversa contigo mesma, ouve a ordem imperial, sacrifica aos deuses imortais, e livra-te dos tormentos e da morte." Serápia: "Sois vós que sois cruéis e perversos convosco mesmos, vós que negais o Deus vivo e verdadeiro e que, adorando os demônios, com eles perecereis. Quanto a mim, ofereço-me em sacrifício, se Deus se dignar aceitar-me, cristã, embora pecadora". O presidente ordenou que fôsse espancada. Enquanto lhe batiam, a terra tremeu, e uma lasca de madeira atingiu o olho direito de Berilo que o perdeu três dias depois. Tomado de cólera, mandou cortar a cabeça de Santa Serápia, no dia 29 de julho do reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tendo recolhido as relíquias da virgem, a illustre viúva Sabina embalsamou-as e depositou-as, como um precioso tesouro, no monumento que havia preparado para si mesma. Mais do que nunca dava esmolas, confiando-se ao nome de Jesus Cristo e perseverando na fé que a santa virgem Serápia lhe transmitira. Todos os dias ia visitar doentes e encarcerados, fornecendo-lhes com abundância tudo quanto lhes era necessário. Tendo chegado o prefeito Elpídio, Berilo contou-lhe tudo quanto se passara. Elpídio mandou chamar a illustre viúva e disse-lhe: "Sois Sabina, outrora espôsa do ilustríssimo Valentino e filha de Herodes?" "Ela respondeu: "Sou". O prefeito: "Por que vos esqueceste de vós mesma e vos associastes aos cristãos, cuja vida

é a morte? e por que não adorais os deuses que os nossos imperadores adoram?" Sabina respondeu: "Possais vós mesmos adorar Deus que tudo criou e por cuja vontade são regidas e governadas tôdas as coisas, as visíveis e as invisíveis, em lugar de adorar os vãos e insensíveis ídolos dos demônios; porque vós ardereis como êles nos tormentos do inferno, vós e vossos imperadores! "O prefeito: "Juro por todos os deuses que se vos negardes a sacrificar não prote-larei a sentença capital, mas vos privarei imediatamente da vida pela espada". Sabina respondeu: "Insensato que sois, não sacrificarei a vossos demônios, porque sou cristã e o Cristo é o meu Deus, de quem sou a serva e a quem adoro: só a êle devo sacrificar-me". Então o prefeito pronunciou a seguinte sentença: "Tendo Sabina desobedecido os deuses e blasfemado contra nossos senhores, os Augustos, ordenamos seja passada pela espada e todos seus bens sejam confiscados". Santa Sabina teve a cabeça cortada no dia 29 de agosto; os cristãos colocaram-lhe o corpo no monumento onde ela já havia depositado a santa virgem Serápia, sua mestra na fé. A Igreja Romana designou o dia três de setembro para a festa de ambas.

\* \* \*

## SANTO AGILULFO (\*)

### *M á r t i r*

Agilulfo nasceu em Blois, nos tempos do rei Dagoberto. Era filho de pais pobres, mas muito piedosos, que o consagraram a Deus, assim que veio ao mundo.

Adolescente, Agilulfo resolveu colocar-se, em Fleury, sob a direção de São Momolo, aquêle que levou a cabo a translação, para a França, das relíquias de São Bento e de sua irmã, as quais descobriu no Cassino.

Agilulfo foi religioso modêlo. Penitente, humilde, doce, acabou sendo chamado para governar os monges de Lérins, então privados de abade.

Quando o mosteiro foi devastado pelos sarracenos, segundo se acredita em 675, com a cumplicidade de dois monges execráveis, invejosos e ambiciosos — Arcádio e Colombo — Santo Agilulfo, com os companheiros, teve os olhos vasados, a língua cortada: todavia, cantava, exortando os demais a fazerem o mesmo:

— Senhor, vós abrireis os meus lábios e minha boca fará reboar louvores!

Depois, para os companheiros:

— Lembrai-vos, meus filhos, que é através de muitas tribulações que nós devemos ir para o céu!

Cortaram-lhe, então, a cabeça, e Santo Agilulfo, assim, obteve a palma do martírio.

---

No mesmo dia, em Sens, Santo Ambrósio, bispo. Dêste Santo, que ocupa o décimo-segundo lugar no catálogo dos bispos de Sens, pouco se sabe. É possível que seja o ilustre bispo de Milão, cujo nome foi introduzido por êrro na lista episcopal de Sens.

Em Cahors, São Maurilão, bispo. Na *História dos Francos*, São Gregório de Tours consagra algumas linhas a êste santo bispo. Doente da gota, sofria terrivelmente, e o remédio que applicava devia fazer com que mais sofresse: chegava, nas pernas e nos pés, ferros em brasa. Caridosíssimo, era defensor intransigente dos pobres. Conhecia, de cor, grandes trechos das Escrituras, recitando genealogias longas e complicadas do Antigo Testamento com grande desenvoltura. Faleceu em 580.

Em Stavelot, na Bélgica, São Remágilo, bispo-abade, desaparecido entre 671 e 679. Remágilo era da Aquitânia, contemporâneo de Amando. Supõe-se que tenha sido discípulo de São Sulpício de Bourges. Santo Elói, ainda laico, pediu-lhe que fundasse Solognac, perto de Limoges, onde se observaria a regra de São Bento e a de São Colombano. O corpo repousa em Stavelot, no oratório de São Martinho, fora da abadia. Em honra do Santo, o abade Wibaldo, eleito em 1130, fêz com que se executasse um retá-

bulo de ouro, sôbre o qual gravou a lista das possessões dos dois mosteiros (Solignac e Stavelot).

Perto de Autun, Santo Emiliano, bispo de Nantes.

Em Fleury, sôbre o Loire, São Frogêncio, monge, mártir (século VII?).

Em Reims, São Rieul, bispo, falecido entre 689 e 692. Conde de Champagne, fôra casado com uma sobrinha de São Nivardo, bispo de Reims. À morte dêste, Rieul foi o sucessor. O corpo dêste santo bispo, em 1180, foi encontrado, sem qualquer corrupção, em Orbais.

Na Irlanda, São Balano, monge (século VII-VIII?). Teria sido irmão de São Geraldo (13 de março) e teria acompanhado Colman, bispo de Lindisfarne, a Iona. Teria, mais tarde, colaborado na fundação de *Techsaxon* — Casa dos Saxões — a oeste da Irlanda, no condado de Connaught. Beda refere-se a êste “edificante mosteiro”.

Em Nonant, na diocese de Seez, São Crodegango, bispo e mártir (século VIII).

Em Valença, na Espanha, os bem-aventurados João de Perusa e Pedro de Sassoferato, franciscanos mártires, em 1231. Ambos foram enviados por São Francisco à Espanha, e, em Valença, ainda em poder dos muçulmanos, foram mortos pela fé católica: pregando na igreja do Santo Sepulcro, foram presos e, como não apostatassem, condenados à morte. Decapitados, os corpos foram levados para Tuerel. Poucos anos depois, Valença cairia em mãos cristãs.

No mosteiro do Santo Sepulcro de Astino, na diocese de Bérgamo, o bem-aventurado Guala, bispo de Bréscia, falecido em 1244.

No Japão, em Nagasaki, o bem-aventurado Bartolomeu Gutierrez e companheiros, os últimos mártires do Japão (1632) que foram beatificados por Pio IX em 1867.

Em Corinto, a festa de Santa Febe, a quem São Paulo se refere na Epístola aos Romanos. — Na Aquilêia, as santas virgens Eufêmia, Dorotéia, Tecla e Erasma que, após várias torturas, foram decapitadas sob Nero, e enterradas pelos santos Hermagoras. — Em Cápua, Santo Aristeu, bispo, e Santo Antonino, criança, mártires. Na Nicomédia, Santa Basilissa, virgem e mártir, que com a idade de nove anos, durante a perseguição de Diocleciano, sob o presidente Alexandre, tendo com o auxílio do céu resistido aos açoites, ao fogo e às feras, entregou o espírito enquanto orava a Deus. — Ainda os santos mártires Zeno e Caritão, um deles atirado a uma caldeira cheia de chumbo derretido e o outro a uma fornalha ardente. — Em Córdova, São Sândalo, mártir. — Em Toul, São Mansueto, bispo e confessor. — Em Milão, Santo Auxano, bispo. — No mesmo dia, São Simeão Estilita, o Jovem. — Em Roma, a ordenação de São Gregório, o Grande, homem incomparável que, obrigado a aceitar o fardo do soberano pontificado, fêz brilhar do alto do seu trono os raios de santidade que iluminavam a terra inteira.

## 4.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO MOISÉS

*Legislador do Antigo Testamento, Profeta e Testemunha do Novo*

Moisés foi um menino encontrado no Nilo. Nasceu cêrca de quinze séculos antes de Jesus Cristo, durante a perseguição do Faraó, rei do Egito, que ordenara fossem afogadas no rio tôdas as crianças do sexo masculino recém-nascidas no seio do povo de Israel. Quando Moisés nasceu, seus pais nêle reconheceram algo divino, que prenunciava o libertador de seu povo. Nessa crença, ocultaram-no pelo espaço de três meses; depois, quando estava a ponto de ser descoberto, confiaram-no à Divina Providência. Compreendendo que não podia mais tê-lo escondido, sua mãe arranjou uma arca, ou cêsta de vime, e depois de untá-la com betume e pez, colocou dentro a criancinha e expô-la num canavial à margem do rio, não estando longe a irmã para observar o que lhe sucederia.

Eis, pois, o salvador de Israel exposto num lugar onde milhares de inocentes são condenados à morte, a fim de que Israel não seja salvo. Outrora a salvação do mundo estivera numa grande arca de

madeira; encontra-se, agora, numa pequena arca de junco, pois o hebreu lhe dá o mesmo nome que à de Noé. O instrumento é ainda mais frágil: a salvação será, pois, ainda mais prodigiosa.

Aconteceu que a filha do Faraó desceu ao rio para tomar banho: suas damas de honra caminhavam pela praia. A princesa avistou a pequena arca no meio dos juncos e mandou a criada buscá-la. Depois de abri-la, olhou e viu que era um menino, que chorava. Disse, reconhecendo-o: "É filho de hebreus". A irmã da criança, a jovem Maria, apareceu como por acaso, e disse à filha do Faraó: "Quereis que eu vá buscar uma mulher hebréia que possa aleitar o menino?" A filha do Faraó respondeu-lhe: "Vai". A donzela partiu e chamou sua mãe. A princesa disse a esta: "Toma esta criança e aleita-a, e eu te darei a tua paga". A mulher tomou e aleitou o menino. E estando crescido, entregou-o à filha do Faraó que, como não tinha filhos, adotou-o e chamou-o de Moisés, nome tirado de duas palavras egípcias, sendo que uma significa água e a outra tirar; pois, explicava a princesa, eu o tirei da água. (1)

O Egito fôra instruído na sabedoria pelo Patriarca José, que o governou durante oitenta anos. Moisés, por sua vez, foi instruído na sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso por suas palavras e suas obras. Autores antigos referem-se a uma expedição que fêz na Etiópia, à frente do exército egípcio. Acrescentam que o Faraó se tomou de ciúmes de seu filho adotivo. Moisés, de seu lado, colocando-se acima de tôdas as riquezas do Egito, renunciou à adoção real, e preferiu partilhar a aflição de seus

(1) Exod., 2.

irmãos. Começou, mesmo, a protegê-los contra seus opressores. Ao ter conhecimento disso, o Faraó tentou mandar matá-lo; mas Moisés fugiu para a terra de Madian, cujo sacerdote o acolheu e deu-lhe uma das sete filhas como espôsa.

Moisés tinha quarenta anos quando fugiu do Egito. Viveu outros quarenta anos na terra de Madian, onde apascentava as ovelhas de Jétro, seu sogro. Foi então que escreveu a história de Jó, ainda bem viva entre os árabes: o próprio Jó poderia ainda viver, reintegrado na antiga prosperidade. Seu exemplo era bem adequado a alimentar a paciência de Moisés e de seu povo. Da narrativa se depreende a crença firme, não apenas na imortalidade da alma, mas também na ressurreição dos corpos.

Certo dia, tendo Moisés conduzido ao interior do deserto as ovelhas do seu sogro Jetro, sacerdote de Madian, chegou até à montanha de Deus, em Horeb. E o Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio de uma sarça; e êle via que a sarça ardia sem se consumir. Moisés disse, pois: "Irei e verei essa grande visão, e verei porque a moita não se consome". Jeová, vendo que êle se movia para ir ver, chamou-o no meio da sarça: "Moisés! Moisés!" Êle respondeu: "Aqui estou". Deus acrescentou: "Não te aproximes daqui: tira as sandálias, pois o lugar em que pisas é uma terra santa. Sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isac e o Deus de Jacob". Cobriu Moisés o rosto, pois não ousava olhar Deus em face. E Jeová disse-lhe ainda: "Vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi seu clamor contra os que o oprimem, pois conheço bem seus sofrimentos. Desci, pois, para livrá-lo das

mãos dos egípcios e para conduzi-lo daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra onde correm o leite e o mel, nas regiões dos Cananeus, do Heteu, do Amorreu, do Ferezeu, do Heveu e do Jebuseu. O clamor dos filhos de Israel chegou até a mim e vi a sua aflição, com que são oprimidos pelos egípcios. Mas vem, e eu te enviarei ao Faraó, a fim de que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel”.

Moisés resistiu longamente. Teria querido, desde então, que aparecesse o verdadeiro libertador, anunciado por Jacó. Por isso suplicou insistentemente: “Rogo-vos, Senhor! enviai aquêlê que enviareis, isto é, o Grande Enviado, o Desejado das Nações, o Verdadeiro Salvador de Israel, o Anjo do Grande Conselho, o Anjo da Eterna Aliança”. De acôrdo com o critério comum aos primeiros Padres da Igreja e os Doutôres da Sinagoga, quem falava a Moisés do meio da sarça que ardeu sem sofrer qualquer alteração, era o próprio Anjo Incriado, que deveria aparecer um dia no seio de uma virgem, que se tornaria mãe sem cessar de ser virgem; o chefe invisível de Israel no deserto, que São Paulo nos insinua bem claramente ter sido o Cristo; enfim, aquêlê que explica o seu nome de Jeová, dizendo: “Sou o que sou”.

No Egito, os filhos de Israel sofriam a opressão de um novo Faraó, que os sobrecarregava de trabalhos e deveres. Tendo Moisés e Aarão, seu irmão, ido dizer-lhe da parte de Deus, que teria de deixar seu povo partir, a fim de celebrar uma festa no deserto, respondeu-lhes o Faraó: “Não conheço êsse Deus de Israel, e não permitirei que o povo saia”. Não tardou a ser forçado, em virtude de uma série de

terríveis prodígios, a confessar o verdadeiro Deus e, mesmo, a apressar o povo de Israel a partir. Os prodígios são as dez pragas do Egito. Tais castigos deveriam não apenas castigar os egípcios pela sua opressão contra os israelitas, mas também convertê-los da vergonhosa idolatria por eles praticada. Os egípcios adoravam como deuses o sol, a lua, a terra, as águas do Nilo, os animais dos campos, os lóbos, os bois, os gatos e até os legumes dos jardins. Assim, Deus, pelo ministério de Moisés, fêz reinar as trevas, transformou as águas do Egito em sangue, o pó da terra e a cinza em tumores e úlceras, fêz cair granizo sôbre as plantas e os animais morrerem de peste para mostrar que não eram deuses e, sim, criaturas que o verdadeiro Deus fizera e destruía à sua vontade. Como o Faraó se endurecia cada vêz mais, Deus enviou uma última praga, ferindo de morte todos os primogênitos do Egito. De acôrdo com as ordens de Deus e de Moisés, os filhos de Israel estavam nesse momento ocupados, em suas casas, em comer o cordeiro pascal, depois de haver regado com o sangue as ombreiras e a verga das mesmas casas. E aconteceu que durante a noite o Padre Eterno feriu todos os primogênitos da terra do Egito, desde o primogênito do Faraó, que estava sentado no trono, até o primogênito da escrava, que estava no cárcere, assim como todos os primogênitos dos animais. O Faraó levantou-se à noite, e com êle todos seus servos e todos os egípcios: e houve grande clamor no Egito; porque não havia casa onde não jazesse um morto. E o Faraó, chamando Moisés e Aarão naquela mesma noite, disse-lhes: "Levantai-vos e retirai-vos do seio do meu povo, vós e os filhos de Israel; ide, oferecei

sacrifícios ao Senhor, como dizeis. Tomai vossas ovelhas e vossos rebanhos, como pedistes, e, ao partir, abençoai-me”.

E os filhos de Israel partiram no dia da Páscoa, em número de seiscentos mil combatentes, fora o resto da multidão, ainda mais considerável. O Senhor ia adiante dêles para mostrar-lhes o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, e iluminava-os, a fim de que pudessem caminhar dia e noite. Nem a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite, jamais desapareceram de diante do povo.

Dentro de três dias, os filhos de Israel haviam acampado num deserto, entre o Mar Vermelho e o Egito. Arrependido por havê-los deixado partir, o Faraó foi-lhes ao encalço com todo o seu exército. Porém, obedecendo à ordem de Deus, Moisés estendeu a mão sobre o mar, e suas águas dividiram-se ao meio, e os filhos de Israel atravessaram-no a pé enxuto. E como os egípcios tentassem persegui-los pelo mesmo caminho, foram tragados pelas águas que tornaram a unir-se.

Antes de entrar na terra prometida para onde se dirigiam, os filhos de Israel vagaram durante quarenta anos pelos desertos além do Mar Vermelho, como o cristão vagueia tôda a vida pelo deserto dêste mundo, antes de entrar na terra prometida do céu. Para bem orientar a sua própria viagem, o cristão há mister estudar a viagem de Israel pelo deserto, sob a orientação de Moisés. Vê em primeiro lugar as águas da amargura, suavizadas por um bosque, figura da cruz: as doze fontes e as setenta palmeiras de Elim, figura dos doze apóstolos e dos setenta e

dois discípulos: o maná, figura da Eucaristia: a pedra de Horeb, na qual Moisés bateu, e que matou a sede do povo inteiro; Josué combatendo na planície e Moisés orando na montanha, os braços em cruz, figura de Jesus Cristo: a primeira Pentecostes de Israel no monte Sinai, figura da primeira Pentecostes cristã na montanha de Sion; lá, Deus promulga sua lei por entre trovões e raios; aqui, êle a torna visível nas línguas de fogo e a inscreve nos corações pela caridade viva do seu Espírito Santo: os sacrifícios da lei de Moisés, figurando todos os sacrifícios de Jesus Cristo e a imolação que o homem espiritual faz de si mesmo a Deus: as cerimônias da festa da Expição, figura da morte e da Ascensão de Jesus Cristo: o sábadó, o ano sabático, o ano do Jubileu, figura da restauração operada pelo Cristo: o Verbo descobrindo-se aos eleitos de Israel: Moisés em comunicação com Deus no alto da montanha: Moisés intercessor e mediador entre Deus e o povo culpado: intimidade entre Moisés e Deus: o Verbo deixando-se ver por Moisés: a Arca da Aliança: a presença de Deus no meio de Israel e dos patriarcas: cerimônias relativas à Arca, figurativas da vida de Jesus Cristo: a serpente de bronze, que cura as picadas das serpentes venenosas, figura de Jesus Cristo pregado na cruz, que cura tôdas as picadas da serpente infernal. E após tantos trabalhos e tantas maravilhas, não é Moisés que introduz o povo na terra prometida: é Josué ou Jesus.

E no mesmo dia em que Moisés ensinou a Israel o seu último cântico, disse-lhe o Eterno: "Sobe à montanha de Abarim, à montanha de Nebo, que está na terra de Moab, em face de Jericó, e olha a terra

de Canaã que darei aos filhos de Israel para que a usufruem. E morre na montanha, depois de lá teres subido, e reúne-te a teu povo, assim como teu irmão Aaron morreu na montanha de Hor e foi reunido a seu povo, porque prevaricaste contra mim nas águas da Contradição, em Cadés, no deserto de Tsin, e não me santificaste entre os filhos de Israel. Verás a terra que eu lhes darei, mas não entrarás nela. (2)

E Moisés subiu das planícies de Moab à montanha de Nebo, no cume do Fasga, em face de Jericó; e o Senhor mostrou-lhe tôda a terra de Galaad até Dan e todo o Neftali, e a terra de Afraim e de Namanssés, e tôda a terra de Judá até o mar extremo e a parte meridional, e a espaçosa campina de Jericó, a cidade das palmeiras, até Segor. E o Senhor disse-lhe: "Esta é a terra pela qual jurei a Abraão, Isac e Jacó, dizendo: Eu a darei à vossa posteridade. Tu a viste com teus olhos, mas não entrarás nela." E Moisés, servo do Senhor, morreu ali na terra de Moab, segundo a ordem do Senhor. E êste o sepultou no vale da terra de Moab, defronte de Forgor, e nem um só homem até hoje soube em que lugar se encontra o seu sepulcro. Moisés tinha cento e vinte anos quando morreu; nem a vista lhe diminuía, nem a fôrça o abandonara. E os filhos de Israel choraram-no na planície de Moab durante trinta dias. (3) Ainda hoje os restos dispersos de Israel choram todos os anos a morte de Moisés.

Não conhecemos a história autêntica e continuada de nenhum povo da época em que desapareceu o legislador dessa nação sempre viva. Ainda não

---

(2) Deut. 3 § 32.

(3) Deut. 34.

existiam aquêles que mais tarde se tornaram célebres, os gregos e os romanos. Até mesmo a maior parte das personagens, posteriormente veneradas como deuses, ainda não haviam nascido. A Grécia ainda se nos apresenta habitada por bárbaros, sem letras e sem agricultura. Cadmus ainda não lhes trouxera o alfabeto da Fenícia. Ceres ainda não lhes ensinara a cultivar os campos; Tróia ainda não fôra fundada, Roma só o seria sete ou oito séculos mais tarde.

Não houve nos anais do gênero humano outro homem semelhante a Moisés. Através de trinta e quarenta séculos, um povo humanamente inexplicável evoca sem cessar seu nascimento, vida, morte, prodígios, leis, festas, costumes, cerimônias, e lê o código por êle deixado com tamanho respeito que chegou a contar-lhe as letras. Os cristãos que há dezoito séculos compõem a parte mais esclarecida e mais ilustre da humanidade, reverenciam-no como o mediador da antiga aliança, como o grande enviado de Deus para reafirmar a verdade no mundo, e preparar a vinda do Redentor. Os árabes, os turcos, os persas, reverenciam-no como um profeta do Altíssimo. Os gregos e os romanos, embora geralmente pouco exatos em matéria de história, concordam, entretanto, como vimos, em no-lo apresentar como figura extraordinária e como o legislador dos hebreus.

Aquilo que nenhum legislador fizera, isto é, lembrar aos homens a primeira de tôdas as verdades, a existência de um Ser supremo. Criador do céu e da terra, e soberano Senhor de tôdas as coisas; prescrever-lhes antes de tudo o primeiro de todos os deveres, adorar êsse Deus soberano e só a êle servir; submeter às suas leis adoráveis a nação e o indivíduo, o rei e

o escravo; constituir um povo, sob êsses dogmas; conduzir êsse povo, agitá-lo no meio do universo como tocha que não poderia mais apagar-se; assim preservar para o gênero humano a sabedoria, a razão, a dignidade, a verdadeira religião; eis o que Moisés realizou, antes, eis o que realizou o próprio Deus por intermédio de Moisés. Sòmente Deus poderia mostrar-nos tudo isso.

Nunca houve homem que se esquecesse tanto de si mesmo para servir aos homens. E nunca houve quem se tenha mostrado tão ingrato como o povo judeu em relação a Moisés; nunca houve quem se tenha mostrado melhor em relação ao povo judeu como Moisés. Há murmurações de todos os lados. Das ameaças passam aos fatos. O povo inteiro gritava e queria lapidá-lo. Porém, enquanto o povo se enfurecia, êle advoga a causa dêsse mesmo povo perante Deus que queria destruí-lo. "Eu os ferirei com a peste, exterminá-los-ei, e te farei príncipe de uma grande nação mais poderosa do que essa." "Está bem, Senhor, respondeu Moisés, e assim os egípcios blasfemarão contra vós. Glorificai de preferênciam vosso poder, ó Deus paciente e de infinita misericórdia, e perdoai a êsse povo segundo vossa misericórdia sem limites." Nem responde às promessas que Deus lhe faz, apenas preocupado com o perigo que corre aquêle povo ingrato e, como sempre, esquecido de si mesmo. Ainda mais, sacrifica-se por êle: "Senhor, perdoai-lhes êsse pecado ou apagai-me do vosso livro."

E após tantas tribulações, após ter sofrido a ingratidão do povo durante quarenta anos para conduzi-lo à terra prometida, não lhe é permitido pisar

nela. Declara-lhe Deus que aquela honra estava reservada para Josué. Quanto a Moisés, diz-lhe: "Não sereis vós quem introduzireis meu povo na terra que lhe darei." Tal como se lhe dissesse: "Trabalhareis e outro colherá os frutos".

Prediz-lhe Deus a morte próxima; sem se surpreender e sem pensar em si mesmo, Moisés apenas lhe suplica que cuide das necessidades do povo. "Que o Deus de todos os espíritos dê um guia para essa multidão, um guia que possa caminhar à sua frente, que a leve e traga, a fim de que o povo do Senhor não seja como ovelhas sem pastor."

Ordena-lhe o Senhor uma grande guerra nestes termos: "Vencerás o povo dos madianitas, e depois morrerás." Quer dar-lhe a entender que não trabalha para si mesmo, e que deve trabalhar para os outros. Imediatamente, e sem pronunciar uma única palavra sobre sua morte próxima, Moisés dá suas providências para a guerra e leva-a a efeito tranqüilamente.

Emprega o resto de vida de que dispõe ensinando o povo, dando-lhe as instruções que compõem o livro do Deuteronomio, e depois morre sem receber a menor recompensa na terra, num tempo em que Deus as dispensava com tanta liberalidade. Aarão recebe o sacerdócio para si e para sua posteridade; Caleb e sua família são magnificamente providos, outros obtêm vários dons, e Moisés nada; não se sabe que fim teve a sua família. É uma personalidade pública nascida para o bem do universo. (4)

Morre, esse homem a quem Deus falava face a face como um amigo a seu amigo, morre, e de que morte? Diante dos olhos do povo que salvou, sobe

(4) Bossuet. Politique tirée, etc.

à montanha, acompanhado, segundo a tradição hebraica, por Josué, seu sucessor, pelo Grão-Sacerdote Eleazar e pelo conselho dos anciãos. (5) Ao chegar ao cume, Deus faz-lhe ver a herança da promessa. Mas o que o torna feliz, não é tanto o que êle vê, e sim Aquêle que mostra. Outrora pedira para contemplar-lhe a glória e êle lhe respondera: "Ninguém me verá sem que morra." Sem dúvida, seu desejo foi então satisfeito. Viu Deus e morreu. Sua alma, unida sem intermediário Àquele que é, destacou-se do seu invólucro mortal. Assim morreu, não de morte, mas de vida, amado de Deus e dos homens (6) amado de Deus que o chamava seu amigo; amado de Cristo que, no dia dos dias, lhe ressuscitará o corpo glorioso e imortal e se entreterá com êle na montanha santa sôbre o mistério da eterna misericórdia, e com êle triunfantemente entrará no mais alto dos céus; amado dos homens, aos quais Deus oculta o lugar da sua sepultura; no receio que, num excesso de gratidão, façam dêle um deus; amado dos homens que, depois de Deus, lhe devem o que têm de mais precioso, a razão e a religião verdadeiras; amado dos homens que, depois de Deus, lhe devem o conhecimento de onde vêm para onde vão, o que são, e o que devem ser.

\* \* \*

---

(5) Joseph, Anto., I, IV, c. VIII.

(6) Eccli. 45.

## SANTA ROSA DE VITERBO

Nos tempos mais difíceis do citavo século aprouve a Deus auxiliar a sua Igreja de maneira singular, ou seja, através de uma criança. A cidade de Viterbo era um ninho de maniqueus e, assim sendo, costumava apoiar o imperador Frederico contra o Papa. Ora, nasceu em Viterbo uma criança que recebeu o nome de Rosa. Foi qual uma flor que desabrocha ao alvorecer. Desde a mais tenra infância, já erguia os olhos para o céu e parecia tôda abrasada de amor divino. Suas primeiras palavras foram os nomes de Jesus e de Maria; seu primeiro movimento livre foi ajoelhar-se diante do crucifixo e da imagem da Virgem. Com a idade de três anos suplicou a seu pai que lhe permitisse viver numa pequena cela rezando e trabalhando. Por vêzes o amor de Jesus Cristo lhe inflamava tão fortemente a alma que durante a noite era obrigada a deixar o leito e ir para as ruas e praças cantar com voz angelical os louvores do Espôso celeste. Deus, para ligar mais estreitamente essa admirável criatura à cruz de seu Filho, enviou-lhe uma grave moléstia; acreditavam que fôsse expirar a qualquer momento, quando avistaram uma nuvem resplandecente; rodeada por um sem-número de virgens, a Santa Virgem Maria appareceu a Rosa, ordenou-lhe que se levantasse, restabelecida, e que, depois de envergar o hábito da

Ordem Terceira de São Francisco, fôsse pregar a justiça, a penitência e a paz aos habitantes de Poggio e de Viterbo. Rosa contava, então, nove ou dez anos de idade.

Animada por uma coragem sôbre-humana, aquela menina pobre e fraca imediatamente obedeceu. E, como os profetas de Israel, percorreu as ruas de Viterbo, pregando a penitência e atraindo as bênçãos do céu sôbre os defensores da Igreja Romana. Combatia intrêpidamente os heréticos, refutava-lhes os erros com argumentos cheios de bom-senso. Parecia evidente a todos quantos a ouviam que o Espírito Santo falava pela sua bôca. Os heréticos insurgiam-se contra ela, faziam-lhe as mais terríveis ameaças para que se calasse. Mas a menina continuava a falar com entusiasmo ainda maior, dizendo-se disposta, pelo amor e em defesa da fé católica, a afrontar alegremente a morte. Furiosos, os heréticos dirigiram-se ao comandante imperial de Viterbo e obtiveram que fôsse expulsa da cidade juntamente com seus pais. Isso ocorreu no meio de um inverno rigoroso. A donzela e seus pobres pais, transpondo as montanhas, refugiaram-se em Soriana. Uma noite, Rosa soube por revelação que a vitória da igreja estava próxima e disse no dia seguinte: "Alegrai-vos, fiéis cristãos! Dentro em breve ficareis a par de uma grande notícia." E poucos dias depois chegou a Viterbo a notícia de que o perseguidor da Igreja, o imperador Frederico, havia morrido.

Santa Rosa prosseguiu nas suas prédicas e nos seus milagres. A fim de provar aos maniqueus a verdade da fé católica, entrou numa enorme fogueira, onde permaneceu até que esta se consumisse. Tal

milagre converteu uma mulher herética, conversão que foi seguida por várias outras. Tendo regressado a Viterbo, onde foi acolhida com grande alegria, Rosa viveu mais dois anos na sua pobre cela, na casa de seu pai, e faleceu com a idade de doze ou treze anos. Seu corpo, enterrado durante cerca de trinta anos, foi depois exumado por ordem do papa Alexandre VI, a quem a santa apareceu três vezes. Seus restos foram encontrados incorruptos e assim se conservam até os nossos dias. A Igreja festeja Santa Rosa de Viterbo no quarto dia de setembro. (1)

\* \* \*

---

(1) Acta SS., 4 sept.

## BEM-AVENTURADA CATARINA DE RACCONIGI (\*)

### *Virgem Dominicana*

Catarina nasceu de pais pobres, Jorge e Bilia, em Racconigi, no Piemonte.

Aos cinco anos, foi consagrada ao Menino Jesus: Nossa Senhora disse-lhe que Jesus lhe queria o coração.

Respondeu:

— Se eu o achar, eu lho darei.

Maria, então, explicou-lhe que *dar o coração* não implicava uma coisa física, mas, sim, fazer tudo para obedecer ao divino Filho e por Êle sofrer.

Pouco depois, Jesus Menino aparecer-lhe-ia, acompanhado dum anjo, de São Jerônimo, de São Pedro de Verona e de Santa Catarina de Siena.

Tendo recebido os estigmas, invisíveis, mas cruéis, foi duramente perseguida pelo demônio, ao qual, todavia, venceu pela ajuda do céu.

Aos vinte anos, recebeu o hábito da ordem terceira de São Domingos. Desde então, muito perseguida e caluniada, Satanás entrou a sugerir-lhe o suicídio, como remédio. Catarina, porém, no meio da tribulação, procurando afastar-se do maligno instigador que a queria perder, dizia:

— Eu fui resgatada por Jesus. Êle cuidará de mim. Os Padres da minha ordem não me são indispensáveis. Foi por Deus que eu tomei o hábito, não por êles. Jesus é minha esperança.

É que, caluniada e perseguida, por mal-formados, os dominicanos lhe recusaram o ministério.

Auxiliada por Deus, porém, a tudo venceu, falecendo no exílio, porque a degredaram. Era em Caramagno, em 1547, estava com mais de sessenta anos, e foi enterrada em Garëssio.

Teve o culto confirmado em 1810, culto pelo qual, sem descanso, batalhou o bispo de Saluces, João Juvenal Ancina.

---

No mesmo dia, em Dijon, Santa Aussila.

Na Irlanda, Santa Munessa, virgem (século V?). Munessa, Monessa ou Munéria foi batizada por São Patrício.

Em Verdun, São Salvino, bispo, no século V.

Em Chartres, São Calétrico, bispo, falecido antes de 573. Sucessor de São Lubin, assistiu ao concílio de Tours em 567, na basílica de São Martinho.

Na ilha de Anglesey, Santa Thuddlad, virgem (século VII?).

Na Irlanda, Santo Ultan, bispo no século VII.

Em Herzfeld, na diocese de Munster, Santa Ida, viúva, descendente de Carlos Martel. Nasceu na Alsácia. Carlos Magno casou-a com um nobre, Egberto, que morreu moço. Ida ocupou-se com socorrer a pobreza. O culto é muito antigo. Faleceu em 825.

Na Canourgue, São Frezal, bispo de Mende e mártir (século IX?). Nos tempos de Luís, o Piedoso, teria convertido os últimos pagãos da diocese. Teria sido assassinado por um dos sobrinhos, sequioso por entrar na posse da herança.

Na Normandia, São Sulpício, bispo de Bayeux.

Perto de Bagno de Romanha, Toscana, a bem-aventurada Inês, camaldula (século XII?).

Em Ancira, na Galácia, natalício dos santos mártires Rufino, Silvano e Vitálico, crianças. — Em Châlons-sôbre-o-Saône, São Marcelo, mártir, que, sob o reinado do imperador Antonino, tendo sido convidado por Prisco, governador, para um festim profano, e testemunhando seu horror por semelhante refeição, recriminou a todos, que aí se encontravam, o culto que prestavam aos ídolos; então, com uma crueldade inaudita, o governador mandou-o enterrar até à cintura; permaneceu três dias naquelas condições, sem deixar de entoar louvores a Deus, até que entregou sua puríssima alma. — No mesmo dia, em Trêves, um outro São Marcelo, bispo e mártir. — No mesmo dia, São Tamel, que fôra sacerdote dos ídolos, e seus companheiros, martirizados sob o imperador Adriano. — Ainda os santos Teodoro, Oceano, Amiano e Julião, que, depois de terem os pés cortados, foram atirados ao fogo, e consumaram seu martírio sob o imperador Maximiano. — Em Rímimi, São Marino, diácono. — Em Palermo, Santa Rosália, virgem, princesa do sangue real de Carlos Magno, que, renunciando pelo amor de Jesus Cristo ao principado de seu pai, e fugindo da côrte, levou uma vida tôda celeste. — Em Nápoles, o natalício de Santa

Cândida, que foi a primeira pessoa que São Pedro encontrou ao chegar àquela cidade e que, tendo recebido o batismo de suas mãos, morreu santamente. — No mesmo lugar, Santa Cândida, moça, célebre por seus milagres.

\* \* \*

## 5.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO LOURENÇO JUSTINIANO

#### *Primeiro Patriarca de Veneza*

A família de Justiniano é célebre não sòmente em Veneza, mas em Gênova, no reino de Nápoles, na ilha de Córsega e na ilha de Chio. Aos Justinianos de Gênova pertenceu a senhoria de Chio, doada no ano 1363 pelo imperador Andrônico a Pedro Justiani, general dos exércitos da república de Gênova. Os Justinianos de Veneza relembram com sua história os Fábios da antiga Roma. No ano de 1156 a República Veneziana enviou, sob o comando do doge Vital Michieli, uma frota considerável a atacar o imperador grego Manuel. Todos os Justinianos, em número de cem, embarcaram nessa frota. A expedição, a princípio coroada de êxito, encerrou-se com grandes reveses. Todos os Justinianos pereceram, vitimados pela peste ou pelas ciladas do inimigo. Veneza via com pesar a quase extinção daquela illustre casa: só restavam alguns velhos, e um jovem chamado Nicolau, que abraçara a vida monástica. O Doge Vital, em nome da República, obteve do papa Alexandre III que Nicolau fôsse desligado de seus votos, a fim de impedir a extinção da família, e deu-lhe em casamento sua filha única chamada Ana. Deus

abençoou-lhes a união: tiveram nove filhos, seis meninos e três meninas. Com tão numerosa posteridade, Nicolau pôde retornar ao mosteiro, depois de ter construído um convento onde Ana, sua espôsa, também abraçou a vida religiosa. Ambos morreram em odor de santidade. É dêles que descende, na oitava geração, São Lourenço Justiniano.

Nasceu êste em Veneza, em 1280, de Bernardo Justiniano, que ocupava um alto pôsto na primeira nobreza da República. Sua mãe chamava-se Quirina, e provinha de uma não menos illustre casa. Com a idade de vinte e quatro anos Quirina ficou viúva com cinco filhos, três rapazes e duas filhas. Não tornou a casar-se, mas consagrou-se inteiramente à educação da família no temor e no amor de Deus, orando noite e dia, usando o cilício com uma corrente de bronze, reprimindo a mocidade com jejuns e vigílias, sobretudo se mostrando misericordiosa e cheia de bondade para com os pobres, assim ensinando aos filhos, tanto por palavras como pelo exemplo, a darem esmolas com boa vontade. Tôda a família, e em especial seus três filhos, Lourenço, Marcos e Leonardo, mostrou-se digna de tão santa mãe.

Desde os primeiros anos, Lourenço destacou-se pela perfeição do seu comportamento. Não havia outro que se lhe comparasse: complacente com os mais velhos, fácil com seus iguais, carinhoso com seus inferiores. Além disso, dotado de certa grandeza de alma, continuamente aspirando a grandes coisas. Os brinquedos não o divertiam, como às outras crianças; pois a sabedoria divina o destinava a algo de grande. Sua mãe, Quirina, temendo que aquêle ardor juvenil o desencaminhasse, fazendo-o ambicionar as honrarias do mundo mais do que seria razoável, dizia ao

filho: "Deixa, deixa essa loucura. Tanto orgulho rescende a inferno". Lourenço, sorrindo como se gracejasse, respondia: "Nada temais, minha mãe, vereis em mim um grande servo de Deus". Dizia-o puerilmente, mas pouco depois Deus realizou o seu desejo.

Eis como êle próprio relata êsse prodígio numa obra de piedade intitulada: *Ramalhete de Amor*. "Vinde ó vós que procurais a paz, que amais o bem imutável, que até agora trabalhastes em vão, que vos sentis oprimidos pelo amor dêste mundo perecível! Vinde, digo-vos, e vos relatarei prazerosamente tudo quanto Deus realizou com a minha alma. Comunicar-vos-ei pela glória de Deus, e para o vosso engrandecimento, aquilo que secretamente percebi no mais íntimo do meu coração. Houve um tempo em que eu me assemelhava a vós, e procurava com desejo inquieto e impetuoso a paz nas coisas exteriores, sem encontrá-la. Enfim, favorecido pela graça divina, enquanto assim me afanava, um ser mais belo, mais resplandecente do que sol, mais odorífero do que o bálsamo, dignou-se aparecer-me: ignorava-lhe absolutamente o nome. Aproximou-se com seu belo semblante e disse-me com voz suave: "Ó jovem, que deveis ser amado em mim, por que dispersais vosso coração e, no encaço da paz, vos perdeis numa porção de coisas? Aquilo que procurais, encontrareis em mim; aquilo que desejais, prometo-vos e asseguro-vos que recebereis, caso quizerdes aceitar-me para espôsa". Ao ouvir essas palavras, confesso que me senti desfalecer e meu coração foi traspassado pelo dardo do amor. Um júbilo extraordinário encheu-me a alma e me senti intimamente inundado por uma alegria espiritual. E, assim, como insistisse em saber o seu nome,

ela declarou que se chamava e que era a Sabedoria de Deus que, na plenitude do tempo, para a reconciliação dos homens, tomara a forma humana e, antes invisível como o Pai, tomara de sua mãe a natureza visível, a fim de ser mais facilmente amada. Quando consenti, tomado por uma alegria incomensurável, ela me deu o beijo da paz e retirou-se. E, desde então, a chama do seu amor dilatou-se, a lembrança da sua doçura persiste. É, pois, a ela que amo como minha esposa, é ela que abraço como minhas delícias, é por ela que desfrutei, de certa maneira, o bem da paz que antes buscava. É porque eu vos exorto a todos com confiança a irdes ao seu encontro, pois sei que recebe com grande satisfação todos quantos dela se aproximam, que os inebria com o licor da paz, de tal modo que não podem mais sentir sede." (1) Aí está como o próprio São Lourenço relata essa divina aparição da sua mocidade. Tinha, então, dezenove anos.

Impressionado com êsse prodígio, abre-se com Marinho, seu tio materno. Era êste um santo e sábio sacerdote, cônego regular da congregação de São Jorge, chamada Alga, pois o mosteiro estava situado na pequena ilha do mesmo nome, distante uma milha de Veneza. Hábil diretor divisava algo de grande no jovem e adivinhava-o destinado a uma vida mais perfeita; contudo, achou prudente pôr à prova as forças do seu corpo e da sua alma. Aconselhou-o, pois, sem que nada alterasse na sua vida exterior, a experimentar secretamente tudo quanto a vida religiosa oferece de mais austero. Lourenço obedeceu, e começou a deitar-se à noite sobre pedaços de madeira,

---

(1) Fascículos amoris C. XVI.

ou sobre a terra nua. Sua mãe não tardou em perceber o que acontecia; e, temendo que êle não considerasse suficientemente as dificuldades da vida religiosa, resolveu pôr à prova as suas intenções. Decidiu-se a casá-lo, e com êsse objetivo escolheu uma jovem bela e rica ao mesmo tempo. Percebendo que sua mãe e seus irmãos conspiravam contra êle, Lourenço promoveu seu próprio julgamento, diante do crucifixo. Colocou, de um lado, todos os bens, fortuna, nobreza, magistraturas, honras, uma espôsa, filhos, dinheiro e os prazeres de tôda espécie; do outro, jejuns, vigílias, calor, frio, a renúncia de si mesmo. Em seguida, interrogando-se como faria um juiz, disse: "Considera bem, Lourenço, aquilo que pretendes fazer. Acreditas possível suportar tudo isso e desprezar tudo aquilo? "Então, volvendo o olhar para a cruz do Salvador, exclamou: "Sois vós, Senhor, a minha esperança; é em vós que se encontra o meu verdadeiro refúgio". Imediatamente deixa sua mãe, seus irmãos, as riquezas e as honras, e apressa-se em vestir o hábito dos cônegos regulares da congregação de São Jorge, de Alga.

Nela não encontrou austeridades que já não houvesse praticado, e seus superiores foram obrigados a moderar a atividade de seu zêlo nesse sentido. Malgrado seus verdes anos, destacava-se entre os irmãos pelo rigor de seus jejuns e pela extensão das suas vigílias. Nunca se proporcionava uma diversão que não fôsse útil; usava severas disciplinas; nunca se aquecia, mesmo nos dias mais frios; só comia para alimentar o corpo, e nunca bebia fora das refeições. Quando o convidavam para beber, sob o pretexto de que o calor era excessivo, ou que estava exausto, costumava responder: "Se não podemos suportar a

sêde, como suportaremos o fogo do purgatório?" Dessa disposição para o sofrimento lhe adveio invencível paciência diante de tôdas provações. Durante o noviciado, sofreu uma moléstia no pescoço para a cura da qual foi preciso empregar o ferro e o fogo. Tendo chegado a hora da operação, êle assim tranqüilizou os espectadores que tremiam: "Por que temeis? Julgais que eu não possa receber a firmeza de que necessito daquele que não sòmente soube consolar, mas também livrou das chamas as três crianças atiradas à fornalha?" Submeteu-se à operação sem deixar escapar um gemido, e unicamente pronunciando o nome de Jesus. Mais tarde, quando lhe fizeram uma incisão no pescoço, deu provas da mesma coragem: "Cortai sem temor, disse ao cirurgião que tremia, vosso instrumento não chega a assemelhar-se às unhas de ferro com as quais os mártires eram dilacerados".

Era o primeiro a chegar às práticas públicas e o último a sair. Terminadas as matinas, não acompanhava os irmãos que iam repousar, mas permanecia na igreja até a prima, rezada ao despontar do sol. Nada lhe agradava mais do que a possibilidade de praticar a humildade; escolhia de preferênciam as tarefas mais abjetas e usava sempre os piores hábitos da comunidade. Obedecia ao mais leve sinal que lhe traduzia a vontade do superior. Nas conversas particulares, sacrificava a sua opinião à dos outros; em tudo procurava o último lugar, na medida em que podia fazê-lo sem afetação. Quando ia esmolar nas ruas, buscava tôdas as ocasiões de atrair sôbre si o desprezo e as zombarias dos leigos. Tendo certo dia entrado num lugar onde não deixaria de ser pôsto em ridículo, seu companheiro chamou-lhe a atenção. Mas



Mendigo tímido de Veneza. Segundo uma gravura  
de Cesare Vecellio. Século XVI.

êle respondeu, calmo: "Vamos intrèpidamente mendigar o desprezo. Nada teremos feito, se só renunciarmos ao mundo por palavras: devemos triunfar d'êle, hoje, com os nossos sacos e as nossas cruces".

Sabia que as humilhações aceitas e suportadas com alegria eram o meio mais seguro de obter uma vitória completa sôbre si mesmo e destruir em nós aquêlê fundo de orgulho que constitui um dos principais obstáculos à virtude. Compreendia ainda quanto é vantajoso não se contentar com as humilhações que a Providência envia e a elas juntar outras, voluntárias, desde que se proceda com prudência e se evite tudo quanto possa parecer afetação. No decorrer das suas colheitas de esmolos, apresentava-se muitas vêzes à casa onde nascera; mas não entrava: permanecia na rua e pedia esmola à porta. Sua mãe nunca lhe ouvia a voz sem enternecer-se. Por mais que recomendasse aos criados que se mostrassem generosos, Lourenço só consentia em receber dois pães; em seguida desejava a paz àqueles que o tinham atendido e retirava-se, como se fôsse um estranho. Tendo-se incendiado o armazém onde era guardada a provisão anual da comunidade, disse a um irmão que se lamentava: "Para que fizemos voto de viver na pobreza? Deus concedeu-nos essa graça, a fim de que possamos sentir a pobreza". Era assim que demonstrava seu amor pelas humilhações e pelos sofrimentos, e praticava tôdas as virtudes que d'êle derivam e constituem seu maior merecimento.

Depois de ter renunciado ao mundo, habituou-se de tal maneira a dominar a língua, que nada dizia, nunca, para justificar-se ou desculpar-se. Tendo um dia sido acusado no capítulo de haver transgredido um ponto da regra, conservou-se em silêncio, mal-

grado a falsidade da acusação. Devemos observar que nessa ocasião era superior; deixou seu lugar e, depois de dar alguns passos com os olhos baixos, pôs-se de joelhos, pediu perdão aos irmãos, e solicitou que lhe impusessem uma penitência. O acusado sentiu tamanha confusão que se jogou aos pés do santo, proclamando a inocência do mesmo, e acusando-se em altas vozes. Lourenço temia de tal forma a dispersão, que, desde o dia da sua entrada no mosteiro até ao da sua morte, só entrou na casa paterna para assistir aos últimos momentos de sua mãe.

Alguns tempos após sua reclusão, foi submetido a uma rude experiência por um de seus amigos que ocupava um dos primeiros postos da República e que regressara, havia pouco, do Oriente. Êste imaginou que conseguiria fazer com que Lourenço mudasse de propósito e resolveu servir-se de todos os meios possíveis para vencer. Acompanhado por um bando de músicos, encaminhou-se para o mosteiro de São Jorge, onde, em virtude da sua posição, lhe foi permitido entrar. Ao avistar-se com Lourenço, ficou extremamente impressionado com a sua modéstia e gravidade; e a surpresa fê-lo conservar-se em silêncio durante algum tempo. Por fim, violentando-se, disse-lhe tudo quanto a amizade pode inspirar de mais terno para convencê-lo. Vendo que o meio empregado não produzia resultado, recorreu às recriminações e às invectivas, que também não surtiram efeito. Quando acabou de falar, o santo fêz um discurso tão tocante sôbre a morte e as vaidades do mundo que o visitante, prêsas de intensa compunção, ficou extasiado, a tal ponto que, rompendo sem tardança todos os laços que o prendiam ao século, resol-

veu abraçar o estado pelo qual até pouco antes só manifestara desprêzo. Tomou o hábito de São Jorge, fêz o noviciado com um fervor que não foi posteriormente desmentido, tornou-se objeto da admiração e da edificação da cidade inteira, e finalmente morreu a morte dos justos.

São Lourenço foi elevado ao sacerdócio, de que as suas virtudes o tornavam tão digno. O espírito de oração e de contrição de que era dotado em elevado grau, o conhecimento que tinha das coisas espirituais e das vias interiores da piedade punham-no em condições de trabalhar com muito proveito pela santificação das almas. As lágrimas que lhe escapavam durante seus exercícios e, sobretudo, durante a celebração da Santa Missa, causavam viva impressão sobre os assistentes, despertavam-lhes a fé: também foi favorecido com vários êxtases.

Tendo sido eleito a contragosto superior da sua ordem, dirigiu-a com admirável sabedoria. Reformou-lhe a disciplina, a ponto de mais tarde ser considerado seu fundador. Nas suas prédicas, tanto públicas como privadas, referia-se à virtude com tamanha unção que todos os corações se enterneciam. Animava os tíbios, insuflava um salutar temor aos presunçosos, inspirava confiança aos pusilânimes e levava-os ao fervor. Tinha como máxima que o religioso devia tremer diante da menor transgressão. Recebia poucos homens na sua ordem e experimentava longamente aquêles que julgava dignos de nela serem admitidos. Baseava-se em que a perfeição e os deveres do estado religioso se destinam a poucas pessoas, e que nem sempre é na quantidade que são encontrados o fervor e o espírito essenciais à religião. É fácil compreender que, obedecendo a semelhantes

princípios, examinava escrupulosamente todos os postulantes. A primeira coisa que exigia de seus discípulos era uma profunda humildade; ensinava-lhe que essa virtude não apenas purificava a alma de todo e qualquer orgulho, mas que também lhe inspirava a verdadeira coragem, ensinando-lhe a colocar a sua confiança unicamente em Deus. Comparava a humildade a um rio que é baixo e tranqüilo no estio, mas alto e profundo no inverno. Dizia: "A humildade conserva-se em silêncio e não se ergue na prosperidade; enquanto na adversidade é alta, magnânima, plena de alegria e de invencível coragem." E continuava: "Em coisa alguma são os homens mais sujeitos ao engano, como em relação à humildade, poucos conhecem o que significa essa virtude; só a possuem aquêles a quem Deus a concedeu por infusão, como recompensa dada aos seus redobrados esforços e ao espírito de oração que os animava. A humildade que se adquire através de atos repetidos, embora necessária e indispensável, não passa de preparação para esta; assim, é sempre cega e imperfeita. A humildade infusa ilumina inteiramente a alma; faz-lhe ver claramente tôdas as suas misérias e delas lhe dá o sentimento; comunica-lhe essa verdadeira ciência que consiste em conhecer que só Deus é tudo e que nada somos". Durante as guerras e as calamidades públicas, êle exortava os magistrados e os senadores a, antes de tudo, bem se compenetrarem da sua baixaza, pois tal disposição era a mais apropriada a atrair sôbre êles os olhares da misericórdia divina.

Desde o momento em que foi investido do sacerdócio até a ocasião da sua morte, Lourenço nunca deixou de celebrar diàriamente a missa, a não ser que fôsse impedido pela doença. Dizia, a êsse respeito,

que mostrava bem pouco amor a Jesus Cristo quem não procurava a êle se unir o maior número de vêzes possível. Inculcava constantemente a seguinte máxima, ou seja, que haveria tanta loucura em pretender a castidade quem levasse uma vida indolente, ociosa e sensual, quanto haveria em querer apagar o fogo, jogando-lhe azeite. Não se cansava de lembrar aos ricos a obrigação em que estavam de fazer esmolas, caso pretendessem salvar-se. Não se encontravam em seus sermões pensamentos estudados; mas nêles reinava uma unção contra a qual não havia defesa. (2)

No ano de 1433, o papa Eugênio IV, seu compatriota, nomeou-o bispo de Veneza. O santo enviou todos seus esforços para não aceitar essa dignidade; por duas vêzes seus irmãos, os cônegos regulares de São Jorge, observaram o jejum e escreveram ao Papa pedindo-lhe que lhes deixasse seu pai e guia; por duas vêzes o Papa consolou-os com cartas paternais, concitando-os, entretanto, com justas razões e com o exemplo dos santos, a não resistirem à vontade divina. Justiniano não pôde deixar de obedecer ao Pontífice, cujas ordens recebeu pela terceira vez. Tinha cinqüenta e um anos. Tomou posse de sua igreja com tanta simplicidade e tão discretamente, que seus próprios amigos só souberam disso depois da cerimônia ter sido realizada. Passou tôda a noite seguinte em oração diante de um altar, a fim de atrair sôbre êle as graças do céu; fêz a mesma coisa na noite que precedeu à sua sagração. Em nada diminuiu as austeridades que praticara no claustro. Sua assiduidade na oração mereceu-lhe luzes celestiais, uma fir-

---

2) Acta SS. Godescard, 5 sept.

meza invencível, e a atividade infatigável que sempre lhe marcou o comportamento. Soube pacificar as dissensões intestinas que agitavam a República, e governou a sua diocese, nos mais tempestuosos tempos, com tanta facilidade como se estivesse governando um mosteiro. Seu mobiliário ressentia-se do seu amor pela simplicidade e pela pobreza; e como lhe observavam que devia alguma coisa ao seu nascimento, à dignidade do seu cargo, à República, respondeu que a virtude era o único ornamento do caráter episcopal, e que um bispo não deveria ter outra família além dos pobres da sua diocese. Sua casa só se compunha de cinco pessoas: comia em louça de barro; tinha como leito uma enxerga coberta de farrapos, e seu único vestuário consistia numa sotaina em mau estado. Sua severidade para consigo mesmo, aliada a um grande fundo de afabilidade e de doçura para com os outros, faziam-no universalmente respeitado. Adquiriu tamanho ascendente sobre todos os espíritos e todos os corações, que conseguiu facilmente cercear os abusos que se tinham introduzido no clero, e entre os leigos. Seu rebanho amava-o e respeitava-o e não havia uma única pessoa que não se submetesse dócilmente a tôdas as suas ordens. Se a execução de seus piedosos desígnios esbarrava a princípio com alguma dificuldade, sabia triunfar dela pela doçura e pela paciência.

Seu zêlo contra os teatros suscitou-lhe alguns inimigos. Um dêles, poderoso, revoltou-se bastante indecorosamente contra uma ordem dada pelo bispo em relação ao assunto: acusava o santo bispo de querer levar para o mundo a rigidez do claustro, comparava-o a um monge meticuloso, agitado por vãos escrúpulos, e empenhou-se em levantar o povo

contra êle. Outra vez, Justiniano foi insultado públicamente nas ruas e chamado de hipócrita. Ouviu as injúrias que lhe eram atiradas sem que o rosto se lhe alterasse e sem absolutamente perder a calma. Não era menos insensível aos louvores e aos aplausos que lhe dirigiam. Nunca ninguém lhe via um gesto de tristeza ou de qualquer outra paixão; desfrutava de uma igualdade de alma que nada conseguia perturbar.

A primeira visita que fêz à sua diocese produziu frutos incríveis. Fundou quinze mosteiros e um grande número de igrejas; coibiu todos os abusos que haviam sido introduzidos relativamente à celebração do officio divino e à administração dos sacramentos. Tão perfeita foi a ordem por êle estabelecida na sua catedral que esta se tornou o modêlo da cristandade; criou novas prebendas, a fim de que fôsse atendida com mais decência e dignidade, erigiu dez paróquias em Veneza, que ficou com trinta em lugar das vinte que antes existiam. Todos os dias uma enorme multidão acorria ao seu palácio: uns vinham buscar consolações para as suas aflições, ou socorro para as suas misérias; outros vinham consultar o santo para esclarecer as suas dúvidas. A porta dêste nunca estava fechada para os pobres. Preferia distribuir pão e roupas para evitar o mau emprêgo do dinheiro, coisa muito comum mesmo entre os indigentes; ou quando dava dinheiro, fazia-o em pequenas quantias. Mulheres piedosas levavam esmolas para os pobres envergonhados e para os que haviam sofrido grandes perdas. Quando praticava a caridade, Lourenço não dava atenção à carne, nem ao sangue. Tendo alguém vindo procurá-lo da parte de Leonardo, seu irmão, despediu-o, dizendo: "Retornai àquele que vos

enviou, e incumbio-vos de dizer-lhe que se encontra em condições de auxiliar-vos". Ninguém levou mais longe o desprezo pelo dinheiro. Entregou o cuidado dos bens temporais a um administrador de confiança e costumava explicar: "É indigno de um pastor das almas gastar uma porção tão grande de um tempo precioso, ocupando-se com minúcias que têm o dinheiro por objeto". (3)

No ano de 1438, São Lourenço publicou um manual de disciplina canônica para o uso da sua diocese. Era extraído das constituições provinciais dos patriarcas de Grade, das ordenações sinodais de Castela e de Veneza, entre as quais se encontravam várias do mesmo santo bispo. (4) Em lugar de clamar, ou de proceder tumultuosamente à reforma dos outros, como faziam os prelados de Bâle, êle iniciava silenciosamente a reforma por êle mesmo e pela sua diocese. É que, na verdade, era animado pelo espírito de Deus. Seu exemplo foi mais eficaz do que muitos concílios. Tanto os estrangeiros como os naturais do país, os cardeais e os príncipes como o povo, todos acorriam para vê-lo, estudar sua vida, sua morada, seu mobiliário, e com isso se edificarem. (5) Tendo o Papa Eugênio IV mandado chamá-lo a Bolonha, recebeu-o com grandes demonstrações de apreço e chamou-o "*ornamento do episcopado*".

No ano do Jubileu 1450, o Papa Nicolau VI transferiu para Veneza o patriarca de Aquilêia, que fôra ligado à igreja de Grade; e conferiu aquela dignidade a São Lourenço Justiniano, bispo da primeira

---

(3) Acta SS., 8 januarii, Godescarde, 5 sept.

(4) Mansi Consil., t. XXXI, col. 298.

(5) Vita. Acta SS., 8 janv, c. IX, n.º 51.

cidade. O senado de Veneza, sempre cioso da sua liberdade, opôs grandes dificuldades à nomeação; receava que os direitos e os privilégios do mesmo fôsem lesados sob certas circunstâncias. Enquanto essa questão era calorosamente debatida, Lourenço apresentou-se no lugar onde o senado se reunira e declarou que preferia deixar um pôsto do qual não era digno, e que ocupava havia dezoito anos contra a vontade, a agravar, com a adição de uma nova dignidade, o fardo que tão penosamente carregava. O discurso que fêz nessa ocasião traía de sua parte tanta caridade e tanta humildade, que o próprio Doge não pôde conter as lágrimas; chegou a pedir a Lourenço que não pensasse em demitir-se e que se conformasse com o decreto do Papa, cuja execução seria útil à Igreja e honraria seu país. Os senadores aplaudiram o Doge, e a cerimônia da instalação do novo patriarca foi realizada com satisfação geral.

Lourenço considerava-se um homem que contraíra uma nova obrigação e que devia trabalhar com ardor para o incremento do reino de Jesus Cristo, e para a santificação das almas. Viram, então, da maneira mais evidente, tudo quanto pode um santo fazer quando ocupa um pôsto elevado. Lourenço encontrava tempo para santificar-se e para ser útil ao próximo. Nunca se fazia esperar por culpa sua; tudo largava para dar audiência àqueles que desejavam falar-lhe, sem fazer distinção entre pobres e ricos. Recebia com tanta brandura e caridade tôdas as pessoas que se apresentavam, consolava-as de maneira tão tocante, parecia tão completamente livre de qualquer paixão, que ninguém podia conceber que houvesse participado da corrupção original. Todos o consideravam um anjo que descera à terra. Seus

conselhos eram sempre adequados ao estado das pessoas que a êle se dirigiam. Era tão absoluto o conceito em que tinham a sua justiça e a sua virtude, a sua sabedoria e as suas luzes, que não mais enviavam a Roma as causas por êle decididas para serem novamente examinadas e que, em caso de apelação, eram sempre confirmadas as sentenças por êle emitidas. Cheio de desprezo por si próprio, era insensível à idéia que podiam fazer da sua pessoa. Se alguém o louvava, achava motivo para humilhar-se ainda mais diante de Deus e dos homens. Ocultava suas boas obras tanto quanto possível. Quando lhe escapavam aquelas lágrimas que tinham sua fonte no amor divino ou na intensidade da sua contrição, acusava-se de fraqueza e de exagerada sensibilidade de alma. Morrera completamente para si mesmo. Tendo, certo dia, um criado lhe servido à mesa vinagre em lugar de vinho e água, bebeu sem nada dizer. Tudo, até a sua biblioteca, revelava o amor à pobreza.

No seu tempo a República foi agitada por violentos abalos e ameaçada pelos maiores perigos. Um santo eremita, que havia mais de trinta anos servia Deus com fervor na ilha de Corfu, assegurou que soubera, de maneira sobrenatural, que o Estado fôra salvo pelas orações do santo Bispo. O sobrinho de Lourenço, que escreveu a vida do santo tio num estilo puro e elegante, relata, como testemunha ocular, que êste foi favorecido com o dom dos milagres e com o da profecia.

São Lourenço contava setenta e quatro anos quando compôs seu último trabalho, intitulado: "*Os graus da perfeição*". Mal o concluíra quando foi prêsa de violenta febre. Vendo seus criados ocupados em preparar-lhe um leito, disse-lhes, perturbado:

“Que pretendeis fazer? Perdeis vosso tempo. Meu Senhor morreu numa cruz. Não vos recordais que São Martinho dizia na sua agonia que um cristão deve morrer na cinza e no cilício?” Fêz questão absoluta de que o deitassem na palha. Enquanto seus amigos choravam ao derredor, êle exclamava em seus êxtases de alegria: “Eis o Espôso: vamos ao seu encontro!” Depois, erguendo as mãos ao céu, ajuntava: “Senhor Jesus, vou para vós!” Outras vêzes, entregava-se aos sentimentos de santo terror que inspira a idéia do julgamento de Deus. Como alguém lhe dissesse que devia estar inundado de alegria, pois iria receber a coroa, perturbou-se e respondeu: “A coroa é para os soldados corajosos e não para os covardes iguais a mim!” Sua pobreza era tão grande, que nada possuía de que pudesse dispor. Contudo fêz seu testamento, mas sòmente para exortar os homens à prática da virtude e para ordenar que o enterrassem como simples religioso no Convento de São Jorge. Porém, após o seu falecimento, o Senado não permitiu que essa última clausura fôsse executada. Durante os dois dias que precederam a sua morte, as diferentes corporações da cidade vieram receber-lhe a bênção. A entrada do seu quarto foi franqueada aos pobres e aos ricos, e a todos deu conselhos extremamente tocantes. Consolou Marcelo, um dos seus bem-amados discípulos, que chorava amargamente, dizendo: “Precedo-vos, mas logo me seguireis. Reunir-nos-emos na próxima Páscoa”. A predição foi confirmada pelo fato. Tendo fechado os olhos, Lourenço expirou calmamente no dia 8 de janeiro de 1455, aos setenta e quatro anos de idade. Havia vinte e dois anos que era bispo, e quatro que era patriarca. Foi enterrado no dia 17 de março, por

causa da contestação levantada com referência ao lugar da sua sepultura. Foi beatificado em 1524 por Clemente VII, e canonizado por Alexandre, em 1690. Designaram para a sua festa o dia 5 de setembro, dia em que fôra sagrado bispo. (6)

As obras de São Lourenço Justiniano foram impressas várias vezes; são sermões, cartas e compêndios de piedade. A linguagem do santo é a do coração; não existe autor mais apto para despertar o amor a Deus, para inspirar uma terna devoção por todos os mistérios da salvação, para aperfeiçoar o espírito de contrição, de humildade, de renúncia, de recolhimento, e para insuflar o zêlo na conquista de tôdas as virtudes.

\* \* \*

---

(6) Acta SS., 8 jan. Godescard, 5 setp.

## SÃO GENEBALDO (\*)

### *Bispo*

São Genebaldo foi o primeiro bispo de Laon, e viveu no século VI.

Depois do batismo de Clóvis, Remi criou o episcopado de Laon e sagrou bispo um nobre chamado Genebaldo, conhecedor da Escritura e que havia deixado a espôsa, sobrinha de Remi, para levar vida religiosa.

Todavia, de quando em quando, recebia a visita da mulher, confiante da sua virtude, mas, um dia, nasceu-lhes um filho, que Genebaldo, confuso com a falta cometida, chamou *Ladrão*.

Mais tarde, embora a visse menos freqüentemente, caiu novamente em tentação, e uma menina veio ao mundo, à qual, naturalmente pensando na astúcia do demônio, chamou *Vulpecula*, "*Raposinha*", por causa da fama de astuto que tem aquêles animais.

Procurado por Remi, Genebaldo caiu-lhe aos pés, em lágrimas, confessou-lhe a fraqueza, e foi perdoado. Fazendo, porém, com que se construísse uma cela onde Genebaldo se encerraria e donde governaria a diocese, deixou-o a penitenciar-se das faltas.

Depois de sete anos, numa noite de quarta-feira para quinta-feira santa, o santo bispo lamentava-se de não poder reunir-se aos penitentes que iam ser reconciliados no dia seguinte, quando um anjo lhe apareceu, anunciando que, graças às orações de Remi, suas faltas haviam sido perdoadas por Deus.

Genebaldo, a tremer, amedrontado, fêz ver ao anjo que dali não podia sair, porque Remi fechara a porta a chave, e, além disso, a ela apusera o seu sêlo.

O anjo, sem dizer mais palavra, abriu-lhe a porta, sem que interviesse na fechadura e sem que o sêlo se rompesse, e Genebaldo, de olhos esbugalhados, sempre a tremer, terrificado, disse ao anjo, num desespero:

— Mesmo que Nosso Senhor Jesus Cristo se dignasse aqui vir, para me ver, a mim, pecador, eu não sairia da cela sem que aquêle que aqui me colocou estivesse presente.

O anjo, sempre sem dizer palavra, desapareceu, e surgiu diante de Remi, que estava a velar na cripta da catedral de Santa Maria de Reims. E, dirigindo-lhe a palavra, contou o que se passara e lhe ordenou que reintegrasse Genebaldo nas suas funções. E assim foi.

São Genebaldo, desde então, viveu santamente, a todos pondo ao par das bondades que recebera do Senhor Jesus.

E morreu em grande paz, tendo como sucessor o filho Ladrão.

---

No mesmo dia, em Besançon, Santo Aman ou Amiano, bispo (século IV?). As antigas listas epis-

copais marcam-no como o oitavo bispo de Besançon, depois de São Justo.

Em Auch, São Taurino, bispo e mártir. Segundo uma legenda, São Taurino, quinto bispo de Eauze, teria transferido a sé para Auch, por causa das incursões vândalas, e fôra morto por pagãos, que procurara converter, todo no ardente zêlo que o consumia.

Em Verdun, Santo Arator, bispo, no século V.

Em Soissons, Santo Anserico ou Ansarico, bispo (século VII?).

Em Barcelona, Santa Madruína, abadêssa e mártir, no século X. Madruína, Madrona, Matrui ou Matrul foi abadêssa de *San Pedro de las Puelas*, em Barcelona. Conta-se dela que, feita prisioneira dos mouros, foi enviada para a Maiorca, na qualidade de escrava. Um dia, entrando em contato com um mercador espanhol, rogou-lhe, por amor de Deus, que a ajudasse, porque desejava, a todo o transe, evadir-se. O mercador ia embarcar, dentro de poucos dias, para Barcelona. A piedade, tendo concertado com Madruína um plano, qual seja o de enfiá-la dentro dum saco, como se fôra parte de sua bagagem, assim o fêz. Já no navio, pronta para safar-se da escravidão, o senhor, que dera por sua falta, procurou-a pela embarcação de popa a proa, nada encontrando. Com uma longa faca, porém, foi, duramente, espetando os sacos todos que encontrava. Santa Madruína, que recebeu graves ferimentos, manteve-se calada, mas, em alto mar, veio a falecer.

Na diocese de Tortona, na Itália, Santo Alberto, abade de Butrio, falecido depois de 1073. Conta-se dêste Santo Alberto que, sendo acusado injustamen-

te, pôsto diante do papa, mudou a água em vinho, para provar a inocência.

Em Pontida, perto de Bérgamo, Santo Alberto e São Gúido, priores do mosteiro de Pontida, beneditino (fins do século XI).

Na Itália, os bem-aventurados Jordão e João, apelidado o Bom, abades da congregação de Pulsano (século XII).

Na Pérsia, o bem-aventurado Gentil de Matélica, franciscano mártir. Depois de ter permanecido longo tempo na Itália, especialmente em Monte Alverne, onde foi duas vêzes guardião, teria evangelizado a Arábia, o Egito e a Pérsia, nos quais países colheu fartos frutos de conversão, sendo, no último, martirizado. (1)

Em Ripon, na Inglaterra, o bem-aventurado Guilherme Brown, mártir. Pela fé, morreu na fôrca aos 5 de setembro de 1605.

No bairro de Roja, São Vitorino, bispo e mártir, escolhido para bispo pelos habitantes de Amiterna por causa da grande fama obtida por sua santidade e seus milagres; depois, sob Trajano, tendo sido, juntamente com vários outros servos de Deus, desterrado para Contillan, onde manam águas nefíticas e sulfurosas foi, por decreto do juiz Aureliano, suspenso de cabeça para baixo; e, depois de sofrer durante três dias em nome de Jesus Cristo, entrou vitoriosamente no céu. Os cristãos levaram seu corpo e deram-lhe em Amiterna uma sepultura digna. No Pôrto, o natalício de Santo Herculano, mártir. — Em Cápua, os santos mártires Quíncio, Arcôncio, e Donato. — No mesmo dia, São Rômulo, prefeito do palácio de Tra-

(1) Wadding, *Annales minorum*, t. VI.

jano que, mostrando-se contrário às crueldades que o imperador exercia contra os cristãos, foi batido com varas e decapitado. — Em Melitina, na Armênia, os santos soldados, Eudócio, Teodoro, Menedemos, e setenta outros do clero, a quem o imperador Velens, por ódio à fé católica, mandou colocar num navio com ordens para que fôsem queimados em pleno mar. — No mosteiro de Sithieu, na região de Teruana, São Bertino, abade. — Em Toledo, Santa Obdúlia, virgem.

\* \* \*



Prédica dos primeiros apóstolos missionários. Depois de uma tapeçaria do século XV.

## 6.º DIA DE SETEMBRO

### O BEM-AVENTURADO, PEDRO ACOTANTO

*e várias outras santas pessoas do seu tempo*

No tempo em que o santo mercador Homobon dava em Cremona o exemplo da piedade e da caridade, um nobre veneziano, o bem-aventurado Acotanto, dava em Veneza, o exemplo de uma piedade e de uma caridade não menos admiráveis. Pedro, que era rico, não tinha mulher, nem filhos: sua família eram os pobres. O número e a miséria dêstes aumentavam durante as temperaturas baixas e as tempestades do inverno, e Pedro Acotanto representou para êles um pai carinhoso, mas ignorado durante muito tempo. Como, enquanto perdurava a má estação, um grande número de pobres, em Veneza, permanecia fechado em suas miseráveis choupanas, arriscando-se a morrer de fome, o próprio Pedro carregou um barco de víveres, de lenha e de roupas e ia depositando seu auxílio à porta dos infelizes, nela batendo de leve para que a abrissem, e desaparecendo em seguida. Suas boas ações, praticadas muitas vêzes nas trevas da noite, acabaram por excitar a curiosidade dos pobres: puseram-se à espreita para sur-

preender e conhecer o homem generoso que assim aliviava o infortúnio de suas vidas. Pedro, desmascarado, exigiu, contudo, que guardassem o maior segredo sobre o fato. Só depois da sua morte é que foi conhecida uma porção de pormenores, tão interessantes quanto engenhosos, em relação às obras de misericórdia praticadas por esse santo homem. Sua bem-aventurada morte, ocorrida no fim do décimo-segundo século, privou de protetor os pobres daquela populosa cidade; mas os milagres operados junto ao seu túmulo provaram que as suas caridades lhe tinham aberto as portas do céu. Seu corpo repousa na bela igreja de Santo Basílio. O Papa Clemente VII aprovou-lhe o culto. (1)

Na mesma época, Antioquia, na Síria, viu dois descendentes dos cavaleiros da Cruz, darem os mesmos exemplos de piedade e caridade: São Guilherme e seu filho, São Peregrino. Descendente de uma família nobre, Guilherme levou a princípio vida virtuosa, em meio à dissolução e aos perigos da carreira militar. Tendo um único filho, empenhou-se em educá-lo cristãmente. Persuadido de que o exemplo constitui para os filhos a lição mais segura e eficaz, obrigou-se a nunca perdê-lo de vista e a nada lhe oferecer, nas suas palavras, no seu proceder, assim como nos seus sentimentos, que não fôsse inteiramente conforme às regras e ao espírito do Evangelho. Deus abençoou-lhe o zelo e o jovem Peregrino bem depressa se transformou num modelo de tôdas as virtudes.

Contudo, ao sair da adolescência, veio-lhe a inspiração de realizar uma peregrinação a Jerusalém.

---

(1) Acta SS., Godescard, 6 setp.

Não foi sem pesar que Guilherme, que o amava ternamente, lhe deu o consentimento. Tendo partido de Antioquia com a bênção de seu pai, Peregrino trocou suas roupas de sêda por um vestuário pobre, seu cinto de ouro por uma corda, e percorreu o caminho de pés descalços, praticando assim a pobreza voluntária. Ao chegar a Jerusalém, de tal modo se sentiu tocado pelo amor de Jesus Cristo, e possuído de tão grande devoção para com o Santo Sepulcro, que resolveu não mais deixar a Cidade Santa. Ingressou, pois, num hospital, a fim de consagrar-se ao serviço dos pobres e doentes. Tratava todos os pobres de Jesus Cristo com a mesma afeição, como se os houvesse concebido nas entranhas da caridade. Tocava, beijava os infelizes cobertos de úlceras, os leprosos mais repugnantes, como se nêles beijasse o próprio Nosso Senhor. Contudo, não vendo o jovem regressar, seu pai informava-se dêle junto a todos os peregrinos. Como não recebesse a menor notícia, decidiu-se a viajar para Jerusalém a fim de encontrá-lo. Visitou cuidadosamente todos os santos lugares, indagou de todos os lados, mas não descobriu o menor sinal do bem-amado filho. Afinal caiu doente e foi precisamente conduzido ao hospital onde se encontrava o jovem Peregrino. Êste imediatamente reconheceu o pai, prodigalizou-lhe os mais ternos cuidados, e tendo sabido pela bôca do enfêrmo qual a causa do seu desgosto, consolou-o dizendo-lhe que seu filho ainda vivia e que em breve Deus lho restituiria. Contudo, ao perceber que a moléstia de seu pai tomava uma feição mortal, finalmente se deu a conhecer e contou-lhe tudo quanto lhe acontecera. Tamanha foi a alegria de Guilherme ao reencontrar e

abraçar o filho, que imediatamente se levantou da cama: não estava mais doente.

O piedoso jovem revelou ao pai o desejo que havia muito tempo alimentava no coração, isto é, servir a Deus na pessoa dos peregrinos e dos mendigos. De comum acôrdo regressaram a Antioquia, venderam o patrimônio de ambos, que era avultado, reservaram uma parte aos pobres, às igrejas e aos hospitais daquela cidade; depois, levando a outra parte, retornaram a Jerusalém, onde se serviram do dinheiro para socorrer os infelizes, pagando as dívidas de uns, dando roupas e alimento para outros, provendo os mortos de sepulturas cristãs. Finalmente, depois de assim terem distribuído todos seus bens, foram, vestidos como miseráveis peregrinos, refugiar-se em Poggia, no reino de Nápoles, onde terminaram santamente a vida, e onde são ambos reverenciados no dia 26 de abril. (2)

Ainda nesse tempo, outras santas pessoas trabalhavam para propagar a fé entre os bárbaros, os eslavos da Livônia. Santo Meinard, cônego de Sigberg, levado por um grande zêlo em prol da conversão daquele povo idólatra, transportou-se para lá várias vezes durante alguns anos, em companhia dos mercadores, empenhado, porém, num comércio mais benéfico. Quando viu que Deus lhe abençoava o trabalho e que era ouvido favoravelmente, dirigiu-se a Hartwic, arcebispo de Bremem, e ao capítulo da catedral, e expôs-lhes a situação, pois não queria prosseguir nas suas prédicas sem autoridade e sem conselho. Foram-lhe conferidos poderes para a execução dessa boa obra, da qual esperavam grandes frutos, e orde-

---

(2) Acta SS., 26 av. Godescard.

naram-no bispo, a fim de aumentar a sua autoridade. Ele estabeleceu-se em Riga, capital do país, onde construiu uma igreja catedral sob a invocação da Santa Virgem, no ano 1186, e, com as suas doutrinas, acompanhadas de boas palavras, e de atos generosos, converteu um grande número de infieis. Bertoldo, abade de Luk, no Sace, da ordem de Citaux, deixou sua abadia para ir trabalhar com Meinard; fêz-se amar pelos pagãos, principalmente por sua abstinência, modéstia e paciência. Tais foram os primeiros apóstolos da Livônia.

Por ocasião da morte de Meinar, a quem Varonius e Pagi dão o título de santo, Bertoldo foi eleito de comum acôrdo do clero e do povo para suceder-lhe, e, tendo ido a Bremen, lá foi sagrado Bispo. Foi-lhe concedida uma renda até o valor de vinte marcos de prata. Como os eslavos idólatras molestassem com freqüência os cristãos da vizinhança, Bertoldo exortou alguns senhores a marcharem, em cruzada, contra aquêles infieis; e alguns eclesiásticos prometeram acompanhá-los. Como então não estivessem sendo organizadas cruzadas para Jerusalém, o Papa Celestino III permitiu àqueles que haviam feito voto de nelas tomar parte, que se juntassem aos que iam para a Livônia, prometendo-lhes a mesma indulgência concedida para a Terra Santa. Foi organizada, pois, em todo o Saxe, a Westfália e a Frísia, uma grande assembléia de prelados, de cônegos, de cavaleiros e de mercadores, que depois de se aprovisionarem em Lubeck com navios, armas e víveres, chegaram à Livônia. Mas tendo o bispo Bertoldo se colocado à frente dos cristãos para marchar contra os infieis, caiu nas mãos dos últimos, juntamente com dois com-

panheiros, e foram mortos. Consideraram-no mártir, e o que confirmou a opinião da sua santidade foi terem, dois dias depois, quando procuravam os mortos, encontrado seu corpo sem corrupção, embora os dois outros estivessem cobertos de moscas e de vermes. Foi sepultado em Riga. (3)

\* \* \*

---

(3) Arnold de Lub. 1 VII, c. VII e IX. Auct Aquicinet., an 1197.  
Apud Bar. et Pagl.

## SÃO ZACARIAS (\*)

### *Antigo Testamento*

Zacarias era filho de Baraquias e neto de Ado. Como Ageu, exortou os judeus a restaurar o templo. "O que êste profeta diz do Messias, escreve Matos Soares, é tão claro que parece um Evangelho".

Zacarias prediz a conversão dos judeus no fim do mundo.

Depois dum *Exórdio*, na primeira parte do livro, Zacarias trata de visões simbólicas. A primeira delas é a Visão dos Cavalos. Diz:

"No segundo ano do reinado de Dario, aos vinte e quatro dias do mês undécimo, que é o mês (*chamado*) de Sabat, foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ado, a palavra do Senhor, nestes têrmos:

"Tive de noite uma visão: Apareceu-me um homem (1) montado num cavalo vermelho, parado entre umas murteiras, que havia no fundo do vale; atrás dêle estavam mais cavalos, uns ruivos, outros alazões e outros brancos. Eu disse: (2)

---

(1) Um anjo, seguido de três grupos de cavaleiros, dos quais é o chefe.

(2) O anjo que vai servir de intérprete a Zacarias em tôdas as visões.

“— Quem são êstes, Senhor meu?”

“E o anjo que falava comigo disse-me:

“— Vou mostrar-te quem são êstes”.

“O homem que estava parado entre as murteiras tomou a palavra e disse:

“— Êstes são os que o Senhor enviou a percorrer a terra”.

“Então êles se dirigiram ao anjo do Senhor, que estava entre as murteiras, e disseram-lhe:

“— Nós temos percorrido a terra, e eis que tôda a terra (*vizinha de Israel*) está habitada e em repouso”.

Eis, então, uma pergunta relativa a Jerusalém, e a resposta consoladora:

“O anjo do Senhor disse:

“— Senhor dos exércitos, até quando diferirás tu o compadecer-te de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás irritado, a setenta anos?”

“Neste ponto o Senhor, dirigindo-se ao anjo que falava comigo, disse-lhe boas palavras, palavras de consolação. E o anjo que falava comigo disse-me:

“— Proclama o seguinte: Isto diz o Senhor dos exércitos: Eu sinto um grande zêlo por Jerusalém e Sião, e estou sumamente irritado contra estas nações que vivem satisfeitas, porque eu sòmente estava um pouco agastado (*contra Israel*), mas elas excederam a medida (*do castigo que eu planeava*).

“Portanto, isto diz o Senhor: Volto novamente para Jerusalém com entranhas de misericórdia; a minha casa será nela reedificada, diz o Senhor dos exércitos, e o cordel será estendido sôbre Jerusalém (*para a reconstruir*). Proclama ainda o seguinte: Assim fala o Senhor dos exércitos: As minhas cida-

des ainda hão de ser cheias de bens; o Senhor ainda consolará Sião, ainda escolherá Jerusalém”.

Lê-se, na Visão das quatro hastes e dos quatro ferreiros, em que os inimigos de Israel serão destruídos:

“Em seguida, levantei os meus olhos, pus-me a olhar e vi quatro hastes. Perguntei ao anjo que falava comigo:

“— Que é isto?”

“Respondeu-me:

“— Estas são as hastes que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém”.

“Depois o Senhor mostrou-me quatro ferreiros. Eu perguntei:

“— Que vem êstes fazer?”

“Respondeu-me:

“— Aquelas hastes haviam dispersado Judá de forma que ninguém ousava levantar a cabeça; mas êstes vieram para as deitar abaixo; para abater as hastes (*ou o poder*) das nações, que levantaram a sua fôrça contra o país de Judá, para dispersar (*os seus habitantes*).

Na Visão do glorioso restabelecimento de Jerusalém, em que se diz que aquela cidade será muito populosa e segura, para a qual voltarão os cativos e onde o Senhor habitará, vemos:

“Levantei os meus olhos, pus-me a olhar e vi um homem que tinha na sua mão um cordel de medir. Interroguei-o:

“— Para onde vais tu?”

“Respondeu-me:

“— Vou medir Jerusalém, ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento”.

“E eis que apareceu o anjo que falava comigo, e outro anjo veio-lhe ao encontro e disse-lhe:

“— Corre, fala a êste jovem assim: Jerusalém será habitada sem muros, por causa da multidão de homens e de animais que haverá no meio dela. Eu mesmo, diz o Senhor, serei para ela um muro de fogo, que a cercará, serei no meio dela a sua glória”.

“De pé! De pé! Fugi da terra do aquilão, diz o Senhor, porque eu vos espalhei para os quatro ventos do céu, diz o Senhor, (*sòmente para vos castigar*). Salva-te, ó Sião, que habitas na cidade de Babilônia! Porque, isto diz o Senhor dos exércitos: Para glória me enviou o Senhor contra as nações que vos despojaram: aquêlê que tocar em vós, toca na menina dos seus olhos. Eis que vou levantar a minha mão contra êstes povos e êles virão a ser prêsas daqueles que eram seus escravos; assim conhecereis que o Senhor dos exércitos é que me enviou”.

Aquêlê *De pé! De pé!* é um “chamamento, diz Crampon, dirigido aos judeus, que estavam em Babilônia, para que se fôssem juntar aos irmãos que haviam voltado para a pátria”.

Mas em Jerusalém, nela, habitará o Senhor:

“Filho de Sião, entoa cânticos, alegra-te, porque eis que venho para habitar no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia se chegarão muitas nações ao Senhor, e serão o meu povo; (3) habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos exércitos é que me enviou a ti. O Senhor possuirá Judá, como sua porção na Terra Santa, e escolherá outra vez Jerusalém. Tôda a carne esteja em silêncio diante da face do Senhor, porque êle se levantou da sua santa habitação”.

---

(3) Refere-se à conversão dos pagãos ao Deus de Israel.

Em seguida, vem a Visão da reabilitação do sacerdócio, em que o sacerdote Josué aparece na presença do anjo do Senhor:

“Depois o Senhor mostrou-me o sumo sacerdote Josué, que estava de pé diante do anjo do Senhor; Satanás estava à sua direita para se lhe opor. (O anjo do) Senhor disse a Satanás:

“— O Senhor te reprima, ó Satanás; reprima-te o Senhor que escolheu (*para si*) Jerusalém. Porventura não é êste (*Josué, como que*) um tição que foi tirado do fogo?”

“Ora, Josué estava revestido de hábitos sujos, e pôsto em pé diante do anjo. Êste tomou a palavra e falou àqueles que estavam diante dêle, dizendo:

“— Tirai-lhe êsses hábitos sujos”.

“Depois disse a Josué:

“— Eis que tirei de ti a tua iniquidade e te revesti de roupas de gala”.

“E acrescentou:

“— Ponde-lhe na cabeça uma tiara limpa”.

“E puseram-lhe na cabeça uma tiara limpa e revestiram-no de preciosos vestidos. Entretanto o anjo do Senhor estava de pé. Em seguida, o anjo do Senhor fêz esta declaração a Josué:

“— Isto diz o Senhor dos exércitos: Se andares nos meus caminhos, se observares tudo o que tenho mandado que se observe, governarás a minha casa, guardarás os meus átrios, e eu te darei lugar entre êstes que estão aqui presentes.

“Ouve, ó Josué, sumo sacerdote, tu e os teus colegas, que se sentam junto de ti — porque são homens que simbolizam o futuro —: Eis que farei vir

o meu servo Germe. (4) Eis a pedra que pus diante de Josué; sôbre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu mesmo a lavrarei com o cinzel, diz o Senhor dos exércitos, e num só dia tirarei a iniquidade desta terra. Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, cada um chamará o seu amigo para debaixo da sua videira e da sua figueira”.

Sôbre a *pedra*, diz o Padre Soares:

“Este versículo é obscuro. Segundo alguns comentadores, esta pedra é o símbolo de Jesus Cristo. Os *sete olhos* são uma figura do cuidado de Deus dirigido *sôbre esta pedra*, na qual imprimiu as suas perfeições (*a lavrarei com o cinzel*)”.

Visão do candelabro e das duas oliveiras:

“O anjo que falava comigo voltou e despertou-me, como a um homem a quem despertam do seu sono. Perguntou-me:

“— Que vês tu?”

“Respondi:

“— Vejo um candeeiro todo de ouro, que tem um depósito no alto, sete lâmpadas sôbre os seus braços e sete canais para (*fazer correr o azeite para*) as lâmpadas que estão no alto do candeeiro. Há também por cima dêle duas oliveiras: uma à direita do depósito e outra à sua esquerda”.

“Então retomei a palavra e disse ao anjo que falava comigo:

“— Meu Senhor, que quer isto dizer?”

“O anjo que falava comigo respondeu:

“— Não sabes o que é isto?”

“Respondi:

---

(4) O Messias, aquêle que havia de ser o **germe**, o rebento por excelência da família de Davi, cuja reabilitação havia de operar.

“— Não, meu Senhor”.

“Então êle explicou:

“— Esta é a palavra que o Senhor dirige a Zorobabel: Nem por meio dum exército, nem pela força, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos. Quem és tu, ó grande monte (*de dificuldades*)? Diante de Zorobabel, torna-te uma planície. Êle porá a pedra de remate, em meio de aclamações: Graça, graça a ela! Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes têrmos: As mãos de Zorobabel puseram os fundamentos desta casa, as suas mãos haverão de acabá-la. Assim saberás que o Senhor dos exércitos me enviou a vós. Porque, quem desprezaria êste dia de pequenas coisas? Alegrar-se-ão quando virem o fio a prumo na mão de Zorobabel. Êstes sete olhos são os olhos do Senhor, que discorrem por tôda a terra”.

Em notas, diz o Padre Soares:

“Zorobabel conseguirá reconstruir o templo, apesar de todos os obstáculos, graças sômente ao auxílio divino. Há também nestas palavras (*Nem por meio dum exército*) uma indicação clara de que a prosperidade prometida ao povo de Deus para o futuro é de caráter completamente espiritual. *O dia de pequenas coisas* é o dia do lançamento dos novos fundamentos do templo, por Zorobabel, em meio de circunstâncias difíceis”.

Tornando ao texto:

“Retomei a palavra e disse-lhe:

“— Que significam estas duas oliveiras, uma à direita do candeeiro, e outra à sua esquerda?”

“De novo interroguei:

“— Que significam estes dois ramos de oliveira, que, por dois tubos de ouro, deixam correr o ouro” (*isto é, azeite dourado*)?

“Ele me respondeu:

“— Não sabes o que isto significa?”

“Eu disse:

“— Não, meu Senhor”.

“Ele explicou:

“— Estas duas oliveiras são dois ungidos que assistem diante do Senhor de tôda a terra (*como seus ministros*)”.

Ou seja, os dois representantes do sacerdócio e do poder civil — Jesus e Zorobabel.

Segue-se a visão do livro volante:

“(*Em seguida*) levantei os olhos, pus-me a olhar e vi um livro que voava. (*O anjo*) disse-me:

“— Que vêes tu?”

“Respondi:

“— Vejo um livro que voa, o qual tem vinte côvados de comprimento e dez côvados de largo”.

“Então disse-me (*o anjo*):

“— Esta é a maldição que vai difundir-se sôbre a face de todo o país; todo o ladrão será expulso por ela, e todo o que jura (*falso*) será, da mesma sorte, lançado fora por ela. Eu a deixarei espalhar-se, diz o Senhor dos exércitos, e ela irá a casa do ladrão, e à casa do que jura falsamente em meu nome; ficará no meio da casa (*de cada um*) dêles e a consumirá com a sua madeira e as suas pedras”.

O livro significa as maldições de Deus contra os pecadores, e as grandes dimensões que apresentava, tinham por objetivo deixar patente quanto as maldições eram muitas, numerosíssimas e terríveis.

"O anjo que falava comigo, aproximou-se e disse-me:

"— Levanta os olhos e vê o que aparece".

"Eu disse:

"— Que é isto?"

"Ele me respondeu:

"— É um efa que aparece".

"E acrescentou:

"— É a iniquidade dêles em tôda a terra".

"Depois vi que era levantado um disco de chumbo e reparei que uma mulher estava sentada no efa. Então disse (o anjo):

"— Eis a iniquidade".

"E precipitou-a no fundo do efa e tapou a bôca do efa com o disco de chumbo.

"Depois levantei os olhos e olhei: apareceram duas mulheres, e o vento soprava nas suas asas; tinham asas como as duma cegonha. E levantaram o efa entre a terra e o céu. Eu disse ao anjo que falava comigo:

"— Para onde levam elas o efa?"

"O anjo respondeu-me:

"— Para a terra de Senaar a fim de que lhe seja edificada uma casa, e fique colocada e posta sôbre a sua base (*a iniquidade*)".

Visão dos quatro carros; os pagãos serão vencidos:

"De novo levantei os olhos e olhei: vi quatro carros que saíam dentre duas montanhas, e estas duas montanhas eram montanhas de bronze. (5) No primeiro carro havia cavalos vermelhos, no segundo

---

(5) Símbolos da imortalidade dos decretos do Senhor contra os seus inimigos.

carro havia cavalos negros, no terceiro carro havia cavalos brancos, e no quarto carro havia cavalos malhados, fortes. Tomei a palavra e disse ao anjo que falava comigo:

“— Que significam estas coisas, meu Senhor?”

“O anjo respondeu-me:

“Êstes são os quatro ventos do céu, que saem para estar diante do Senhor de tôda a terra (*a fim de executar as suas ordens*). Os cavalos negros, seguem para a terra do aquilão, os brancos para oriente, os baios para a terra do meio-dia”.

“Os (*cavalos*) vigorosos, logo que saíram, pediram para percorrer tôda a terra. E (*o anjo*) disse-lhes:

“— Ide, percorrei a terra”.

“E êles percorreram a terra. Depois chamou-me e disse:

“— Os que se dirigiram para a terra do aquilão, fizeram repousar o meu espírito na terra do aquilão”.

O livro de Zacarias é difícil e obscuro. A primeira parte termina com uma *Ação Simbólica*: o pontífice Josué, coroadado, é o símbolo do Messias, sacerdote e rei.

A segunda parte trata da *Condição da salvação*. Diz das boas disposições da alma, as quais Deus prefere ao jejum; refere-se aos judeus, infelizes por causa da desobediência, à promessa de restabelecimento e perfeição da Aliança e a Jerusalém, centro de todos os povos.

A terceira e última parte trata do futuro das potências do mundo e do reino de Deus. Fala do castigo das nações vizinhas de Israel, do Messias, que é rei humilde e pacífico, da vitória e da prosperidade que o Senhor dará ao seu povo. Além disso,

trata também da completa libertação de Israel: o país será devastado, porque o rebanho não obedeceu ao bom pastor. O rebanho, tendo abandonado o bom pastor, será entregue ao mau pastor. Contudo, o Senhor defenderá Israel.

Discorrendo sobre como os convertidos chorarão a morte do Messias, diz:

“Naquele dia procurarei esmagar tôdas as nações que vierem contra Jerusalém. Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e de preces, e êles porão os olhos em mim. Quanto àquele que trespassaram, chorá-lo-ão com pranto, como se chora um filho único, terão dêle um sentimento, como se costuma ter na morte de um primogênito. Naquele dia haverá um grande pranto em Jerusalém, como o pranto de Adadremmon, no campo de Magedon. A terra chorará, família por família: a família da casa de Davi à parte, com suas mulheres à parte; a família da casa de Natan à parte, com suas mulheres à parte; a família da casa de Levi à parte, com suas mulheres à parte; a família de Semei à parte, com suas mulheres à parte; tôdas as outras famílias (*se lamentarão*), família por família, com suas mulheres à parte”.

“Não será, diz Crampon, um luto somente nacional, mas um luto de cada família”.

Sucedará, então, a purificação da cidade. Não mais haverá ídolos nem falsos profetas.

“Ó gládio, levanta-te contra o meu pastor, contra o homem da minha intimidade, diz o Senhor dos exércitos! Fere o pastor, e serão dispersas as ovelhas; voltarei a minha mão mesmo contra os pequeninos. Em todo o país, diz o Senhor, haverá dois terços que serão exterminados, que perecerão, e um

têrço que ficará nêle. Farei passar êste têrço pelo fogo e purificá-lo-ei como se purifica a prata, prová-lo-ei como se prova o ouro. Êle invocará o meu nome, e eu o ouvirei. Dir-lhe-ei:

“ — Tu és o meu povo ”.

“E êle dirá:

“ — Javé é o meu Deus ”.

Contra os inimigos de Jerusalém, combaterá o Senhor — Êle, o rei de tôda a terra. E dizendo que ferirá os inimigos de Jerusalém e castigará os povos que não se converteram, termina o livro de Zacarias, tratando da santidade da nova Jerusalém:

“Naquele dia se verá (*escrito*) nas campainhas dos cavalos: Consagrado ao Senhor. As marmitas na casa do Senhor serão como vasos de aspersão diante do altar. Tôdas as caldeiras que houver em Jerusalém e em Judá serão consagradas ao Senhor dos exércitos; virão todos os sacrificadores e se servirão delas para nelas cozerem (*as carnes consagradas*); naquele dia não se tornará mais a haver mercador na casa do Senhor dos exércitos”. (6)

“Não se oferecerão, diz o Padre Soares, animais nem outras coisas das que se vendiam no átrio do templo — a vítima será Jesus Cristo, cordeiro imaculado que tira os pecados do mundo”.

\* \* \*

---

(6) Zach., I — XIV.

## BEM-AVENTURADO LIBERATO (\*)

### *Franciscano*

Lê-se, no martirologio, no dia de hoje: “Na Marca de Anccna, na Itália, o bem-aventurado Liberato, franciscano”.

Um Liberato, da família Brunforte, fêz-se Menor, retirando-se, contrita e humildemente, a uma caverna das muitas que há em Soffiano, e ali faleceu por volta do ano de 1258, ao que se crê.

Ao que tudo indica, êste Liberato é o frade de que trata os *Fioretti*, no capítulo XLVII, companheiro de frei Humilde, a que o capítulo precedente se refere.

“No sobredito convento de Soffiano viveu antigamente um frade menor, de tão grande santidade e graça, que parecia todo divino e freqüentes vêzes ficava êste frade todo absorto em Deus e enlevado, porque tinha notavelmente a graça da contemplação, que vinham ter com êle passarinhos de diversas espécies e domêsticamente pousavam-lhe nas espáduas e na cabeça, nos braços e nas mãos, e cantavam maravilhosamente. Era êle solitário e raras vêzes falava; mas quando lhe perguntavam alguma coisa, respondia tão graciosamente e tão sãbiamente, que mais parecia um anjo do que homem, e era de grandíssima

oração e contemplação, e os frades o tinham em grande reverência.

“Acabando êste frade o curso de sua vida virtuosa, segundo a disposição divina enfermou de morte, de modo que nenhuma coisa podia tomar, e com isto não queria receber nenhuma medicina carnal, mas tôda a sua confiança era no médico celestial Jesus Cristo bendito e na sua bendita Mãe; da qual êle mereceu pela divina clemência de ser misericordiosamente visitado e consolado.

“Pelo que, estando uma vez no leito e dispondo-se à morte com todo o coração e com tôda a devoção, apareceu-lhe a gloriosa Virgem Maria, Mãe de Cristo, com grandíssima multidão de anjos e de santas virgens com maravilhoso esplendor e se aproximou do seu leito: e êle, olhando-a, recebeu grandíssimo confôrto e alegria quanto à alma e quanto ao corpo; e começou a pedir-lhe, humildemente, que ela pedisse ao seu divino Filho para que, pelos seus méritos, o tirasse da prisão da mísera carne. E perseverando neste pedido com muitas lágrimas, a Virgem Maria respondeu-lhe, chamando-o pelo nome, e disse-lhe:

“— Não duvideis, filho, porque tua oração foi atendida, e eu vim para confortar-te um pouco, antes de te partires desta vida”.

“Estavam ao lado da Virgem Maria três santas virgens, as quais traziam nas mãos três caixas de eletuário de desmesurado odor e suavidade. Então a Virgem gloriosa tomou e abriu uma daquelas caixas e tôda a casa ficou cheia de odor: e tomando com uma colher daquele eletuário o deu ao enfêrmo; o qual tão depressa o saboreou, sentiu tanto confôrto

e tanta doçura que sua alma parecia não poder mais ficar no corpo; pelo que começou a dizer:

“— Não mais, ó Santíssima Mãe virgem bendita, ó médica bendita e salvadora da humana geração, não mais; porque eu não posso suportar tanta suavidade”.

“Mas a piedosa e benigna Mãe, apresentando outra vez daquele eletuário ao enfêrmo e fazendo-o tomar, esvaziou tôda a caixa. Depois, vazia a primeira caixa, a Virgem bendita toma a segunda e nela pôs a colher para dar-lhe, pelo que êle docemente se queixava, dizendo:

“— Ó Beatíssima Mãe de Deus, se minha alma quase tôda está liquefeita pelo ardor e a suavidade do primeiro eletuário, como poderei eu suportar o segundo? Peço-te, bendita sôbre todos os santos e sôbre todos os anjos, que não me queirais dar mais”.

“Respondeu Nossa Senhora:

“— Saboreia, filho, ainda um pouco desta segunda caixa”.

“E dando-lhe um pouco, disse-lhe:

“— Hoje, filho, tomaste tanto, que já chega. Conforta-te, filho, que depressa virei por ti e levar-te-ei ao reino de meu Filho, o qual tu sempre buscaste e desejava”.

“E dito isto, separando-se dêle, partiu, e êle ficou tão consolado e confortado pela doçura daquele confeitô, que por muitos dias sobreviveu saciado e forte, sem nenhum alimento corporal. E depois de alguns dias, alegremente falando com os frades, com grande letícia e júbilo, passou desta vida mísera à bem-aventurada vida. Amém”.

---

No mesmo dia, em Roma, Santo Eleutério, abade, fiel servidor de Deus. São Gregório conta-nos que, pela oração e lágrimas, ressuscitou um morto. Viveu longos anos em Roma, no mosteiro em que São Gregório era religioso, antes do seu pontificado, e lá morreu (século VI?). Era homem de grande simplicidade e muita compunção. Santo Eleutério não figura nos antigos martirólogos.

Perto de Sens, São Santiano e Santo Agostinho, mártires (273?).

Em Alba Pompéia, no Piemonte, São Frontinhão, mártir. Frontinhão, Frontiniano ou Frontino seria originário de Carcassona e teria padecido o martírio em Alba Pompéia, numa época que se ignora. O culto é muito antigo. Em 1455 houve uma translação do corpo, da velha abadia de São Frontinhão para a catedral de Alba.

Em Laon, São Canhoaldo, bispo, falecido, ao que se supõe, em 632. Laon, não longe de Paris, uma cidade forte sôbre uma colina, foi residência de bispos e o refúgio dos últimos carolíngios, sede duma comuna. Canhoaldo foi o sexto bispo que ali viveu. Também conhecido pelas variantes Chenoaldo, Chanhoaldo, Goinaldo e Canoalo, era filho de Chanherico e de Leodegunda, que possuíam vastas propriedades perto de Meaux. Irmão de Burgondofare ou Fare (3 de abril) e de Faron, futuro bispo de Meaux, São Canhoaldo seguiu São Colombano, o grande monge-missionário irlandês, tornando-se seu discípulo. Ao que se supõe, acompanhou-o à Áustria. Enterrado em São Vicente de Laon, o corpo foi exumado em 1196.

Na Sicília, São Fausto, abade de Santa Lúcia de Siracusa (século VI-VII). São Zózimo foi seu discípulo, aquêlê que seria bispo de Siracusa (30 de março).

Na diocese de Nevers, Santo Imberto, abade (século VII?), ou Humberto, que dirigiu o mosteiro de São Martinho. Jaz enterrado na igreja paroquial de Chantenay.

Em São Juliano, o Pobre, na diocese de Bourges, São Safiero. Não se conhece qualquer história ou lenda sôbre êste santo, contudo, há uma pintura em que aparece de mitra. Pergunta-se: foi bispo ou abade?

Em Dreux, Santa Eva, mártir, cujas relíquias sempre estiveram na igreja de São Pedro. É padroeira da cidade. A vida é completamente desconhecida, tanto que não se pode determinar a época em que viveu sequer aproximadamente.

Em Manprevoir, na diocese de Poitiers, Santa Impera, da qual nada se conhece.

Na diocese de Langres, os santos Félix e Alberto ou Algeberto, mártires, depois de 600. Nascidos na Inglaterra, segundo uma legenda, que dizem insignificante, foram aprisionados e vendidos como escravos, na Gália. Resgatou-os São Gregório, o Grande, que os batizou e reenviou à Inglaterra. Ao primeiro, fê-lo diácono, e a Alberto, padre. Mais tarde, de volta a Roma, a mandado do bispo de Londres, passaram a Jerusalém, levados pela piedade. Quando retornavam, foram assaltados por bandidos e degolados, em Villenauxe. As relíquias encontram-se numa igreja do Alto Marne.

Em Fussen, na diocese de Augsburg, São Magno, abade (século VIII?). Diz a sua legenda

que era discípulo de São Colombano e, maravilhosamente, vencedor de dragões, tendo vivido para mais de um século. São-lhe atribuídos inúmeros milagres.

Em Metz, o bem-aventurado Gondulfo, bispo, falecido, crê-se em 822.

Perto de Orange, o bem-aventurado Bertrand de Garrigues, dominicano, desaparecido depois de 1230. Nascido em Garrigues, foi um dos primeiros companheiros de São Domingos. Governou o convento de Tolosa depois de 1215. Em 1217, fundou em Paris uma nova casa. Outra, em Montpellier, no ano de 1220. Em 1221, foi nomeado provincial da Provença. Em 1226, realizou uma fundação em Avinhão. Depois da morte de São Domingos, ocupou-se das irmãs da Apúlia com grande devotamento. Faleceu na abadia cisterciense de Bouchet, perto de Orange. No princípio do século XV, o corpo, perfeitamente intato, foi transferido para a igreja dominicana de Orange. Destruíram-no os calvinistas em 1561. Um dedo, doado em 1505 aos pregadores de Lião, foi o que se salvou. Desapareceu, sob os protestantes, em 1562 (?).

No Helesponto, São Onesiforo, discípulo dos apóstolos, a quem se refere São Paulo ao escrever a Timóteo. Tendo êsse santo, tal como São Porfírio, sido brutalmente espancado naquele lugar, por ordem do procônsul Adriano, e em seguida arrastado por cavalos ferosos, entregou o espírito a Deus. — Na Alexandria, os santos Fausto, padre, Macário, e dez outros de seus companheiros que, sob o imperador Décio e o presidente Valério, foram decapitados em nome de Jesus Cristo, assim obtendo a palma do martírio. — Na Capadócia, os santos, Cotídio, diácono, Eugênio, e seus companheiros, mártires. — Na

África, os santos bispos Donaciano, Presídio, Mansueto, Germano e Fúsculo, que durante a perseguição dos vândalos foram, por ordem de Munerico, rei ariano, cruelmente maltratados a pauladas, em defesa da fé, e em seguida condenados ao banimento. Um desses santos bispos, chamado Ledo, homem muito corajoso e muito sábio, depois de longa e penosa detenção, foi condenado ao fogo. — Em Verona, São Petrônio, bispo e confessor.

\* \* \*

## 7.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO GAUZELINO

#### *Bispo de Toul*

Pertencia a uma ilustre família, educada no palácio dos reis, e foi bispo de Toul em 992. O antigo mosteiro de Santo Aper ou Santo Evro erguia-se num bairro da sua cidade episcopal; porém, a disciplina lá observada estava em grande decadência. Animado pelo mesmo espírito que marcava seu virtuoso arquidiácono Einold e São João de Vandières, Gauzelino tencionava restaurar as regras do mosteiro. Nesse propósito dirigiu-se ao mosteiro de Fleuri-sôbre-o-Loire, que acabava de ser reconduzido ao primitivo fervor por Santo Odon. Estudou cuidadosamente, tanto a letra como a prática da regra de São Bento, e depois as introduziu com êxito no mosteiro de Santo Evro, dando-lhe Archambauld como abade, sendo que êste justificou plenamente a sua confiança. E a fim de que a indigência não servisse de pretexto para que os monges violassem a regra, doou-lhes algumas terras para a manutenção da ordem. Na carta que mandou redigir, e que foi conservada, obrigou-os a recitarem todos os dias em sua intenção o salmo *De profundis*, e a rezarem todos os anos um

ofício no dia do seu aniversário, dando ordens ao abade para regalar a comunidade nessa data. Isso se deu cêrca do ano de 935. Tendo o número dos monges aumentado muito depois da reforma, doou-lhes novas terras em 940, e fêz confirmar a doação pelo rei Oton, da Germânia. Do mosteiro de Santo Evro, a reforma estendeu-se a vários outros.

Tendo a sua iniciativa em relação aos monges sido coroada de êxito, o santo bispo resolveu fazer o mesmo em relação às religiosas. Ao percorrer a diocese, notou, na encosta de uma montanha, ao pé da qual se encontrava a aldeia de Bouxières, junto ao Meurthe, uma antiga igreja dedicada à Santa Virgem, muito freqüentada pelo povo, pois os doentes aí eram curados pela intercessão da Mãe de Deus. Essa igreja estava bastante descuidada. O santo Pontífice resolveu restituir-lhe o devido esplendor, e reunir no lugar, sob a regra de São Bento, as religiosas dispersas. Tendo também obtido êxito nesse empreendimento, doou terras às monjas a fim de assegurar-lhes a subsistência, e deu-lhes como abadêssa uma santa mulher chamada Rothilde, preparada para a vida religiosa pelo próprio recluso Humberto de Verdum. Informado dessa fundação pelo abade Achambauld, o Papa Estêvão VIII, que ocupou o trono pontifício do ano 930 a 942, confirmou-a por uma carta enviada à abadêssa Rothilde, na qual se refere com a mais terna afeição e com grandes louvores ao santo bispo de Toul, que é reverenciado no sétimo dia de setembro. (1)

\* \* \*

---

(1) Acta SS., 7 sept.

## SÃO CLODOALDO ou SÃO CLOUD

### *Sacerdote*

Tendo o jovem Clodoaldo, neto do rei Clóvis e de Santa Clotilde, sido poupado na chacina praticada por seus dois tios contra seus dois irmãos, cortou os cabelos com as próprias mãos e, renunciando ao mundo, foi procurar São Severino, que morava nas imediações de Paris, fechado numa cela, e dêle recebeu o hábito religioso. Praticou tôdas as austeridades da vida monástica e deu aos mosteiros e às igrejas tudo quanto lhe restava, ou que recebeu como herança depois de ter-se reconciliado com seus tios. Em seguida, para evitar louvores e viver ignorado dos homens, foi à Provença, onde permaneceu longamente e operou vários milagres. Regressou a Paris e foi recebido com muita alegria; a rôgo do povo, o bispo Eusébio, ordenou-o sacerdote em 561, pouco mais ou menos. Enfim, São Cloud, pois é assim que chamamos Clodoaldo, construiu um mosteiro num lugar chamado Nogent, a duas léguas abaixo de Paris, sôbre o Sena, onde terminou santamente seus dias cêrca do ano 560. (1) O mosteiro foi, depois, transformado em igreja colegial e a aldeia de Nogent, que tomou o nome de São Cloud, é agora residência

---

(1) Acta SS., 7 sept.

real; apenas o seu nome relembra, ao mesmo tempo, tudo quanto a política oferece de mais bárbaro, o morticínio dos dois jovens por seus tios, e tudo quanto a religião oferece de mais consolador para os aflitos, a felicidade, na pobreza voluntária, do terceiro jovem, que deu à terra o primeiro santo da raça dos reis francos e seu primeiro protetor no céu.

\* \* \*



São Cloud ou Clodoaldo no meio de outros santos. Segundo um afresco d'Hippolyte Flandrin, da igreja de São Vicente de Paula, de Paris. Século XIX.

## BEM-AVENTURADOS MARCOS ESTÊ- VÃO CRISIN, ESTÊVÃO PONCGRAZ E MELQUIOR GRODECZ (\*)

*Mártires em 1619*

Marcos Estêvão Crisin nasceu em 1588 em Koros, na diocese de Zagreb, na Croácia.

Filho de ótimos católicos, cedo foi enviado para o colégio dos jesuítas de Gratz, onde se sobressaiu como estudante dos mais brilhantes.

A 1.º de novembro de 1611 já era clérigo, e buscava, em Roma, o colégio germano-húngaro, onde permaneceu até novembro de 1615.

Atraído para a diocese de Gran, pelo primaz da Hungria, Pazmany, ali foi nomeado cônego e encarregado de lecionar no seminário de Tyrnau.

Em 1618, eleito administrador da abadia de Szeplak, perto de Kassa, ficou conhecendo Poncgraz, com o qual fez os Exercícios espirituais. Muitos religiosos, fugindo dos primeiros distúrbios suscitados pelos calvinistas, ali em Szeplak iam buscar refúgio.

Os primeiros anos do século XVII foram marcados, em toda a Europa oriental, por feias lutas religiosas e políticas. Bethlen Gabor, senhor da Transil-

vânia, aproveitando-se duma fraqueza do imperador Ferdinando II, entrou na Hungria e chamou às armas todos os protestantes, então numerosíssimos: revoltados contra a fé, o imperador e o papa, iniciou-se terrível perseguição religiosa.

Naqueles tristes tempos, os três bem-aventurados, cujos nomes encimam estas linhas, foram, brutalmente, sacrificados: morreram a invocar os nomes sagrados de Jesus e de Maria.

Estêvão Poncgraz, nascido em 1582 no castelo de Alvincz, na Transilvânia, filho de húngaros nobres, iniciou os estudos em Hammona. Foi prefeito de classes no pequeno pensionato e pregador.

A partir de 1618, o governador de Kassa, Doczy, pediu-lhe que se ocupasse exclusivamente com os fiéis da cidade e das redondezas.

Em julho de 1619, depois de ter feito os Exercícios espirituais, com Crisin, na iminência duma invasão, ficou em Szeplak, aguardando melhores oportunidades de deixar a abadia.

Melquior Grodecz, nascido em 1584, em Teschin, na Morávia, de pais ricos e nobres, conheceu Poncgraz no noviciado.

Mortos pela fé, crudelíssimamente, foram beatificados por Pio X a 15 de janeiro de 1905.

---

No mesmo dia, em Reims, São Vivêncio, bispo.  
Em Challons-sur-Marne, Santo Alpino, bispo, no século V.

Em Aosta, São Grato, bispo, no século V. Padroeiro da diocese de Aosta e popularíssimo nos Al-

pes, São Grato, em 470, assistiu à translação das relíquias de Inocência, mártir de Agaune.

Na Gália, São Faciolo.

Na diocese de Albi, Santa Caríssima, virgem reclusa, que viveu afastada do mundo para fugir ao casamento que os pais queriam impor-lhe. As relíquias jazem na catedral de Albi.

Em Maubeuge, Santa Modelberta, abadessa, falecida em 705. Era filha de São Vicente de Soignies e de Santa Valtrudes, e irmã de São Landry, de Adeltrudes e de São Dentelino.

Em Dickelvenne, Bélgica, Santo Hilduardo, bispo, fundador do mosteiro de São Pedro, onde faleceu em 750.

Em Hexham, na Inglaterra, Santo Alcmundo e São Tilberto, bispos. O primeiro faleceu em 781 e o segundo em 789.

Em Gubbio, na Úmbria, São João de Lodi, bispo, nascido em 1040 e falecido em 1205. Foi atraído a Nosso Senhor Jesus Cristo por Pedro Damiano.

Em Die, Santo Estêvão de Chatillon, bispo daquela cidade, desaparecido em 1208.

Em São Germer de Fly, o bem-aventurado Eustáquio, abade, falecido em 1211. Notabilizou-se pelo zelo com que pregou a cruzada na Inglaterra. Em 1203, ali foi enviado como legado pontifício para fazer observar o repouso dominical e a reverência que se deve à eucaristia.

Em Nagasaki, Japão, os bem-aventurados Tomás Tsouji, Luís e João Maki, mártires, em 1627.

Em Tyburn, perto de Londres, os bem-aventurados João Duckett e Raul Corby, mártires em 1644.

Na Nicomédia, festa de São João que, ardendo em zelo e fé, arrancou e reduziu a pedaços os editos

cruéis contra os cristãos que haviam sido afixados em praça pública; e tendo o seu ato sido relatado aos imperadores Diocleciano e Maximiano, que então se encontravam na Nicomédia, êstes ordenaram que o submetessem a tôda espécie de torturas; o generoso santo suportou-as com tanto estoicismo, que ninguém lhe notou no semblante a menor expressão de sofrimento. — Na Cesaréia, Capadócia, Santo Eupsíquio, mártir, que sob o imperador Adriano foi acusado como cristão e atirado ao cárcere, do qual saiu algum tempo depois, apressando-se em vender seu patrimônio, e do preço distribuiu parte aos pobres, parte aos acusadores, pois os considerava como benfeitores; porém, tendo sido novamente prêso, teve, sob o juiz Sapício, o corpo lacerado e transpassado por um golpe de espada que terminou seu martírio. — Em Pompeiópolis, na Cilícia, São Sozonte, mártir, que, atirado às chamas, no império de Maximiano, nelas entregou o espírito. — Na Aquilêia, Santo Anastácio, mártir. — Na diocese de Autun, Santa Rainha, virgem, que, sob o cônsul Lybruys, sofreu os rigores da prisão, do cavalete e das lâmpadas ardentes: tendo em seguida sido condenada a perder a cabeça, foi reunir-se a seu divino espôso. Em Troyes, São Nemório, diácono, e seus companheiros, mártires, que Átila, rei dos hunos, mandou trucidar. — Em Orléans, Santo Evórcio, bispo, que foi primeiramente subdiácono da igreja de Roma; depois uma pomba milagrosamente deu-lhe a conhecer que estava destinado a governar a igreja de Orléans. — Na França, Santo Autal, bispo e confessor. — Em Cápua, São Pânfilo, bispo.

## 8.º DIA DE SETEMBRO

### *Natividade da Santíssima Virgem*

É dia do nascimento da nossa Mãe. Celebremo-lo dignamente. Haverá outro mais ilustre? Ela teve como antepassados, patriarcas, reis, profetas. Ainda mais. Ela lhes foi concedida por Deus como recompensa incomparável pela sua santa vida. Foi-nos antecipadamente figurada por misteriosos prodígios: os profetas prenunciavam-na em seus oráculos. Foi a ela que se referiu de antemão a vara de Aarão, quando floresceu sem raízes; o vê-lo misterioso de Gedeão, úmido de orvalho, no meio da terra ressequida; a porta oriental vista por Ezequiel, e que só deveria abrir-se para o Senhor. Mas é sobretudo Isaías quem a anuncia, ora como o renovo principal, que deveria brotar da raiz de Jessé, ora ainda mais claramente como a virgem que deveria gerar Emanuel ou *Deus-conosco*.

Já contemplastes o nascer do sol num belo dia de primavera? Antes de surgir no seu esplendor e espargir pelo universo inteiro torrentes de luz e de fogo, o astro-rei faz-se preceder pela suave aurora. Ainda há pouco estava escuro; mas um ponto do céu começa a clarear; pouco a pouco vai como que se recamando de lírios e rosas; o lado que a princípio se tingia de branco está agora de um vermelho púr-

pura, tal se quisesse anunciar a aparição do rei da natureza. Jesus é o sol da justiça, da graça, da glória. Antes de apresentar-se para espargir sobre os homens torrentes de luz, de amor e de vida, faz-se preceder por uma suave aurora: Maria. A noite fôra longa. Os patriarcas, os profetas nela brilhavam como estrêlas, a fim de orientar nas trevas os passos do viandante. Porém, por ocasião do nascimento de Maria, as trevas desaparecem, o céu recobre-se de cores festivas, tôda a natureza se enche de júbilo: Jesus ainda não aparece, mas seus primeiros raios resplandecem em Maria como numa aurora de graça e de amor.

É uso entre crianças de boas famílias, desejar um feliz aniversário a Maria e oferecer-lhe um ramalhete. É hoje o nascimento de Maria, Nossa mãe e Nossa Rainha. Vejamos de que maneira poderemos desejar, ou melhor, proporcionar-lhe um aniversário feliz. Vejamos qual o ramalhete que poderemos apresentar-lhe. Há no pequeno jardim da nossa alma alguma flor ou algum fruto passível de agradecer-lhe?

## SÃO CORBINIANO

### *Bispo de Freising*

No início do oitavo século, havia na Baviera dois bispos famosos, São Rupert de Saltzbourg, e São Corbiniano, ambos da nação dos francos. São Rupert, ou Roberto, pertencia à raça dos reis da França e era bispo de Worms, no segundo ano de Childe-rico III, em 696. Tendo a sua reputação chegado até Teodon, Duque da Baviera, êste lhe enviou emissários para pedir-lhe insistentemente que viesse doutrinar a província do Norique. O santo bispo primeiro enviou alguns missionários, depois compareceu em pessoa; e o Duque, cheio de alegria, veio-lhe ao encontro em Ratisbona e recebeu-o com grandes honrarias. E, tendo-o instruído tanto em moral como na fé católica, São Rupert batizou-o, assim como a muitos de seus súditos, tanto nobres como plebeus. É certo que desde os tempos do rei Teodorico I, os bávaros tinham sido doutrinados na religião cristã, tal como se depreende de suas leis; porém, verificamos ao mesmo tempo, sobretudo pela capitular do Papa Gregório, que naquela nação não existia nenhuma organização de bispos sob a forma de metrópole, e, conseqüentemente, nenhuma sucessão organizada de bispos. Nessas condições bem se concebe que, sobretudo no meio das revoluções políticas do reino

da Austrásia, as gerações novas da Baviera, sem serem precisamente idólatras, nem sempre eram cristãs. Ao que o Papa Gregório II, por meio de seus legados, procurava remediar.

Tendo-se o duque Teodon convertido, prometeu a São Rupert escolher um lugar para que nêle pudesse estabelecer uma sede episcopal e construir igrejas e alojamentos para os eclesiásticos. O santo bispo embarcou pelo Danúbio e chegou às fronteiras da Panônia inferior, pregando a fé. Ao regressar, passou por Laureac, agora Lorch, outra metrópole do Norico, onde curou vários doentes por meio de suas orações, e converteu diversas pessoas. Em seguida, tendo-lhe chegado ao conhecimento que num sítio chamado Juvave existira uma porção de maravilhosos edifícios, então em ruínas e cobertos de vegetação, para lá se dirigiu pessoalmente, depois de ter pedido ao duque que lhe fizesse doação do referido lugar. De boa vontade o duque o atendeu e também lhe cedeu uma parte das terras adjacentes, numa extensão de duas léguas. São Rupert lá estabeleceu sua sede episcopal, construiu uma bela Igreja dedicada a São Pedro, com um claustro e alojamentos para os cônegos que lá celebrariam os ofícios quotidianos. Foi assim, que, à voz do seu pontífice, o antigo Juvave saiu das ruínas para novamente viver durante séculos sob o nome de Saltzburgo.

Como o santo bispo tivesse necessidade de operários para ajudá-lo a pregar o Evangelho, retornou ao seu país natal e de lá trouxe doze desses operários, assim como sua sobrinha Erentrude, que se consagrara a Deus. Construiu para ela, sôbre uma montanha vizinha, um mosteiro dedicado à Virgem, e do qual foi a primeira abadessa. Continuou a per-

correr continuamente o país inteiro, a mandar construir igrejas e a ordenar cônegos. Enfim, depois de ter designado um sucessor, morreu no ano 718, no domingo da Páscoa, 27 de março, dia em que a igreja reverencia a sua memória. (1)

São Corbiniano nasceu em Châtres, perto de Paris. Dera-se a Deus na sua mocidade e retirara-se para as imediações da igreja de Saint Germain de Châtres, onde com seus criados, formara um pequeno mosteiro. Muitas pessoas vinham receber suas instruções e faziam-lhe oferendas das quais só aceitava o necessário para viver, dando o resto aos pobres. Sua reputação chegou até Pepino, prefeito do palácio, que se recomendou às suas orações. Porém, vendo que grandes fidalgos vinham visitá-lo, Corbiniano deixou a cela após quatorze anos de reclusão e dirigiu-se a Roma, onde se apresentou ao Papa Gregório II. (2) Estava-se no ano de 716. O monge expôs ao Pontífice as suas dificuldades íntimas e o temor que o invadia de que as visitas e as dâdivas dos seculares pudessem causar a sua perdição. O Papa, porém, depois de consultar o conselho, achou necessário dar um cargo iminente a quem tão bem o merecia e ordenou-o bispo. Deu-lhe o pallium e, com a bênção de São Pedro, o poder de pregar pelo mundo inteiro. Corbiniano submeteu-se, embora com grande repulsa, e voltou a pregar pela Gália tôda com surpreendentes resultados, tanto em relação ao povo como aos monges e ao clero.

Quando se dirigia ao palácio para atender a um chamado do prefeito, que não era mais Pepino, e sim,

(1) Acta SS., 27 mart.

(2) Pagi, an 716, n.º 7.

seu filho Carlos Martelo, Corbiniano encontrou um ladrão, de nome Adalberto, que ia ser enforcado. Não tendo conseguido que a execução fôsse adiada até que falasse com o príncipe, chamou o ladrão de lado, fê-lo confessar seus pecados e prometer que se converteria e abandonaria o mundo; e, depois de fazer-lhe o sinal da cruz na cabeça e no peito, deixou-o nas mãos dos carrascos. Continuou seu caminho e finalmente suplicou ao príncipe que lhe entregasse Adalberto, vivo ou morto. Tendo conseguido o que desejava, mandou buscar o ladrão no lugar do suplício, onde, três dias depois, ainda se encontrava vivo. Adalberto, sinceramente arrependido, afeiçãoou-se ao seu libertador e foi um de seus discípulos mais fiéis. Como São Corbiniano não conseguisse suportar as homenagens que lhe eram prestadas, retirou-se para o seu antigo mosteiro de Saint Germain de Châtres, onde permaneceu ainda sete anos. Mas como a sua reputação continuasse a crescer, resolveu retornar a Roma e pedir ao Papa que o desobrigasse do episcopado e lhe permitisse viver do trabalho de suas mãos, num mosteiro, sob a direção de um superior.

Na intenção de passar desapercibido, evitou a estrada real das Gálias, e passou pela Germânia. Chegou ao Norique, onde se deteve algum tempo pregando, a fim de fortificar na fé aquêle povo recentemente convertido pelos esforços de São Rupert. Foi muito bem recebido pelo Duque Teodon, por seus filhos, e pelos fidalgos da região que, no primeiro fervor da conversão, amavam sobremaneira os bispos. O duque pediu-lhe que fôsse à sua casa e, como não conseguisse retê-lo, deixou-o partir carregado de presentes. O próprio Teodon fizera uma peregrinação a Roma, cêrca do ano 716. Seu filho Grimoaldo,

ao qual entregara o govêrno de uma província, também acolheu Santo Corbiniano quando êste por lá passou; e, tendo apreciado as lições recebidas, suplicou-lhe que não partisse, oferecendo-lhe, juntamente com seus filhos, uma parte dos seus domínios.

Chegando a Roma, São Corbiniano apresentou-se ao Papa São Gregório. Atirou-se aos seus pés. O Papa fê-lo sentar-se ao seu lado; e, depois de oferecer-lhe valiosos presentes, o santo bispo expôs-lhe tudo quanto lhe desagradava na sua nova vida, falou-lhe dos bens e das honrarias com que o cumulavam, sem que nem a clausura, nem os muros o resguardassem dos profanos; conjurou o Sumo Pontífice, com lágrimas, que o desligasse da dignidade com que a Santa Sé o sobrecarregara, e lhe permitisse fechar-se num mosteiro, ou lhe desse, num bosque afastado, algum pedaço de terra para cultivar. O papa despediu-o, cheio de admiração pela sua humildade, e reuniu um concílio, onde foi unânimeamente decidido que Corbiniano devia regressar à sua sede. O papa mandou chamar o santo homem que, impossibilitado de resistir às razões dos assistentes e à autoridade de Gregório II, retirou-se de Roma muito triste e voltou para a Baviera.

Foi detido pelos guardas que o Duque Grimoaldo postara na fronteira com ordens para não deixá-lo passar sem que promettesse ir visitar o duque. Porém, ao chegar diante do palácio, o santo homem mandou dizer a Grimoaldo que só o veria se êle deixasse Piltrude, viúva de seu irmão Teobaldo, com quem se casara. E como o príncipe não obedecesse, perseverou na sua recusa, alcançando-o incessantemente com as suas recriminações a fim de conduzi-lo à penitência. Ao cabo de quarenta dias, Grimoaldo

e Piltrude prometeram separar-se, e o santo bispo mandou-os vir à sua presença. Prosternaram-se e, beijando-lhe os pés, confessaram que haviam pecado gravemente. Santo Corbiniano pousou as mãos em suas cabeças, nelas traçou o sinal da cruz, impondo-lhes como penitência, esmolos, jejuns e orações. Em seguida, entrou no palácio e sentou-se com êles à mesa. Estabeleceu sua sede em Freising, onde mandou construir uma igreja dedicada à Santa Virgem e a São Bento, com monges para rezarem os ofícios. Tal foi o início das igrejas da Baviera.

Malgrado tôda a sua santidade, Corbiniano era um pouco arrebatado. Jantando certo dia em companhia do príncipe, abençoou os alimentos servidos na mesa. O príncipe, que se distraíra, atirou um bocado ao seu cão favorito. Imediatamente o santo homem derruba a mesa com um ponta-pé, dizendo que quem atirava a um cão semelhante bênção não era digno dela, e que, dêsse dia em diante, não comeria mais na sua companhia. Profundamente ferido por tê-la, o santo, com as suas admoestações, separado do príncipe, Piltrude aproveitou a ocasião para acusá-lo de crime de lesa-majestade, merecedor da morte. O duque pensava de forma diferente. Mandou fechar as portas da cidade, temeroso de que o homem de Deus, na sua cólera, dela se retirasse. E, acompanhado dos maioraes da côrte foi atirar-se aos pés de Corbiniano, e à custa de rogos e de protestos, conseguiu que lhe fôsse concedido o beijo da paz.

Noutra ocasião, quando se dirigia ao ofício da noite na Igreja de Santa Maria, o santo bispo encontrou no caminho uma camponesa que se retirava carregada de ricos presentes. Já fôra apontada como dada à prática de sortilégios. Interrogou-a sôbre a razão

daquela viagem. Respondeu ela que como o filho do príncipe estava sendo atormentado pelo demônio, ela o curara com os seus encantamentos, e por causa disso recebera os presentes que levava. Horrificado, o bispo desceu do cavalo, espancou a mulher com suas próprias mãos, arrancou-lhe tudo quanto carregava e que distribuiu entre os pobres, à entrada da cidade. Mais do que tudo lamentava a infidelidade do príncipe. No fundo, Grimoaldo era mais fraco do que mau; sua incestuosa espôsa, porém, resolveu matar o bispo, e deu ao seu secretário Ninus ordens nesse sentido. Informado, o bispo refugiou-se num castelo. Tendo ciência das ciladas de sua mulher e da partida do bispo, o duque mandou pedir humildemente a êste último que voltasse. Recusou-se o santo homem, dizendo que precisava evitar as emboscadas de Jezabel. Algum tempo depois faleceu o jovem príncipe, para a cura do qual tinham sido empregados sortilégios; o Duque Grimoaldo foi morto por conspiradores; Ninus, que fôra incumbido de assassinar o bispo, sofreu morte vergonhosa; Piltrude foi levada cativa por Carlos Martel, despojada de todos seus bens, e seus filhos privados do reino e da vida. O Duque Humberto, que sucedeu a Grimoaldo, mandou chamar o homem de Deus com as maiores honrarias, testemunhou-lhe sempre a mais profunda veneração e fêz questão de que fôsse padrinho de um de seus filhos.

Tendo tido conhecimento antecipado do dia da sua morte, São Corbiniano preveniu o Duque Humberto, a fim de obter permissão para que seu corpo fôsse sepultado no lugar por êle indicado. Quando chegou o dia designado, banhou-se, mandou cortar os cabelos e a barba, vestiu os trajes pontifícios, cele-

brou o santo sacrificio, recebeu de suas próprias mãos o santo viático, retornou à casa, bebeu um pouco de vinho e, em seguida, sem experimentar a menor dor, fêz na frente o sinal da cruz e entregou a alma a Deus no dia 8 de setembro de 730, dia em que a Igreja reverencia a sua memória. O bispo Aribon, que foi seu terceiro sucessor na sede de Freising, escreveu a vida do santo bispo. (3)

\* \* \*

---

(3) Acta SS., 8 sept. Act. ord. Bened. 3, paos 1.

## SANTOS EUSÉBIO, NÉSTABO E ZENO (\*)

### *Mártires*

(362?)

Três irmãos, Eusébio, Néstabo e Zeno (*História Eclesiástica* de Sozomeno, V, IX), foram aprisionados pela populaça de Gaza, na Palestina, numa casa em que, para tratar das coisas de Deus, costumavam esconder-se.

Presos, foram flagelados, torturados de maneiras várias. A turba, excitada, arrancando-os do cárcere, fêz o resto: retalhou-os, depois de torturá-los brutalmente, amassando-lhes o crânio, cuja massa encefálica correu pela terra.

Levados para o lugar em que se atiravam os animais mortos, queimaram os três irmãos. E os ossos que haviam resistido ao fogo, foram misturados aos dos camelos e burros que por lá jaziam espalhados.

Deus, porém, não quis que aquelas relíquias ficassem assim perdidas, e inspirou uma mulher, cristã, não de Gaza, mas ali residente, para que, reconhecendo-os rapidamente, recolhesse os ossos dos mártires tão baramente trucidados.

Ora, em Gaza vivia um outro Zeno, primo dos torturados, e a êle a mulher entregou as relíquias. Êste Zeno, que mais tarde se tornou bispo de Antedon, sob Teodósio, depositou-as numa basílica que fizera alevantar, juntamente com as de São Nestor, que veremos abaixo.

\* \* \*

## SÃO NESTOR (\*)

*M á r t i r*

(362?)

Este São Nestor foi amigo íntimo dos três santos que vimos acima. Prêso também pela população enfurecida, com Eusébio, Néstabo e Zeno, na prisão padeceu as mesmas torturas.

Como era belo e de apolíneas proporções, foi poupado pelos carrascos. Jazia, porém, gravemente ferido. E como o tivessem deixado livre, buscou a casa do Zeno que depois seria bispo de Antedon, primo dos três irmãos mártires, e ali faleceu.

É possível que não tenha morrido no mesmo dia que os três amigos: debaixo dos cuidados que lhe dispensaram, talvez tenha sobrevivido aos companheiros, por pouco tempo, porém.

---

No mesmo dia, em Valença, na Espanha, a morte de São Tomás de Vilanova, da ordem dos ermitães de Santo Agostinho, bispo e confessor, notável pela ardente caridade para com os pobres. Foi inscrito no número dos santos pelo papa Alexandre VII. A festa celebra-se a 22 de setembro.

Na Inglaterra, São Kingsmark ou Cynfarch (século V?). Chefe escocês, teria vivido no País de Gales.

Em Landreville, na diocese de Langres, Santa Belina, virgem e mártir, em época desconhecida. Uma pequena capela dedicada a esta Santa atrai peregrinos nas segundas-feiras do Pentecostes. Teria sido construída onde fôra a sua casa, perto duma fonte, lugar do martírio: filha de agricultores, cuidava do pequeno rebanho dos pais; foi assassinada por um jovem que se apaixonara por sua beleza.

Em Martres, na diocese de Tolosa, São Vidiano, mártir, cujas lendas, contraditórias, dizem, uma, que foi martirizado pelos gôdos arianos, e outra, mais popular, que foi trucidado pelos sarracenos.

Em Zwolle, na Holanda, o bem-aventurado Alão de la Roche, dominicano, nascido na Grã-Bretanha em 1428. Tomou o hábito dominicano em Dinan, diocese de São Malo. Estudou em Paris e ensinou de 1461 a 1462. Enviado a Lille, Douai, Gand e Rostock, faleceu em Zwolle, em 1475, com quarenta e sete anos. Era piedosíssimo, de imaginação exaltada, usando, às vêzes, linguagem excêntrica. Fundou confrarias do Rosário: a primeira em 1470, em Douai.

Em Nagasaki, no Japão, os bem-aventurados Antônio de São Boaventura, Domingos Castellet e companheiros, mártires, em 1628.

Em Nicomédia, Santo Adriano, com vinte e três outros santos mártires que, depois de padecerem vários suplicios, tendo tido as pernas despedaçadas sob os imperadores Diocleciano e Maximiano, consumaram

o martírio no dia 4 de março. Os cristãos levaram suas relíquias para Bizâncio e deram-lhes sepultura honrosa. Mais tarde, o corpo de Santo Adriano foi levado para Roma nesse mesmo dia particularmente consagrado pela Igreja à sua memória. — Na Alexandria, os santos mártires Amão, Teófilo, Neotério, e vários outros, em número de vinte e dois. — Na Antioquia, os santos Timóteo e Fausto, mártires.

\* \* \*

## 9.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO TEÓFANO

*Abade de Constantinopla*

*Mencionado a 12 de Março*

Era patricio, nascido de pais ricos e virtuosos. Tendo contratado casamento com a idade de doze anos obrigaram-no mais tarde a contrair matrimônio; porém, êle persuadiu a espôsa a viver na continência. Tanto um como o outro abraçaram a vida monástica: ela, no mosteiro da ilha de Príncipe; êle, no mosteiro de Singriana. Ocupava-se na cela em copiar livros. De Singriana, transferiu-se para a ilha de Calonima, onde fundou um mosteiro. Construiu um segundo ao lado de Singriana, num lugar chamado Campo Grande e do qual foi abade. Convidado a apresentar-se ao segundo concílio de Nicéia, juntamente com outros padres, lá compareceu, não com belos cavalos e roupas luxuosas, como os outros, mas montado num jumento e vestido como de costume com um sacco e um cilício. Seu amigo chamado Jorge, sincelo ou camareiro do patriarca Taraise, iniciara uma *Cronografia* ou *Resumo da História Universal*, desde a criação do mundo até o ano 800. A morte não lhe permitiu

chegar ao império de Diocleciano. Porém, desejando que sua obra não fôsse interrompida, pediu ao santo amigo Teófano que a continuasse. Jorge, sincelo, também abraçara o estado eclesiástico na mocidade; seu zêlo pela defesa das santas imagens lhe mereceu o ódio dos iconoclastas, que o torturaram de diversas maneiras. Conservou durante muito tempo a marca das pancadas recebidas. Anastásio, o Bibliotecário, faz seu elogio, dizendo que foi aprovado pela Sede Apostólica e louvado no sétimo Concílio Geral. (1)

São Teófano também foi perseguido por causa das santas imagens; sob Leão, o Armênio, ou o Iconoclasta, foi conduzido a Constantinopla, embora estivesse muito doente. O imperador, que se empenhava em conquistá-lo, colocou-o em presença de João Lecanomante, que os iconoclastas reputavam muito forte em controvérsia, mas êste não conseguiu abalar o santo bispo. Então o imperador mandou encarcerá-lo no palácio de Eleutério, numa estreita masmorra; lá permaneceu dois anos, tendo a sua doença progredido enormemente por falta de trato. Sua morte deu-se aproximadamente em 819.

\* \* \*

---

(1) Ceiller, t. XVIII, Acta SS., 12 mart.

## SÃO KIERAN (\*)

### *Abade*

São Kieran foi abade de Clonmacnoise. Clonmacnoise foi um grande mosteiro e centro de grandíssima cultura. São Kieran foi seu fundador.

Kieran, cujo nome significa, o *Filho do Carpinteiro*, foi formado por Enda ou Endeú, no mosteiro de Aranmore, e por Finnian, em Clonard, no Meath, perto de Boyne.

A lenda fêz de São Kieran um dos doze apóstolos da Irlanda.

Clonmacnoise foi fundado por volta de 548. Crê-se que o santo faleceu pouco depois, a menos de um ano do mosteiro ser erigido. Sentindo-se próximo do fim, suplicou aos irmãos que o levassem para fora, para o ensolarado duma tarde maravilhosa que se iniciava.

Pôsto cuidadosamente na relva, olhou demoradamente para o azul do céu, suspirou e exclamou, doridaamente:

— É difícil alcançar aquêlé alto!

Os monges olharam-no docemente, e um dêles, docemente, respondeu:

— Não para ti, pai!

Conta-se que, pouco depois do mosteiro ser fundado, no coração mesmo da Irlanda, na margem

esquerda do Shannon, ao sul do lago chamado Ree, estava São Kieran, com alguns monges, numa ilha dêste lago, quando ouviu a voz dalguém, de timbre estranho e muito forte, que parecia chamar, gritando, da margem. Como que tocado, inspirado por tais gritos, Kieran ordenou que lhe trouxessem quem assim lançava os chamamentos, porque queria fazer do dono daquela voz, fôsse quem fôsse, seu sucessor.

Partiram alguns monges, e logo retornaram, dizendo que se tratava dum jovem meio selvagem. Kieran insistiu para que o trouxessem. Junto do jovem, achando-o vivo, levou-o consigo. Com efeito, inteligente e bem dotado, o bom Kieran tonsurou-o. E o jovem discípulo, morto o mestre (549?), tornou-se abade.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADA SERAFINA SFORZA (\*)

### *Clarissa*

Chamava-se, no século, Sueva Montefeltro e era filha de Güido Antônio, conde de Urbino, e de Catarina Colonna, sobrinha do papa Martinho V.

Nascida no ano de 1432, viu-se órfã bem cedo. Educada em Roma, na casa dum tio, irmão de sua mãe, casou-se, em 1448, com Alexandre Sforza, senhor de Pesaro — Marca de Ancona.

Alexandre era viúvo e tinha dois filhos. Nove anos depois, de repente, Sueva foi constrangida a encerrar-se entre as clarissas de Pesaro. Por que?

Com o consentimento do marido, ou mesmo com uma ordem do espôso, ali entrou a professar sob o nome de Serafina e se tornou abadessa em 1475: a história tradicional quer que Alexandre, para poder viver, sem interferências, com outra mulher, assim se desembaraçou de Sueva, acusando-a de crimes imaginários.

Tendo levado vida deveras edificante, Serafina faleceu santamente em 1478. Em 1810, teve o corpo transportado para a catedral de Pesaro.

---

No mesmo dia, em Apiacum, diocese do Mans, Santo Ulfage, ermitão. Nascido na comuna de São Bomer, viveu no século VI ou VIII.

Na Bretanha, Santa Onena, virgem (século VII?). Tida como filha do rei Judael, Santa Onena é particularmente honrada em Treoranteuc, sendo invocada contra a hidropisia.

Festa de Santa Osana ou Osmana, virgem.

Em Croyland, Inglaterra, São Betelino, ermitão, no século VIII, o qual teria sido discípulo de São Guthlac.

Em Wilton, também na Inglaterra, Santa Wulftrudes, abadessa, falecida no ano 1000. Conhecida também como Wulfrita, Wulfrida ou Wilfrida, foi casada com o rei Edgar, ao qual deu uma princesa, Santa Edite, que morreu aos vinte e três anos, como monja de Wilton, a 16 de setembro de 984. Pouco depois Wulftrudes tomava o hábito no mesmo mosteiro.

Em Londres, Santa Wulfilda, abadessa de Barking. Nascida em 940, foi confiada, bem jovem, às monjas de Wilton. Edgar, o rei, seduzido por sua beleza, quis casar-se com ela, mas não conseguiu levá-la ao consórcio. Convertido pela Santa, em 961, casar-se-ia com Wulftrudes, depois, em 964, com Elfrida. Faleceu entre 1000 e 1003, e repousa no convento de Barking, que o rei lhe indicou, fundado em 666, perto de Londres.

Na Espanha, Santa Maria de la Cabeza, viúva, no século XII. Casada com Santo Isidoro, o lavrador, levou vida simples, humilde e cheia de trabalho.

Em Savigny, Normandia, o bem-aventurado Godofredo, abade, falecido, ao que se supõe, em 1138. Diz-se dele, filho dum çavaleiro que tinha

o seu castelo em Bayeux, que, inteligentíssimo, aprendia numa semana o que os demais colegas levavam um ano para assimilar.

No dia nove de setembro, na Nicmédia, os santos mártires Doróteo e Gorgônio que, ocupando altas posições na côrte de Diocleciano, manifestaram sua repulsa pela perseguição feita aos cristãos e por isso foram, na presença do imperador e por ordem do mesmo, suspensos e dilacerados com azorragues; depois derramaram-lhes vinagre e sal nas vísceras descobertas, assaram-os numa grelha ardente e finalmente foram estrangulados com uma corda. Mais tarde o corpo de São Gorgônio foi levado para Roma, e enterrado na Via Latina, de onde o transferiram para a Igreja de São Pedro. — A trinta milhas de Roma, no país dos Sabinos, os santos mártires Jacinto, Alexandre e Tibúrcio. — Em Sebaste, Santo Severiano, soldado do imperador Licínio. Como santo costumasse visitar os quarenta mártires no cárcere, foi, por ordem do presidente Lysias, erguido no ar com enorme pedra nos pés, moído de pancadas e dilacerado de maneira bárbara e contínua. Nesse tormento entregou a alma. — No mesmo dia, São Estratão, mártir, que foi amarrado entre duas árvores recurvadas e desmembrado por amor a Jesus Cristo. — Ainda os santos Rufino e Rufiniano, irmãos. — Em Roma, São Sérgio, papa e confessor.

## 10.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO NICOLAU DE TOLENTINO

O mais ilustre santo que a ordem dos eremitas de Santo Agostinho produziu no décimo-terceiro século foi São Nicolau Tolentino, assim chamado por ter passado a maior parte da vida na cidade de Tolentino, na qual faleceu. Nasceu cêrca do ano 1246, em Santo Ângelo. Seus pais eram pouco favorecidos em relação a bens de fortuna; mas eram ricos em virtudes. Consideraram aquêle filho como fruto de uma peregrinação que haviam feito às relíquias de São Nicolau de Bari. Deram-lhe no batismo o nome do santo pela intercessão do qual lhe atribuíam o nascimento.

Nicclau, desde a infância, parecia ser uma criança abençoada. Passava horas seguidas em preces e fazia-o com estranha compenetração. Ouvia a palavra de Deus com santa avidez, e era de uma modéstia que encantava a todos quanto o viam. Cheio de terna caridade para com os pobres, levava-os à casa paterna, a fim de partilhar com êles o que recebia para a sua subsistência. Impôs-se o dever de praticar a mortificação; contraiu, numa idade ainda tenra, o hábito de jejuar três dias por semana e depois a êsses acrescentou mais um. Nessas ocasiões, só se

alimentava de pão e água; e a única refeição que fazia era muito leve. Não se observavam nêles as fraquezas e as paixões comuns à infância. Seu maior prazer era ler livros de piedade, entreter-se com coisas espirituais e ocupar-se com as práticas religiosas. Seus pais, encantados com essas felizes disposições, empenharam-se em cultivá-las e aperfeiçoá-las.

Como aliava à vivacidade do espírito excelente memória e julgamento sólido, fêz rápidos progressos no estudo. Tendo-se-lhe os merecimentos tornado conhecidos, foi provido com um canonicato na Igreja de São Salvador, em Tolentino, antes mesmo que houvesse deixado as escolas públicas. Nada divisou, no gênero de vida que ia abraçar, a não ser a liberdade que lhe seria facultada para entregar-se ao seu pendor pela prece. Porém, seu coração ainda não se sentia satisfeito. Suspirava pelo momento em que poderia consagrar-se a Deus sem reservas nem interrupções.

Ao ouvir um eremita de Santo Agostinho pregar sobre as vaidades do mundo, sentiu ainda mais fortemente confirmada a resolução que tomara de viver numa completa reclusão. Acreditou, pois, que deveria ingressar na ordem daquele pregador, cujas palavras tão profundamente o haviam impressionado. Não tardou em apresentar-se ao convento de Tolentino, onde vestiu o hábito. Depois do noviciado, feito com extraordinário fervor, pronunciou seus votos sem ter ainda completado dezoito anos. Considerava-se o último da comunidade, e procurava fazer em tudo a vontade de cada um de seus irmãos, a fim de aprender a matar inteiramente a sua. Seu amor pelas

humilhações fazia-o procurar as mais abjetas tarefas da casa. Era de temperamento tão brando e de tão uniforme igualdade de alma, que nunca deixava transparecer a menor impaciência, nem jamais saiu de seus lábios a menor murmuração. Demonstrava através de jejuns e de outras mortificações o ódio que lhe merecia uma carne corruptível. Ainda hoje podem ser admiradas em Tolentino as disciplinas e os outros instrumentos de penitência de que se servia. Pão grosseiro e algumas raízes compunham-lhe as refeições; deitava-se na terra nua e tinha uma pedra como traveseiro. Havendo adoecido, seu superior ordenou-lhe que comesse um pouco de carne; obedeceu, mas pediu com lágrimas a permissão, que lhe foi concedida, de continuar a observar a abstinência. Enviaram-no sucessivamente a vários conventos da mesma ordem; foi ordenado sacerdote no de Cingole.

Dessa data em diante seu fervor ainda mais se acentuou. No altar, seu rosto inflamava-se de amor e abundantes lágrimas lhe corriam dos olhos. Convidados da sua grande santidade, todos faziam questão de assistir à missa rezada por êle. As secretas comunicações entre sua alma e Deus, sobretudo quando saía do altar ou do confessionário, faziam-lhe saborear por antecipação as delícias da beatitude celeste. Passou os últimos trinta anos de sua vida em Tolentino, onde suas prédicas produziram frutos surpreendentes. Pregava quase todos os dias e os mais endurecidos pecadores se convertiam. Ninguém, tanto em particular como em público, conseguia resistir à insinuante doçura de suas palavras. Dedicava à oração e à contemplação todo o tempo que lhe

sobrava das funções do seu ministério. Foi favorecido com várias visões, e operou diversos milagres. Morreu no dia 10 de setembro de 1308, depois de ter sido provado por longa e implacável moléstia. Eugênio IV canonizou-o no ano de 1446. Sepultaram-no na mesma capela em que costumava rezar a missa, e os fiéis muito devotamente lhe visitam o túmulo. (1)

\* \* \*

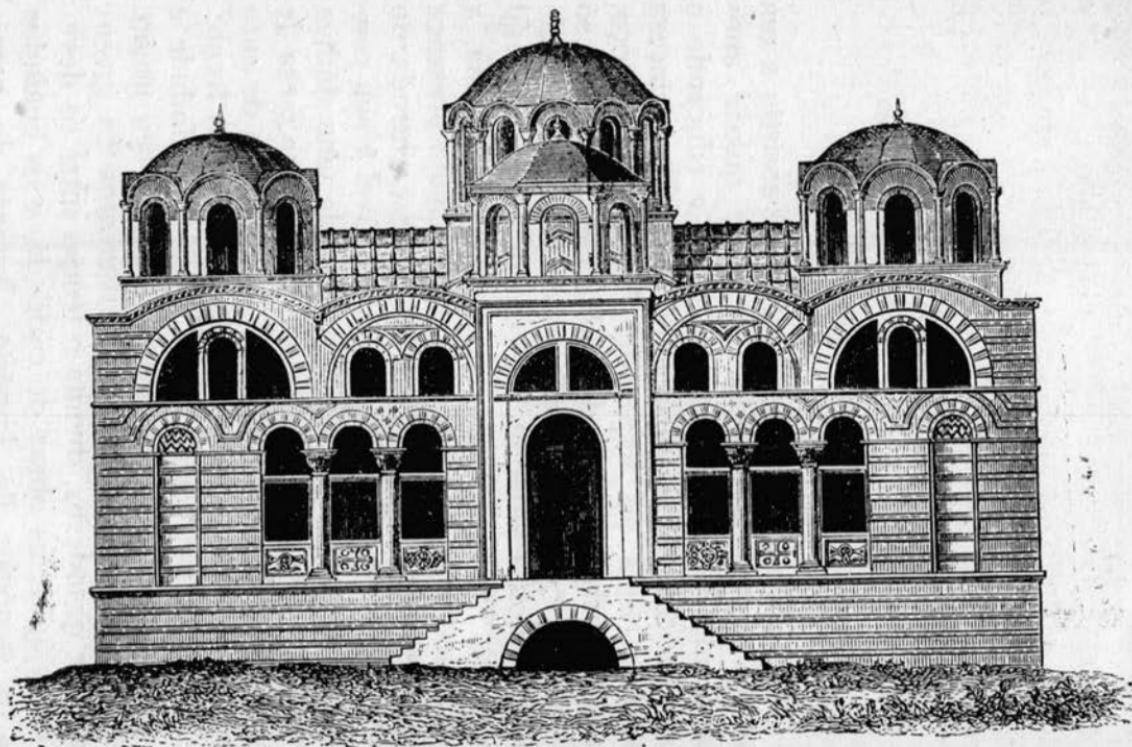
---

(1) Godescard, e Acta SS., 10 sept.

## SANTA PULQUÉRIA

### *Virgem e Imperatriz*

No século quinto, Constantinopla assistiu a um prodígio muito raro: uma jovem de quinze anos governando o Império com sabedoria e educando o imperador com felizes resultados. Era ela a princesa Pulquéria, irmã do Imperador Teodósio, o moço. Quando morrera o pai de ambos, Arcádio, ela só contava nove anos e o irmão sete. Com a idade de quatorze anos, Pulquéria fêz voto de virgindade, tal como suas irmãs mais novas, Arcádia e Marina, a fim de que nenhum homem estrangeiro, cuja presença pudesse suscitar ciúme e revolta, tivesse entrada no palácio. Para conferir caráter irrevogável à sua consagração, tornou-a pública por meio de uma dádiva que ofertou à igreja de Constantinopla: uma mesa de altar admiravelmente trabalhada, enriquecida de ouro e pedrarias: lia-se numa inscrição gravada na frente, que era oferecida como penhor da sua virgindade e em prol da prosperidade do reinado de seu irmão. Desinteressada de todos os divertimentos da juventude, e de grandezas, dividia o tempo entre os deveres da religião, as obras de caridade, e os cuidados com os negócios do Império. Amante da prece, entoava com suas irmãs louvores a Deus, dia e noite, em horas regulares. Comia juntamente com elas e só



Igreja Theotokos, de Constantinopla.

na companhia das mesmas saía de casa. De temperamento acessível, generosa para com os pobres, respeitosa com os bispos, mandou construir um grande número de igrejas, de hospitais e de mosteiros; e jamais essas piedosas fundações custaram um suspiro ao povo. Em 414, com a idade de quinze anos, foi por seu irmão associada ao Império.

Eis a pintura que faz da sua administração um autor moderno, cuja aversão ao cristianismo não pode torná-lo suspeito de lisonja. "A devoção não impedia Pulquéria de velar com infatigável atenção pelos negócios do govêrno, e essa princesa é a única dentre os descendentes do grande Teodósio que parece ter herdado uma parcela da sua coragem e das suas qualidades. Falava correntemente as línguas grega e latina, de que se servia com elegância nos discursos e escritos relativos aos negócios públicos. A prudência presidia sempre às suas deliberações; tinha a execução pronta e firme. Movimentando sem ruído, nem ostentação, as engrenagens do govêrno, discretamente atribuía ao gênio do imperador a prolongada tranqüilidade do seu reino. Nos últimos anos da sua vida pacífica, a Europa sofreu muito com a invasão de Átila; contudo, a paz continuou a reinar nas vastas províncias da Ásia. Teodósio, o Moço, nunca se encontrou diante da cruel necessidade de combater ou punir um súdito rebelde; e, se não podemos enaltecer um excepcional vigor na administração de Pulquéria, a brandura dessa administração próspera merece ao menos alguns elogios." Assim se expressa o inglês Gibbon. (1) Quanto à falta de vigor que parece censurar na princesa, êle se contradiz a si mesmo,

(1) Gibbon, Hist. de la décad. de l'emp. rom. C. XXXII, t. VI.

pois começou reconhecendo-lhe uma execução "pronta e firme".

Pulquéria velava com igual solicitude pela educação do imperador, seu irmão. Um plano de estudos e de exercícios judiciosamente organizado dividia-lhe o tempo entre a equitação, o tiro à flexa e o estudo da gramática, da retórica e da filosofia. Proporcionou ao irmão os melhores mestres do oriente; além disso, deu-lhe como condiscípulos alguns meninos das primeiras famílias, a fim de estimulá-lo com o exemplo dos pequenos companheiros. Quanto à religião, aos costumes e à arte de governar, ela própria se incumbiu de instruí-lo. Ensinou-lhe com particular desvêlo a aparecer em público com gravidade e dignidade, a fiscalizar o andar e as atitudes, a interrogar acertadamente, a mostrar-se brando ou severo, segundo a ocasião.

Essa educação produziu, em grande parte, bons resultados. Teodósio distinguiu-se nos exercícios militares; adquiriu um conhecimento pouco comum das letras, das ciências e das belas-artes; e foi sinceramente piedoso. Levantava-se muito cedo para cantar com suas irmãs louvores a Deus. Sabia de cor as Santas Escrituras e delas se entretinha constantemente com os bispos. Possuía uma biblioteca de livros sagrados e de todos seus intérpretes. Jejuava com freqüência, principalmente às terças e às sextas-feiras, sofria pacientemente o frio e o calor, e nada tinha da indolência dos príncipes nascidos na púrpura. Sobretudo era bom e humano. Tão insensível ao aguilhão da cólera como às seduções da voluptuosidade, nunca ouviu os ditames da vingança. Tendo-lhe um de seus cortesãos indagado porque nunca punira com a morte uma ofensa que lhe fôsse pessoal,

respondeu: "Não é difícil mandar matar um homem, mas só Deus pode ressuscitá-lo". Nunca permitiu que um criminoso fôsse executado na cidade onde se encontrava: a graça sempre chegava antes que o culpado houvesse alcançado o lugar do suplício. Não aprovava as perseguições violentas contra os heréticos; preferia que os bispos se empenhassem em conquistá-los e que preservassem para a Igreja a glória da doçura que lhe é própria. (2) Enfim, só lhe faltou para ser um grande príncipe o gênio e o caráter viril de sua irmã.

Era precisamente o que lhe faltava. Em consequência, sua piedade degenerava algumas vezes em vãos escrúpulos: prova-o o seguinte relato de Teodoro. Um monge excessivamente ousado pediu-lhe certa graça; tendo esta lhe sido negada por diversas vezes, excomungou o Imperador e retirou-se. De regresso ao palácio, à hora da refeição, Teodósio disse que não comeria enquanto não fôsse absolvido daquela excomunhão e mandou pedir ao bispo que ordenasse ao monge absolvê-lo. O bispo mandou dizer-lhe que não se impressionasse com a excomunhão lançada por um indivíduo qualquer, e que o declarava livre de tal excomunhão. Mas o Imperador não se deu por satisfeito enquanto o monge não foi encontrado, o que não foi fácil, e não o restabeleceu na comunhão. (3) Disso decorre, também, a sua facilidade em deixar-se governar pelos eunucos, e em assinar em confiança tudo quanto lhe apresentavam. Mais de uma vez sua irmã lhe apontou os inconvenientes dessa inconsiderada confiança: obsti-

(2) Soc., I. VII, c. XLII.

(3) Teod. I. V, c. XXXVI e XXXVII.

nadamente êle os negava. Para convencê-lo de uma vez por tôdas, e fazê-lo corar de sua perigosa negligência, Pulquéria apresentou-lhe certo dia um documento, que êle assinou, como costumava fazer, sem ler. Ora, era um ato pelo qual vendia como escrava a imperatriz, sua espôsa.

A história da ascensão dessa imperatriz é das mais romanescas. Tendo Teodósio completado vinte anos em 425, Pulquéria procurava encontrar por todo o império uma espôsa para êle, que fôsse digna do trono, quando uma jovem ateniense chegou a Constantinopla, trazida pela desgraça. Era filha de Leôncio, célebre sofista de Atenas. Seu pai, que nela vira uma criatura excepcionalmente dotada pela natureza, esmerara-se em cultivar-lhe o espirito. Obtivera bem melhores resultados com a sua educação do que em relação aos dois filhos, cujo único mérito consistia em serem irmãos de Atenais: era êste o nome da donzela. Leôncio era rico; morreu, tendo feito êste estranho testamento: "Deixo todos meus bens aos meus dois filhos Valério e Génésio, sob a condição de darem à sua irmã cem moedas de ouro; quanto a ela, bastam-lhe seus méritos, que a colocam acima do sexo a que pertence." As cem moedas de ouro representavam apenas mil francos. Atenais, deserdada pela mesma razão que torna os outros pais mais generosos, primeiramente pediu aos irmãos que reparassem aquela injustiça e lhe entregassem a parte que legítimamente lhe cabia, invocando-os em testemunho de como não merecera semelhante desfavor, e demonstrando-lhes que a sua indigência representaria para êles, se não o motivo de mortificação, pelo menos uma censura contínua. Como única resposta, expulsaram-na do lar paterno. Refugiou-se em casa de uma

tia, que a levou para Constantinopla, a fim de lá solicitarem a anulação do testamento. Dirigiram-se à princesa Pulquéria.

Atenais era dotada de extraordinária beleza; expôs as suas queixas de maneira tão graciosa e enternecedora, que a princesa ficou tão encantada com a sua inteligência como pela sua beleza. Pulquéria informou-se sôbre o seu comportamento e ficando consciente de que era irrepreensível, acreditou ter encontrado naquela jovem o objeto das suas buscas. Imediatamente pôs o irmão a par da sua feliz descoberta. Depois de ver e ouvir Atenais, Teodósio concordou com sua irmã. O casamento foi tratado. Atenais, ainda pagã, foi doutrinada e batizada pelo bispo Atticus, que lhe deu o nome de Eudóxia. As núpcias realizaram-se no dia 7 de junho de 421. No ano seguinte, Eudóxia pôs no mundo uma filha, que mais tarde se casou com o Imperador Valenciano III. Recebeu o título de augusta no dia 2 de janeiro de 423. Tendo chegado ao conhecimento dos irmãos de Atenais que esta se tornara espôsa do soberano, êles fugiram e ocultaram-se. Mais generosa do que o tinham sido, Eudóxia mandou-os vir a Constantinopla e elevou-os aos primeiros postos do Império. Guardou no trono o gôsto pelas letras e traduziu em versos os cinco livros de Moisés: Josêu, os Juizes, Ruth, as Profecias de Daniel e de Zacarias. Photius destaca, nos seus trabalhos, a beleza da poesia unida à fidelidade da tradução. (4)

Tendo o Imperador Teodósio falecido em 28 de julho de 450, sua irmã Pulquéria, que fôra nomeada

---

(4) Soc., I. VII, c. XVI Evang. 11, c. XX. Phot. cod. 80, 183 e 184, Hist.

imperatriz havia muito anos, imediatamente tomou as rédeas do govêrno. Nesse tempo havia no exército romano um antigo general elevado à dignidade de senador; seu nome era Marciano. Nascera na Trácia, de família obscura, mas ligada à religião católica e à profissão das armas. No mesmo dia em que partira para alistar-se no serviço militar, encontrara no caminho o cadáver de um homem que acabava de ser assassinado. Como era naturalmente bom, detivera-se para dar uma sepultura ao infeliz. Surpreenderam-no ainda ocupado com aquela piedosa tarefa e tomaram-no pelo assassino; denunciado aos magistrados, foi levado para a prisão e interrogado. Protestara a sua inocência; mas as suspeitas contra êle eram tão fortes, que ia ser condenado, quando o verdadeiro culpado fôra detido; êste, com a confissão do crime, salvara a vida do jovem voluntário. Após várias campanhas, Marciano ligou-se ao general Ardaburo, que mais tarde o cedeu a seu filho Aspar na qualidade de secretário e de capitão da guarda. Ardaburo e Aspar eram então os mais célebres generais do império do Oriente. Marciano tomou parte na infeliz expedição de Aspar contra os vândalos e foi feito prisioneiro. Genserico, porém, acabou dando-lhe liberdade honrosa porque, certo dia, vendo-o dormir no chão, ao sol, avistou nos ares uma águia que permanecia de asas desdobradas, imóvel, para assim cobri-lo com a sua sombra. Pelo menos é o que relatam os historiadores gregos. (5) Marciano continuou a distinguir-se tanto pelo seu valor como por sua modéstia e piedade. Chegou com os seus merecimentos ao pôsto de senador e à dignidade de

---

(5) Procop. Vandal I, l. c. III et IV. Teófane.

tribuno ou de marechal de campo. Perdera a espôsa e tinha apenas uma filha, chamada Eufêmia, que mais tarde se casou com aquêlê Anthemius, que alcançou a dignidade imperial no ocidente.

Tal era Marciano com a idade de cinqüenta e oito anos quando, poucos dias após a morte de Teodósio, a imperatriz Pulquéria mandou chamá-lo em particular para fazer-lhe uma inesperada comunicação: considerando as suas qualidades, escolhera-o entre todos os senadores para entregar-lhe a chefia do império e também para seu espôso, sob a condição que lhe permitisse permanecer virgem, respeitando o voto por ela pronunciado. Tendo-o Marciano prometido sob juramento, Pulquéria convocou o bispo, o senado, os principais oficiais da côrte e do exército e declarou-lhes que escolhera Marciano para Imperador e seu espôso. Tal escolha foi aprovada por todo o império. Valenciano, a quem não tinham tido tempo para consultar, prazerosamente deu o seu consentimento. O novo imperador foi solenemente aclamado no dia 24 de agôsto de 450.

Nessa época o Papa São Leão, juntando a doçura, a firmeza, a sabedoria, a autoridade, mantinha no Ocidente a paz e a lei, e para elas conduzia todo o Oriente; tarefa em que era admiravelmente secundado pelo imperador e pela imperatriz de Constantinopla. Dir-se-ia um único espírito em três pessoas. Assim, Leão, Marciano e Pulquéria constituirão para sempre o modelo da perfeita harmonia entre a Igreja e o Império, para o maior bem, tanto de uma como do outro. No mês de julho de 453, uma dessas grandes e santas figuras, a santa imperatriz e virgem Pulquéria, foi receber sua recompensa no céu. Fun-

dara durante a vida um grande número de igrejas, de mosteiros, de asilos para os pobres, para os velhos, e estrangeiros, e até cemitérios, onde enterrá-los dignamente. Ao morrer, fêz dos pobres os seus herdeiros. E o Imperador Marciano executou suas caridosas determinações com fidelidade e alegria. A Igreja honra a memória de Santa Pulquéria no dia 10 de setembro.

\* \* \*

## SÃO SÁLVIO

### *Bispo*

São Sálvio foi bispo de Albi e contemporâneo de São Gregório de Tours. Quando êste santo bispo escrevia a *História dos Francos*, Sálvio ainda vivia.

São Gregório deixou-nos o que, diz-nos êle, São Sálvio mesmo lhe confiou. É uma história maravilhosa, que passamos a reproduzir.

Sálvio, originário de Albi, longamente viveu no século antes de se recolher ao mosteiro da cidade. Menino virtuoso que foi, jamais desobedeceu os mais velhos, aos quais respeitava e tratava com muita compostura.

Uma vez no mosteiro, morto o abade, substituiu-o no cargo, eleito por unanimidade. Dividindo o tempo entre o estudo, o trabalho e o atendimento de pessoas que o procuravam, monges ou fiéis, levava assim uma santa vida.

Um dia, tomado por estranha febre, teve que se recolher ao leito, e eis que, súbitamente, uma grande luminosidade encheu-lhe a cela e Sálvio se tornou inerte e rígido.

Os monges, crendo-o morto, tiraram-lhe o corpo da cama, lavaram, vestiram e colocaram sôbre um catafalco, ao lado do qual passaram tôda a noite a entoar salmos.

Pela manhã, quando iam começar os funerais, o corpo principiou a mexer-se e Sálvio, como que voltando de profundo sono, abriu os olhos. E, erguendo os braços, exclamou:

— Ó Senhor misericordioso, que me fizeste tu? Tu me permitiste voltar a êste lugar tenebroso, quando tua misericórdia no céu é para mim bem melhor que a vida horrível dêste mundo?

O Santo não explicou aos atônitos assistentes o prodígio do qual era objeto, mas levantou-se completamente curado e permaneceu três dias sem comer nem beber.

Pouco depois, chamou os monges e sua mãe, e disse:

— Ouvi-me, meus queridos, e sabeí que tudo o que vêdes neste mundo não é nada, mas como Salomão cantou: Tudo é vaidade. Feliz é aquêle que pode proceder neste século de tal sorte que merece ver a glória de Deus.

Um tanto hesitante, sem saber se continuava ou não a contar o que de maravilhoso lhe sucedera, acabou por fazê-lo, em vista da insistência dos presentes, cheios duma curiosidade perturbadora:

— Quando, disse, há alguns dias, a cela em que vivo como que tremia, e ali me vistes inanimado, era tomado por dois anjos e elevado ao mais alto dos céus, de tal sorte que pensava ter sob os pés não sòmente êste mundo tenebroso, mas também o sol e a lua, as nuvens e as estrêlas. Em seguida, por uma porta de resplendor sem par, fui introduzido num recinto cujo pavimento brilhava como ouro e prata, de luz indescritível, de grandeza incomensurável. E uma multidão de homens e mulheres por ali circulava, compacta. Quando um caminho nos foi aberto, enve-

redamos por êle e fomos dar num lugar que havíamos visto já de longe, sôbre o qual pairava uma nuvem luminosíssima, sem que se visse o sol, a lua ou qualquer astro, nuvem que resplendia mais esplêndidamente do que tôda luz natural. Uma voz, como a voz das grandes águas, saía daquela nuvem, onde homens de hábito sacerdotal ou secular me saudaram, saudaram-me a mim, pecador, e os que me acompanhavam disseram-me que eram os mártires e os confessores que nós costumamos honrar. Enquanto eu permanecia de pé no lugar que me haviam indicado, senti tão suave odor, tal que, sustentado por êle, até agora não desejo alimento algum, nem água. Ouvi, então, uma voz que me disse: "Que aquêle que ali se mantém de pé retorne ao mundo, porque é necessário à nossa Igreja." Eu ouvia a voz perfeitamente, mas não podia vêr quem falava. Prosternei-me, então, no pavimento, e, chorando, disse: "Ó Senhor, por que tu me mostraste tudo isto, se devo disto ser privado? Tu me mandas agora para longe de ti, para o mundo perigoso, donde talvez não mais poderei sair e voltar para cá? Eu te suplico, Senhor, não me mandes embora, não retires tua misericórdia, mas permite que eu viva aqui. Tenho mêdo de, partindo, perecer." E a voz disse: "Vai em paz. Eu serei tua guarda até que voltes para cá." Então, abandonado pelos companheiros, chorando e chorando, voltei a êste mundo.

E Sálvio, a soluçar, mortificado, acrescentou:

— Desgraçado de mim, que ousei revelar tal mistério, porque, eis que o odor suavíssimo que no céu me envolveu agora me abandona! Tenho a língua tão cheia de chagas e inchada que me enche tôda a bôca! Vejo que não aprouve a Deus que lhes revelasse

os segredos! Ó Senhor, tu sabes que eu o fiz por simplicidade de coração e não, bem longe de mim, por jactância! Eu te suplico, perdoa-me, e não me abandones, segundo a tua promessa!

Com fome, agora, e sede, Sálvio sentou-se. E comeu. Comeu e bebeu.

São Gregório de Tours, que assim nos contou a visão do amigo, assegura-nos que dêle mesmo a conheceu.

Tempos depois daquele êxtase, São Sálvio, em 574, foi eleito bispo de Albi. Em 584, falecia santamente.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO OGLÉRIO

### *Abade*

O bem-aventurado Oglério foi abade cisterciense de Santa Maria de Lucédio, perto de Trino, província de Novara, no Piemonte, de 1205 a 1214.

Foi, como se costuma dêle dizer, um homem sereno e de paz, que passou indene por uma época agitada, de ódios e de conflitos. Versadíssimo em Ovídio, Virgílio e outros clássicos, teve uma veia satírica, à maneira de São Bernardo.

Dizia: "Não são a cogula branca, a alta tonsura e a ampla coroa as coisas que fazem um monge, mas a consciência transparente, o espírito puro, o egoísmo pôsto de lado, o coração a queimar por Jesus. . . É a ti que eu falo, monge beneditino! ó homem rápido no refeitório, demorado na igreja; potente para embriagar-se, doente para cantar; vivo para tagarelices, sonolento para as vigílias; desprendido para falar, mudo para salmodiar; pronto para a cólera e a depreciação, atrasado à oração; amigo da inveja, perseguidor de Jesus; atento para a bagatela, sem olhar para a trave; tu repreendes os outros, mas tu, tu não te corriges nunca; inventor de maldades, destruidor da disciplina; amigo dos vícios, inimigo das virtudes. . . eis o que faz o converso perverso, o monge demônio!"

Faleceu o bem-aventurado Oglério a 10 de setembro de 1214. Em 1653, a igreja paroquial de Lucédio foi-lhe dedicada. As relíquias, em 1792, foram transferidas para Trino. O culto foi confirmado a 8 de abril de 1875.

---

No mesmo dia, em Liège, na Bélgica, São Teodardo, bispo e mártir, que deu a vida pelas ovelhas e, depois da morte, brilhou pelos milagres (670?). São Teodardo foi assassinado na floresta de Biwalt, perto de Spire ou de Landau.

No Oriente, São Baripsabas, ermitão, mártir (época desconhecida). As *Atas*, sem valor, dizem que um certo Jacó, no momento em que se abria o lado do Salvador na cruz, recolheu numa cabaça o sangue e a água que da ferida correu. Aquela relíquia, incomparável, coube a dois solitários, depois passou a Baripsabas. Para dissimular o real conteúdo da cabaça, ao sangue e à água os dois piedosos possuidores da maravilhosa relíquia haviam juntado uma certa porção de óleo, que se tornou com propriedades curativas. Baripsabas, mais tarde, legou-a a um discípulo. Julgando que a tivesse consigo, dois ladrões assassinaram-no, para apoderar-se da cabaça. Finalmente, o tesouro foi parar numa igreja de Constantinopla.

Em Vance, nos chamados Alpes Marítimos, São Verano, bispo, falecido depois de 465. Verano era filho de Santo Euquério de Lião e discípulo de São Salviano.

Em Maçon, São Salvino, bispo (época desconhecida).

No mosteiro de Moville, na Irlanda, São Finnian, bispo, que foi formado por São Colman, depois por Caelan. Faleceu, possivelmente, em 579.

Em Avranches, Santo Alberto, bispo, desaparecido em 725. Conta-se que o arcanjo São Miguel lhe apareceu por três vezes, convidando-o a lhe dedicar uma igreja no monte Tombo.

Na Inglaterra, São Frithestan, bispo de Winchester, falecido em 933 (?).

Em Citeaux, o bem-aventurado Serlon, abade de Savigny, falecido em 1158.

Em Palermo, na Sicília, São Cosme, arcebispo da África, falecido em 1160 (?). Por volta de 1150, Rogério da Sicília te-lo-ia enviado como bispo missionário para a África. Repellido pelo Islão, São Cosme teria regressado à Sicília, a Palermo, onde faleceu. Em 1736, o capítulo da catedral de Palermo procedeu à elevação das suas relíquias.

Em Nagasaki, no Japão, o bem-aventurado Carlos Spinola e companheiros, mártires, em 1622.

Em Lancastre, Inglaterra, o bem-aventurado Ambrósio Barlow, beneditino, mártir, em 1641.

Na África, o natalício dos santos mártires Nemesiano, Félix, Lúcio, Liteu, Pelião, Vítor, Jáder, Dativo, e alguns outros, que no início da perseguição de Valeriano e de Galiano, desde a primeira vez em que confessaram Jesus Cristo, foram espancados, acorrentados e condenados a trabalhar nas minas, onde prosseguiram e consumaram a sua gloriosa confissão. — Na Calcedônia, os santos mártires Sóstenes e Vítor, que primeiro foram carregados de cadeias e expostos às feras durante a perseguição de Diocleciano; em seguida, sob Prisco, procônsul da

Ásia, condenados ao fogo; então, depois de trocarem o ósculo da paz, puseram-se a orar e entregaram a alma. — Na Bitínia, as santas virgens Menodora, e Metrodora e Ninfodora, irmãs, que Fronton envicu à glória por meio do martírio, sob o imperador Maximiano. — No mesmo dia, os santos mártires Apélio, Lucas e Clemente. — Em Roma, santo Hilário, papa e confessor. — Em Compostela, São Pedro, bispo, célebre por suas virtudes e seus milagres. — Na Novara, Santo Agápio, bispo.

\* \* \*

## 11.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO BODON

*Bispo*

#### E SUA IRMÃ SANTA SALABERGA

Santa Salaberga, filha do Duque Gondoin, foi, no sétimo século, sucessivamente um modelo de piedosa mãe de família e de santa abadessa. Na infância, fôra curada por Santo Eustásio, depois de ter-lhe prometido consagrar-se a Deus. Contudo, obrigaram-na a casar-se com um jovem fidalgo, que morreu dois meses depois. Assim desligada dos laços do mundo, só cogitava em recolher-se ao mosteiro de Remiremont. Recorreram à autoridade do rei Dagoberto, que a forçou a desposar em segundas núpcias um fidalgo da sua côrte, chamado Blandino e apelidado Bason. Jamais aliança foi mais feliz, porque jamais houve aliança mais santa. Os dois esposos não eram menos unidos pela virtude do que pela ternura conjugal. Obtiveram de Deus cinco filhos, três meninas e dois meninos, que ofereceram com alegria Àquele de que lhos dera. Depois, como Salaberga sentia escrúpulos por não ter obedecido à sua primitiva vocação, obteve do marido o consenti-

mento para tornar-se religiosa e também o convenceu a renunciar ao mundo. Primeiramente, Salaberga mandou construir, sob a direção de São Valdeberto, nas terras de Langres, um mosteiro no qual se recolheu, e onde mais de cem donzelas, nobres na maioria, vieram colocar-se sob a sua direção. Ponderando, porém, que situado nas fronteiras dos reinos da Austrásia e da Borgonha, seu mosteiro ficaria muito exposto aos riscos das guerras civis, tão freqüentes naquela época, transferiu sua comunidade para a poderosa cidade de Laon, onde foi recebida processionalmente pelo bispo e pelo clero, como por um bando de anjos tutelares. Trabalharam com diligência para construir-lhe um mosteiro, que não tardou a florescer em virtude da reputação da abadessa. Dispunha de sete igrejas e cêrca de trezentas religiosas, que se revejavam em grupos para a salmodia perpétua, à imitação dos mosteiros de Agaune e Remiremont. Salaberga governou essa numerosa comunidade com brandura e firmeza, dando, com a sua humildade e seu fervor, o exemplo das práticas mais difíceis por ela ordenadas. Morreu santamente em 22 de setembro, cêrca do ano 656, depois de ter tido a revelação do dia da sua morte.

Coube-lhe a consolação de haver santificado com seus exemplos, quase tôda a família. Gondoin, seu pai, Bodon, seu irmão, Blandino, seu marido, Austrude, sua filha, e seus dois filhos Eustásio e Balduíno, são venerados como santos. Austrude abraçou a vida religiosa e sucedeu à sua mãe na direção do mosteiro. Eustásio, seu filho mais velho, morreu em tenra idade; mas Baudoin ou Balduíno, tornou-se arqui-diácono, e foi assassinado por salteadores,

quando ia litigar a favor de sua irmã Austrude. É reverenciado como mártir no dia 8 de janeiro.

Bodon ou Leudvin, irmão de Santa Saleberga, era um dos mais poderosos fidalgos daquela época, e tornou-se um dos bispos mais piedosos. Tendo generosamente renunciado ao mundo, assim como sua mulher Odila, que se fez religiosa no mosteiro de Santa Salaberga, foi elevado à sede de Toul, ilustrada com as suas virtudes. Fundou para as religiosas, na região dos Vosges, o mosteiro cuja denominação Bon Moustier, *Bodonis-Monasterium* é derivada do seu nome, e lá collocou como abadessa sua filha Tiethberge. Também lhe atribuem a fundação do mosteiro de Étival. Sua memória é reverenciada na Lorena, no dia 11 de setembro.

\* \* \*

## SANTA TEODORA (\*)

### *Penitente*

(Século V?)

Maria de Alexandria, tendo pecado irrefletidamente, deixando-se embair por um sedutor, com tanta intensidade se arrependeu que buscou um mosteiro e, como se fôra homem, ali tomou o hábito religioso, com o nome de Teodoro.

Desincumbindo-se dos trabalhos mais vis e rudes, levou a vida a penitenciar-se.

Um dia, sucedeu um absurdo: uma mulher acusou-a de ser o pai de seu filho. Teodora aceitou a calúnia e passou a cuidar da criança. Depois da morte da Santa, descobriram que se tratava duma mulher. Antes, porém, como cuidara tão excelentemente da criança, que lhe impingiram como filho, os monges do mosteiro, morto o abade, escolheram-na como o seu sucessor.

Há os que situam a aventura de Santa Teodora nos tempos do imperador Zeno, que faleceu em 491.

## BEM-AVENTURADO BERNARDO DA OFFIDA (\*)

*Irmão Leigo Capuchinho*

Da província das Marcas, Bernardo nasceu em 1604, perto da Offida, diocese de Ascoli-Piceno, e principiou a professar em 1627. Serviu como cozinheiro e enfermeiro no convento de Firmo, depois, na Offida, como pedinte, função cansativa, e como porteiro, quando já entrado nos setenta anos.

Bernardo morreu nonagenário, em 1694, e o decreto de aprovação dos milagres para a beatificação foi publicado solenissimamente no mês de junho do ano de 1790: o papa Pio VI, que se locomoveu para a igreja dos capuchinhos, assistiu à leitura do decreto, depois do que, gravemente, falou sôbre a reforma da ordem.

As festas da beatificação ocorreram em 1795.

---

No mesmo dia, em Otrante, na Itália, o bem-aventurado Luís IV, landgrave da Turíngia e espôso de Santa Isabel da Hungria, beneficiado com um culto popular. Filho de Hermann I, landgrave da Turíngia, e de Sofia da Baviera, nasceu a 8 de outubro de 1200

e faleceu a 11 de setembro de 1227. Antes de morrer, tendo recebido o corpo de Nosso Senhor, disse: "Vêdes aquelas pombas brancas? Eu vou partir com aquelas pombas brancas!" Ver Santa Isabel da Turíngia ou da Hungria, 19 de novembro.

Em Puy, São Marcelo, bispo e mártir.

Em Zurich, na Suíça, os santos Félix, Exuperân-cio e Régula, mártires.

No País de Gales, São Daniel, bispo (século VI?).

Na diocese do Mans, Santo Almiro, ermitão. Segundo uma *Vita* do Santo, Almiro ou Almer nasceu em Auvergne, foi educado em Menat com São Calais, Santo Avito de Orléans, Santo Ulface e São Bomér. Mais tarde, juntos, colocaram-se debaixo da direção de São Mesmino.

No Maine, Santo Alveu, solitário (século V?). Também de Auvergne, pôs-se sob a conduta de São Mesmino, vivendo, depois, no deserto.

Em Luxeuil, Santo Adelfo, abade de Remiremont, falecido em 670. A crer numa *Vita*, foi discípulo de Santo Arnaldo e monge de Luxeuil. Tendo abraçado o cisma de Agrescios, arrependeu-se, penitenciou-se grandemente, e tornou a Luxeuil, onde morreu. Foi canonizado pelo papa São Leão IX em 1051.

Na diocese de Toul, São Leudino, bispo, desaparecido entre 670 e 680.

Em Colônia, o bem-aventurado Williberto, bispo. Faleceu em 889.

Em Petrac, o bem-aventurado Pedro de Chavannon, cônego regular. Nascido em Langeac em 1003, foi desde menino orientado para o sacerdócio. Viveu

numa época de corrupção, pela qual passou ileso. Fundou, em Petrac, um mosteiro de cônegos regulares.

Em Cingoli, região de Ancona, Itália, Santa Esperândeia, abadessa. Natural de Gubbio, cedo deixou a família para servir a Deus, tendo operado vários milagres.

Na Itália, o bem-aventurado Mateus de Monte Massaccio, ermitão camaldulo. Foi discípulo do bem-aventurado João, ermitão camaldulo que viveu por longos anos numa gruta de Cupramonta, no monte Massaccio. Crê-se que faleceu no ano de 1320.

Em Nagasaki, Japão, os bem-aventurados Gaspar Catenda, Francisco Takeya e Pedro Chitchiyemon, mártires, em 1622.

Em Roma, o bem-aventurado Boaventura de Barcelona, franciscano. Nascido em 1620, foi pastor, depois Menor (14 de julho de 1640). Chamou-se, no século, Miguel Gran. Faleceu em 1684. Em 1675, fundou, no Palatino, o convento de São Boaventura.

Em Outchangfu, o bem-aventurado João Gabriel Perboyre, mártir, no Quercy. Nascido em 1802, aos 6 de janeiro, em Montgesty, no Quercy, foi lazarista. Martirizado na China, morreu estrangulado. João Gabriel Perboyre foi beatificado por Leão XIII a 30 de maio de 1889.

Em Roma, na antiga Via Salária, no cemitério de Basílio, festa dos santos mártires Proto e Jacinto, irmãos, oficiais de Santa Eugênia, que tendo sido presos como cristãos sob o imperador Galiano, e instados para sacrificarem aos ídolos, foram diante da recusa por eles oposta, primeiramente espancados, depois decapitados. — Na Laodicéia, na Síria, o

martírio dos santos Deodoro, Diomedes e Dídimo. — Em Leão, na Espanha, São Vicente, abade e mártir. — No Egito, São Pafúncio, bispo, um dos ilustres confessores, que depois de terem o olho direito arrancado e a barriga da perna cortada, foram, sob o imperador Galério, condenados às minas; em seguida, sob o grande Constantino, Pafúncio defendeu corajosamente a fé católica contra os arianos; enfim, depois de ter obtido várias vitórias, e conquistado ricas coroas, morreu em paz. — Em Lião, a morte de São Paciente, bispo. — Em Vercelli, Santo Emiliano, bispo.

\* \* \*

12.º DIA DE SETEMBRO

A BEM-AVENTURADA MARIA  
VITÓRIA FORNARI

*Fundadora das Anunciadas Celestes*

Vitória Fornari, nascida em Gênova no ano 1562, de pais nobres e virtuosos, foi uma criança abençoada desde a mais tenra idade. Os brinquedos da sua infância eram a oração, o recolhimento e o estudo da lei divina. Obteve a cura de um de seus irmãos que estava nas últimas. Aos dezessete anos, sentiu-se atraída para a vida religiosa. Contudo, para obedecer ao pai, desposou um nobre genovês, Ante Strata que, longe de contrariá-la nas suas obras de piedade, delas lhe dava o exemplo. Quando alguém lhe indagava porque sua espôsa não comparecia às reuniões sociais, costumava responder: "Minha mulher só sabe orar a Deus e cuidar de sua família". Deus abençoou-lhes a união. Maria Vitória teve seis filhos, quatro meninos e duas meninas, por ela consagrados à Santa Virgem desde a hora do nascimento. Todos abraçaram o estado religioso, dentro do qual viveram na mais alta piedade. Sômente um dêles, chamado Alexandre, morreu com a idade de dez anos.

depois de ter suportado uma longa moléstia com admirável paciência. Maria Vitória perdeu seu virtuoso companheiro, ficando viúva aos vinte e cinco anos. Resignada, mas inconsolável, recorreu à Consoladora dos aflitos. "Virgem Santa, pediu ela, banhada em lágrimas, recebei estas crianças que vos apresento; adotai-as como vossos filhos, pois não têm mais pai, e em relação a mim podem considerar-se órfãos, pois sou incapaz de servir-lhes de mãe". Essa prece tocante foi imediatamente atendida. A Santa Virgem apareceu à devota e dirigiu-lhe estas palavras, que a piedosa viúva escreveu mais tarde por ordem do seu confessor: "Vitória, minha filha, tem coragem! Nada temas, porque tomarei sob a minha proteção tanto os filhos como a mãe. Deixa-me agir: velarei sôbre a tua casa com especial cuidado. Vive contente e não te inquietes mais. Peço-te uma única coisa: repousares inteiramente na minha bondade e só de ocupares de agora em diante em amar a Deus sôbre tôdas as coisas."

A visão desapareceu, mas o consôlo não desapareceu com ela. Maria Vitória fêz então o voto da castidade e impôs-se a obrigação de viver num recolhimento absoluto. O mundo e o inferno empenharam-se em desencaminhá-la da vida perfeita. Dirigida por um hábil diretor, protegida pela Santa Virgem, e amparada pela comunhão freqüente, tornou vãs tanto as tentações do demônio, como as seduções do mundo. Renunciou aos trajes ricos, aos móveis suntuosos e a tudo quanto respirava opulência. Suas roupas eram muito simples e seu leito muito pobre. Algumas imagens piedosas consistiam o único adorno do seu quarto; já despido de tapeçarias. Era assim

que se preparava para a pobreza absoluta que em breve praticaria no estado religioso. A êsse perfeito despojamento, aliava uma profunda humildade e uma rigorosa penitência. Jejuava a pão e água, não apenas durante a quaresma inteira, mas também em tôdas as sextas-feiras do ano, e em tôdas as vésperas dos dias santos de guarda. De tal maneira tinha gravadas no espírito a lembrança dos sofrimentos de Jesus Cristo, que não queria mais viver um só momento sem praticar alguma mortificação.

Tão prodigiosamente favorecida pela Santa Virgem, Maria Vitória sentia grande desejo de fundar uma ordem religiosa especialmente consagrada ao culto da Mãe Santíssima. Depois de ver todos seus filhos na profissão religiosa, comunicou ao arcebispo de Gênova o projeto que concebera. A princípio êste lhe recusou a aprovação: não lhe seria possível executar o projeto, pois nada mais possuía: dera todos seus bens aos pobres, e sua família, descontente com o gênero de vida por ela adotado, não a auxiliaria. Contudo, o arcebispo acabou por ceder às suas razões e à sua insistência. Imediatamente a santa viúva deu a forma de mosteiro a uma casa que comprara num bairro afastado da cidade de Gênova, e nela se encerrou com dez companheiras. Foi assim que se iniciou a ordem das Anunciadas Celestes, cuja fundação data do ano de 1604, e que ainda sobrevive com edificação no seio da Igreja. O objeto dessa instituição é prestar à Santa Virgem, particularmente ao mistério da Anunciação, um culto especial, e sobretudo imitar as virtudes da sua vida oculta. É para reverenciar o recolhimento de Maria, em Nazaré, que as religiosas dessa ordem observam uma reclusão muito estreita e

só abrem três vêzes ao ano as grades dos seus locutórios, assim mesmo apenas para os parentes mais próximos. O vestuário que adotaram consiste num vestido branco, num escapulário, numa faixa e numa capa azuis: recorda-lhes êle a vida celestial que devem levar para corresponder à sua vocação.

Assim que a comunidade foi organizada, as novas religiosas receberam o hábito das mãos do arcebispo de Gênova. Em seguida o prelado designou como superiora a santa viúva, que procurou de tôdas as maneiras esquivar-se a tal encargo, mas que depois, no exercício dêste, deu prova de uma grande eficiência e de raras qualidades, tornando-se evidente que fôra instruída na escola do Espírito Santo. Sob sua direção, a nova comunidade ia prosperando, quando um incidente quase a levou à ruína. Um homem de bem que demonstrava pelo empreendimento um particular interêsse, que até mesmo solicitara e obtivera a aprovação do Papa Paulo VI para a nova instituição, receoso de que não pudesse sustentar-se, persuadiu as religiosas a entrarem para outra ordem. Tudo estava preparado para executarem o projeto, à revelia da superiora; mas a Santa Virgem, a quem Maria Vitória recorreu mal teve conhecimento do fato, com a sua proteção impediu que fôsse consumado: e assim foi conservada uma congregação que lhe é especialmente consagrada. Essa graça recebida de Maria pareceu depois tão grande às Anunciadas, que elas todos os anos a comemoram com uma festa solene fixada para o dia 16 de junho.

A santa fundadora não demorou a ver suas filhas retornarem às suas primitivas disposições, e bem mereceu tal consôlo, pois lhes oferecia, na sua

peessoa, um modêlo perfeito de tôdas as virtudes religiosas. Muito mais com o seu comportamento do que com suas palavras, pregava-lhes a paciência, a humildade, a prudência e o espírito de pobreza. Nada lhe custava quando se tratava de prestar serviço às suas irmãs; encarregava-se das mais penosas tarefas do mosteiro. Antes que a casa possuísse um relógio era ela quem se incumbia de prevenir as conversas sôbre os serviços que teriam de executar, e para não perturbar o sono das outras religiosas, caminhava de pés descalços pelos corredores, mesmo no inverno rigoroso, embora com isso a sua saúde ficasse prejudicada. Tratava com especial cuidado as enfermas, de quem era ao mesmo tempo médico e enfermeira. Tão perfeita caridade atraiu novos favores do céu; Maria Vitória obteve alguns notáveis: o dom dos milagres, o da profecia, e o conhecimento do segrêdo dos corações. Suas preces eram sublimes e várias vêzes foi vista em êxtase; porém, essas graças extraordinárias em nada lhe alteraram a humildade, que foi àesperamente provada, sem nunca se desmentir, através de algumas grandes tribulações que precisou suportar. Enfim, depois de ter vivido durante treze anos com perfeição no estado religioso, a admirável mulher entregou serenamente a alma pura ao Criador, pronunciando os sagrados nomes de Jesus e de Maria: contava então cinqüenta e cinco anos de idade, e sua morte ocorreu no dia 15 de dezembro de 1617. O corpo foi sepultado no convento por ela fundado, onde ainda se encontra preservado de corrupção.

A opinião em que era tida a santidade de Madre Maria Vitória tão bem se firmara que várias pessoas julgaram poder recorrer à sua intercessão e obtiveram

diversas graças. Luís XII, rei da França, a quem nessa época pertencia Gênova, e Ana da Áustria, sua espôsa, solicitaram a canonização da religiosa junto ao Sumo Pontífice; esta, porém, só foi concedida em 1828. O Papa Leão XII colocou a venerável Maria Vitória na categoria dos bem-aventurados pelo decreto de 2 de setembro, e fixou sua festa para o dia 12 do mesmo mês. (1)

\* \* \*

(1) Godescard, 12 sept.

## SANTO NOME DE MARIA

A festa do santíssimo nome de Maria foi instituída por Inocência XI, em ação de graças pela vitória que nesse dia os cristãos obtiveram sobre os turcos, diante de Viena, na Áustria, pela proteção da Santa Virgem. (Essa festa é celebrada no domingo da oitava da Natividade). Eis o histórico dessa memorável vitória.

Em 1682, a Alemanha, dividida entre si, quase se tornou presa dos turcos por causa da aliança concluída entre os protestantes da Hungria e os infiéis. O chefe dos revoltosos era o conde protestante Tekeli, cujos processos durante a guerra civil eram os seguintes: um sacerdote católico, nas imediações de Presburgo, foi cortado em pedacinhos, outro enterrado vivo, e cortados o nariz e as orelhas de seus familiares. (1) Tekeli mandava degolar, à sua passagem, todos aqueles que permaneciam fiéis ao imperador e à religião, sem fazer distinção de idade nem de sexo: cães eram amestrados para descobrir e dilacerar os que se ocultavam nos rochedos e nas montanhas. (2) Em vão o imperador Leopoldo tentava apaziguá-lo com concessões; Tekeli fez uma aliança com os turcos e foi por estes reconhecido como rei tributário. Debalde

---

(1) Menzel, t. IX, c. III, nota.

(2) Biogr. Unive Tekeli.

Leopoldo reclamava do sultão Maomé IV uma prorrogação da trégua de vinte anos, concluída em 1664; quanto mais insistia, mais o embaixador francês estimulava o sultão a guerrear o Imperador, como se este último não se encontrasse em condições de defender-se. (3)

Conseqüentemente, nos fins do ano de 1682, o sultão partiu de Constantinopla para Belgrado, de onde o Grão-Vizir, guiado pelo protestante Tekeli, invadiu a Hungria com numerosas tropas de turcos e tártaros. No dia 1.º de maio, Leopoldo passou em revista o exército, que se compunha de trinta e três mil homens e entregou o comando ao cunhado, Duque Carlos de Lorena, despojado de suas terras por Luís XIV. O Grão-Vizir marchou diretamente para Viena, onde o Duque de Lorena tivera o bom alvitre de colocar uma guarnição. Leopoldo abandonara a capital depois de ter nomeado governador o Conde de Stahrenberg, que se revelou um autêntico herói. As fortificações encontravam-se em estado deplorável; não havia paliçadas, nem artilharia, nem munições, nem provisões: no espaço de cinco dias, Stahrenberg a tudo supriu. O exército turco, com duzentos mil homens, iniciou o cêrco no dia 14 de julho e durante seis semanas bombardeou ininterruptamente a cidade, atacou-a com explosões e tentou assaltos, enquanto a fome e a doença devastavam-lhe o interior. Contudo, animados pelo governador, os habitantes não pensaram em render-se: preferiam ser sepultados nas ruínas da cidade. O Duque de Lorena, que não dispunha de tropas suficientes, via-se impossibilitado de oferecer combate aos turcos, mas enfrentava Tekeli;

---

(3) Menzel, t. IX, c. III, p. 112, nota.

esperava, para libertar Viena, o auxílio dos príncipes alemães, e sobretudo os socorros da Polônia e de seu rei João Sobieski, célebre por suas numerosas vitórias contra os moscovitas, os cossacos, os tártaros e os turcos; matara vinte mil dêstes últimos na batalha de Choczim, em 1673. Ameaçado pela França e pela Turquia, em 1682, Leopoldo pediu auxílio à Polônia e ao seu rei. O embaixador de Luís XIV e o partido francês dissuadiram à nação polonesa de socorrer a Alemanha, e projetavam, mesmo, destronar Sobieski. Mas o Santo Papa Inocência XI, por intermédio do nuncio Pallavicini, que nada descuidou para convencer a Polônia e seu rei a auxiliarem a Alemanha e a cristandade, ofereceu-se como garantia às negociações entre Leopoldo e Sobieski, prometeu ajuda em dinheiro, e adiantou quantias consideráveis para apressar os primeiros armamentos. Os poloneses ouviram o Papa e no dia 12 de dezembro de 1683 postaram-se diante de Viena, à vista dos turcos, com o exército imperial comandado pelo Duque Carlos de Lorena, e as tropas auxiliares dos príncipes alemães comandadas pelo príncipe de Waldeck. No exército imperial havia um comandante, um jovem francês de dezenove anos, que foi mais tarde o tão famoso Eugênio de Sabóia. Estava-se num domingo: muito cedo, o rei da Polônia, comandante-chefe, Sobieski, ajudou a missa do padre Aviano, depois armou cavaleiro a seu filho e lembrou aos poloneses a vitória que dez anos antes tinham obtido sob seu comando, em Choczim. "A batalha de hoje, acrescentou êle, vai decidir não apenas a libertação de Viena, mas a conservação da Polônia e a salvação da cristandade inteira."

O Duque de Lorena iniciou a batalha com a ala esquerda: e, como o centro avançasse lentamente, esta só se tornou geral às duas horas da tarde; tendo-se a cavalaria polonesa adiantado muito quase foi envolvida pelas principais fôrças do Grão-Vizir; libertaram-na as tropas imperiais. Eram seis horas, quando os alemães penetraram no campo inimigo pelo lado esquerdo e, sete, quando os poloneses atacaram-no pelo lado direito: e, assim, destroçaram o exército turco. Porém, as trevas e a pressa dos vencedores em pilhar o campo deram ao inimigo oportunidade para efetuarem a retirada, levando milhares de cativos como escravos. Na primeira embriaguez da vitória, a negligência passou despercebida. Os despojos eram enormes: mais de dez mil turcos cobriam o campo de batalha, assim como trezentas peças de canhão. O rei da Polônia foi o primeiro a entrar na tenda do Grão-Vizir, onde se lhe depararam incalculáveis riquezas, e de onde nessa mesma noite escreveu uma carta cheia de ternura à espôsa, Marieta. O Eleitor da Baviera, o Príncipe de Waldeck, e muitos outros príncipes do Império foram-lhe ao encontro e abraçaram-no efusivamente, os generais seguravam-lhe as mãos e os pés, os coronéis e os oficiais, à frente de seus regimentos de peões e de cavaleiros, saudavam-no: "Nosso bravo rei!" No dia seguinte muito cedo, o rei da Polônia foi procurado pelo Eleitor do Saxe e pelo Duque de Lorena, com os quais não pudera entreter-se na véspera, pois se encontravam em alas opostas; enfim, o governador Stahrenberg, à frente de uma multidão de pessoas, foi ao seu encontro. Todos o abraçaram, festejaram, chamando-o de salvador. Visitou duas igrejas, onde o povo também se alvoroçou, procurando beijar-lhe os pés e as mãos,

ou, mesmo as roupas; a maior parte teve que se contentar em tocar-lhe a capa. Por tôda parte, gritavam: "Deixai-nos beijar essa intrépida mão!" Pediu aos oficiais alemães que impedissem tais demonstrações; não obstante, ainda ressoavam os gritos: "Viva o rei!" Tendo chegado à capela de Nossa Senhora de Lorette, na igreja dos Agostinhos, prosternou-se com o rosto contra o chão, e depois entoou o *Te Deum*. Depois de jantar com o governador, regressou a cavalo ao campo, tendo à sua retaguarda o povo que o acompanhou até às portas da cidade, com as mãos erguidas para o céu. O Imperador Leopoldo, à frente de suas tropas, foi-lhe ao encontro: de acôrdo com uma testemunha ocular, assim que os dois monarcas se viram um diante do outro, tiraram o chapéu e amigavelmente se saudaram. Outro documento acrescenta que se abraçaram cordialmente. Alguns dias depois, Leopoldo enviou ao príncipe Jaime, filho de Sobieski, uma valiosa espada acompanhada de uma carta onde lhe testemunhava seu reconhecimento pela parte que lhe cabia, juntamente com seu pai, na vitória de 12 de setembro. (4)

Através da conquista de Viena, o Grão-Vizir Cara Mustapha tencionava transformar a Alemanha num segundo império muçulmano, do qual seria o sultão, e que teria Viena como capital. Era genro do Sultão de Constantinopla, Maomé IV; seu harém continha mais de mil e quinhentas concubinas, igual número de aias, e setecentos eunucos negros. Derrotado diante de Viena, voltou-se contra o governador turco de Bude, e mandou cortar-lhe a cabeça. Mas

---

(4) Menzel, t. IX, c. VII. De Hammer. Hist. des Ottomans t. VI.

a 9 de outubro tornou a perder a batalha de Parkani, travada contra o rei da Polônia e o Duque de Lorena, e depois a cidade de Gran ou Strigônia, retomada aos turcos pelos dois príncipes. Cara Mustapha mandou decapitar os paxás que haviam entregue a cidade por capitulação. Havia recebido do Sultão, seu sogro, um sabre de honra acompanhado de uma carta de agradecimentos pelo cuidado com que preservara o exército. Porém, depois dos acontecimentos que acabamos de relatar, o Grande Chanceler chegou a Belgrado no dia 25 de dezembro de 1683, vindo de Constantinopla, apresentou-se ao Grão-Vizir, e cortou-lhe a cabeça em obediência às ordens recebidas. Foi esse o fim de Cara Mustapha, malgrado sultão do Ocidente. (5)

À medida que a vitória do rei da Polônia e do Duque de Lorena, e a libertação de Viena se tornava pública, um grito de alegria se erguia de toda a Europa, com exceção de um único país, a França. Por toda parte, não apenas na Alemanha, mas em Roma, em Madri, em Veneza, celebraram-se festas de ação de graças a Deus e de regozijo público. Tendo o Papa Inocêncio XI recebido de Sobieski o principal estandarte tomado aos turcos, acompanhado das palavras *Vim, vi e venci*, mandou-o levar durante um mês de uma igreja para outra. Foi, pois, em ação de graças pela memorável batalha de Viena que instituiu a festa do Santíssimo Nome de Maria.

\* \* \*

---

(5) De Hammer, t. VI, I. LVIII.

## SÃO GÜIDO (\*)

### *Confessor*

São Güido teria nascido em 950 no Brabante, filho de camponeses. Piedoso, boníssimo para com os pobres, acabou por chamar a atenção do cura de Laeken, não longe de Bruxelas, o qual cura o fez sacristão.

Sendo embaído por um mercador sem escrúpulos, que lhe disse que se se unisse a êle, nos negócios, triplicaria os ganhos e assim mais esmolas poderia fazer, Güido, deixando o cargo que lhe dera o bom cura, acompanhou o desonesto, que outra coisa não desejava senão um sócio inexperiente, que espertamente havia de controlar.

Depois duma série de contratempos, de duros ridículos, tendo caído em si, abandonou aquela vida e aquêlê sócio, e, para fazer penitência, peregrinou sete anos por Roma e Jerusalém.

De volta à pátria, fixou-se em Anderlecht, perto de Bruxelas, e ali faleceu, após vida muito santa e mortificada, a 12 de setembro de 1012.

Ocorridos alguns milagres à tumba de São Güido, tumba que vivia esquecida e abandonada, multidões dirigiram-se ao lugar em que jazia enterrado, para lhe pedir favores.

Local de peregrinações, logo ali se erigiu um oratório dedicado a Nossa Senhora, e, em 1076, um templo se ergueu em honra do santo confessor.

---

No mesmo dia, em que se festeja o Santo Nome de Maria, Mãe de Deus e dos homens, na Irlanda, Santo Ailbe, bispo e abade. Nobre, bispo (abade?) de Emly, faleceu em 540 (?).

Em Bayeux, São Reverendo, sacerdote.

Em Sarrancolin, Tarbes, Santo Ebons, bispo (século XI ou XII?).

Na Catalunha, o bem-aventurado Mir, cônego regular de São Rufo, sob a regra de Santo Agostinho, em *San Juan de las Abadesas*, perto de Vich (século XII).

Em Florença, o bem-aventurado Tesouro, da família Beccaria de Pavia. Foi o décimo-sétimo abade geral de Valumbrosa, tendo sido decapitado em Florença por adversários políticos (Ver Dante, *Inferno*, XXXII, 118-121).

Em Colfano, diocese de Camerino, o bem-aventurado Francisco de Caldarella, franciscano, falecido em 1507.

Em Omura, Japão, os bem-aventurados Apolinário Franco, Tomás de Zumarraga e companheiros, mártires, em 1622.

Em Alexandria, os santos mártires Jerônides, Leôncio, Serapião, Selésio, Valeriano e Estratão que, pela confissão do nome de Jesus Cristo, foram atraídos ao mar sob o Imperador Maximino. — Na Bitínia, Santo Autônomo, bispo e mártir que, tendo

saído da Itália para fugir à perseguição de Diocleciano, se fixou nesse país onde realizou grande número de conversões; e, trucidado por pagãos enfurecidos, enquanto celebrava os santos mistérios, assim se tornou vítima de Jesus Cristo. — Em Meros, na Frígia, os santos mártires Macedônio, Teódulo e Taciano que, depois de suportarem várias torturas infligidas por Almáquio, sob Juliano, o apóstata, foram deitados sobre grelhas ardentes e sofreram o martírio com alegria. — Em Icônio e Licaônia, São Curónoto, bispo que, tendo tido a cabeça cortada sob Perênio, mereceu a palma do martírio. — Em Pavia, São Juvêncio, bispo, já referido no 8.º dia de fevereiro. Enviado àquela cidade juntamente com São Siro pelo bem-aventurado Hermágoras, discípulo do evangelista São Marcos, ambos lá pregaram o Evangelho e também iluminaram as cidades vizinhas com suas grandes virtudes e obras milagrosas: enfim morreram em paz, na dignidade do episcopado. — Em Lião, São Sacerdote, bispo. Em Verona, São Silvino, bispo.

## 13.º DIA DE SETEMBRO

### SANTO AMADO

*Abade, em Lorena, e seu amigo São Romarico*

Quando São Colombano deixou o mosteiro de Luxeuil, foi eleito abade Santo Eustásio, um dos embaixadores que o rei Clotário enviara no ano 613 a Colombano para fazê-lo retornar à Itália. Ao passar pelo mosteiro de Agaune, Santo Eustásio travou conhecimento com Santo Amat ou Amado, religioso dessa célebre comunidade, à qual seu pai Heliodoro, nobre romano de Grenovel, o consagrara desde a infância. Havia três anos que levava vida solitária na cova de um rochedo. Eustásio persuadiu-o a acompanhá-lo a Luxeuil. Ao ter conhecimento do raro talento com que anunciava a palavra de Deus, enviou-o à Austrais pregar a fé e a penitência. No decurso das suas missões, Amado alojou-se em casa do fidalgo Romarico, que acabava de recuperar, sob Clotário, a grande cópia de bens que perdera sob Teodorico, por haver-se mostrado fiel a Teodeberto. Um dia, quando estavam à mesa, Romarico pediu-lhe que pregasse a palavra da salvação. "Vêde êsse prato de prata?" indagou Amado. Quantos senhores, ou melhor, quantos escravos já teve e quantos ainda

há de ter? Também não sereis mais seu escravo do que seu senhor, já que só o possuís para conservá-lo? Ficai ciente, porém, que vos serão pedidas contas um dia. Pois está escrito: "Vosso ouro e vossa prata criarão ferrugem e a ferrugem que os consome servirá de testemunho contra vós. É por isso que o Senhor disse: "Desgraçados de vós, ricos, que já fostes consolados!" "Santo homem, respondeu Romarico, rogo-vos permaneçais alguns dias em minha casa, a fim de ensinar-me o que devo fazer; pois já se realizou em mim o que eu desejava havia muito tempo." "Surpreende-me, observou Amado, que sendo tão nobre, tão rico e tão esclarecido, não conheceis o que o Salvador respondeu a um jovem desejoso de tornar-se seu discípulo: "Vendei tudo quanto possuíis e dai o produto aos pobres." Alguns dias depois, Romarico deu liberdade a seus escravos, uma parte de seus bens aos pobres, o resto ao mosteiro de Luxeuil, no qual se fêz monge, juntamente com a maioria de seus antigos servos. Romarico, por sua vez, tornou-se servo de todos. Sentia-se atraído para as tarefas mais abjetas. Gostava de cultivar o jardim e, sobretudo, não cessava de aprender de cor os salmos.

A conselho de Santo Amado e de Santo Eustásio mandou construir em terras dos Vosges, de que ainda não dispusera, um duplo mosteiro segundo as regras de São Colombano; um de mulheres, de maiores proporções, dedicado a São Pedro, e do qual Santa Mactefleda foi a primeira abadessa, e outro para homens, governado por Santo Amado, que, juntamente com Santo Romarico também foi encarregado da direção das religiosas. Como ao mosteiro dessas últimas afluísse grande número de religiosas, o santo

abade nêle estabeleceu a salmodia perpétua; para isso dividiu-as em sete coros, de doze religiosas cada um, a fim de que pudessem revesar-se para cantos e louvores a Deus, sem interrupção. Êsse mosteiro, que então se chamava Habend, tomou mais tarde o nome do seu fundador, assim como a cidade que se formou à sua volta. Chamaram-no Remiremont, em alemão Romsberg, isto é, montanha de Romarico.

Os dois amigos tinham um terceiro, que fôra antepassado de Carlos Magno; Arnulfo, a princípio primeiro senhor, primeiro ministro do reino da Austrásia, depois bispo de Metz; tendo êste, finalmente, renunciado a tôdas as coisas profanas e distribuído seus bens aos pobres, recolheu-se, também pobre, à solidão que o amigo Romarico lhe preparara nos Vosges, não longe do seu mosteiro. Êsse grande senhor, antepassado de tantos heróis e de tantos reis, servia com suas próprias mãos os monges e os leprosos, limpava-lhes as sandálias, lavava-lhes os pés, fazia-lhes as camas e preparava-lhes a comida, enquanto sofria fome. Morreu na prática dêsses exercícios de humildade e caridade, no ano 640, entre as mãos de São Romarico, que o enterrou no seu mosteiro. Porém, no ano seguinte São Goerico, acompanhado de dois outros bispos, Paulo de Verdum e Theofroi de Toul, foi ao mosteiro, exumou os despojos de Arnulfo e trasladou-os para Metz, no dia 18 de julho, data na qual a Igreja lhe reverencia a memória. (1)

Entrementes, um monge intrigante, chamado Agrestino, indispusera Santo Amado e São Romarico

---

(1) Ver as vidas dos SS. Amado, Romarico e Eustásio, Acta SS., Benedict. t. II,

contra Santo Eustásio, amigo de ambos. Bem depressa êstes últimos perceberam que haviam sido enganados e repararam com redobrado fervor o êrro cometido. Santo Amado, um ano antes da morte, mandou colocar na cama um saco cheio de cinzas, explicando que precisava fazer uma grande penitência para compensar algumas culpas que lhe pesavam. Depois de ter-se deitado na cinza e de cobrir-se com um cilício, confessou em voz alta todos os pecados na presença dos religiosos. Perseverou nas austeridades durante o ano inteiro e praticou várias outras mortificações, que de tão modo o extenuaram, que os ossos lhe furavam a pele. Morreu cêrca do ano 627, e no seu túmulo, na entrada da Igreja da Virgem, foi gravado o seguinte epitáfio por êle próprio ditado: "Homem de Deus que entrais neste santo lugar para orar, implorai a misericórdia divina para a alma de Amado, penitente, que aqui está sepultado, a fim de que, se a tibieza da minha penitência tiver deixado algumas dívidas dos meus pecados, vossa caridade e vossas orações me obtenham a inteira remissão."

São Romarico, que lhe sucedeu no cargo de abade, governou cêrca de vinte e seis anos os monges e as religiosas de Remiremont, de acôrdo com a regra de Colombano, a que novamente obedeciam. De outro lado, os bispos que, influenciados pelas insinuações de Agrestino, se tinham declarado contra o instituto, finalmente lhe fizeram justiça e empenharam-se em estabelecê-lo em suas dioceses. A tempestade teve como único resultado fortalecê-lo cada vez mais.

## SÃO MAURÍLIO (\*)

### *Bispo*

Filho de rica família de Milão, Maurílio, feito moço, abandonou o seu patrimônio para, desimpedido de todo o empecilho, colocar-se sob a conduta do célebre bispo de Tours, São Martinho, pelo qual foi ordenado sub-diácono, diácono e padre.

Jovem virtuoso, modesto, simples e inteligente, bem que São Martinho quis tê-lo ao lado, para os duros trabalhos do ministério, mas Maurílio, desejoso de levar vida monástica, acabou por se retirar a um lugar que ficava perto de Challonnes-sur-Loire, onde se erguia um templo pagão, freqüentadíssimo.

Rogando a Deus que ao templo destruísse com o fogo do céu, suplicou o Santo com tanto ardor, que a deprecação foi atendida. E Maurílio ali se estabeleceu, erigindo uma pequenina capela e um mosteiro na região purificada.

Os quarenta anos que o Santo viveu em Challonnes foram caracterizados por uma série de milagres. Procurado para conselhos, para ditar rumos de vida, tornou-se querido de toda a população. E quando ficou vaga a sede episcopal de Angers, e o propuseram para ocupá-la, todos os fiéis o aceitaram com grande alegria.

Um fato prodigioso, que ia alevantar ainda mais a reputação do formado de São Martinho, estava por suceder: quando Maurílio entrou na cathedral, uma pomba, vinda rapidamente do alto, pousou-lhe na cabeça, e os assistentes, vibrando, aclamaram-no eleito do Senhor.

São Maurílio foi bispo de Angers por trinta anos, trinta anos marcados de bondade e de milagres. Diz-se que, numa visita pastoral a Savennières, resuscitou um morto. E o paganismo, que ainda teimava, como mato daninho que teima por vicejar, a pouco e pouco foi recuando, foi-se apagando e diminuindo, até que, por completo, desapareceu das regiões mais próximas do Loire.

Falecido a 13 de setembro de 453, com noventa anos, "são de corpo e mais ainda de alma", foi enterrado em Angers, na tumba que êle mesmo, há tempos, fizera com que lhe preparassem na cripta duma igreja que era dedicada a Nossa Senhora e que, depois da sua santa morte, tomou o nome de São Maurílio.

---

No mesmo dia, São Litório, segundo bispo de Tours. Nascido nesta cidade, Litório foi um santo homem, que viu os cristãos, unidos, edificar a primeira igreja de Tours. Morto em 371, foi enterrado numa basílica que se construiu na casa dum senador.

Em Valença, santo Emiliano, bispo, falecido depois de 374.

Em Autun, os santos Netário e Evâncio, o primeiro desaparecido em 560 e o segundo num ano que não se precisa. Dêstes dois personagens ignora-se quase tudo.

Em Lure, diocese de Besançon, São Colombini, abade, falecido depois de 625. Foi discípulo de São Colombano e abade de Lure depois de Deíccla. É justamente na *Vida* de São Deíccla que se trava conhecimento com o santo abade.

No mosteiro de Bruel, Santo Amado, bispo de Sion, falecido em 690.

Na Normandia, São Barsanor, abade da Cruz Santa de Leufredo, sucessor de São Leufredo.

Na Alemanha, Santa Hedwige, abadessa de Herford, falecida em 887.

Em Florença, o bem-aventurado Martinho III, abade e prior geral de Camaldoli. Faleceu a 13 de setembro de 1259, quando numa visita canônica a São Salvador de Florença.

Em Alexandria, natalício de São Filipe, pai de Santa Eugênia, virgem; depois de ter-se demitido da prefeitura do Egito, recebeu o batismo; Terêncio, seu sucessor, mandou apunhalá-lo no cárcere. — Ainda os santos Macróbio e Julião, que sofreram o martírio sob o Imperador Licínio. — No mesmo dia, São Ligório, mártir, que os pagãos trucidaram pela fé de Jesus Cristo no deserto onde vivia. — Em Alexandria, Santo Eulógio, bispo, ilustre pela sua cultura e santidade. — Em Sens, Santo Amado, bispo e confessor. — No mesmo dia São Venério, bispo e confessor, homem de admirável santidade, que levou vida ascética na ilha de Palmária.

## 14.º DIA DE SETEMBRO

### O BEM-AVENTURADO ALBERTO

No comêço do décimo-terceiro século, os pobres cristãos do Egito tinham-se reunido em comunhão com a Igreja romana. Além dos cristãos do país, havia em Alexandria e no Cairo muitos cristãos cativos que tinham caído em poder dos infiéis durante as guerras santas. Eram mais duramente tratados do que os escravos comuns, cuja sorte invejavam. Como só dispunham de um velho sacerdote para administrar-lhes os socorros da religião, pediram ao patriarca de Alexandria que ordenasse diácono entre êles, possibilitando-o a auxiliar o sacerdote enfêrmo. O Patriarca não ousou tomar essa iniciativa, sem a permissão do Papa. Escreveu, pois, a Inocência II, a quem também os cativos se dirigiram, para expor-lhe a situação angustiosa daqueles cristãos, o perigo de perder a fé em que alguns se encontravam, e pedir-lhe que solicitasse aos reis, aos príncipes e aos Cavaleiros do Oriente trabalhassem pela libertação dos cativos, fôsse por permuta, fôsse de qualquer outra forma.

O Papa respondeu ao Patriarca e aos cativos durante o mês de janeiro de 1212. Compadecia-se extremamente de seus sofrimentos, pois poderia dizer

com o Apóstolo: "Onde está aquêlê que adoece sem que também eu adoeça? onde está aquêlê que se escandalize sem que eu me sinta arder?" E continuava: "Mas também espero do Pai da misericórdia, que nos consola em tôdas as nossas tribulações, que esta outra palavra se realize em vós: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois é dêles o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados". Advertiu-os, contudo, com brandura e confusão que "ouvira dizer que alguns cometiam crimes passíveis, não apenas de desviar de suas pessoas a misericórdia de Deus e impedir fôssem libertados, mas também de depreciar a religião cristã entre os infiéis". Conjurava-os, lembrando o dia do terrível julgamento, a absterem-se de tais atos, a fim de que o nome do Senhor não fôsse blasfemado entre as nações. De resto, louva e felicita o patriarca por sua caridade paternal; não apenas lhe permite, mas lhe pede que ordene um diácono para instruir e consolar os cativos. Enfim, dá-lhes a conhecer as medidas que, de acôrdo com seus irmãos, os Cardeais, acabava de tomar no sentido de conseguir a libertação dos cativos. (1)

Efetivamente, o Papa escreveu a Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, seu legado, e apontou-lhe, acima de tudo, o perigo de apostasia em que se encontravam os cativos, em virtude dos tormentos que lhes eram infligidos havia muito tempo, na intenção de fazê-los abjurar a fé, embora apenas desejassem ser tratados como cativos infiéis, prestando os mesmos serviços. O Papa ordenou ao Patriarca que

---

(1) Innoc., l. XIV, epist. 146 e 148.

agisse enèrgicamente junto aos Cavaleiros do Templo e do Asilo, aos reis e aos príncipes, obrigando-os a trabalharem nessa boa obra e conseguirem a libertação dos cristãos cativos, por permuta cu qualquer outro meio, tanto mais que fôra pela fé cristã que haviam caído em cativeiro; assim sendo, eram como que prisioneiros de Cristo, que dirá aos fiéis no dia do julgamento: "Vinde, bem-aventurados de meu Pai, possuir o reino que vos foi preparado desde a origem do mundo, porque eu estava encarcerado, e viestes a mim; pois tudo quanto fizestes ao mais insignificante de meus irmãos, foi a mim que fizestes". Ao contrário, dirá aos réprobos: "Retirai-vos, malditos, ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos". Tal como se tivesse dito formalmente: "Arrebatarei do inferno a quem tiver livrado um de meus fiéis da prisão, a fim de que não seja eternamente atormentado juntamente com o demônio e os anjos maus, mas para que seja glorificado eternamente com os santos anjos no reino de Deus". O Papa relembra ao Patriarca que, de acôrdo com as constituições canônicas, é permitido, para resgatar os cativos, até vender os bens da própria Igreja, bens que em outros casos não será permitido alienar. Seriam, pois, criminosos e desumanos os que para isso não contribuíssem segundo suas posses. Recomenda-lhes que lhe dessem a conhecer quais os cavaleiros e os príncipes que mais zelosos se mostrassem na execução de seu pedido, a fim de que, por sua vez, tivessem suas solicitações mais prontamente atendidas. (2)

(2) Innoc., L. XIV, epist. 147.

O Patriarca de Alexandria, cujo nome desconhecemos, escreveu várias vezes a Inocêncio, testemunhando, através de suas cartas e de outros indícios, grande devoção pela Igreja Romana e pela própria pessoa do Pontífice. Inocêncio respondeu-lhe por uma carta cheia de afeição, na qual o consola e também o felicita, pelas mais altas razões, por causa das tribulações que suportava sob o domínio dos infiéis; convida-o a ir, ou pelo menos, a mandar um emissário ao concílio que ia reunir-se em Roma, a fim de deliberar sobre os socorros para a Terra Santa, e sobre a reforma da Igreja; enfim, recomenda-se insistentemente às suas orações. (3)

O bem-aventurado Patriarca de Jerusalém, Alberto, nascera de família nobre, na diocese de Parma. Tendo sido desde a infância destinado às letras, realizou grandes progressos nas artes liberais e no estudo das leis; não eram menores, porém, os que fazia na piedade. Ainda jovem, entrou no mosteiro de Santa Cruz de Mortare, o primeiro de uma congregação de cônegos regulares, onde se instituiu na lei divina. Mal professou, foi eleito prior da comunidade. Três anos depois, em 1183, foi escolhido para ocupar a sede episcopal de Bóbio; mas sua modéstia fê-lo imaginar obstáculos que serviram para prolongar a resistência por êle oposta à sua eleição. Durante êsse tempo, tendo vagado o episcopado de Verceil, foi obrigado a aceitá-lo. Governou essa igreja durante vinte anos, com vigilância e capacidade extraordinárias. Doutrinou o povo, tanto com o exemplo como com palavras. Reformou os costumes do seu clero e de outros diocesanos; diante daquele

---

(3) L. XVI, epist. 34.

pastor tão humilde, tão sóbrio, tão casto, tão severo consigo mesmo, tão caridoso, tão liberal, tão compassivo para com todos, particularmente para com os pobres, tão assíduo a todos os ofícios divinos, tão dedicado às prédicas, muitos dêles se envergonharam de permanecer na dissipação. Embora os maiores cuidados do santo bispo envolvessem o bem espiritual da sua igreja, também não deixou de trabalhar para conseguir para ela vantagens temporais. Desembaraçou-a das dívidas, avultadas e muito onerosas; aumentou-lhe as rendas; adornou-a com novos edifícios; defendeu-lhe e fortificou-lhe os direitos, e sendo tão hábil jurisconsulto e canonista como bom teólogo, não levou por diante nenhuma causa de cuja justiça não estivesse perfeitamente compenetrado. Assim sendo, suas demandas foram sempre coroadas de êxito.

A opinião em que o público tinha a sua prudência, a sua acuidade, a sua retidão, e a sua habilidade nos negócios fez com que o Papa Clemente II e o Imperador Frederico Barbaroxa o escolhessem para árbitro nas suas dissidências. Acrescenta-se, mesmo, que foi honrado com o título de Príncipe do Império de Henrique VI, sucessor de Frederico que, em consideração aos seus méritos, concedeu vários favores à igreja de Verceil. O Papa Clemente III também o cumulou de benefícios, e Inocêncio II dêles se serviu em várias negociações importantes, especialmente quando se tratou de promover uma reconciliação entre o povo de Parma e o de Phaisance, que haviam empunhado armas para se destruírem reciprocamente. Tais eram a ciência, as virtudes e a reputação do santo bispo de Verceil na ocasião em que foi eleito Patriarca de Jerusalém, embora nessa cidade única-

mente o conhecessem de fama, ou por êle lá ter estado em peregrinação.

Tendo falecido em começos de 1203 o Patriarca Mônaco, florentino de nascimento, homem sábio e virtuoso, anteriormente arcebispo de Cesaréia, o Cardeal Sofredo, que acabava de chegar à Palestina como legado da Santa Sé, foi eleito patriarca de Jerusalém pelo clero e pelo povo, com o consentimento do rei e a aprovação dos bispos sufragâneos. Foram enviados deputados a Roma para obter a confirmação do Papa e o pallium. Depois de deliberar, o Papa ordenou que, se fôsse possível, persuadissem o Cardeal a aceitar o pôsto, mas que não o forçassem. O próprio Papa exortou-o, através de cartas, a não recusar o govêrno de uma igreja, situada no lugar onde o Senhor tanto sofrera. O Cardeal, que a principio recusara aquela dignidade, acabou aceitando-a sob as instâncias do Pontífice e ainda existe uma carta sua, datada de maio de 1203, na qual se intitula humilde Patriarca de Jerusalém e indigno legado da Sé Apostólica; mas não tardou em abdicar e conseguiu que procedessem a uma nova eleição. Todos, então, concordaram em eleger o bem-aventurado Alberto, bispo de Verceil.

Para trazê-lo da Europa foram enviados emisários, cujo chefe era Ranieri, florentino de nascimento, que fôra prior do Santo Sepulcro e que então o era de Joppé. Obteve o consentimento do Papa, que enviou por seu intermédio uma carta para Alberto, datada de 18 de fevereiro de 1204, na qual diz: "O prior e os cônegos do Santo Sepulcro vieram à nossa presença e comunicaram-nos que, em vista do nosso bem amado irmão Sofredo não ter consentido na sua

eleição, reuniram-se e elegeram-vos unanimemente para Patriarca. O rei de Jerusalém e os arcebispos concordaram com a eleição e suplicaram-nos, por meio de cartas, não apenas a induzir-vos, mas a obrigar-vos a aceitá-la. Os dois Cardeais Legados, Sofredo e Pedro, também nos escreveram no mesmo sentido. Enfim, os bispos sufragâneos de Jerusalém, que pretendem ter vozes na eleição, o que lhes é contestado pelo prior e pelos cônegos do Santo Sepulcro, concordaram, assim como o Patriarca da Antioquia e os bispos da mesma província, em delegar seus direitos a duas pessoas, as quais também vos indicaram para pastor da mesma igreja.

No resto da carta, empenha-se o Papa em persuadir o bem-aventurado Alberto a aceitar aquela dignidade, não obstante os trabalhos, os contratempos, e os perigos que então a ela se ligavam, ou melhor, por causa disso mesmo. Lembra-lhe que, para reparar a queda do gênero humano, Jesus Cristo, embora fôsse Deus, aniquilara-se, tomara a forma de servo, e escolhera Jerusalém para palco da sua paixão, em obediência a Deus, seu Pai, até à morte na cruz. Não se mostraria o servo bem ingrato e bem culpado se se recusasse a sofrer por seu senhor aquilo que o seu senhor sofrera por êle? Inocêncio desenvolve êsse pensamento com profunda piedade, como um santo. "Não argueis que sois chamado ao govêrno de uma diocese da qual não podeis tomar posse, pois está ocupada em quase tôda a sua extensão por inimigos. Lembrai-vos de como Tiago, irmão do Senhor, recebeu o govêrno da mesma Jerusalém, não submissa, mas rebelde, ainda sob poder daqueles que tinham crucificado o Senhor fora da cidade e que depois mataram o próprio Tiago junto ao templo.

“Aliás, possuíis uma parte e realmente possuíis a referida igreja; pois ela não consiste em lugares, mas em pessoas, e essas pessoas vos reclamam, a fim de que trabalheis para recuperar os santos lugares. Ora, embora sejais muito necessário na Lombardia, como um prelado a quem delegamos com segurança nossos poderes nos negócios difíceis, contudo, a premente necessidade, não apenas da Igreja de Jerusalém, mas de todo o Oriente, obriga-nos a praticar uma espécie de violência conosco mesmos, exortando-vos e conjurando-vos a aceitardes essa eleição. Não resistais à vontade de Deus: poderiam, diante da vossa recusa, colocar no lugar uma pessoa indigna, e por isso vos incriminar; e não vos tolha o temor de não obter bons resultados: mais do que o êxito, Deus recompensa o trabalho. Não nos obrigueis a usar de maior severidade para impelir-vos a obedecer às nossas ordens. Não é a uma honraria que vos elevamos, mas a um pôsto difícil; pois essa igreja tem mais encargos do que honrarias. E não aludais, para desculpar-vos, ao exemplo do Cardeal Sofredo: talvez tenha recusado, levado pelo temor de parecer ter conseguido a sua própria promoção e de ter agido no próprio interêsse ao opor-se, como fêz, à nomeação de um indivíduo indigno.

O bem-aventurado Alberto aquiesceu humildemente às instâncias do Papa. Foi a Roma, de onde foi transferido para a Sede Patriarcal de Jerusalém, recebendo não apenas o pallium, mas também a autoridade de Legado Apostólico na Palestina por quatro anos, como o Papa testifica aos prelados e a todos os fiéis do país através de uma carta datada de 16 de junho do ano seguinte, 1205. Alberto retornou a Verceil a fim de regular os negócios da igreja e pro-

ver-lhe um sucessor, e depois embarcou num navio genovês para a Terra Santa, onde aportou no ano de 1206.

Enquanto as revoluções políticas abalavam os impérios, e os terremotos destruíam as cidades, a peste e a fome dizimavam as nações e os reinos, alguns pobres eremitas viviam tranqüilamente no monte Carmelo. Essa montanha ou cadeia de montanhas, que une a Fenícia à Palestina, oferece muitos sítios favoráveis à contemplação. Acima da terra e do mar, no meio de impérios, de reinos, de nações e de povos que deixaram de existir, inacessível às tempestades das guerras travadas entre os homens, o solitário, no alto dos seus rochedos, no fundo das suas grutas, contempla em segurança os temporais que amiúde agitam o mar, lá ao longe. Era lá que o profeta Elias, antes de ser arrebatado ao céu num carro de fogo, gostava de recolher-se para escapar à perseguição de Achab e de Jezabel, e entreter-se a sós com Deus. Era lá que seu discípulo, o profeta Eliseu, costumava morar em companhia dos filhos, assim como os discípulos dos profetas, verdadeiros cenobitas da Antiga Aliança.

Não duvidamos que, em tempos passados, tal como durante a perseguição de Antioquia, quando grande número de fiéis israelitas fugiram para os desertos e para as montanhas, o Carmelo, já consagrado pela recordação de Elias e Eliseu, fôsse habitado por piedosos anacoretas. Os assídeos, os essenianos, os terapeutas, e outros religiosos e cenobitas do Antigo Testamento devem ter apreciado um lugar tão adequado à vida contemplativa. Como tôdas essas congregações judias desaparecem, pelo menos no tocante ao nome, assim que o cristianismo

surge, concluimos racionalmente que, em geral, tôdas abraçavam a nova religião. Certamente se perpetuaram sob os nomes cristãos de ascetas, monges, solitários, e outros. Durante as perseguições dos imperadores idólatras, quase ininterruptas durante três séculos, o Carmelo deve ter servido de asilo aos cristãos fiéis, como outrora servira aos fiéis israelitas sob a perseguição de Jezabel e Achab. O mesmo deve ter acontecido por ocasião da invasão do maometismo, tal como ocorreu em grandes proporções nas montanhas do Líbano, onde os cristãos refugiados formaram a nação dos maronitas. É pois, perfeitamente verossímil que, depois do profeta Elias, a montanha do Carmelo servisse habitualmente de refúgio a piedosos solitários.

João Phocas, monge grego da ilha de Patmos, que visitou os santos lugares no ano de 1185, assim remata o relato da sua viagem: "Encontra-se no monte Carmelo a caverna de Elias, onde existia antigamente um grande mosteiro, como se depreende dos restos das construções; mas foi reduzido a ruínas pelo tempo e pelas incursões dos inimigos. Há alguns anos, um monge, um sacerdote de cabelos brancos, veio da Calábria e, por revelação do profeta Elias, estabeleceu-se nesse lugar. Ergueu um pequeno muro entre os destroços do mosteiro, construiu uma tôrre e uma pequena igreja, e reuniu cêrca de dez irmãos, que presentemente habitam com êle o santo lugar". (4) Assim se expressa João Phocas, testemunha ocular. Além dêsses eremitas que ocupavam a mesma caverna, outrora moradia do profeta Elias, e que tomaram o nome de Carmelitas ou carmos, exis-

---

(4) Les Allat, opusc., c. XXXI.

tiam, em 1204, na referida montanha do Carmelo, mas em sítios férteis, três mosteiros de cenobitas, com grandes posses, segundo nos conta o monge Gunther, ao relatar a viagem de Martinho, abade de Paris, perto de Bâle. (5)

Quando o bem-aventurado Alberto, Patriarca de Jerusalém, chegou à Palestina, os eremitas do monte Carmelo, cujo número naturalmente aumentara depois do ano 1185, pediram-lhe uma regra escrita adaptada à finalidade da sua instituição. Esta lhes foi dada cêrca do ano 1209. Contém dezesseis artigos: "Deveréis ter um prior, escolhido entre vós, com o consentimento unânime de todos, ou pelo menos da parte maior e mais sã. Cada um de vós prometerá obediência e se esforçará para cumprir fielmente a sua promessa. Os irmãos terão celas separadas, que lhes serão designadas pelo prior com o consentimento dos outros, ou da parte mais sã. Ninguém poderá mudar de cela sem a permissão do prior. A cela do prior deverá ficar à entrada do recinto, a fim de que seja o primeiro a abordar os recém-chegados, e de que possa resolver livremente o que deve fazer. Cada irmão permanecerá na sua cela, ou perto, meditando dia e noite a lei do Senhor, e consagrando-se às suas orações, a não ser que esteja legitimamente ocupado. Os que scuberem ler dirão as horas canônicas, tais como são reguladas pela instituição dos santos Padres e pelo uso aprovado da Igreja; os outros dirão vinte *Pater* nos noturnos, cinqüenta acs domingos e dias de festas solenes; sete nas laudes, número igual à cada hora, exceto nas vésperas, quando dirão quinzê.

---

(5) Canis, T. V, pág. 387 — in. 4.º

Nenhum dos irmãos poderá dizer que algo lhe pertence, mas tudo será comum entre vós. O prior mandará distribuir tudo quanto o Senhor vos der, dando a cada um o que lhe fôr essencial, de acôrdo com a idade e as necessidades; de maneira, porém, que cada um possa permanecer na cela e lá viver isoladamente daquilo que lhe houver cabido. Será construído um oratório no meio das celas, onde vos reunireis tôdas as manhãs para ouvir a missa, tão cômodamente quanto fôr possível. Aos domingos, ou mesmo nos outros dias, se fôr necessário, vos ocupareis com a observação da regra; e, se algum irmão foi apanhado em falta, será caridosamente corrigido. Jejuareis todos os dias, exceto aos domingos, depois da Exaltação da Santa Cruz, a não ser que a enfermidade ou a fraqueza corporal, ou qualquer outro motivo justo, vos obriguem a interromper o jejum; pois a necessidade prescinde da lei. Nunca comereis carne, a não ser como remédio em caso de doença". O artigo décimo-segundo exorta os irmãos a empregarem as armas espirituais que lhe são propostas: o décimo-terceiro recomenda-lhes o trabalho contínuo; o décimo-quarto impõe-lhes um silêncio absoluto, desde as vésperas até a terça do dia seguinte; o décimo-quinto exorta o prior, que se chamava Brocardo, a sempre lembrar, tanto êle como seus sucessores, o que o Senhor diz no Evangelho: "Quem quiser ser o maior dentre vós, será vosso ministro; e quem quiser ser o primeiro dentre vós será vosso servo". O décimo-sexto exorta os frades a honrarem Jesus Cristo no seu prior, e a lembrarem essa palavra: "Quem vos escuta, me escuta; quem vos despreza, despreza-me". Acrescenta o bem-aventurado Alberto, ao concluir: "Se alguém fizer ainda mais do que isso, o Senhor

lhe dará a recompensa; contudo, procederá com discrição, pois a discrição deve moderar as virtudes". (6)

Tal foi a origem da Ordem dos Carmelitas, que mais tarde se disseminou por tôda a Igreja latina, produzindo Santa Teresa e São João da Cruz, e enviando ao céu virgens mártires durante a revolução francesa.

O bem-aventurado Alberto, cuja festa os carmelitas celebram no dia 8 de fevereiro, morreu no dia 14 de dezembro de 1214. Dispunha-se a ir ao concílio de Roma, mas fôra obrigado a chegar até a Lombardia censurar os desregramentos de um homem de Ivrea. Em vez de tirar proveito da paternal repreensão do Patriarca, o miserável assassinou-o com uma facada, no dia da Exaltação da Santa Cruz, no meio de uma procissão, em São João d'Acre.

\* \* \*

---

(6) Acta SS., 8 april. Vit. B. Albert., c. V.

## SANTA NOTBURGA

### *Criada*

Entre o terceiro e quarto século, a Alemanha viu uma pobre criada dar o exemplo das mais altas virtudes. Santa Notburga nasceu na aldeia de Rothemburg, no Tirol, em 1265, filha de um piedoso agricultor. Mal completara seis anos e já repartia com os pobres o pão que os pais lhe davam. Aos dezcito anos de idade ingressou no castelo de Rothemburg, na qualidade de ajudante de cozinha, e por suas belas qualidades fêz jus à estima do Conde Henrique. Fácil de contentar, partilhava com os pobres o alimento que lhe davam, e desempenhava as tarefas com religioso cuidado. Depois da morte da mãe do Conde Henrique foi despedida do emprêgo porque a espôsa do jovem fidalgo, mulher avarenta e interesseira, pretendia que ela esbanjava seus bens. Algum tempo depois aquela senhora caiu doente e Notburga, sem se preocupar com os maus tratos recebidos, foi visitá-la e ajudou-a em tudo quanto foi possível. Assistiu-a à hora da morte e tornou a voltar às suas ocupações. Tendo mudado de opinião em relação a Notburga, o Conde Henrique fê-la retornar ao castelo e confiou-lhe o govêrno da casa inteira. A piedosa donzela conservou-se até à morte um modelo permanente de tôdas as virtudes, aliando,

sobretudo, duas coisas difíceis, o trabalho e a contemplação das coisas celestiais. Recebeu do céu favores extraordinários. Uma impiedosa moléstia deu-lhe a conhecer que a sua última hora se aproximava; então, reunindo tôdas as fôrças, dirigiu ao Conde e aos seus filhos uma tocante alocução, recomendando-lhes sobretudo que cuidassem dos pobres. Logo depois adormeceu na paz do Senhor, no dia 14 de setembro de 1313, dia da Exaltação da Santa Cruz, com a idade de quarenta e sete anos. Vários milagres confirmaram-lhe a santidade. A Igreja reverencia essa santa filha nos dias 14 e 15 de setembro. É uma das padroeiras do Tirol, onde lhe dedicaram uma magnífica igreja. (1)

\* \* \*

---

(1) Godescard e Acta, 14 sept.

## EXALTAÇÃO OU GLORIFICAÇÃO DA SANTA CRUZ

O primeiro dia em que a Cruz foi exaltada, isto é, glorificada, foi aquêle em que o Filho de Deus nela foi pregado para a salvação do mundo. Êle dissera: "Quando eu fôr exaltado, levantado sôbre a terra, atrairei a mim tôdas as coisas". Erguido na Cruz, atrai a si o ladrão penitente; atrai a si o centurião romano, que glorifica a Deus e confessa que o homem que acaba de expirar é realmente um justo; atrai a si os judeus e os gentios, de Jerusalém a Roma. A Cruz aparece ao Imperador Constantino com as palavras: "Com êste sinal vencerás". Santa Helena, mãe de Constantino, torna a encontrar a Cruz do Calvário, enterrada sob ruínas. Numerosos milagres revelam-na e glorificam-na. Desde então a Exaltação, ou glorificação da Santa Cruz, se torna uma festa na Igreja. Santa Maria Egipciana, ainda pecadora, dispõe-se a adorá-la, mas só o consegue depois de resolver-se a fazer penitência pelos seus pecados. Essa festa ainda se torna mais solene no sétimo século, quando a Cruz foi transportada da Pérsia para Jerusalém pelo Imperador Heráclio.

No início do referido século, uma guerra sangrenta irrompeu entre os persas e os gregos. Essa guerra durou vinte e quatro anos, sendo que os dezoito primeiros constituíram para os gregos uma

série contínua de derrotas. Em todo o Oriente, das ruínas da antiga Babilônia ao estreito de Constantinopla, cidades foram incendiadas e destruídas, campos devastados e abandonados sem cultura, habitantes degolados, ou levados como cativos. Os persas invadiram sucessivamente a Armênia, a Mesopotâmia, a Capadócia e, em 610, chegaram às portas da Calcedônia. O advento de Heráclio não lhes interrompeu as devastações. No ano de 611, tomaram Edessa, Apaméia, Antioquia. Em 615, devastaram a Palestina e apossaram-se de Jerusalém. As igrejas, mesmo a do Santo Sepulcro, foram entregues às chamas; os habitantes, assim como o Patriarca Zacarias, levados em cativo. Os persas carregaram tudo quanto havia de mais precioso e, entre outras coisas, o lenho da verdadeira Cruz. O patrício Nicetas resgatou de um oficial persa, por uma avultada quantia, a santa esponja e a santa lança, que foram transportadas para Constantinopla e expostas à veneração dos fiéis.

O imperador Heráclio permaneceu dez anos na inação. Como que despertou em 621 e iniciou uma série de campanhas nas quais não cessou de bater os persas. Corces, rei destes últimos, recusava tôdas as propostas de paz. Matara seu pai para reinar no lugar dêle. Em 628 foi por sua vez assassinado por um de seus filhos, que lhe sucedeu. Siroes, o novo rei, tratou a paz com Heráclio, que lhe devolveu todos os cristãos cativos na Pérsia, entre êles Zacarias, Patriarca de Jerusalém, e também a verdadeira Cruz, que Sabar carregara quando a cidade fôra tomada, quatorze anos antes. Foi ela primeiramente transportada para Constantinopla; mas no ano seguinte, 629, o imperador Heráclio embarcou para levá-la de volta para Jerusalém e dar graças a Deus

pelas vitórias obtidas. Lá chegando, tomou a cruz nos ombros, a fim de conduzi-la à Igreja do Calvário, no mesmo lugar e pelo mesmo caminho através do qual o Salvador a carregara. Como vencera os persas, o Imperador envergava roupas magníficas. Porém, ao chegar à porta que levava ao Calvário, sentiu-se detido por mão invisível. Quanto mais se esforçava para avançar, mais se sentia contido. Todos se mostravam surpresos. Então o Patriarca Zacarias falou: "Reparai, príncipe, se esses trajes pomposos imitam a humildade e a pobreza de Jesus Cristo, o primeiro que transpôs esta porta sob o peso da cruz?" O Imperador compreendeu. Despojou-se de todos seus adôrnos, vestiu um hábito comum e, descalço, levou facilmente a Cruz até o Calvário, onde a colocou no seu lugar. Ela permanecia no seu estojo de prata, tal como fôra levada; o patriarca, assim como o clero, verificou que os sinetes estavam perfeitos, abriu o envólucro com a chave, adorou o santo lenho e mostrou-o ao povo. Esse restabelecimento da Cruz tornou ainda mais solene a festa da sua Exaltação, já anteriormente celebrada.

O império dos persas, povo que tantas vezes e com grande crueldade havia perseguido o cristianismo e finalmente levado embora a Cruz, recebeu pouco depois o seu castigo. Foi destruído pelo império de Maomé, que de acordo com uma profecia de Daniel, devia humilhar três outros, o dos persas, o dos gregos, o dos visigodos, na Espanha, e perdurar durante mil e duzentos e sessenta anos. Esse período terminará em nossos dias. Iniciado em 662, o império maometano, pelo menos como império anticristão, deverá acabar em 1882. Assim, desde agora, 1854, anuncia a sua própria agonia; ameaçado pela Rússia cismá-

tica e meio bárbara, implora a assistência dos poderes cristãos e católicos, implora a assistência da Cruz que durante tanto tempo combateu. Promete conceder plena liberdade aos adoradores da Cruz. De maneira que essa guerra colossal, que se arma de todos os lados, anuncia-nos uma nova Exaltação, uma nova glorificação da Cruz, e podemos cantar mais alto do que nunca: *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*; a Cristo a vitória, a Cristo a realeza, a Cristo o império.

\* \* \*

## BEM-AVENTURADO GABRIEL TAURIN DUFRESSE (\*)

*Bispo, Missionário e Mártir*

Gabriel Taurin Dufresse nasceu em Lezoux, na diocese de Clermont, em 1750.

Estudou, inicialmente, no colégio São Luís de Paris. Diácono quando no seminário das Missões, em 1774, foi ordenado padre em dezembro daquele mesmo ano.

Em 1775, era enviado para as imensidões da China. De Macau, passou a Cantão, depois, sempre viajando em indefectíveis juncos, seguindo o curso do Pe-Kiang, alcançou os montes Mei-Ling.

De Mei-Ling, percorrendo o país por terra, varando Kuang-Tong e Hu-Nan, pernoitando em feios albergues, sempre olhando com desconfiança, chegou ao ponto final da caminhada: Se-Tchuen.

Deu-se o bom Gabriel então, intensivamente, ao estudo do chinês, daquele chinês dos moradores das montanhas, que Se-Tchuen estava plantada numa montanhosa região.

Era, aquela província, quente, cheia de mosquitos, de longos arrozais sem fim, que se estendiam, verde-amarelos, pelo vale afora, perdendo-se no horizonte.

O primeiro distrito que lhe foi confiado situava-se ao norte da vasta província e compreendia treze cidades, a onze dias de penosa caminhada de Tcheng-Tu, a capital, que se encontrava a mais de mil e seiscentos quilômetros, se não mais, de Shangai.

Nem se adaptara ainda, e foi prêso, um dia, quando em Pequim. Depois de vários dissabores, puseram-no em liberdade.

Desde aquêlê dia, levou vida relativamente tranqüila, todo dado ao trabalho, até que, em 1784, com um edito do imperador, que ordenava a prisão de todos os padres católicos, principiaram-lhe, de fato, as tribulações.

Prêso, novamente, em dado momento, aproveitando-se da distração dos soldados que o seguravam, fugiu, entremeteu-se numa densa mata que havia próximo, e foi esconder-se numa grotta de vegetação cerrada, escura e úmida.

Quis, porém, o fado que, ao procurar melhor refúgio, porque ouvia a bulha dos soldados que se aproximavam, resvalasse os pés e caísse numa funda cisterna. Desesperado de salvar-se por si mesmo, Gabriel não teve outro recurso senão gritar, chamar pelos homens que o caçavam.

Agarrado pelos esbirros do imperador, remeteram-no para Pequim, e ali, enquanto aguardava o interrogatório, passava com parcos punhados de arroz e alguns goles d'água. Deus, todavia, é magnânimo, e uma "cardialgia" crônica que oprimia o bom Gabriel Taurin, inesperadamente, desapareceu.

Na tribulação, então, exclamou, satisfeito, alegremente:

— Graças sejam dadas a Deus, que nos alivia dum lado quando temos de sofrer por outro!

Os meses passavam, e, um dia, entrou em interrogatório, interrogatório minucioso, cansativo, que varava horas, e tornou ao cárcere. Afinal, depois de seis meses de confinamento, a contar do dia em que chegou a Pequim, foi libertado.

Tendo em mira buscar Macau, quando chegou a Cantão o vice-rei embarcou-o de volta à Europa, mas, em 1789, furtivamente, deixando aquêlê continente, tornou à China, entrando subrepticamente em Tchon-King, que ficava a leste de Se-Tchuen.

Quatro anos depois, era feito vigário, e, em 1790, tinha a seu passivo cento e quarenta batismos de adultos, quinhentos e trinta e dois batismos de crianças pagãs e trezentos e dez catecúmenos. Em 1793, aquêles totais eram de duzentos e setenta e três, oitocentos e trinta e um e quinhentos e trinta e sete, respectivamente. Visitava numerosíssimos cristãos, aconselhava-os, amparava, ouvia confissões infindas.

Em 1800, Gabriel Taurin era coadjutor dum antigo professor de São Luís, de Saint-Martin. Sagrado em Tcheng-Tu, a 25 de julho, com o título de bispo de Tabraca, o nosso bem-aventurado devia levar seu rude trabalho de bispo por quinze anos.

No ano seguinte, ao título de bispo, ia acrescentar outro, o de vigário apostólico de Se-Tchuen — então com cinqüenta milhões de almas, das quais perto de quarenta mil católicos.

Depois dum trabalho de grande fôlego, levando Nosso Senhor a um número infindo de homens, mulheres e crianças, de ter formado vinte e quatro padres chineses, com a sua província suplantando tôdas as do imenso país — recorde de conversões no início do século XIX — o bom Gabriel Taurin Dufresse,

aos títulos de bispo e de vigário apostólico ia juntar outro glorioso, gloriosíssimo: o de mártir da fé de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Decapitado a 14 de setembro de 1815, em Tcheng-Tu, depois de ter exortado e abençoado os cristãos, entregou a bela alma a Deus.

Deixou o bem-aventurado Gabriel Taurin Dufresse várias reflexões. Aqui vão duas delas:

1. Não se queira ser chamado de santo antes de sê-lo.

2. Um missionário tem necessidade duma grande humildade para não se perder, porque tudo conspira para lhe inspirar sentimentos de orgulho.

Gabriel Taurin Dufresse foi beatificado em 1900.

---

No mesmo dia, em Nantes, Santo Odilardo, bispo (princípios do século IX).

Em Cashel, na Irlanda, São Cormac, bispo, rei e mártir. Primeiro bispo de Cashel, foi rei do Munster. Foi morto num combate (903-907-908?). A este santo rei e mártir são atribuídos um glossário e uma Regra ascética.

Em Roma, São Cornélio, Papa; na África, São Cipriano, bispo, cuja festa se celebra no dia dezesseis deste mês. — Em Cartago, os santos mártires Crescenciano, Vítor, Rósula e Geral. — Em Roma, São Crescêncio, filho de Santo Eutímio, a quem o juiz Torpílio mandou trucidar pela espada, na *Via Salária*, durante a perseguição de Diocleciano. — Em Tréveris, São Materno, bispo, discípulo do apóstolo São Pedro, que converteu à fé de Jesus Cristo os habitantes de Tongres, de Colônia, de Tréveris e das províncias

vizinhas. — No mesmo dia, a morte de São João Crisóstomo, bispo de Constantinopla que, tendo sido banido pela facção de seus inimigos, entregou durante a viagem a sua alma a Deus, em consequência dos maus tratos infligidos pelos soldados que o levavam, enquanto o Papa Inocêncio I redigia um decreto para chamá-lo de volta. Contudo, sua festa só é celebrada no dia vinte e sete de janeiro, dia em que seu santo corpo foi trasladado para Constantinopla por Teodósio, o Moço.

\* \* \*

## 15.º DIA DE SETEMBRO

### SANTO EBRO

#### *Bispo*

Temos três cartas de São Paulino de Nola a um de seus amigos, chamado Aper, vulgarmente Santo Ebro. Destacara-se no mundo desde a mocidade, não apenas por causa das riquezas e do nascimento, mas também pelo espírito, eloquência, cultura, habilidade em negócios. Desposou uma mulher chamada Amanda, da qual teve vários filhos e uma filha, e, depois de ter adquirido grande reputação como advogado, também exerceu diversas magistraturas, como assessor e como juiz. Quando seu amigo Paulino surpreendeu o mundo inteiro com a sua renúncia absoluta, Ebro escreveu-lhe, comunicando-lhe que também se convertera; que finalmente Deus dissipara as trevas do seu espírito e que, persuadido da verdade, acreditava com fé ardente e firme que Jesus Cristo era o Filho de Deus e que fôra crucificado pela salvação dos homens. São Paulino respondeu-lhe sem tardança, tanto para felicitá-lo, como para fortificá-lo nessas santas resoluções e entreter-se com êle sôbre os verdadeiros meios de servir a Deus. A espôsa de Ebro seguiu-o, ou melhor, precedeu-o na nova via. Fizeram profissão de uma continência perpétua e

viveram juntos como irmão e irmã, só cuidando da educação dos filhos. À princípio tinham tomado a resolução de despojarem-se completamente de seus bens, a exemplo de Paulino e de Therasia; tolheu-os, porém, a idéia dos filhos. Santo Aper esperava desfrutar grandes doçuras na piedade, no recolhimento, e no estudo das divinas Escrituras, quando foi chamado para receber o sacerdócio. A fim de que ficasse mais livre para ocupar-se com o novo ministério, sua mulher tomou inteiramente para si os cuidados com a família e a administração dos bens. Baronius e vários outros acreditaram que êsse amigo de São Paulino fôsse o mesmo Santo Aper, ou Santo Ebro, bispo de Toul. (1)

Outros pensam que Santo Ebro, de Toul, seja outra pessoa com o mesmo nome, nascida na diocese de Troyes, em Champagne e que, desde a infância, se destacou como modelo de piedade para com Deus, de caridade para com o próximo, particularmente para os pobres e os infelizes, empenhando-se zelosamente em reproduzir na sua conduta tôdas as virtudes que observava nos outros. Embora essas várias circunstâncias possam reportar-se a uma só pessoa, ou a duas com o mesmo nome, o certo é que o bispo de Toul foi um pastor exemplar, cuja santidade foi confirmada por grande número de milagres. Edificava uma igreja num dos bairros da sua cidade episcopal quando foi chamado por Deus para receber a recompensa eterna. Essa igreja tomou o nome de Santo Ebro.

\* \* \*

---

(1) Paulino, epis. 30, 31, 32, T. VI. Bibl. P P.

## SÃO JOÃO, O ANÃO

### *Anacoreta de Cete*

João, alcunhado o Anão, por causa da sua baixa estatura, ocupa um lugar de relêvo entre os Padres dos desertos do Egito. Retirou-se com um de seus irmãos para o deserto de Cete e, tendo-se colocado sob a direção de um santo eremita, esforçou-se veementemente para dominar a si próprio, para apenas seguir as pegadas do espírito de Jesus Cristo. Serviu-se de todos os meios adequados à obtenção de tal vitória, sobretudo da mortificação e da humildade, que são o fundamento da vida espiritual. Logo de início seu diretor ordenou-lhe que plantasse num terreno sêco o cajado que trazia na mão, que o regasse todos os dias até que desse fruto. O discípulo obedeceu com simplicidade, embora o rio que podia fornecer-lhe água ficasse a uma distância bastante grande. Contam que, havendo cumprido a ordem que lhe fôra dada, durante três anos, sem dizer uma única palavra, o cajado criou raízes e deu fruto; e que o velho eremita colheu êsse fruto e o levou à igreja, dizendo aos irmãos: "Tomai e comei o fruto da obediência." Lê-se em Sulpício Severo que Postumiano, o qual se encontrava no Egito no ano de 402, viu, coberta de fôlhas, a árvore a que nos referimos. (1)

---

(1) Sulip. Sever., Dialog. 1, c. XIX.

São João costumava dizer que, assim como um homem vendo aproximar-se um animal feroz ou venenoso, scbe a uma árvore para evitá-lo, assim aquêlê que se vê assaltado por maus pensamentos deve elevar-se a Deus por meio de uma prece fervorosa, a fim de pôr-se ao abrigo do perigo. Ainda noviço no estado monástico, encontrava tantos encantos na contemplação, que dizia a um irmão: "Gostaria de viver sem distrações e, como os anjos, não pensar nas coisas da terra a fim de poder servir e louvar Deus sem interrupção." Depois de assim se expressar, largou a capa e internou-se no deserto. Voltou ao cabo de uma semana e foi bater à porta da cela do irmão. Êste lhe perguntou o nome: respondeu que era o irmão João. "Não pode ser, replicou o outro, pois meu irmão João transformou-se em anjo e não vive mais entre os homens." O santo pediu perdão pelo êrro, e reconheceu que, na terra, o homem não pode chegar à perfeição que imaginara; que a contemplação e o trabalho manual devem alternar-se, e que esta vida é feita para a penitência e as provações. Ouviam-no repetir com freqüência a seguinte máxima: "Quando um general quer apoderar-se de uma cidade, começa o cêrco cortando a água e as provisões; assim, se quisermos dominar nossas paixões e enfraquecer o inimigo doméstico, devemos macerar a carne com a sobriedade, o jejum e outras práticas de mortificação."

Os episódios seguintes mostram até que ponto evitava tôdas as ocasiões perigosas. Um dia em que orava, enquanto fazia esteiras, encontrou no caminho de Cete um carreteiro que o cobriu de injúrias. Abandonou o trabalho e fugiu, temeroso de perder algo da sua tranqüilidade. Outra vez, quando cor-

tava trigo nos campos, fugiu ao saber que dois ceifadores se tinham enfurecido um contra o outro. Dirigindo-se, certo dia, à igreja de Cete, ouviu duas pessoas discutir; imediatamente retornou à cela, mas recolheu-se durante algum tempo antes de entrar, a fim de purificar, por assim dizer, os ouvidos e restabelecer perfeitamente na alma a necessária calma para comunicar-se com Deus. Essa vigilância fêz-lhe adquirir o hábito da brandura, da humildade, e da paciência, a tal ponto que nada conseguia perturbá-lo. Havendo-lhe alguém dito que tinha o coração cheio de veneno, respondeu: "É verdade e bem mais do que imaginas."

Para inculcar a necessidade de dominar-se a si mesmo, citava o seguinte exemplo: Um jovem, que fôra pedir a um filósofo famoso para recebê-lo no número dos seus discípulos, recebeu esta resposta: "Em primeiro lugar ide às pedreiras e carregai pedras até o rio, durante três anos, juntamente com os malfeitores condenados às minas." O jovem obedeceu, e, expirado o prazo, retornou ao filósofo. Êste ordenou-lhe, então, que passasse mais três anos recebendo tôda a espécie de injúrias e afrontas, sem opor-lhes a menor resposta e, mesmo, dando dinheiro àquelas pessoas que o tratassem de maneira mais ofensiva. Ainda dessa vez o rapaz obedeceu; e quando novamente se apresentou, o filósofo disse-lhe que podia ir a Atenas e ingressar nas escolas em que era ensinada a filosofia. Ao chegar às portas daquela cidade, o rapaz deu com um velho que se divertia em zombar de todos os que a transpunham. Longe de encolerizar-se e de procurar justificar-se, felicitou-se, rindo-se, por ser ridicularizado com tanta malícia. E como o velho lhe perguntasse porque se ria, explicou: "Há

três anos que dou dinheiro aos que me tratam como acabais de fazer e por que não riria se agora nada me custou ser por vós ridicularizado?" "Ide, respondeu o velho, ide para as escolas dos filósofos, mereceis ser admitido. Depois de narrar essa história, o santo acrescentava: "É assim a porta do céu; todos os fiéis servidores de Deus por ela entraram através dos sofrimentos e das humilhações suportadas com doçura e paciência."

Tinha em grande estima todos aquêles que trabalhavam com zêlo para a conversão do próximo e, no tocante ao assunto, servia-se da seguinte comparação: "Será impossível construir uma casa, se quisermos começar pelo telhado e terminar pelos alicerces. Tratem de ganhar o coração de nossos irmãos, antes de procuramos ser-lhes úteis." Repetia com freqüência a seguinte máxima: "A segurança de um monge consiste em conservar-se sempre na sua cela, em velar continuamente sôbre si mesmo, e em nunca se esquecer da presença de Deus." Ninguém o ouvia comentar novidades, ou falar das coisas mundanas. Algumas pessoas lhe disseram um dia, para experimentá-lo: "Devemos agradecer a Deus pelas chuvas abundantes que caíram êste ano. As palmeiras cresceram bastante e nossos irmãos encontrarão fàcilmente com que tecer suas esteiras e cestas." João contentou-se com responder: "Assim também, quando o Espírito Santo faz cair seu orvalho sôbre os corações dos servidores de Deus, êles reverdecem, por assim dizer, renovam-se e crescem como fôlhas no temor do Senhor." Essa resposta fêz com que não mais procurassem distraí-lo. Seu espírito estava de tal modo voltado para a contemplação que lhe acntecia, depois de tecer esteiras para duas cestas, pô-las numa só,

às vêzes, sem perceber o engano; também lhe acontecia estragar o trabalho, esquecendo-se do que fazia.

São João considerava a humildade e a contrição as maiores e as mais necessárias das virtudes. Possuía-as no mais alto grau. Quando falava de Deus o fervor inflamava-lhe as palavras. Chegando um frade para visitá-lo e conversar com êle durante alguns instantes, o prazer que ambos experimentavam em ocupar-se com Deus fêz com que se esquecessem do tempo, e permaneceram palestrando até a manhã. Ao perceberem que o dia despontara, acharam conveniente separar-se; mas tendo o santo dado alguns passos para acompanhar o visitante, a conversa recaiu sôbre o céu e continuaram juntos até o meio-dia.

Certa vez, ao ver um monge rir-se durante uma conferência, o santo debulhou-se em lágrimas, dizendo: "Que razão pode ter êsse irmão para rir, enquanto temos tantas para chorar?"

Uma mulher ainda jovem, chamada Paésia, caiu na pobreza, foi abandonando aos poucos suas práticas piedosas, e acabou por entregar-se à devassidão. Os monges de Cete pediram a São João que se ocupasse com a conversão da pecadora. Êle a procurou; mas a entrada da casa lhe foi vedada. Insistiu durante muito tempo, dizendo a Paésia que não se arrependeria, se o deixasse entrar. Finalmente o pedido do monge foi satisfeito. Quando se viu dentro da casa, disse à pecadora com sua costumeira brandura: "Que razão de queixa tendes contra Jesus para assim abandoná-lo e mergulhar em tão deplorável abismo?" Tais palavras tocaram vivamente a mulher que, ao ver o santo desmanchar-se em lágrimas, lhe perguntou: "Por que chorais tão amargamente?" "Como poderia conter minhas lágrimas enquanto

veja o demônio reinar em vosso coração?" respondeu o santo. "A porta da penitência não continua aberta?" indagou ela. Tendo-lhe João respondido que os tesouros da divina misericórdia eram inesgotáveis, Paésia lhe pediu para levá-la aonde quisesse. Levantam-se, ambos, e partem em silêncio. A mulher, que se tornara penitente, deixou a casa, sem dar a menor ordem, pois renunciava ao mundo para sempre, e só queria pensar na salvação. Passou o resto da vida nos rigores da penitência e algum tempo depois morreu no deserto. São João soube, por revelação, que o fervor da penitência a absolvera perante Deus.

Sentindo-se o nosso santo próximo à morte, seus discípulos lhe pediram que lhes deixasse algumas máximas adequadas a conduzi-los à perfeição. Disse-lhes, suspirando: "Nunca obedeci à minha própria vontade; nada ensinei aos outros que não tivesse praticado antes." Morreu no começo do quinto século. (2)

\* \* \*

---

(2) Rosweide, Vitae PP., 1. V.

## SÃO VALERIANO (\*)

*Mártir*

*Século III*

São Valeriano, chamado de Tournus, foi martirizado na cidade dêste nome. Quando da perseguição de Antonino, cêrca de cinqüenta cristãos foram presos em Lião para serem atirados aos animais selvagens no circo. Salvo, com um parente, São Marcelo de Chalon, por um anjo, ambos, Valeriano e Marcelo, em precipitada fuga, rumaram para o norte.

Marcelo foi prêso e martirizado em Châlon-sur-Saone, a uma ordem do prefeito Prisco. Valeriano, que conseguiu escapulir, foi capturado em Tournus. Ali depois de torturado — rasgado pelas unhas de ferro — foi decapitado por ordem do mesmo Prisco, que demandara Tournus.

## SANTOS ÊMILAS E JEREMIAS (\*)

### *Mártires*

Êmilas e Jeremias eram dois jovens nobres de Córdoba. Êmilas era diácono e Jeremias simples leigo. Córdoba, então, jazia na mão dos árabes, e os dois, por discursarem, com muito ardor, contra Maomé, foram decapitados.

Foi um dia magnífico, de sol radioso e de céu muito azul, e, na hora em que os dois valorosos defensores da fé entregavam a cabeça aos carrascos, eis que o templo, esplendoroso, transformou-se completamente: de bellissimo, passou àquela escuridão que antecede as feias tormentas e que transe, e uma tempestade, como poucas, ruidosíssima, abateu-se sobre a terra, abalou e amedrontou a cidade que emudecera, horripilada.

Corria o ano de 852, e ambos os amigos, pendendo do cavalete, onde foram colocados depois da morte, ali ficaram expostos por todo o resto daquele estranho, feio dia de 15 de setembro.

## NOSSA SENHORA DAS SETE DORES (\*)

Antes de fazer parte da liturgia, as dores de Maria Santíssima foram objeto de particular devoção.

Os primeiros traços desta piedosa devoção encontram-se nos escritos de Santo Anselmo e de muitos monges beneditinos e cistercienses, tendo nascido da meditação da passagem do Evangelho que nos mostra a dulcíssima Mãe de Deus e São João aos pés da cruz do divino Salvador.

Foi a compaixão da Virgem imaculada que alimentou a piedade dos fiéis. Sômente no século XIV, talvez opondo-se às cinco alegrias de Nossa Senhora, foi que apareceram as cinco dores, que variariam de episódios:

1. A profecia de Simeão.
2. A perda de Jesus em Jerusalém.
3. A prisão de Jesus.
4. A paixão.
5. A morte.

Logo êste número passou para dez, mesmo quinze, mas o número sete foi o que prevaleceu.

Assim, temos as sete horas, uma meditação das penas de Nossa Senhora, durante a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo:

*Matinas* — A prisão e os ultrajes.

*Prima* — Jesus diante de Pilatos.

*Terça* — A condenação.

*Sexta* — A crucifixão.

*Nona* — A morte.

*Vésperas* — A descida da cruz.

*Completas* — O sepultamento.

As chamadas *Sete Espadas* desenvolvem-se por circunstâncias escolhidas dentre as da vida da Santíssima Virgem:

*Primeira Espada* — Outra não é que a da profecia de Simeão.

*Segunda Espada* — O massacre dos inocentes, a mandado de Herodes.

*Terceira Espada* — A perda de Jesus em Jerusalém, quando o Salvador então contava doze anos de idade, feito homem.

*Quarta Espada* — A prisão de Jesus e os julgamentos, iníquos, pelos quais passou.

*Quinta Espada* — Jesus pregado na cruz entre os dois ladrões e a morte.

*Sexta Espada* — A descida da cruz.

*Sétima Espada* — A sepultura de Jesus.

As *Sete Tristezas* de Nossa Senhora formam uma série um pouco diferente:

1. A profecia de Simeão.
2. A fuga para o Egito.
3. A perda de Jesus Menino, depois encontrado no Templo.
4. A prisão e a condenação.
5. A crucifixão e a morte.
6. A descida da cruz.
7. A tristeza de Maria, ficando na terra depois da Ascensão.

Este total de sete, que os simbolistas cristãos tanto amam, impunha uma escolha entre os episódios da vida de Maria Santíssima, por isso que se explicam certas diferenças.

A série que acabou por dominar é a seguinte:

1. *A profecia de Simeão.*

“Havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem (*era*) justo e temente (*a Deus*), e esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nêle. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte, sem ver primeiro o Cristo (*o ungido*) do Senhor. Foi ao templo (*conduzido*) pelo Espírito (*de Deus*). E levando os pais, o Menino Jesus, para cumprirem as prescrições usuais da lei a seu respeito, êle o tomou em seus braços, e louvou a Deus, dizendo:

“— Agora, Senhor, podes deixar partir o teu servo em paz,  
segundo a tua palavra;  
Porque os meus olhos viram a tua salvação,  
a qual preparaste ante a face de todos os povos;

luz para iluminar as nações,  
e glória de Israel, teu povo”.

“Seu pai e sua mãe estavam admirados das coisas que dêle se diziam. E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe:

“— Eis que êste (*Menino*) está pôsto para ruína e para ressurreição de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição. E uma espada trespassará a tua alma, a fim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos” (Lc. 2, 25-35).

## 2. A fuga para o Egito.

“Então Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquireu dêles cuidadosamente acêrca do tempo em que lhes tinha aparecido a estrêla; e, enviando-os a Belém, disse:

“— Ide e informai-vos bem acêrca do menino, e, quando o encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu o vá adorar”.

“Êles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram; e eis que a estrêla que tinham visto no Oriente, ia adiante dêles, até que, chegando sôbre (*o lugar*) onde estava o menino, parou. Vendo (*novamente*) a estrêla, ficaram possuidos de grandíssima alegria. E, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; em abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe presentes (*de*) ouro, incenso e mirra. E, avisados por Deus em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra.

“Tendo êles partido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, e lhe disse:

“— Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para lhe tirar a vida”.

“E êle, levantando-se de noite, tomou o menino e sua mãe, e retirou-se para o Egito; e lá estêve até a morte de Herodes, cumprindo-se dêste modo o que tinha sido dito pelo Senhor, por meio do profeta que disse: *Do Egito chamei o meu filho*” (Mt. 2, 7-15).

### 3. *A perda de Jesus em Jerusalém.*

“Seus pais iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando chegou aos doze anos, indo êles a Jerusalém segundo o costume daquela festa, acabados os dias (*que ela durava*), quando voltaram, ficou o Menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem. Julgando que êle fôsse na comitiva, caminharam uma jornada, e (*depois*) procuraram-no entre os parentes e conhecidos. Não o encontrando, voltaram a Jerusalém em busca dêle. Aconteceu que, três dias depois, encontraram-no no templo, sentado no meio dos doutôres, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que ouviam, estavam maravilhados da sua sabedoria e das suas respostas. Quando o viram, admiraram-se. E sua Mãe disse-lhe:

“— Filho, por que procedeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição”.

“Êle lhes disse:

“— Para que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai?”

“Êles, porém, não entenderam o que lhes disse” (Lc. 2, 41-50).

#### 4. O encontro de Jesus no caminho do Calvário.

“Quando o iam conduzindo, agarraram um certo (*homem chamado*) Simão Cireneu, que voltava do campo; e puseram a cruz sôbre êle, para que a levasse após Jesus. Seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam no peito, e o lamentavam. Porém, Jesus, voltando-se para elas, disse:

“— Filhas de Jerusalém, não choreis sôbre mim, mas chorai sôbre vós mesmas e sôbre vossos filhos. Porque eis que virá tempo em que se dirá: Ditasas as estêreis, e (*ditosos*) os seios que não geraram, e os peitos que não amamentaram. Então começarão (*os homens*) a dizer aos montes: *Cai sôbre nós*; e aos outeiros: *Cobri-nos* (Os. 10, 8): Porque, se isto se faz no lenho verde, que se fará no sêco?” (Lc. 23, 26-31).

#### 5. A crucifixão.

“Então entregou-lho, para que fôsse crucificado.

“Tomaram, pois, Jesus, o qual, levando a sua cruz, saiu para o lugar que se chama Calvário, e em hebraico Gólgota, onde o crucificaram, e com êle outros dois, um de um lado, outro de outro lado, e Jesus no meio. Pilatos escreveu um título, e o pôs sôbre a cruz. Estava escrito nêle: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS. Muitos dos judeus leram êste título, porque estava perto da cidade o lugar onde Jesus foi crucificado. Estava escrito em hebraico, em latim e em grego. Diziam, porém, a Pilatos os pontífices dos judeus:

“— Não escrevas Rei dos Judeus, mas o que êle disse: Eu sou o Rei dos Judeus”.

“Respondeu Pilatos:

“ — O que escrevi, escrevi”.

“Os soldados, pois, depois de terem crucificado Jesus, tomaram os seus vestidos (e fizeram deles quatro partes, uma para cada soldado) e a túnica. A túnica, porém, não tinha costura, era tôda tecida de alto a baixo. Disseram, pois, uns para os outros:

“ — Não a rasguemos, mas lancemos sortes sôbre ela, para ver a quem tocará”.

“Cumpriu-se dêste modo a Escritura, que diz: *Repartiram os meus vestidos entre si, e lançaram sortes sôbre a minha túnica* (S. 21, 19). Os soldados assim fizeram.

“Entretanto, estavam de pé junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cleofas, e Maria Madalena. Jesus, vendo sua Mãe, e junto dela o discípulo que êle amava, disse a sua Mãe:

“ — Mulher, eis aí o teu filho”.

“Depois disse ao discípulo:

“ — Eis aí a tua Mãe”.

“E, desta hora por diante, levou-a o discípulo para sua casa.

“Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado para se cumprir a Escritura, disse:

“ — Tenho sede”.

“Tinha sido ali pôsto um vaso cheio de vinagre. Então (os soldados), enscopando no vinagre uma esponja, e atando-a a uma cana de hissôpo, chegaram-lha à bôca. Jesus, tendo tomado o vinagre, disse:

“ — Tudo está consumado”.

“E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (Jo. 19, 16-30).

## 6. *A descida da cruz.*

“Então um homem chamado José, que era membro do Sinédrio, varão bom e justo, o qual não tinha concordado com a determinação dos outros, nem com os seus atos, (*criundo*) de Arimatéia, cidade da Judéia, que também esperava o reino de Deus, foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus; e, tendo-o descido (*da cruz*), envolveu-o num lençol” (Lc. 23, 50-53).

## 7. *O sepultamento.*

“Ora, no lugar em que Jesus foi crucificado, havia um horto, e no horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido sepultado. Por ser o dia da Parasceve dos Judeus, visto que o sepulcro estava perto, depositaram aí Jesus” (Jo. 19, 41-42).

No século XV, o século que conheceu a grande cintilação da devoção a Nossa Senhora das Sete Dores, foi que surgiram os mais tocantes testemunhos daquela devoção nas artes. E os artistas, sempre a procura de episódios que mais tocassem a sensibilidade dos cristãos, acabaram por trazer, com predileção, o que deveria ser o mais doloroso da vida de nossa Mãe Bendita — o momento, pungente momento, em que, desligado da cruz, o Salvador, inerte, pousara sobre os puros joelhos da Senhora.

As *Virgens da Piedade* — os *Pietà* do século XV — são inúmeros.

A liturgia seguiu a devoção particular. Em 1423, a festa da Compaixão foi estabelecida em Colônia e colocada na sexta-feira depois do domingo da Paixão.

Em 1672, todo o Santo Império adctou-a, e Bento XIII estendeu-a a tôda a Igreja latina a 22 de abril de 1727.

Depois de 1669, os Servitas passaram a comemorar as Sete Dores no terceiro domingo de setembro. Pio VII estendeu a festa à Igreja universal no ano de 1814. Reformado o breviário, sob o papa Pio X, foi fixada no dia de hoje, 15 de setembro.

No mesmo dia, a festa de São Lubino, bispo, um dos mais célebres prelados daqueles tempos. Nascido em Poitou, foi pastor dos rebanhos do pai. Nas horas em que os animais, pacificamente, deitados à sombra, ruminavam, o jovem punha-se a estudar o alfabeto. Tocado, o pai tirou-o da lida do campo, para que se dedicasse aos livros. Tendo Lubino buscado um mosteiro, ali principiou, sob um diácono chamado Nilefo, a nova vida. Aconselhado a procurar Santo Avito, assim o fêz. Progredindo dia a dia, foi abade, depois bispo de Chartres, sucedendo a Etário. Foi designado pelo rei Childeberto, e o povo alegrou-se sumamente com a escolha, já que a Lubino olhavam como santo. Tendo cumprido inúmeros milagres, faleceu entre 552 e 567.

Na Bretanha, Santo Hernino, ermitão. Padroeiro de Locarn, desconhece-se o ano em que viveu, mesmo o século.

Na Inglaterra, São Merino, abade, em fins do século VI. Merino, Merryn, Meadhran, Mereno, Mireno, Mirinc, Mirren ou Mirin teria sido abade, talvez bispo. Padroeiro de Paisley, a oeste de Glasgow, no Refrewshire, que está a oeste da Escócia, foi discípulo de São Comgall de Bangor.

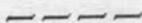
Em Varenne, na diocese de Ruão, São Riberto, abade, no século VII. São Riberto viveu nos tempos

de Santo Ouen. Praticou e pregou as virtudes monásticas na região de Torcy-le-Grand. Tendo fundado um mosteiro em Varenne, ali faleceu e foi enterrado. Quando das invasões normandas, teve as relíquias transferidas para o mosteiro de São Valério, no Somme.

Na Emília, o bem-aventurado Rolando de Médiçi, ermitão, falecido em 1386. O corpo foi levado a Busseto, ao norte de Borgo, para a igreja da Trindade.

Em Firando, no Japão, o bem-aventurado Camilo Costanzo, mártir. Nascido na Calábria, estudou direito em Nápoles, serviu o exército e acabou por recolher-se à Companhia de Jesus. Enviado à China, depois ao Japão, ali foi mártir da fé, em 1622.

Em Gênova, Santa Catarina, viúva, notável pelo desprezo que votou ao mundo e pela caridade para com Deus. Faleceu em 1510.



A oitava da Natividade da Santa Virgem Maria.  
— Em Roma, na Via de Nomentana, comemora-se São Nicomedes, sacerdote e mártir que, tendo respondido aos que o instavam para sacrificar: "Só sacrifico ao Deus, todo-poderoso que reina no céu", foi tão longamente fustigado com açoites guarnecidos com chumbo, que entregou o espírito. — Em Marcianópolis, na Trácia, Santa Melitina, mártir, que foi levada por duas vezes ao templo dos gentios e, tendo os ídolos em ambas as vezes caído ao chão, foi pendurada, dilacerada por açoites e decapitada por decreto de Antíoco, sob o Imperador Antonino. — Em Andrinopla, os santos mártires Máximo, Teo-

doro e Asclepiódoto, que receberam a coroa da glória sob o Imperador Maximiano. — E ainda, São Porfírio que, fazendo-se batizar por escárnio na presença de Juliano, o Apóstata, foi súbitamente convertido por um milagre do poder de Deus e declarou-se cristão; e como o imperador imediatamente mandasse cortar-lhe a cabeça, foi honrado com a coroa do martírio. — No mesmo dia, São Nicetas, em Goth, que foi queimado em defesa da fé católica, por ordem do rei Atanarico. — Em Lião, Santo Albino, bispo. — No mesmo dia, a morte de Santo Aicardo, abade. Na França, Santa Eutrópia, viúva.

\* \* \*

## 16.º DIA DE SETEMBRO

SÃO CORNÉLIO

*P a p a*

E SÃO CIPRIANO

*Bispo de Cartago*

São Cornélio foi eleito Papa no mês de junho de 251, aproximadamente. Eis em que têrmos escreveu mais tarde São Cipriano a um bispo da África: "O que muito eleva nosso mui querido irmão Cornélio diante de Deus, diante de Jesus Cristo, diante da sua Igreja, e diante de nossos colegas, é não ter êle ascendido ao episcopado de uma só vez; pois só chegou a êsse supremo grau do sacerdócio galgando todos os degraus requeridos pela disciplina, depois de ter exercido todos os ministérios eclesiásticos, e de ter muitas vêzes atraído as graças de Deus sôbre a sua pessoa pelos serviços prestados nesses postos divinos. Ademais, não solicitou tal dignidade, nem a ambicionava. Não se empenhou para obtê-la, como fazem aquêles possuídos pelo orgulho e pela ambição. Só encontraram nêle um espírito calmo e modesto, como devem possuir aquêles designados por Deus para serem eleitos bispos; o pudor tão natural à cons-

ciência pura das virgens; a humildade de um coração que ama singelamente a castidade e que sempre a guardou com desvêlo. Assim, não lutou para tornar-se bispo, como tantos outros; mas violentou-se para consentir em sê-lo. Foi eleito bispo por vários de nossos colegas que então se encontravam em Roma, e que nos escreveram as mais dignificantes cartas sobre a sua ordenação. Sim, Cornélio foi feito bispo pelo julgamento de Deus e de Cristo, pelo testemunho de quase todos os clérigos, pelo sufrágio do povo presente, e pelos mais antigos e santos ministros do altar, quando ninguém ainda o fôra antes, e o pòsto de Fabiano, isto é, o pòsto de Pedro, o Trono Pontifício, estava vazio. Tendo êsse cargo sido preenchido pela vontade de Deus, e a eleição confirmada pelo consentimento de todos nós, quem quiser aclamar-se bispo seja quem fôr, será necessariamente excluído e não receberá a ordenação da Igreja, em cuja unidade não mais se inclui. Seja quem fôr, gabe-se do que quiser, será um profano, um estranho, estará excluído. E como depois do primeiro não pode existir um segundo, quem tiver sido feito depois do primeiro, que deve ser o único, não é o segundo, é nada. Além disso, depois de ter sido assim elevado ao episcopado, sem intriga, sem violência, só pela vontade de Deus, a quem cabe escolher os seus pastôres, de quanta virtude, decisão e fé não deu provas ao sentar-se intrèpidamente na cadeira pontifícia, num tempo em que um tirano inimigo dos pontífices de Deus lançara contra êles fogo e chamas e, mais com mais tolerância aceitava um competidor no impèrio do que um pontífice de Deus em Roma". (1)

---

(1) Epist. 52.



Epitáfio de São Cornélio, achado na cripta de Santa Lucine,  
em Roma.

Um sacerdote ambicioso, chamado Novaciano, ofendido por não haver sido eleito Papa, transformou-se no primeiro antipapa, e no chefe do primeiro cisma na Igreja Romana. Ao cisma, juntava a heresia, sustentando que a Igreja não podia conceder absolvição àqueles culpados de perseguição, fôsem quais fôsem as penitências por êles feitas; e que não lhe era permitido comunicar-se com tais pessoas. O Papa São Cornélio, secundado por São Cipriano e por São Dionísio, de Alexandria, teve a felicidade de deter o cisma e de reconduzir à unidade a maioria dos cismáticos. Finalmente, coube-lhe a glória do martírio.

Uma perseguição irrompeu súbitamente em Roma sob o Imperador Gallus. O Papa São Cornélio foi o primeiro a confessar o nome de Jesus Cristo. Seu exemplo de tal modo animou os fiéis que, ao terem notícia do seu interrogatório, acorreram às pressas para confessar com êle; e, informados, todos os outros também teriam acorrido. Grande número dos que tinham caído, levantaram-se nessa ocasião. Enfim, tal era a coesão, que se diria ter a Igreja Romana inteira confessado. Quando a notícia chegou a Cartago, São Cipriano e sua Igreja experimentaram uma alegria inexprimível. Imediatamente, êste último escreveu a São Cornélio, felicitando-o. E também à Igreja Romana, a que denomina povo confessor. Assim encerrava a sua carta: "Já que a Providência divina nos adverte que o dia da nossa luta se aproxima, dediquemo-nos sem interrupção, juntamente com todo o povo, aos jejuns, às vigílias e às orações. Como só possuimos um coração e uma alma, lembremo-nos de um e de outra, e que seja dentre nós que saia o primeiro pela misericórdia divina; que a nossa cari-

dade mútua se mantenha ao seu lado e que nossas orações por nossos irmãos e irmãs nunca sejam interrompidas. Desejo-vos, meu mui querido irmão, que continueis a passar bem". (2)

Foi a última carta de São Cipriano a São Cornélio, que foi exilado e consumou o martírio no dia 14 de setembro de 252, depois de ter ocupado a Santa Sé durante um ano e cinco meses aproximadamente.

\* \* \*

---

(2) Epist. 57.

## SÃO CIPRIANO

Nascido na África, talvez mesmo em Cartago, de família rica e ilustre, Cipriano distinguira-se nas letras e dava lições públicas de eloquência. Embora adiantado em anos ainda era pagão. Um santo padre, Cecílio, converteu-o. Acredita-se, com muita verossimilhança, que Cecílio também tenha sido convertido por seus amigos Minúcio Félix e Otávio. O que parecia mais difícil a Cipriano era renascer para uma nova vida, idoso como estava, e com hábitos arraigados. Ainda desconhecia o poder da graça; porém, depois de receber o batismo, sentiu-se inteiramente outro, e achou fácil o que lhe parecera impossível. Em reconhecimento juntou o nome do seu mestre aos dois que usava e adotou o nome de Tácio Cecílio Cipriano. De seu lado, Cecílio, a quem êle respeitava como pai, amava-o como filho e melhor amigo; e, ao morrer recomendou-lhe a mulher e seus filhos; pois fôra casado, antes de exercer o sacerdócio.

Cipriano tornou-se o herdeiro da sua piedade e das suas virtudes. Começou a ler com entusiasmo as Santas Escrituras, menos para aprendê-las de cor do que para pô-las em prática. Como fruto dessa leitura, adotou a continência perfeita, vendeu todos os bens e distribuiu-os aos pobres. Juntamente com as Escrituras lia os autores eclesiásticos da época, em particular seu compatriota Tertuliano. Raramente

deixava passar um dia sem ler algum trecho dêste último; e dizia, ao pedir algum livro da sua autoria: "Trazei-me o mestre". Pouco depois da sua conversão, escrevera a um de seus amigos chamado Donato, batizado juntamente com êle, uma carta sôbre o desprezo pelo mundo, e a graça de Deus. Nela ressalta o que já observáramos através de autores profanos, isto é, o abismo de corrupção em que caíra o mundo pagão, do qual só a graça de Deus poderia tirar os homens. O estilo, excessivamente florido, ainda rescende em demasia ao professor de eloquência.

Por essa mesma época, escreveu seu *Tratado sôbre a Vaidade dos Ídolos*, onde estabelece que os ídolos não são deuses, que só há um Deus, e que Cristo salva àqueles que nêle crêem. As duas primeiras partes são tiradas quase inteiramente de Minúcio Félix, e a terceira de Tertuliano. Podem-se reportar à mesma época seus três volumes *Testemunhos*. Nêles se encontra como que o germe do que mais tarde foi chamado teologia escolástica, onde o conjunto da religião é apresentado com ordem e método, dividido em tópicos principais. O primeiro volume é uma espécie de tratado contra os judeus e em prol da verdadeira religião. Nêle prova que a lei dos judeus era provisória; que Jesus Cristo viria estabelecer um novo templo, um novo sacrifício, um novo sacerdócio, e uma nova Igreja; que as nações deviam crer no Salvador e obter por seu intermédio a remissão dos pecados. O segundo volume é como que um tratado dogmático da divindade e da encarnação de Jesus Cristo. Prova que Cristo é a própria sabedoria, o Verbo de Deus; que é Deus; que é Deus e homem; que devia ser crucificado, ressuscitar dos mortos, su-

bir aos céus e reinar pela virtude da cruz. O terceiro livro é uma espécie de teologia moral. Baseia o conjunto em testemunhos ou textos da Santa Escritura, aos quais só acrescenta algumas palavras para servir de ligação. Fêz êsse trabalho a pedido de um tal Quirino, a quem chama de filho.

Tanta ciência e tanta virtude elevaram-no ao sacerdócio, embora fôsse neófito. Escreveu então um *Tratado do Hábito*, ou sôbre o *Comportamento das Virgens*, que tem muitos pontos de contacto com dois ou três trabalhos de Tertuliano sôbre o mesmo assunto. Êle se estende com particular desvêlo sôbre o estado de virgindade. Denomina as virgens "flôres da Igreja, adôrno e esplendor da graça espiritual, a própria perfeição da honra e da glória, imagem de Deus respondendo à santidade do Senhor, a mais illustre porção do rebanho de Jesus Cristo. As virgens ocuparão o primeiro lugar depois dos mártires; porém, ao mesmo tempo, tanto mais sublime é a glória a elas destinada, tanto maior e mais continuamente deverão velar sôbre si mesmas. Os perigos, os abusos que aponta, os conselhos que dá, são pouco mais ou menos os mesmos que observamos em Tertuliano. Finalmente lhes pede que se lembrem dêle quando tiverem recebido o prêmio da virgindade.

Ainda não completara um ano que exercia o sacerdócio quando, tendo falecido Donato, bispo de Cartago, o povo cristão unânimemente pediu que Cipriano lhe sucedesse. Êste se retraiu, humilde, deixando para outros, mais antigos, a honra de que se julgava indigno. Porém, uma grande quantidade de irmãos cercaram-lhe a casa, vigiando tôdas as saídas; e outros esperaram-no, inquietos, muito se

alegrando ao vê-lo regressar. Foi, pois, eleito bispo de Cartago, por ordem de Deus, pelo julgamento dos bispos, numa só voz, e com o consentimento do povo, no ano de 248. Contudo, houve alguma oposição da parte de cinco sacerdotes, à frente de um pequeno número de pessoas. Cipriano bondosamente lhes perdoou, ato que excitou a admiração de todos, e tratou-os como se fôsem seus melhores amigos. Mas nem assim logrou conquistar aquêles espíritos ambiciosos e, através da história, verificamos que provocaram perturbações, não apenas em Cartago, mas até em Roma, e mesmo em tôda a Igreja.

O novo bispo aliava a doçura e a caridade à firmeza e à coragem. Ninguém podia olhá-lo sem se sentir penetrado de amor e de respeito. Observava-se em seu rosto um não sei quê de jovial e grave ao mesmo tempo. Seu exterior era comedido como o rosto; nem luxo secular, nem pobreza afetada. O carinho com que tratava os pobres, sendo apenas catecúmeno, dá para avaliar como os amou depois de bispo. (1) Como a sua súbita promoção ao episcopado excitara a inveja, e podia continuar a despertá-la, tomou a resolução de nada fazer daí por diante sem o conselho do clero e a participação do povo. Não que se julgasse obrigado a agir dessa forma; pois escreveu mais tarde a um velho bispo de outra cidade que, pela autoridade do seu pôsto, dispunha do poder necessário para governar a igreja e castigar os membros rebeldes do seu clero e do seu povo. (2) Seria, pois, raciocinar errôneamente concluir do caso pessoal de São Cipriano que todos os bispos do seu

---

(1) Pont. Vita Cyp.

(2) Epist. 65, ad Rogatian.

tempo assim procediam; seria raciocinar ainda mais errôneamente concluir que os bispos de todos os tempos deveriam imitá-lo. Foi êsse, contudo, o critério que muitos seguiram.

O relaxamento em que adormecia a maior parte dos cristãos exigia uma boa sacudidela para despertá-los. Deus permitiu a perseguição do Imperador Décio; revelou, mesmo, suas causas e sua aproximação a um dos santos de Cartago.

A perseguição do Imperador Décio irrompeu na África, no ano de 250. Muitos cristãos que se tinham relaxado durante a paz desgraçadamente sucumbiram. Mas um grande número dêles generosamente se submeteu ao martírio. Trezentos foram trucidados de uma só vez. Um número ainda maior foi condenado aos trabalhos forçados das minas; entre êstes se encontravam nove bispos, acompanhados por uma grande parte dos seus fiéis. Cipriano que, por um aviso do céu, se retirara da cidade, exortava à penitência aquêles que tinham sucumbido, consolava com suas cartas os mártires encarcerados e enviava socorros aos que haviam sido condenados às minas ou ao exílio. Quando cessou a perseguição, uma furiosa epidemia de peste assolou a população.

Foi possível, então, observar a diferença entre a humanidade corrompida pelo paganismo, e a humanidade regenerada pelo cristianismo. Entre os pagãos a consternação foi geral: cada qual só pensava em si mesmo, e em garantir-se contra o contágio pela fuga. Abandonavam os melhores amigos; expulsavam de suas casas os próprios parentes, como se fôsse possível expulsar a morte juntamente com o doente. As ruas de Cartago estavam cheias de moribundos, de mortos, e de cadáveres meio apodrecidos. Só se lem-

bravam de um parente, de um amigo, quando se tratava de apoderar-se de seus despojos. Muita gente se aproveitou dessa calamidade para pilhar e roubar públicamente, sem temor nem vexame. Então São Cipriano reuniu a população cristã e estimulou-a a praticar a caridade segundo os exemplos das Escrituras, acrescentando que era pouco mostrar-se compassivo com os amigos, mas que seria preciso imitar a bondade de Deus, nosso Pai, e assistir até aos próprios inimigos. Em seguida designou a cada um dos fiéis uma função particular, de acôrdo com a sua condição: os ricos contribuïam com bens, os pobres faziam ainda mais, contribuïam com as suas pessoas. Dessa maneira muito auxílio prestaram não apenas aos cristãos, mas aos próprios pagãos que perseguiam a Igreja. E muitos dêstes se converteram. Como havia entre os fiéis alguns que não mostravam a mesma coragem da maioria, São Cipriano escreveu seu *Tratado da Mortalidade*. É o que chamaríamos um mandamento ou carta pastoral, destinada a despertar a fé por meio das tribulações desta vida, e a obrigar a considerá-las relativamente a Deus e à eternidade. Refere-se a um bispo que, prêsa de uma doença mortal, pedira a Deus mais um pouco de tempo e fôra enêrgicamente censurado numa visão; e afirmou ter tido várias revelações nas quais Deus lhe ordenava ensinar que não devemos chorar nossos irmãos quando por êle forem chamados, pois sabemos que não estão perdidos, mas que foram os primeiros a partir para uma viagem.

Além da peste, o império teve que sustentar várias guerras: os citas, os gôdos, e outros bárbaros devastavam a Europa; os persas chegaram até Antioquia e pilharam-na. Havia quem apontasse os cris-

tãos como causa de todos êsses males. Ninguém, melhor do que Demétrio, sabia lançar semelhantes acusações. Era um assessor do procônsul da África, ou o próprio procônsul. Perseguiu os cristãos da maneira mais cruel, expulsava-os de suas casas, despojava-os de seus bens, sobrecarregava-os de cadeias, encarcerava-os em masmorras, e finalmente condenava-os a serem desapiadadamente mortos pelas feras, pelo ferro e pelo fogo. Sua falta de humanidade levava-o a inventar novos suplicios, a fim de aumentar as torturas dos mártires, prolongando-as. Apesar disso ia sempre visitar São Cipriano. Como o fazia mais para discutir do que para aprender alguma coisa, o santo jamais consentiu em conferenciar com êle e durante muito tempo só respondeu com um modesto silêncio a tôdas as suas impiedades e a tôdas as suas blasfêmias. Vendo, contudo, que Demétrio e outros, instigados por êste, responsabilizavam a religião por todos os males do império, receou que o seu silêncio pudesse ser atribuído à fraqueza e à desconfiança, e não a uma sábia continência. Refutou, pois, tôdas aquelas calúnias num escrito dirigido ao próprio acessor.

Nêle demonstra que as desgraças dêste mundo, que envelhece continuamente, devem de preferência ser atribuídas aos crimes e à impiedade dos homens; e não eram os cristãos a causa delas, pois não adoravam os falsos deuses, e sim os pagãos as atraíam, pois não adoravam o verdadeiro Deus e perseguiam os que o faziam; que era Deus que, para vingar-se do desprezo que lhe votavam, e aos que o serviam, castigava severamente os homens fazendo-os sentir o castigo; que os deuses dos pagãos, longe de poderem exercer tal vingança, eram expulsos dos corpos por êles possuídos; que os cristãos sofriam com paciência,

certos de que bem depressa seriam vingados; que neste mundo suportavam os mesmos males que os pagãos, mas que se consolavam, porque após a morte gozariam de uma felicidade eterna, enquanto os pagãos seriam condenados no dia do seu julgamento às penas eternas. Enfim, zelosamente, exortava-os a renegarem seus erros: "Crêde naquele que não engana. Crêde naquele que predisse tôdas estas coisas. Não invejamos vossa felicidade, nem vos ocultamos os benefícios de Deus. Ao vosso ódio respondemos com benevolência e em troca dos tormentos que nos infligis, vos mostramos o caminho da salvação. Crêde e vivei; depois de ter-nos perseguido durante algum tempo, regozijai-vos eternamente conosco. Quando finalmente partirmos daqui, não haverá mais oportunidade para penitência e reparação. É aqui que garantimos ou perdemos a vida eterna. Nem os pecados, nem os anos devem impedir alguém de procurar-nos para conseguir a salvação. Para quem ainda se encontrar neste mundo, nunca será tarde para conseguir a salvação. A misericórdia de Deus é sempre acessível. Se estivésseis vós mesmo na hora da vossa morte, se orásseis pelos vossos pecados; e se, por um ato de fé e de arrependimento, implorásseis o Deus único e verdadeiro, seríeis perdoado pela sua misericórdia e, no próprio ato da morte passaríeis à imortalidade. Foi Cristo quem obteve para nós essa graça e que nô-la comunica. Possamos todos nós caminhar nas suas pegadas, alistados sob o seu estandarte! (3)

Várias cidades da Numídia sofreram uma incursão dos bárbaros; êstes levaram para o cativo

---

(3) Cyp., ad Demetrianum.

muitos cristãos de ambos os sexos. Oito bispos escreveram a São Cipriano pedindo-lhe que os auxiliasse a resgatar os cativos. O santo não pôde ler as cartas sem derramar lágrimas; o que mais o impressionara eram os perigos a que estavam expostas as virgens. Comunicou as cartas aos fiéis de Cartago que, igualmente sensibilizados, contribuíram com generosidade para aquela obra de caridade. Os donativos do clero e do povo de Cartago elevavam-se a cem mil sestércios, cêrca de vinte mil francos. Outros bispos que se achavam presentes também contribuíram com pequenas quantias, em nome deles e do povo. São Cipriano enviou todo o dinheiro ao bispo da Numídia com uma carta, na qual dizia: "Se para pôr à prova a nossa caridade, ocorrer um pequeno acidente, não temais nô-lo relatar; e, embora a nossa igreja inteira implore com as suas orações para que nada aconteça, ficai certos de que, se suceder, ela vos socorrerá de boa vontade e generosamente. E, a fim de que rezeis na intenção de nossos irmãos e irmãs que contribuíram para esta obra de caridade, escrevi os nomes de todos êles. (4)

A fim de cultivar cada vez mais as caridosas disposições do seu povo, São Cipriano escreveu o livro *Sôbre as Boas Obras e a Esmola*, no qual, com admirável eloquência, recomenda a caridade e condena a indiferença de alguns ricos. Escreveu na mesma ocasião seu excelente comentário sôbre a *Oração Dominical*, onde tão bem se expressa sôbre a necessidade e o poder da graça, que o pelasgianismo nela se encontra antecipadamente refutado. Explica a Eucaristia com estas palavras: "Dai-nos hoje nosso

---

(4) Epist. 60.

pão cotidiano”, e comenta: “Pedimos que êsse pão nos seja dado cada dia no receio de que nós, que estamos em Cristo, não fiquemos, por causa de algum pecado mais grave, privados da comunhão do pão celeste e separados do corpo de Cristo”.

Valeriano, que acabava de subir ao trono do império, a princípio, mais do que qualquer de seus predecessores, sem excetuar os dois Filipes, favoreceu os cristãos. A sua casa estava sempre cheia de pessoas piedosas. E assim cessou a perseguição e a Igreja permaneceu em paz durante mais de três anos.

Tal como vemos na vida do Papa Santo Estêvão, no dia 2 de agosto, por êsse tempo levantou-se uma grande controvérsia sobre o batismo dos heréticos. São Cipriano não tinha razão: porém, como diz Santo Agostinho, se cometeu algum êrro, reparou-o com o martírio que sofreu durante a perseguição de Valeriano.

Quando a notícia dessa perseguição começava a espalhar-se na África, um tal Fortunato, provavelmente o bispo que fôra outrora enviado a Roma, pediu a São Cipriano que compusesse uma exortação tirada das Santas Escrituras, a fim de encorajar os fiéis à luta que se anunciava. O santo escreveu uma exortação ao martírio. Era um extrato de diversas passagens das Escrituras, dividido em doze capítulos. Pouca coisa a elas acrescentou, no intuito de que o próprio Fortunato, ou outros, pudessem utilizá-las na composição de livros, caso o desejassem, da maneira que acreditassem mais proveitosa. “Envio-vos, não um vestuário já pronto, mas a lã e a púrpura do cordeiro que nos resgastou e vivificou. Fareis uma túnica a vosso gosto, tanto mais apreciada por vós, por ter sido feita em as vossas próprias mãos; pois aquela

que eu poderia ter feito seria adequada a mim e talvez não o fôsse a outro". Acrescenta que, em se tratando de fazer mártires, os homens devem calar-se e deixar que Deus fale. (5)

Depois de ter estimulado com as suas palavras os fiéis à luta, estimulou-os com o seu exemplo. No dia 30 de agosto de 259 foi apresentado ao procônsul da África, chamado Paterno, em Cartago, no secretariado. Declarou prontamente que era cristão e bispo; que os cristãos só adoravam um único Deus, que oravam dia e noite por eles mesmos, por toda a humanidade, e pela conservação dos imperadores. Vendo que ele persistia na confissão da sua fé, Paterno disse-lhe que seria exilado para Curube. O santo apenas respondeu: "Irei para lá". O procônsul acrescentou que desejava saber quem eram os sacerdotes de Cartago. Cipriano observou que as leis civis justamente condenavam os delatores; que, assim sendo, não denunciaria os sacerdotes; que, aliás, as regras da disciplina cristã não permitiam alguém se apresentasse espontaneamente; que, se os procurasse, haveria de encontrá-los. Por mais que o procônsul insistisse, nada mais conseguiu arrancar-lhe. Em seguida, falou ao santo sobre a proibição que havia de entrar nos cemitérios e de lá promoverem reuniões, ameaçando de morte os que a ela não se submetessem. Cipriano apenas respondeu: "Fazei o que vos foi ordenado". Então o procônsul deu ordens para que fôsse deportado para Curube. Era um lugar bastante aprazível, à beira-mar, embora deserto e isolado. Cipriano lá desfrutou de solidão e de todas as comodidades desejáveis. Em tudo era

---

(5) Cyp., Epist. ad Fortunat.

assistido pela caridade dos fiéis do lugar, além de receber freqüentes visitas de Cartago, que ficava apenas a cinqüenta milhas de distância, cêrca de dezesseis ou dezessete léguas. Na primeira noite que passou no lugar, Cipriano teve uma visão que lhe deu a entender que consumaria seu martírio dentro de um ano. (6)

De Cartago a perseguição se estendera às outras províncias da África. Cipriano não tardou em ser informado no seu exílio que nove bispos, com sacerdotes, diáconos e grande número de fiéis, até virgens e crianças, haviam sido presos e que, depois de espancados, tinham sido enviados a trabalhar nas minas de cobre das montanhas da Mauritània e da Numídia. Êsses nove bispos tinham todos assistido ao último concílio de Cartago. São Cipriano escreveu-lhes, assim como aos outros mártires, para felicitá-los e consolá-los. Disse que a glória de seus sofrimentos seria a recompensa da fé que professavam e de suas virtudes. Acentuou que uma parte dos fiéis já consumara o martírio e que a outra parte ainda se encontrava na prisão. Também descreveu a maneira por que eram tratados naquelas montanhas. Tinham ferros nos pés, só recebiam um pedaço de pão, não dispunham de roupas para defender-se do frio, não tinham outro leito a não ser a terra nua, eram sobrecarregados de trabalho, sempre na sujeira e na imundícia, sem nem ao menos o consôlo de celebrar o sacrifício divino. Com essa carta, remeteu-lhes esmolos. Os confessores, disseminados em três diferentes minas, responderam-lhe por três cartas, nas

---

(6) Pont. Vita Cyp., e Ruinart.

quais lhe dirigiam grandes louvores. A Igreja festeja esses santos no dia 10 de setembro.

A perseguição tornou-se ainda mais intensa no ano de 258. Com a permissão do imperador, São Cipriano retornara do exílio e permanecia num jardim nas imediações de Cartago, que vendera no início da sua conversão, e que lhe fora restituído pela Providência. Tê-lo-ia novamente vendido para dar esmolas com o produto da venda, caso não temesse provocar a inveja dos pagãos naqueles tempos de perseguição. Foi aí que acabou de regular os negócios da Igreja e de distribuir entre os pobres tudo quanto lhe restava. Soube que a perseguição recomeçara, e como corriam boatos confusos, enviou emissários a Roma para ter notícias seguras. Soube, então, o que Valeriano já relatara ao Senado, isto é, o martírio do Papa Sixto e a violência da perseguição na capital. Informou disso o seu clero, não imediatamente, mas quando pôde fazê-lo, pois os clérigos que se encontravam ao seu lado, aguardando a hora da luta, não podiam afastar-se. Pediu que transmitissem essas notícias aos outros bispos, a fim de que pudessem preparar os fiéis para o martírio. De maneira, acrescenta êle, que cada um de nós pense mais na imortalidade do que na morte.

O procônsul Galério Máximo sucedera a Paterno e todos sabiam que êle não deixaria de mandar buscar Cipriano. Um número avultado de senadores e de outras pessoas importantes, ou pelos cargos, ou pelo nascimento, iam procurar o santo e, tangidas pela amizade que lhe dedicavam havia muito, aconselhavam-no a partir para qualquer outro lugar, e ofereciam-lhe abrigos onde pudesse refugiar-se. Êle, que não se sentia prêso ao mundo, não consentia em

retirar-se; mas não perdia nenhuma oportunidade para assistir aos fiéis e exortá-los ao desprezo dos sofrimentos temporais; desejava sofrer o martírio enquanto estivesse falando de Deus. Contudo, tendo sabido que o procônsul, que se encontrava em Utica, tinha enviado soldados para conduzi-lo àquela cidade, ouviu os conselhos de seus melhores amigos e deixou o jardim por um sítio onde ficasse mais resguardado.

De lá escreveu uma última carta, endereçada aos sacerdotes, aos diáconos, e a todos os fiéis da sua igreja. Explicou-lhes a razão por que procurara um abrigo: convinha a um bispo confessar o Senhor na cidade, cuja igreja governava. "Pois o que o bispo diz no momento da sua confissão, inspirado por Deus, diz em nome de todo seu rebanho. Seria desmerecer a honra de uma igreja tão gloriosa como a nossa, receber minha sentença em Utica e de lá partir para receber a coroa do martírio. Assim sendo, não cessei de desejar ardentemente e de pedir em tôdas as minhas orações que me seja dado confessar o Senhor junto a vós, tanto por mim como por vós, e que possa sair do vosso lado para ir-lhe ao encontro. Quanto a vós, meus bem-amados irmãos, observai a disciplina; e, de acôrdo com os preceitos do Senhor e as instruções que tantas vêzes vos dei, conservai-vos calmos e sossegados. Que nenhum de vós se agite, por causa de nossos irmãos, ou se apresente de espontânea vontade aos pagãos: será bastante que fale quando fôr prêso, pois nesse caso será o Senhor quem falará pela nossa bôca. Que o Senhor se digne a conservar-nos sempre sãos e salvos na sua Igreja! Assim seja pela sua misericórdia!"

Durante a sua permanência em Utica, o procônsul mandou comparecer diante dêle todos os cristãos

encarcerados nas prisões da cidade. Eram mais de cento e cinquenta e três, de acôrdo com Santo Agostinho; outros elevam o número a trezentos. Galério Máximo ordenou que acendessem o fogo numa fornalha de cal, junto da qual colocaram um altar com sal e o fígado de um porco para serem ofertados aos ídolos. O tribunal foi instalado ao lado. Disse aos cristãos que podiam optar entre sacrificar ou serem lançados na fornalha de cal. Êles preferiram a morte e arderam na fornalha, todos ao mesmo tempo. Os fiéis juntaram-lhes as cinzas; e como formavam uma massa misturada com cal, foram chamados "a massa branca". (7)

Tendo o procônsul retornado a Cartago, São Cipriano voltou para o seu jardim. Lá se encontrava no dia treze de setembro, quando súbitamente chegaram dois oficiais do procônsul acompanhados de soldados. Imaginavam surpreendê-lo; mas êle esperava a ordem de prisão. Fizeram-no subir num carro, que rodearam, e levaram-no até seis milhas adiante, cêrca de légua e meia de Cartago, a um campo para o qual o procônsul se retirara, a fim de recuperar a saúde. Cipriano para lá se dirigiu de rosto calmo e alegre, certo do seu martírio; mas o procônsul deixou para interrogá-lo no dia seguinte. Levaram-no do pretório à casa do primeiro oficial. Entretanto, espalhará-se pela cidade de Cartago que Tácio Cipriano fôra conduzido perante o procônsul. Como era muito conhecido, principalmente por causa dos benefícios por êle praticados, uma multidão de pessoas acorreu para presenciar o espetáculo: os fiéis, para fortificar a sua fé; os infiéis, por compaixão. A

(7) Acta SS., 24 aug.

multidão era proporcional ao tamanho de Cartago, cuja população não era menor que a de Roma.

São Cipriano estava prêso em casa do oficial de maneira honrosa; e assim não deixou de comer em companhia de seus amigos e de conservá-los a seu lado como de costume. O povo fiel, receando que agissem às ocultas durante a noite, passou-a na rua, diante da porta da casa do oficial. Dir-se-ia que se tinham reunido para celebrar a vigília do martírio do santo. Cipriano, sempre cuidadoso com o rebanho, ordenou que resguardassem as donzelas que se encontravam no meio da multidão. No dia seguinte, quatorze de setembro, o procônsul mandou buscá-lo. O santo bispo saiu de casa acompanhado de uma grande multidão: o céu estava muito claro e o sol resplandecia. A distância da casa ao pretório era de um estádio, isto é, de cento e vinte e cinco passos. O procônsul ainda não havia chegado quando Cipriano se apresentou: fizeram-no esperar num lugar isolado, e êle se sentou numa cadeira coberta com um pano, que ali se encontrava por acaso; era costume cobrir assim as cadeiras dos bispos, para enobrecê-las. Como estava banhado de suor, por causa da caminhada, um soldado que era cristão ofereceu-lhe uma muda de roupa, esperando conservar em seu poder o suor do mártir. Cipriano recusou-a, dizendo-lhe: "Não é preciso remediar males que talvez terminem ainda hoje".

Enfim, informado da sua presença, o procônsul mandou conduzi-lo à sala onde estava sentado. E perguntou-lhe: "Sois Tácio Cipriano?" O bispo respondeu: "Sim, sou-o". "Sois considerado Papa por homens sacrílegos?" "Sim". "Os mui sagrados imperadores ordenam-vos que sacrifiqueis". "Não o fa-

rei". O procônsul insistiu: "Pensai em vós". Cipriano disse: "Fazei o que vos foi ordenado: é coisa justa, não precisais consultar-me". Tendo seguido êsse conselho, o procônsul pronunciou a sentença penosamente, pois estava passando mal. Era concedida nos seguintes têrmos: "Há muito tempo que vives com um espírito sacrílego, que reúnes um grande número de pessoas numa conspiração ilícita, e que és inimigo declarado dos deuses romanos e das leis sagradas; e nossos piedosos e muito sagrados príncipes Valeriano e Galiano, augustos, e Valeriano, mui nobre César, não conseguiram trazer-te de volta à seita de suas cerimônias. É porque, sendo culpado de crimes tão perniciosos, servirás de exemplo àqueles que reuniste no teu crime; a ordem será confirmada com o teu sangue". Depois de pronunciar essas palavras, leu o decreto redigido sôbre uma tabuinha nos seguintes têrmos: "Aprez-nos castigar Tácio Cipriano pela espada". Cipriano disse: *Deo gratias*. Deus seja louvado. Os cristãos, presentes em grande número, exclamaram: "Queremos ser degolados com êle". E houve uma confusão muito

como não podia atar as próprias mãos, permitiu que um sacerdote e um diácono o fizessem; os cristãos estenderam à sua frente panos e toalhas destinadas a receber o sangue do mártir. Nessas circunstâncias, Cipriano teve a cabeça decepada no dia 14 de setembro de 258, no mesmo dia, um ano depois, em que tivera a visão relativa à sua morte. Os fiéis enterraram-no num sítio vizinho, levando tochas e círios; foi um cortejo pomposo. O procônsul morreu pouco tempo depois.

Todos os dias a Igreja rememora São Cornélio, e São Cipriano no cânone da missa. Imitemos a Igreja. Lembremo-nos desses santos, se não todos os dias, pelo menos com freqüência; recordemos seus exemplos; tomemos para nós estas palavras que São Cipriano dirigia aos fiéis do seu tempo: "Devemos considerar o céu como sendo a nossa pátria. Temos uma multidão inumerável de amigos, de parentes, de irmãos e de filhos que suspiram pelo momento em que nos reuniremos a eles. Não temem que a felicidade que desfrutam possa ser-lhes arrebatada; mas estão inquietos em relação à nossa. Que alegria gozaremos todos juntos quando nos encontrarmos na mansão celeste! Lá nos reuniremos ao glorioso côro dos apóstolos, ao majestoso convívio dos profetas, à inumerável multidão dos mártires. Assim seja.

## BEM-AVENTURADO LUÍS ALEMAN (\*)

### *Arcebispo e Cardeal*

Filho de nobres, nascido em Bugey, entre 1385 e 1390, Luís Aleman estudou em Avinhão e, graças ao nome de família, obteve inúmeros benefícios eclesiásticos.

Em 1409, apareceu, com um tio, camareiro, no concílio de Pisa. Em 1410, foi legado do papa Alexandre V na França.

Depois de ter acompanhado algumas sessões do concílio de Constance, em 1415, tornou a Avinhão. Em 1417, novamente em Constance, participou da eleição de Martinho V. Por êste Pontífice, foi feito bispo de Maguelone, em 1418.

Foi o bem-aventurado Luís Aleman um pacificador dos Estados da Igreja: para isto, trabalhou com grande carinho de 1419 a 1420.

Em 1423, pelo mesmo papa Martinho V, era nomeado arcebispo de Arles. Cardeal do título de Santa Cecília Transtiberina, em 1426, em tempos difíceis, politicamente, Luís foi aprisionado na Bolonha em 1428, mas tornou a Roma quando da eleição de Eugênio IV, em 1431.

Um dos que batalharam pela Imaculada Conceição de Maria, depois de vida santa, mas agitada,

faleceu em 1450, em Salon. Os peregrinos afluíram, imediatamente, à tumba que o recebeu, em São Trofimo, porque, morto, apaziguou tempestades, conjurou incêndios, curou vários enfermos e ressuscitou alguns mortos.

---

No mesmo dia, em Roma, a morte de Santa Cecília, virgem e mártir: persuadiu a Valeriano, seu noivo, e a Tibúrcio, irmão daquele, a serem em Cristo e a enfrentarem o martírio. Depois do suplício, Almáquio, prefeito da cidade, aprisionou-a, e, num célebre combate em que suplantou a violência do fogo, fê-la morrer pela espada, em tempos do imperador Marco Aurélio Severo Alexandre. A festa celebra-se aos 10 das calendas de dezembro (22 de novembro). Ver êste dia.

Em Sutri, Santa Dulcíssima, mártir. Sutri, na Toscana, cultua Santa Dulcíssima, virgem e mártir (*Acta Sanct*) desde tempos imemoriais.

Em Nocera, na Campania, São Prisciano, bispo. Dêste santo prelado, do qual São Paulino nos diz que se celebrava a festa em Nola, se bem que fôsse bispo de Nocera, não se sabe absolutamente nada. Segundo se pensa, teria sido mártir: pelo menos honram-no como tal. Figura-lhe o nome nas mais antigas compilações do martirologio.

Perto de Mirepoix, em Languedoc, Santa Camélia, mártir (século V?). Mirepoix, condado de Foix, fica a leste de Ariège. Há ali uma igreja e uma fonte, cujas águas são excelentes para doenças dos olhos, consagradas a Santa Camélia (também Ca-

mila), virgem martirizada nos tempos dos romanos ou dos albigenses.

No Mans, São Príncipe, bispo, falecido depois de 511. Assistiu ao concílio de Orléans. Os *Actus pontificum Cenomannis* dão sobre este santo prelado uma notícia sem muito valor. Morto, foi sepultado na basílica dos Apóstolos ou de São Vítor.

No monte de Santa Odila, na Alsácia, Santa Eugênia, abadessa, no século VIII. Em fins do século VII, o duque Etichon era consideravelmente grande na Alsácia. Odila, sua filha, fundou a abadia de Hohenburgo na montanha que seria chamada a montanha santa da Alsácia, lugar de importante peregrinação. O duque Adalberto, irmão de Odila, fundou, em Strasburgo, a abadia de Santo Estêvão. A filha Atala foi a primeira abadessa. Os filhos de Adalberto, Liutfrido e Ebroardo, criaram o mosteiro de Honau, plantado numa ilha do Reno. A irmã, Eugênia, sucedeu a Odila na montanha dita sagrada.

Na Boêmia, Santa Ludmila, mártir. Depois do século XII, a tradição da Igreja Checa assegurou que o duque Borivoj foi batizado por São Método na corte de Svatopluk. Ludmila foi casada com Borivoj. Também batizada por São Método, foi estrangulada (921) por membros da família, que olhavam descuidadamente para a cristianização daqueles santos governantes.

Em Nagasaki, Japão, os bem-aventurados Domingos Chobioye, Miguel Fimonoya e o filho Paulo, mártires, em 1628. Estes três mártires japoneses morreram nas hecatombes ordenadas em setembro daquele 1628 pelo governador de Nagasaki, Cavatchidoño.

Em Lima, no Peru, o bem-aventurado João Masias, dominicano, falecido em 1645. Nascido na Espanha em 1585, de pais nobres e arruinados, foi menino prudente, inteligente e piedoso. Gostava de pregar aos companheirinhos. Pastor, para ajudar os pais, acabou deixando a pátria e partiu para a América do Sul. Irmão converso no convento dominicano da Madalena de Lima, notabilizou-se pela mortificação e caridade para com os pobres e os doentes. Sentia a maior satisfação em rezar pelas almas do purgatório. Imitemo-lo neste belo exemplo de caridade.

Na Calcedônia, Santa Eufêmia, virgem e mártir que, sob o Imperador Diocleciano e o procônsul Prisco, suportou por Jesus Cristo as torturas do cárcere, dos açoites, das rodas, do fogo, do pêso das pedras, das feras, das serras afiadas, das fornalhas incandescentes; sendo novamente conduzida ao anfiteatro para ser outra vêz exposta às feras, enquanto orava a Nosso Senhor, pedindo-lhe que se dignasse aceitar-lhe a alma, uma das feras a atacou, enquanto as outras lhe lambiam os pés, e ela entregou a alma pura nas mãos de Deus. — Em Roma, Santa Lúcia, dama notabilíssima, e São Geminiano, ambos mortos pela espada por ordem do Imperador Diocleciano, depois de terem suportado com heróica coragem longas e cruéis torturas. — Ainda em Roma, na Via Flaminiana, os santos mártires Abúndio, sacerdote, e Abundâncio, diácono, que, por ordem do mesmo imperador, pereceram pela espada, a dez milhas da cidade, juntamente com Marciano, pessoa ilustre, e João, seu filho, a quem os dois santos haviam ressuscitado. — Em Heracléia, na Trácia, Santa Sebastiana, mártir, que São Paulo convertera à fé de Jesus Cristo e que,

depois de ter passado por muitas provas sob o imperador Domiciano e o prefeito Sérgio, finalmente teve a cabeça decepada. — Em Córdova, os santos mártires Rogelo e Servideus, que primeiro tiveram as mãos e os pés cortados, e em seguida foram decapitados. — Na Escócia, São Niniano, bispo e confessor. — Na Inglaterra, Santa Edite, virgem, filha de Edgar, rei dos ingleses que, desde a mais tenra idade se consagrara a Deus num mosteiro e mais ignorou o mundo do que o deixou.

\* \* \*

## 17.º DIA DE SETEMBRO

### SANTA HILDEGARDA

#### *Virgem*

Nasceu no condado de Spanheim, diocese de Maiença, no ano de 1098, de pais nobres e virtuosos, que a consagraram ao serviço de Deus desde seus mais tenros anos, pois nem bem começara a falar, dera a entender, tanto por palavras como por sinais, que via coisas extraordinárias. Com a idade de oito anos foi levada ao mosteiro de Disemberg ou do monte São Disibode, e colocada sob a direção da bem-aventurada Jutte ou Judite, irmã do Conde de Spanheim, que levava vida reclusa, e que a formou na humildade e na incência, apenas lhe ensinando a ler o salmério. Aos oito anos aos quinze, Hildergarda continuou a ver sobrenaturalmente muitas coisas, das quais falava com simplicidade às companheiras, que ficavam maravilhadas, assim como todos que disso tiveram conhecimento. Indagavam qual poderia ser a origem das visões. A própria Hildergarda observou, surpresa, que, enquanto via interiormente na sua alma, ao mesmo tempo enxergava as coisas exteriores com os olhos do corpo, como de costume, o que jamais ouvira dizer houvesse acon-

tecido a qualquer outra pessoa. Desde então, prêsa de temor, não ousou mais entreter-se com pessoa alguma sôbre a sua luz interior. Contudo, acontecia-lhe, nas suas conversas, referir-se muitas vêzes a coisas ainda por suceder, e que pareciam estranhas aos ouvintes. Ela via e ouvia tais coisas, não em sonhos, enquanto dormia, não em estado de exaltação, nem com os olhos do corpo, ou com os ouvidos do homem exterior; mas percebia-as bem desperta, apenas olhando dentro da sua alma, com os olhos e os ouvidos do homem interior, e quando se encontrava em lugares abertos, de acôrdo com a vontade de Deus. É a própria Hildegarda quem o explica.

Esse estado de intuição sobrenatural perdurou durante tôda a vida. Escrevia, já idosa: "Desde a minha infância até hoje, com mais de setenta anos de idade, sempre vi essa luz na minha alma, e percebo-a, não com os olhos exteriores, através dos pensamentos do coração, ou com o concurso dos cinco sentidos externos, muito embora os olhos exteriorcs permaneçam abertos, e os outros sentidos corporais conservem suas funções; pois a luz que vejo não é local, porém, mais luminosa do que a nuvem que envolve o sol, e não me seria possível discriminar-lhe a altura, o comprimento ou a largura. Chamam-na sombra da luz viva; e, como o sol, a lua e as estrêlas se refletem na água, assim as palavras, os escritos, as virtudes e algumas obras dos homens se refletem nessa luz. Guardo longamente a lembrança de tudo quanto vejo ou apreendo nessa visão. Vejo, ouço e aprendo ao mesmo tempo tudo o que sei. Mas tudo quanto não vejo, ignoro, pois não tenho instrução; e ao escrever estas coisas, só uso as palavras que costume ouvir, palavras latinas não polidas. Quanto

à maneira por que ouço essas palavras, não é a mesma por que soam ao saírem da bôca de um homem, mas como se fôsem uma chama luminosa, uma nuvem que se movesse no ar puro. Quanto à forma dessa luz, não posso absolutamente conhecê-la, assim como não posso olhar de frente para a esfera do sol. Contudo, percebe às vêzes nessa luz, outra luz a que chamam de luz viva; mas não vejo sempre esta última e, ainda menos do que a primeira, poderei determinar-lhe a forma. Quando contemplo essa luz, tôda tristeza e todo sofrimento se desvanecem da minha memória, de maneira que me comporto como menina muito simples, e não como velha. Mas minha alma nunca é privada dessa primeira luz, que é chamada sombra da luz viva; e vejo-a como se divisasse através de uma nuvem luminosa o firmamento sem estrêlas; e é nela que diviso tudo quanto digo sôbre o brilho da luz viva. Desde a minha infância até à idade de quarenta anos vi essas coisas; falava delas, às vêzes, mas nunca escrevi à respeito. (1)

Tinha quarenta anos quando ouviu uma voz do céu ordenar-lhe que escrevesse tudo quanto visse. Resistiu durante muito tempo, não por obstinação, mas por humildade e desconfiança. Aos quarenta e dois anos e sete meses, viu o céu abrir-se e uma chama muito luminosa penetrou-lhe na cabeça, no coração e em todo seu peito, sem queimá-la, mas aquecendo-a suavemente; no mesmo momento, recebeu a inteligência dos Salmos, dos Evangelhos, e dos outros livros do Antigo e do novo Testamento, de maneira a poder explicar-lhes o sentido, embora não conseguisse explicar gramaticalmente as palavras,

(1) Acta SS., 17 sept., p. 633, edit. Antverp.

pois não conhecia o latim, nem a gramática. Como perseverasse em recusar-se a escrever, mais por temor do que por desobediência, caiu doente. Enfim, confiou sua preocupação a um religioso, seu diretor, e por intermédio d'ele ao prior da congregação. Depois de aconselhar-se com os membros mais sábios da comunidade e de interrogar Hildegarda, o prior ordenou-lhe que escrevesse; o que ela fez pela primeira vez. Imediatamente se viu curada e levantou-se da cama. Essa cura pareceu tão milagrosa ao prior, que não quis confiar apenas em seu critério. Foi a Maiença relatar o que sabia ao arcebispo e às mais altas figuras do clero, e mostrou-lhes os escritos de Hildegarda.

Isso deu motivo para que o arcebispo consultasse o próprio Papa. Desejando Eugênio III ficar bem a par daquele prodígio, enviou ao mosteiro de Hildegarda, Alberon, bispo de Verdum, juntamente com Alberto, seu primicéric, e outras pessoas capazes, a fim de ouvirem da própria bôca da monja, mas sem alarde nem curiosidade, a narrativa dos fatos com ela relacionados. Hildegarda respondeu com muita singeleza às perguntas. Tendo o bispo apresentado seu relatório, o Papa mandou que lhe trouxessem os escritos de Hildegarda e, tomando-os nas mãos, leu-os em voz alta, na presença do arcebispo, dos cardeais, e de todo clero; também contou tudo quanto lhe fôra relatado pelos emissários por êle enviados, e todos os assistentes renderam graças a Deus. São Bernardo estava presente e também deu testemunho do que sabia sôbre a santa mulher, pois a visitara quando estivera em Francfort, e escrevera-lhe uma carta em que a felicitara pela graça por ela recebida,

exortando-a a permanecer fiel à mesma. (2) Pediu pois, ao Papa, no que foi secundado por todos os presentes, que divulgasse tão grande graça concedida por Deus à Igreja, no seu pontificado, e a confirmasse com a sua autoridade. O Papa seguiu o conselho e escreveu a Hildegarda, recomendando-lhe que conservasse pela humildade a graça por ela recebida, e relatasse com prudência tudo que lhe fôsse revelado por intermédio do espírito. Também lhe permitiu que, com o consentimento do seu bispo, se estabelecesse, juntamente com suas irmãs, no lugar que lhe fôra apontado sobrenaturalmente, e que lá vivesse em clausura de acôrdo com a regra de São Bento. O referido lugar era o monte São Rupert, junto a Bingin-sôbre-o-Reno, a quatro léguas abaixo de Maiença, assim chamado por causa de um barão que lá vivera no século IX, e que é reverenciado como santo no dia quinze de maio. Santa Hildegarda transportou-se para aquêl lugar, levando consigo dezoito moças nobres que atraíra com a sua reputação, e dêle foi a primeira abadêssa. (3)

Relatou ao Papa Eugênio, em carta bastante longa, tudo quanto ouvira da vcz celeste relativamente ao Pontífice. Sendo sua linguagem figurada e simbólica, nem sempre o sentido parece claro. Anunciava uma época difícil, cujos primeiros sinais já se manifestavam. "Os vales queixam-se das montanhas, as montanhas tombam sôbre os vales. Por que? Os súditos não mais sentem o temor de Deus, estão como que impacientes para subir aos cumes

---

(2) S. Bernard. epist. 366.

(3) Acta SS., 17 sept.

das montanhas, para acusar os prelados, em vez de acusarem os próprios pecados. Dizem: "Sou mais adequado do que êles para superior." Denigrem tudo quanto os superiores fazem, por inveja, e por ódio à superioridade; assemelham-se a um insensato que, em vez de limpar suas roupas sujas, nada mais faria a não ser observar de que côr é a roupa do próximo. As próprias montanhas, isto é, os prelados, em lugar de se elevarem continuamente às comunicações íntimas com Deus, a fim de se cada vez mais se transformarem na luz do mundo, descuidam-se e obscurecem-se. Daí a sombra e a perturbação que reina nas ordens inferiores. É porque, vós, Grande Pastor e Vigário de Cristo, deveis buscar luz para as montanhas, e conter os vales; dai preceitos aos senhores e disciplina aos súditos. O soberano juiz recomenda-vos que condeneis e repilais de junto de vós os tiranos importunos e ímpios, no temor de que, para a vossa grande confusão, êles se imiscuam na vossa sociedade. Mas sêde compassivo para com as desgraças públicas e particulares, pois Deus não desdenha as chagas e as dores daqueles que o temem. (4)

Também o rei Conrado escreveu à Santa Hildegarda, recomendando-se às suas orações, juntamente com seus filhos, que desejava lhe sobrevivessem. Ela lhe respondeu com estas palavras: "Aquêles que dá a vida a todos disse: Bem-aventurados os que se submetem com dignidade ao candelabro do Rei supremo, e aquêles que êle coloca numa categoria bastante alta, que não afasta do seu seio. Permanecei

(4) Bibl. PP., t. XXIII, pág. 537 e 538.

onde estais ó rei, e repeli de vossa alma tudo quanto a enodoa, porque Deus preserva quem o procura com pureza e devoção. Conservai vosso reino, fazei justiça a todos, de maneira que não permaneçais estranho ao reino do alto. Ouvi, há certas coisas em que vós afastais de Deus; os tempos em que viveis são leves como mulher e inclinam-se para a injustiça que tenta destruir a justiça na vinha do Senhor. Em seguida, porém, virão tempos ainda piores, quando os verdadeiros israelitas serão flagelados e o trono católico será abalado pelo êrro; e então será o fim dos blasfemos". Santa Hildegarda termina a carta com estas palavras: "Aquêlê que tudo conhece mais uma vez vos diz: Ao ouvires estas coisas, homem, domina a tua vontade e corrige-te, a fim de chegares purificado aos tempos de que falo, e para que não precisês envergonhar-te de tuas ações". (5)

A santa abadêssa fazia predições e dava conselhos semelhantes aos bispos e aos barões que, de tôda parte, lhe escreviam e a consultavam. Era entre as mulheres o mesmo que São Bernardo fôra entre os homens.

No auge do cisma do Imperador Frederico Barbaroxa, a santa abadêssa permaneceu inteiramente ligada ao Papa legítimo, Alexandre III, e aproximadamente em 1168 recorreu à sua autoridade tutelar, a fim de manter a liberdade das eleições no seu mosteiro.

Na sua carta ao Papa, suplicava-lhe, como se se dirigisse a um pai, se mostrasse compassivo para

---

(5) Bibl. PP., t. XXIII, pág. 551.

com os cismáticos arrependidos e os recebesse como aquêlê pai do Evangelho recebera o filho pródigo. (6) De tôdas as partes, pessoas de tôda condição, papas e imperadores, arcebispos e bispos, abades e doutôres, comunidades inteiras, escreviam continuamente à santa, fôsse para se recomendarem às suas orações, fôsse para consultá-la sôbre problemas íntimos, sôbre o futuro, sôbre passagens da Escritura, sôbre pontos difíceis da teologia.

Tendo-a um doutor da universidade de Paris consultado sôbre a opinião de Gilberto de la Porée, que afirmava que em Deus a paternidade e a divindade não eram Deus, respondeu-lhe que soubera por uma visão que a paternidade e a divindade eram Deus porque não há nada em Deus que não seja Deus. (7) O prior e os monges do monte de São Disibode pediram-lhe com insistência que escrevesse a vida daquele santo, padroeiro da comunidade, e que também o era de Hildegarda, pois ela fôra instruída desde a infância no mosteiro consagrado a São Disibode. Ela fêz o que lhe pediam. (8)

Deu para suas irmãs uma explicação do símbolo que tem o nome de Santo Atanásio. Sua doutrina sôbre os mistérios da Trindade e da Encarnação é muito pura; e para pô-la ao alcance da inteligência do homem, propõe diversos exemplos ou comparações que não são encontradas em outro lugar. Dá no fim um resumo da vida de São Roberto, patrono do seu

---

(6) Ibid., 17 sept. Vit. S. Hildeg. Dissertat, proevia, n. 157, 159.

(7) Epist. 66.

(8) Ver a vida de S. Disibode, no dia 8 de julho.

mosteiro, e conta alguns episódios da história da família desse santo. (9)

Além de um grande número de cartas, conservamos de Santa Hildegarda um notável volume com suas primeiras revelações, e que se inicia com estas palavras: *Sci vias* ou *Sciens vias*. Mal terminara de escrevê-lo, em 1163, durante a perseguição movida pelo Imperador Frederico contra a Sé Apostólica quando, nesse mesmo ano, teve um conjunto de novas revelações que, seguindo o conselho de duas pessoas, e, não obstante graves distúrbios de saúde, também relatou por escrito. Essa nova coleção, igualmente notável, tem por título: *Livros das obras divinas*, e contém, nas três partes em que é dividida, visões e explicações sobre as obras de Deus, desde a criação do mundo até a derrota do Anticristo. Foi o douto Mansi, arcebispo de Luca, que encontrou e publicou esse livro na sua edição da *Miscelânea de Baluze*. (10) Santa Hildegarda começa habitualmente suas revelações com algumas imagens sensíveis, que diz haver visto, e sobre as quais dá explicações misteriosas; em seguida, delas extrai uma moral sã e sólida, num estilo vivo e figurado, e através da qual combate enérgicamente os vícios que então dominavam, e excita os pecadores à penitência. Uma idéia que mais de uma vez retorna nos seus escritos é que sendo Deus a razão viva e essencial é por participar dela que o homem se torna racional.

Santa Hildegarda realizou uma infinidade de milagres, vinte dos quais seu biógrafo contemporâneo

---

(9) Ver essa vida no dia 15 de maio.

(10) T. II, p. 366 e seq.

narra especialmente. Morreu no dia dezessete de setembro de 1179, na noite de domingo para segunda-feira, com a idade de oitenta anos. Sua vida foi escrita por Teodorico, religioso beneditino, cêrca de trinta anos depois de sua morte, baseado nas memórias de outro religioso chamado Godofredo, às quais acrescenta as revelações e os milagres. A Igreja festeja a santa no dia da sua morte. (11)

\* \* \*

---

(11) Acta SS., 17 sept.

## COMEMORAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (\*)

No decorrer da vida apostólica, São Francisco fez várias viagens ao monte Alverne e de tôdas as vêzes manteve com Deus íntimas e inefáveis comunicações. Nenhuma, porém, foi tão surpreendente como a do ano de 1224.

Recolhera-se São Francisco à montanha para lá passar a quaresma de São Miguel, ou seja, os quarenta dias que costumava jejuar, da Assunção de Nossa Senhora até o fim de setembro.

Depois de ter Francisco orado fervorosamente, Deus deu-lhe a entender que se abrisse o Evangelho saberia o que mais poderia agradar-lhe. E disse o santo homem a irmão Leão, o único que o acompanhou:

— Querida ovelhinha de Deus, vai, abre por três vêzes no altar, em honra da Santa Trindade, o livro dos Evangelhos.

“E como aprouve à divina disposição, naquelas três vêzes sempre se apresentou diante dêle a paixão de Cristo, pelo que lhe foi dado a entender que, como êle tinha seguido a Cristo nos atos de sua vida, assim o devia seguir e conformar-se com êle nas aflições e dores da paixão antes de passar desta vida”. E

embora seu corpo estivesse extremamente enfraquecido pelas austeridades, não se assustou diante do inusitado, mas sentiu-se disposto ao martírio, que acreditava ser aquela perfeita conformidade com os sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. “E desde êste ponto, como dizem os *Fioretti*, São Francisco começou a saborear e sentir mais abundantemente a doçura da divina contemplação e das divinas visitas. Entre as quais êle teve uma imediata e preparatória à impressão dos sacros estigmas por esta forma. No dia que vem antes da festa da Santíssima Cruz, mês de setembro, estando São Francisco em oração secretamente em sua cela, apareceu-lhe o anjo de Deus e disse-lhe da parte de Deus:

“— Eu te conforto e te advirto que te prepares e disponhas humildemente com tôda a penitência para receber o que Deus quiser fazer em ti”.

“Respondeu São Francisco:

“— Estou preparado para suportar pacientemente qualquer coisa que meu Senhor me queira fazer”.

“Dito isto, o anjo partiu”.

A união de Francisco com Deus tornou-se mais íntima, a vida transformou-se-lhe num longo êxtase. As operações interiores que lhe enlevavam a alma, erguiam-lhe o corpo a uma altura maior ou menor, proporcionalmente ao grau dos transportes.

Quando só se elevava à altura dum homem, o irmão Leão beijava-lhe os pés e regava-os de lágrimas, dizendo a Deus no fundo do seu coração:

— Meu Deus, sêde propício a um pecador como eu pelos méritos dêste santo homem, e dignai-vos conceder-me uma pequena parcela da vossa graça.

Quando não conseguia atingir ou avistar Francisco, prosternava-se com grandíssima devoção no lugar onde o vira ascender, e orava, trêmulo e cheio de temor.

Por várias vêzes, o irmão Leão viu uma luz resplandecente e por entre os suspiros de Francisco só conseguiu distinguir estas palavras:

— Quem sois vós, Senhor, e quem sou eu?

Um dia, depois dum dêsses arroubos, o Salvador apareceu sentado numa grande pedra achatada, que servia de mesa a Francisco. Houve, então, uma longa e íntima comunicação entre o Santo e Nosso Senhor. E Francisco, levantando-se, depois, todo enlevado e iluminado, exclamou:

— Irmão Leão, irmão Leão, prepara perfumes e bálsamos para que se consagre esta pedra!

O irmão Leão trouxe óleo, que derramou sobre a pedra achatada, que era a mesa do seráfico pai, a exemplo de Jacó, pronunciando as palavras:

— Esta pedra é o altar de Deus. (1)



Certa manhã, nas proximidades da festa da Exaltação da Santa Cruz, que é comemorada em setembro, São Francisco pôs-se em oração, diante da porta de sua cela no monte Alverne, de rosto voltado para o levante. E orava:

— Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra. A primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto

(1) Vital et Fioretti.

fôr possível, as dores que tu, ó doce Jesus, suportastes na hora da tua acerbíssima paixão.

Depois:

— A segunda é que sinta no meu coração, quanto fôr possível, o excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para, voluntariamente, suportar uma tal paixão por nós pecadores.

“E estando por longo tempo, dizem os *Fioretti*, nesta oração, compreendeu que Deus o escutaria e que quanto fôsse possível a uma simples criatura, tanto lhe seria concedido sentir as preditas coisas. Tendo São Francisco esta promessa, começou a contemplar devotissimamente a paixão de Cristo e a sua infinita caridade: e crescia tanto nêle o fervor da devoção, que todo êle se transformara em Jesus pelo amor e pela compaixão.

“E estando assim e inflamando-se nesta contemplação, naquela mesma manhã viu vir do céu um serafim com seis asas resplandecentes e inflamadas; o qual serafim, com vôo veloz, aproximou-se de São Francisco, como êle o pôde discernir, e conheceu que trazia em si a imagem dum homem crucificado, e suas asas estavam assim dispostas: duas se estendiam sôbre a cabeça, duas se estendiam para voar e as outras duas cobriam todo o corpo.

“Vendo isto, São Francisco ficou muitíssimo espantado e juntamente ficou cheio de alegria e de dor com admiração. Tinha grandíssima alegria com o gracioso aspecto de Cristo, o qual lhe aparecia tão familiarmente e olhava-o tão graciosamente. Mas de outra parte, vendo-o pregado na cruz, tinha desmesurada dor e compaixão. E se admirava muito de tão estupenda e desusada visão, sabendo bem que a

enfermidade da paixão não se conforma com a imortalidade do espírito seráfico.

“E estando nessa admiração, foi-lhe revelado, por aquêlê que lhe aparecia, que por divina providência aquela visão lhe era mostrada em tal forma, para que êle comprehendesse que não por martírio corporal, mas por incêndio mental devia ser todo transformado na expressa similitude do Cristo crucificado.

“Nesta aparição admirável, todo o monte Alverne parecia arder em esplendíssima chama, a qual resplendia e iluminava todos os montes e vales vizinhos, como se fôsse o sol sôbre a terra: pelo que os pastôres que vigiavam naquelas regiões, vendo o monte inflamado de tanta luz em tórno, tiveram grandíssimo pavor, segundo o que depois contaram os frades, afirmando que aquela chama havia durado sôbre o monte Alverne por espaço de uma hora ou mais”. (2)

A visão, ao desaparecer, deixou em São Francisco um calor maravilhoso, que lhe adentrou o coração, e, no corpo, uma impressão prodigiosíssima — pois, imediatamente, nas mãos e nos pés do Santo começaram a surgir os sinais dos cravos, como tinha visto no corpo de Jesus crucificado: as mãos e os pés, pregados no meio com cravos, cujas cabeças estavam nas palmas das mãos e sôbre os pés, de pontas enfiadas na carne; igualmente, no lado direito, apareceu a imagem duma ferida de lança, não cicatrizada, vermelha e sangüinolenta, “a qual depois muitas vêzes lançava sangue do peito de São Francisco e lhe ensangüentava a túnica e o pano das bragas”.

---

(2) I Fioretti,

— Sabes tu, dissera-lhe o divino Crucificado, sabes tu o que fiz? Dei-te os estigmas que são a marca da minha paixão, para que tu sejas o meu gonfaloneiro. E como no dia da minha morte descí ao limbo e tôdas as almas que ali encontrei tirei-as, em virtude dos meus estigmas, assim te concedo que, cada ano, no dia de tua morte, tu vás ao purgatório e tôdas as almas das tuas três ordens, isto é, menores, irmãos e continentes, e também dos outros que foram muito devotos teus, os quais ali encontrares, tire-as, em virtude dos teus estigmas, e possas conduzi-las à glória do paraíso, para que tu me sejas conforme na morte como na vida.

Vendo São Francisco que não poderia esconder aquêles estigmas de seus companheiros mais chegados, e como temesse revelar o segrêdo de Deus, viu-se numa grande perplexidade, mas acabou por chamar alguns irmãos, expôs-lhes o problema em linhas gerais e pediu que lhe dessem conselhos.

Frei Iluminado, "aquêlê verdadeiramente iluminado por Deus", julgando que São Francisco tivesse visto coisas maravilhosas, por isso que se mostrava surpreso, respondeu-lhe:

— Meu irmão, sabe que não só por ti, mas também pelos outros, Deus mostra, algumas vêzes, os seus segredos, e com razão, tens de temer que, se occultares o que Deus te mostrou, para utilidade de outros, serás digno de repreensão.

Comovido, tocado por aquelas palavras do irmão Iluminado, Francisco, com grande temor, referiu a todos o seu segrêdo, falando-lhes da visão e acrescentando que Nosso Senhor lhe dissera certas coisas que jamais revelaria enquanto vivesse.

Se bem que aquelas chagas santíssimas lhe levassem ao coração alegria tal qual jamais sentira, à carne, no entanto, aos sentidos corporais, davam-lhe dor intolerável. Então, levado pela necessidade, elegeu frei Leão, "entre outros o mais simples e o mais puro", para que lhe cuidasse das feridas. E frei Leão, enlevado, via-as e envolvia com panos, para, apertando-as docemente, mitigar a dor e receber o sangue.

Ora, "sucedeu, certa feita que, quando frei Leão lhe mudou o penso da chaga do lado, São Francisco, pela dor que sentiu naquele despregar da faixa sangrenta, pôs a mão no peito de frei Leão, pelo qual toque daquela sagrada mão, frei Leão sentiu tanta doçura de devoção no coração que por pouco mais cairia no chão, sem sentidos".

Finda a quaresma de São Miguel, na solidão, desceu o Santo da montanha no dia de São Miguel, e Deus confirmou a milagrosa impressão dos seus estigmas com vários milagres.

Na província de Rieti, grassava uma moléstia contagiosa que arrasava com carneiros e bois sem que ninguém conseguisse detê-la. Um homem temente a Deus foi aconselhado, em sonhos, a dirigir-se imediatamente ao eremitério dos frades Menores, onde Francisco se encontrava, de lá trazer uma quantidade de água na qual tivesse lavado as mãos e os pés, e com ela aspergir o gado.

O homem foi ao eremitério pela manhã e, tendo conseguido a água, secretamente, por intermédio do companheiro do Santo, com ela aspergiu os animais doentes, que estavam deitados no campo. Nem bem uma gota insignificante caía sobre eles, levantavam-se, fortalecidos, como em pleno vigor, e saíam

a pastar. Assim, cessou completamente a moléstia, que se manifestava feia.

Antes que São Francisco habitasse o monte Alverne, o granizo que se formava de nuvens que sôbre êle se elevava, costumava estragar os frutos das terras ao redor; desde a aparição do serafim, porém, o granizo cessou de cair, com grande admiração e não menor alegria dos habitantes da região.

No inverno seguinte, Francisco viajou montado no jumento dum pobre homem por causa da fraqueza que o tomara e do mau estado dos caminhos. A neve e a noite que se aproximava, obrigaram-no a resguardar-se debaixo dum rochedo. Percebeu, então, o Santo, que o pobre homem que tão bondosamente lhe emprestara o burrico, e o guiava, gemia e se voltava dum lado para outro, sem conseguir um só instante de repouso, pois estava escassamente vestido e o frio era rigoroso e o vento da noite, gelado, cortava.

São Francisco, então, apiedado, estendeu o braço e tocou o bom do guia com a mão trespassada: imediatamente o homem sentiu-se de tal maneira aquecido, "por dentro e por fora", que dormiu mais confortavelmente entre aquêles ásperos rochedos perdidos na solidão, cobertos de neve, do que jamais o fizera no conchego da cama, conforme depois assegurou, maravilhado e agradecido.

No dia seguinte São Francisco enviou dois dos seus frades com aquêlê homem ao condado de Arezzo. De longe, alguns aldeões viram os religiosos e tiveram grande alegria, pensando que um dêles fôsse o Santo, porque a mulher dum daqueles homens estava, "havia três dias, com dores de parto, e não podendo dar à luz, morria, e pensavam de vê-la sã e livre se São Francisco pusesse suas santas mãos sôbre ela.

Mas chegando os dites frades, os outros, porque conhecessem que não era São Francisco, tiveram grande melancolia: mas onde não estava o Santo corporalmente não faltou porém a sua virtude, porque não lhes faltou a fé.

“Admirável coisa! A mulher se acabava e já tinha os sinais da morte. Os homens perguntam aos frades se não tinham alguma coisa tocada pelas mãos santíssimas de São Francisco. Pensam e procuram os frades diligentemente, e em suma não se achava nenhuma coisa que São Francisco hcuvera tocado com as mãos se não o cabresto do asno no qual tinha ido. Tomam êles o cabresto com grande reverência e devoção e põem-no sôbre o corpo da mulher grávida, invocando devotamente o nome de São Francisco e recomendando-se fielmente a êle. E para que mais? Logo que a mulher teve sôbre si o dito cabresto, sùbitamente ficou livre de todo o perigo e deu à luz com gáudio, fàcilmente e com saúde”.

Por mais cuidado que o Santo tomasse para esconder os estigmas, não pode impedir que os dos pés e das mãos fôssem percebidos, embora daquela época em diante andasse calçado e conservasse sempre as mãos cobertas — enfaixadas e metidas dentro das largas mangas do hábito.

Os estigmas foram vistos por vários dos seus confrades, os quais, embora muito dignos de crédito pela santidade, mais tarde o testemunharam sob juramento, a fim de tirar todo e qualquer pretexto à dúvida.

Diz São Boaventura: “Alguns cardeais viram os estigmas em virtude da intimidade que mantinham com o santo homem. Exaltaram-nos em presa, nos hinos e nas antífonas que publicaram em honra de

Francisco, e prestaram testemunho dessa verdade, tanto de viva voz como por escrito. Enfim, o papa Alexandre IV, pregando ao povo na minha presença e na de vários irmãos, assegurou que durante a vida do Santo contemplava os sagrados estigmas com os seus próprios olhos”.

São palavras de frei Boaventura, na sua *Vida de São Francisco*, de onde foi extraído aquêlê trecho acima reproduzido. E acrescenta: “Por ocasião da sua morte, mas de cinqüenta irmãos viram os estigmas, e também a piedosa virgem Clara, juntamente com suas irmãs, e uma multidão numerosa de seculares, dos quais muitos os beijaram e tocaram com as mãos para melhor se certificarem.

“Quanto à chaga do flanco, escondeu-a tão bem que, enquanto viveu, ninguém conseguiu vê-la, a não ser furtivamente.

“Um frade, que o servia, chamado João de Lodi, conseguiu persuadi-lo a tirar o hábito sob o pretexto de sacudi-lo e viu a chaga, observando-a com atenção: pôde verificar o teu tamanho tocando-a ligeiramente com três dedos.

“Frei Leão, companheiro do Santo, homem de maravilhosa simplicidade, apalpando-lhe os membros por causa de uma dor que dizia sentir, passou a mão pelo capuz e tocou a chaga por acaso, o que causou muito sofrimento ao santo homem. Daí por diante, começou êle a usar peitorais que lhe chegavam até as axilas a fim de melhor ocultar a chaga. Mas os irmãos que os lavavam, ou que lhe sacudiam o hábito de quando em quando, encontravam-nos todos ensanguentados.

“Afinal, depois da morte, a chaga do lado pôde ser examinada como as outras, Lucas, bispo de Tuy,

na Espanha, escritor que viveu na mesma época, presta testemunho à verdade dos estigmas de São Francisco, e afirma que foram vistos e tocados por muitos clérigos e leigos, religiosos e seculares, cinco anos antes do tempo em que escrevia". (3)

Como o papa Gregório IX duvidasse dos estigmas do Santo, conforme contou mais tarde, "apareceu-lhe uma noite São Francisco, e erguendo um pouco o braço direito, descobriu a ferida do lado e pediu-lhe uma garrafa; e êle a mandou buscar; e São Francisco mandou pô-la sob a ferida ao lado; e pareceu ver ao papa que ela se enchia até o gargalo de sangue misturado com água, que saía da dita ferida. E dora em diante se partiu dêle tôda a dúvida. E depois êle, a conselho de todos os cardeais, aprovou os estigmas de São Francisco: e disse deu aos frades privilégio especial com o sêlo; e isto fêz em Viterbo, no undécimo ano de seu papado: e depois, no ano duodécimo, deu-lhes um outro mais copioso. E ainda o papa Nicolau III e o papa Alexandre concederam copiosos privilégios, pelos quais contra todo aquêle que negasse os sacrossantos estigmas de São Francisco se poderia proceder como com os heréticos".

Depois da morte de São Francisco, pois, os estigmas puderam ser examinados: consistiam, segundo relatou São Boaventura, em cravos milagrosamente formados de carne, e tão compactos que, empurrados de um lado, avançavam de outro, como se fôsem nervos rijos e inteiriços. Os cravos eram negros como ferro, mas a chaga do lado era vermelha e arredondada como rosa. Espetáculo tão raro, fortalecia a fé dos frades, estimulava-lhes o amor, e

---

(3) S. Boav. *Vida de S. Francisco*; Acta SS., 4 octob.

quando beijavam as prodigiosas chagas, sentiam uma santa alegria, que lhes suavizava a mágoa.

Ao ter notícia da morte do Santo, o povo correu visitá-lo, pois todos queriam certificar-se com os próprios olhos e participar da alegria da comunidade.

Foi, assim, permitido a vários cidadãos de Assis que se aproximassem, olhassem e beijassem os estigmas. E um deles, chamado Jerônimo, homem letrado, de bom-senso e de boa reputação, que relutara em acreditar no prodígio, examinou os sacrossantos ferimentos com desembaraço e curiosidade na presença dos frades e de outros habitantes daquela velha Assis. Tocou, com as mãos, os pés, as mãos e o lado do santo corpo, e moveu os cravos para bem assegurar-se da verdade, da qual verdade, mais tarde, em testemunho, jurou "sobre o livro que assim era e assim tinha visto e tocado".

Quando o corpo era transportado para Assis, o cortejo passou pela igreja de São Damião, onde se encontravam Santa Clara e as companheiras, e lá se deteve algum tempo para lhes proporcionar o consôlo de ver e beijar o santo corpo e os estigmas. Afinal, sepultaram-no na cidade, na igreja de São Jorge, onde Francisco iniciara seus estudos na infância, e onde, pela primeira vez, pregara.

Aproveu a Deus, daí por diante, confirmar-lhe a santidade com um número imenso de milagres.

Um nobre cavaleiro da Massa de São Pedro, chamado Landolfo, que vivia num castelo, era grande amigo de São Francisco. Assim, segundo nos contam os *Ficretti*, certificou-se da morte do Santo e dos seus estigmas gloriosos: "Porque estando São Francisco próximo à morte, naquele tempo entrou o demônio numa mulher do dito castelo e cruelmente a

atormentava, e com isto a fazia falar à letra tão sùtilmente, que todos os homens sábios e letrados que vinham disputar com ela eram vencidos.

“Adveio que, partindo-se dela, o demônio a deixou livre dois dias, e no terceiro voltando a ela a afligia muito mais cruelmente que dantes. A qual coisa ouvindo *monsior* Landolfo, foi-se àquela mulher e perguntou ao demônio que habitava nela qual era a razão por que se tinha ausentado dela durante dois dias e depois voltando a atormentava mais àsperamente do que antes.

“Respondeu o demônio:

“— Quando a deixei, com todos os meus companheiros que estão nestas bandas, reunimo-nos e fomos com grande poder à morte do mendigo Francisco para disputar com êle e arrancar-lhe a alma, mas, porque ela se achava rodeada e defendida por uma legião maior do que éramos nós e por ela levada diretamente ao céu, nós nos partimos confusos: de sorte que restituo e dou a esta mísera mulher o que em dois dias lhe faltei”.

“E então *monsior* Landolfo conjurou-o da parte de Deus de dizer o que havia de verdade na santidade de São Francisco, o qual êle dizia que tinha morrido, e da Santa Clara, que estava viva.

“Respondeu o demônio:

“— Dir-te-ei, quer queira quer não, o que é verdade. Êle, Deus Padre, estava tão indignado contra os pecados do mundo, que em breve parecia querer pronunciar contra os homens e contra as mulheres a definitiva sentença e exterminar o mundo se não se corrigisse. Mas Cristo, suplicando pelos pecadores, prometeu renovar a sua vida e a sua paixão num homem, isto é, em São Francisco pobrezinho e

mendigo, por cuja vida e doutrina êle reduziria muitos de todo o mundo ao caminho da verdade e da penitência. E então, para mostrar ao mundo que isto êle tinha feito em São Francisco, quis que os estigmas de sua paixão, os quais tinha impressos em seu corpo em vida, fôsem agora vistos por muitos e tocados em sua morte. Semelhantemente, a Mãe de Cristo prometeu renovar sua pureza virginal e sua humildade em uma mulher, isto é, na Santa Clara, por tal forma que por seu exemplo ela arrancaria muitos milhares de mulheres das nossas mãos. E assim, por estas promessas, Deus Padre, apaziguado, deferiu sua sentença definitiva”.

“Então *monsior* Landolfo, querendo saber com certeza se o demônio, que é o pai da mentira, nestas coisas dizia a verdade, e especialmente sôbre a morte de São Francisco, mandou um seu fiel donzel a Assis, a Santa Maria dos Anjos, para saber se São Francisco estava vivo ou morto. O qual donzel, chegando lá, soube, e assim, retornando, contou ao seu senhor que, no mesmo dia e hora que o demônio tinha dito, São Francisco havia passado desta vida”. (4)

\* \* \*

---

(4) Ver Fioretti, M. Sticco, Joergensen, Chavin, Chalipss, Acta SS., 4 octob., etc.

## SÃO SÁTIRO (\*)

### *Irmão de Santo Ambrósio*

Ambrósio, o prefeito do pretório da Gália, teve uma filha, Marcelina, depois um filho, Urânio Sátiro, e, finalmente, Ambrósio, que seria o grande bispo de Milão e Doutor da Igreja.

Morto Ambrósio, o pai, a mãe e os filhos rumaram para Roma, onde Sátiro brilhou, aparecendo ora no auditório da prefeitura, ora nos meios aristocratas.

Consequindo o govêrno duma província, fêz-se querido, num instante, de tôda a população, tanto pela bondade como pela justiça que distribuía, justiça incorruptível e perfeita.

Delicado, gentil, sereno e casto, era industrioso, prático e ativo em tudo aquilo que fazia. Tendo uma alma semelhante a do irmão, tudo entre êle e Ambrósio era comum: "Nunca se viram dois irmãos mais unidos!"

São Sátiro faleceu, segundo o padre Sávio, em 377. Tillemont pensa que depois, entre 378 e 379, pelo inverno. Rauschen propôs o ano de 375.

Ambrósio enterrou o irmão perto do mártir Vítor, à esquerda do Santo, a fim de que o sangue sagrado daquele herói cristão lhe penetrasse o corpo (Ver Santo Ambrósio, 7 de dezembro).

## SÃO PEDRO DE ARBUES (\*)

### *Mártir*

Pedro nasceu em 1440, em Epila, pequena cidade a oeste de Saragoça. Era filho de pais nobres e cristãos.

Tendo estudado, inicialmente, com o pai, foi, mais tarde, enviado a Bolonha, então grande centro universitário, onde o cardeal Gil Albornoz, em 1365, havia fundado um colégio espanhol.

Doutor em teologia e direito, tornou à pátria, como cônego regular de Santo Agostinho da igreja metropolitana.

São Pedro de Arbues foi o primeiro inquisidor da fé em Aragão.

-----

O imenso comércio que faziam os judeus da Espanha lhes havia acumulado nas mãos, no século XIV, não só a maior parte das riquezas da Península, como também o crédito e benefício que daquilo resultavam ordinariamente. Os cristãos, cuja indústria não podia rivalizar com a dos judeus, acabaram, quase todos, a fazer-se devedores daqueles, e a inveja e as aperturas não tardaram em fazê-los inimigos. Este estado de hostilidade permanente fêz estourar

vários motins populares, nos quais um grande número de judeus pereceu.

Muitos outros, para evitar a morte, fizeram-se cristãos, e as igrejas encheram-se de judeus de tôdas as condições e sexo, que corriam pedir o batismo. Em pouco tempo, mais de cem mil famílias, ou seja, cêrca de um milhão de pessoas, renunciaram, real ou aparentemente, à lei de Moisés para abraçar o cristianismo.

Tais abjurações aumentaram ainda mais, e de modo considerável, em princípios do século XV. Todavia, como o temor da morte tivesse influído mais na conversão do que a persuasão, aquêles *novos cristãos*, aos quais chamavam *marranos*, entraram a arrepende-se e, secretamente, tornavam ao judaísmo. Mas logo se conheceu a apostasia.

A pretendida necessidade de castigar aquêle crime, de maneira exemplar, levou o papa Sixto IV e Fernando V, o Católico, a estabelecer a Inquisição na Espanha, tribunal que Isabel, espôsa do Católico, não desejava ver instalado, "porque repugnaba à la bondad de su corazon".

O confessor de Isabel, porém, Tomás de Torquemada, prior do convento dos dominicanos de Sevilha, "le probo que aquella medida era um deber que la religion le imponia en las circunstancias que atravessaba Castilla, y de ese modo obtuvo el consentimiento de la reina".

No mesmo instante, o nuncio papal nomeou os dois primeiros inquisidores para ir instalar em Sevilha a Inquisição, ao mesmo tempo que emitia ordens aos governadores das províncias para que os provessem, bem como aos que os acompanhavam, de tudo aquilo

que se fazia necessário para o bom andamento das coisas.

Longe de serem bem vistos, aquêles primeiros inquisidores, e os seus dependentes, chegados a Sevilha, encontraram as maiores dificuldades, e tais que nem conseguiram estabelecer-se sequer precàriamente para dar início às funções.

Fernando e Isabel precisaram reiterar, por várias vêzes, aos governadores e a todos os habitantes da cidade, para que cooperassem.

Assim que os primeiros inquisidores foram instalados, quase todos os novos cristãos emigraram para as terras do duque de Medina — Sidônia, do marquês de Cádiz, do conde dos Arcos e de outros senhores mais ou menos importantes, já que todos acreditavam que naquelas plagas estariam seguros, em virtude das franquias que em tais domínios se gozavam.

Ao ter conhecimento das imigrações, porém, os novos inquisidores, a cuja frente se encontrava, recentemente, Torquemada, como o primeiro inquisidor geral, declararam com uma proclama a 2 de janeiro de 1481, "convictos de herejia à todos los emigrados por el solo hecho de emigracion". E mandaram ao marquês de Cádiz, ao duque dos Arcos e aos demais senhores de Castela que se apoderassem dos fugitivos, enviassem-nos com "guardias de vista" a Sevilha e sequestrassem "todas sus haciendas bajo pena de excomunion, confiscacion de sus dominios y pérdida de sus empleos y dignidades".

Era tal o terror que inspirava já o Santo Ofício, "que dichos señores se vieron en el caso, á pesar de su voluntad, de obedecer aquel mandato".

Grande, pois, foi o número de prisões. E os inquisidores publicaram um edito, ao qual chamaram *edicto de gracia*, para induzir os apóstatas que não puderam ser localizados, a que se apresentassem voluntariamente ao Santo Ofício, prometendo conceder-lhes absolvição, mediante algumas "insignificantes penitencias y non confiscacion de los bienes".

Esta espécie de anistia arrastou-lhes um grande número de *marranos*, que foram encarcerados. E o terror duplicou.

Por aquela época, a rainha Isabel, que sentia alguns escrúpulos de consciência no que dizia respeito às confiscações, rogou ao papa que desse ao novo tribunal uma forma estável própria para satisfazer a todos. E, ao mesmo tempo, pedia que os juízos dados na Espanha fôsem definitivos, sem que se apelasse a Roma.

Sixto IV elogiou o zêlo da rainha pela Inquisição, sossegou-a quanto aos escrúpulos, e criou um juiz apostólico para a Espanha, encarregado de pronunciar em tôdas as apelações que se pedissem das sentenças dadas pelos inquisidores. Foi assim que o arcebispo de Sevilha, Dom Iñigo Manrique, foi revestido daquela potestade.

A criação de tal juiz de apelação e sua residência na Espanha haviam de ser de muita utilidade, porque ia impedir que saíssem divisas do reino, bem como os súditos da Península, mas a côrte romana, continuando a receber apelações dos que temiam recorrer ao próprio país, criou um conflito de autoridade. Tal conflito, que só o papa poderia resolver, perdurou por algum tempo. Só o papa poderia remediar os males que dêle advinham, mas Sixto IV, temendo

desgostar a Fernando, sòmente em 1483, com uma bula, daria lugar a novas medidas.

Entre estas medidas encontra-se o decreto que deu à Inquisição a forma de um tribunal permanente, com um chefe, sob o qual estavam sujeitos os inquisidores em geral e em particular.

Tomás de Torquemada, que já fôra incumbido de zelar por tudo como o inquisidor geral do reino de Castela, reuniu debaixo de seu domínio tôdas as províncias da coroa de Aragão, onde Pedro Arbues foi inquisidor, e seus imensos poderes foram confirmados pelo papa Alexandre III e seus sucessores.

O grande inquisidor geral organizou, de início, quatro tribunais subalternos em Sevilha, Córdova, Jaen e Cidade Real. Em seguida, permitiu que os dominicanos começassem as tarefas que se impuseram nas diversas dioceses da coroa de Castela. Torquemada nomeou como assessores e conselheiros dois jurisconsultos, aos quais encarregou da redação de novas constituições para o Santo Ofício.

Fernando, que sabia quão importante era para o fisco o organizar devidamente o tribunal, criou um Conselho Real da Inquisição e a êle logo deu o nome de *Consejo de la Suprema*. O grande inquisidor era de direito o presidente, e um bispo e dois doutôres em direito foram os primeiros conselheiros. Êsses conselheiros "tenian voto deliberativo en todos los asuntos que dependian del derecho civil, y solamente voto consultivo en los pertenecientes à la autoridad eclesiastica". Isto deu origem a "vivos altercados entre los inquisidores generales y los consejeros de la Suprema".

— — — —

Em 1484, Torquemada convocou uma junta geral, composta de inquisidores e conselheiros. A reunião ia realizar-se em Sevilha. Ali se decretaram, então, as primeiras leis da *Inquisicion Española*, sob o título de *Instruccion*. Êste novo código foi dividido em vinte e oito artigos. Os três primeiros estabeleciam o modo pelo qual se procederia para a instalação dos tribunais nas cidades. O artigo quarto dizia que as confissões voluntárias feitas antes do tempo de *gracia* haviam de ser escritas segundo o interrogatório dos inquisidores.

Com aquêlê procedimento não se concedia "la absolucion á um individuo hasta de habia hecho á otros objeto de persecucion". O quinto "proibia dar secretamente la absolucion excepto en el unico y exclusivo caso de que nadie hubiese tendo conocimiento del crimen del reconciliado". Pelo *tenor* do artigo sexto, "se encontraba el reconciliado condenado á la privacion de cualquier empleo honorifico, y del uso del oro, plata, perlas, seda y lana fina". Segundo o artigo décimo-quinto, "cada vez que existia una semiprueba contra el acusado que negaba su crimen, debia sometérsele al tormento; y si en medio de la tortura se confesaba culpable, era condenado como convicto, y si se retractaba tenía que sufrir otra vez el tormento". O vigésimo-segundo artigo "ordenaba á los inquisidores que se concediese á los hijos de los que hubiesen perdido sus bienes por confiscacion del Santo Oficio, una parte de los mismos bienes á titulo de limosna".

Tal código não podia deixar se suscitar temores. E o mais vivo descontentamento entrou a agitar os espanhóis, que lhe opuseram uma resistência que chegou a ser, muitas vêzes, sangrenta.

Em Aragão, principalmente, teve funestas conseqüências. Os representantes do reino reclamaram do papa e de Fernando, para que se abrandassem aquêles dispositivos. "Se mandaram comisarios á Roma y á la corte de España para pedir que á lo menos se supendiense la ejecucion de los articulos referentes á la confiscacion como contrarios á las leys del reino".

Todavia, enquanto os delegados das côrtes de Aragão formulavam as reclamações, os inquisidores condenaram vários novos cristãos, que foram queimados em autos de fé públicos e solenes. Êstes suplícios não fizeram mais do que irritar os *marranos* do reino de Aragão.

Os primeiros ataques aos inquisidores deviam dirigir-se contra Pedro Arbues. O Santo, porém, avisado do que se intentava contra a sua pessoa, tomou precauções: levava uma "cota de malla bajo su sotana y um casco de hierro bajo su bonete". Uma noite, porém, alcançaram-no. Pedro ia ao côro, para as matinas. Parara diante do altar-mor e ali se ajoelhou. Resava quando os judeus o colheram "y le dieron una ferida muy profunda, de la cual murió dos dias despues", isto é, a 17 de setembro de 1485.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, dissera São Pedro Arbues apenas o alcançaram, eu morro por sua santa fé!"

Tinha, no pescoço, profundíssima ferida.

Nenhum documento revela que Pedro Arbues tivesse sido duro ou cruel, que tivesse ditado qualquer violência ou sentença de morte. É que a palavra *inquisidor*, naqueles tempos, era, digamos assim, sinônimo de perigo. São Pedro Arbues, aliás, não foi o primeiro a morrer assassinado.

A impressão que aquela morte causou nos ânimos não respondeu ao que os judeus esperavam. Todos os cristãos buscaram vingar a morte de Pedro. E ocorreram, em Aragão, tão violentos distúrbios, tão feios motins, que só a muito custo se conseguiu "contener á la muchedumbre".

-----

Em 1652, o papa Inocência X constatou o culto que se rendia a Pedro Arbues. Alexandre II, em 1664, beatificou o "mestre de Epila". Afinal, em 1867, Pio IX canonizou-o, para obter sua ajuda contra os francos-maçons e os judeus, que foram os sucessores dos *marranos*. (1)

-----

No mesmo dia, em Liège, na Bélgica, o bem-aventurado Lamberto, bispo de Maestricht, que, pelo zelo religioso, censurou os abusos da casa real e morreu inocente, assassinado por criminosos: entrou, assim, na cõrte do Rei do Céu, para ali, eternamente, triunfar. São Lamberto, que foi o sucessor de São Teodardo, nasceu em Maestricht, filho de pais ricos, de cujas famílias saíram condes do reino franco. De início, foi confiado a Teodardo. Moço, passou a freqüentar a escola real. Vivo, inteligente, casto, corajoso e humilde, tornou-se bispo de Maestricht em 671. Faleceu em 705, ao que se supõe.

Em Córdoba, na Espanha, Santa Colomba, virgem e mártir, em 853, a qual, constantemente, medi-

---

(1) Acta. SS., Hist. da Inquis.

tava sobre o antigo: "Senhor, abre-me a porta do paraíso para que eu entre nessa pátria onde não há morte, mas uma doce alegria que jamais se acaba". Morreu decapitada durante a ocupação árabe. Depois de seis dias, o corpo, intato, foi enviado a Santo Eulógio por alguns monges, sendo enterrado em Santa Eulália de Fragellas. Antes de ser inscrita no martirologio romano, Santa Colomba, ao que parece, não figurava em nenhuma das listas de santos.

No Mans, São Flaceau, sacerdote, confessor. Uma tradição sem autoridade coloca São Flaceau no Mans, entre 673 e 679, designando-o como diretor das religiosas de Santa Escolástica e superior dum pequeno hospício da vizinhança. Teve uma capela, depois uma rua com seu nome. A capela, primeiramente propriedade dos viscondes do Maine, servida depois por um capelão nomeado pelos monges de São Vicente, tornou-se igreja paroquial, que foi destruída antes de 1576.

Em Argona, São Rouin, abade, também conhecido como Roding e Crauding. Fundou e dirigiu a abadia de Beaulieu de Argona. O mosteiro era dedicado a São Maurício de Agaune. Há os que o dão como amigo de São Colombano, falecido em 615. São Rouin, desapareceu, segundo se acredita, em 702.

Em Birka, na Suécia, Santo Uni, arcebispo de Hamburgo e Bremen, falecido em 936. Sucessor de Santo Anscário, foi também seu sucessor como missionário ativo na Escandinávia. Em 934, começou uma viagem de missão pela Dinamarca, que o levou até Beika, na Suécia, onde morreu, quando se dispunha a voltar para Hamburgo.

Na diocese de Angers, perto de La Flèche, São Reginaldo, ermitão, desaparecido em 1104. Como a maior parte dos ermitães, São Reginaldo é pouco conhecido. Segundo alguns documentos, era natural da Picardia e se tornara cônego regular de São João das Vinhas, de Soissons. Ansioso por levar vida eremítica, buscou a floresta de Craon, onde vivia Roberto de Arbrissel. Falecido aquêle mestre, retirou-se para Melinais.

Em Polizzi, na Sicília, o bem-aventurado Gandolfo, franciscano. Nascido em Binasco, viveu na ordem em tempos de São Francisco (?). Faleceu em 1260.

Na Conchinchina, o bem-aventurado Emanuel Trieu, padre mártir, em 1798. Filho de um mandarim, durante uma grande fome que se abateu no país, a pensar no efêmero desta vida, resolveu deixar o século, pondo-se sob direção de um ex-jesuíta, depois do bispo vigário apostólico do Tonkin oriental, um dominicano espanhol. Tendo estudado teologia, foi ordenado padre. Prêso, torturado, vivendo quarenta dias a ferros numa infecta masmorra, acabou decapitado. Fiéis recolheram-lhe o corpo e o sangue. A beatificação ocorreu em 1900.

Em Gênova, o bem-aventurado irmão Francisco Maria de Camporosso, capuchinho, falecido em 1866. Irmão leigo capuchinho, nasceu em Camporosso, a 27 de dezembro de 1804. Filho de honestos agricultores, foi batizado com o nome de João. Pastor do rebanho, pequeno, dos pais, fêz-se para os Menores, entre os quais viveu por dois anos. Tornado terciário capuchinho, estêve no noviciado de São Barnabé de Gênova, onde adotou o nome de Francisco Maria. Em dezembro de 1826, pronunciou os votos de religião. Morto, foi enterrado no cemitério

de Staglieno, onde a piedade dos genoveses lhe erigiram um túmulo de mármore. Foi beatificado, a 30 de junho de 1929, por Pio XI.

Em Roma, no caminho de Tiburtina, o natalício de São Justino, sacerdote que, durante a perseguição de Valeriano e de Galiano, se tornou ilustre ao confessar a fé. Enterrou o corpo do Papa São Sixto, os de São Lourenço e de Santo Hipólito, e de vários outros, e alcançou a glória do martírio sob o Imperador Cláudio. — Ainda em Roma, os santos mártires Narciso e Crescencião. Na Frígia, Santa Ariádene, martirizada sob o imperador Adriano. — Na Inglaterra, os santos mártires Sócrates e Estêvão. — Em Nyon, os santos mártires Valeriano, Macrino e Gordiano. — Em Autun, São Flocelo, criança, que depois de muito sofrer sob o imperador Antonino e o presidente Valeriano, foi dilacerado pelas feras e obteve a palma do martírio. — No mesmo dia, Santa Agatóclia, criada de uma mulher pagã; depois de ter a sua patroa muitas vezes a maltratado e açoitado para obrigá-la a renegar a Jesus Cristo, finalmente foi conduzida perante o juiz, que deu ordens para que fôsse cruelmente dilacerada com varas; e como perseverasse em confessar a fé, foi lançada ao fogo, depois de ter tido a língua cortada. — Em Roma, Santa Teodora, dama de categoria que, durante a perseguição de Diocleciano, se colocou desveladamente ao serviço dos santos mártires.

## 18.º DIA DE SETEMBRO

SÃO METÓDIO

*Bispo de Tiro*

SÃO PANFÍLIO

*Sacerdote de Cesaréia, na Palestina, e outros  
mártires da mesma época*

Os dois mais ilustres mártires das mencionadas regiões durante a perseguição de Maximiano foram São Panfílio, sacerdote de Cesaréia, e São Metódio, bispo de Tiro.

Panfílio nasceu em Retire, na Fenícia, numa família importante. Lá passou os primeiros anos da mocidade, voltado para o estudo das ciências, em que muito se distinguiu. Chegou a exercer naquela cidade os mais altos cargos da magistratura; mas finalmente tudo abandonou para somente se consagrar ao estudo das Santas Escrituras. Nessa intenção viajou para Alexandria, onde recebeu lições do sacerdote Pierus, grande filósofo, grande teólogo que, por erudição universal foi chamado jovem Orígenes. Tendo retornado a Cesaréia, na Palestina, Panfílio foi ordenado sacerdote. Não tardou em

ser considerado o mais belo ornamento daquela igreja, tanto por sua santidade como por suas doutrinações. Gastava os dias na prática de tôdas as virtudes cristãs, principalmente da humildade, o que o levava a ocultar dos outros a caridade com que distribuía seus bens aos pobres, a generosidade com que servia a seu próximo. Tal era o seu entusiasmo pelas ciências e pelos livros que instalou na Cesaréia uma biblioteca das melhores obras antigas, com cêrca de trinta mil volumes. Mandava-os vir de tôdas as partes. Entre aquêles que se esmerava em procurar estavam incluídos os de Orígenes, dos quais transcreveu grande parte com o próprio punho. Além das despesas que fazia com a sua biblioteca, também comprava grande quantidade de exemplares das Santas Escrituras, e dêles fazia presente a todos que mostravam inclinação pela leitura. Sobretudo se empenhava para que o texto da Bíblia fôsse inteiramente correto. Malgrado tantas ocupações, também mantinha uma escola pública de teologia cristã.

Mais de um mártir saiu dessa escola, entre outros dois irmãos, Apiano e Edésio. O primeiro, depois de suportar horríveis torturas na Cesaréia, foi atirado ao mar, semimorto. No mesmo momento, desencadeou-se uma furiosa tempestade, não apenas no mar, mas também na atmosfera, que sacudiu o campo e a cidade inteira; e, como se não quisesse guardar o corpo do mártir, o mar atirou-o diante das portas da cidade. Todos os que então se encontravam em Cesaréia foram testemunhas dêsse prodígio, entre outros Eusébio, que o narra. Edésio sofreu morte semelhante no Egito. Urbano era, então, governador da Palestina. Entre a grande quantidade de cristãos que condenou às cadeias, às minas, às torturas. à

mutilação, à morte, se encontrava o sacerdote Panfílio, a quem mandou prender. Esperava que a queda de homem tão famoso arrastasse muitas outras. Nada poupou para convencê-lo a sacrificar aos deuses. Vendo-o igualmente insensível, tanto às promessas como às ameaças, recorreu às torturas e mandou submetê-lo às mais cruéis. A paciência do mártir irritou a crueldade do juiz. Enfim, depois de ter mandado rasgar-lhe as costas com unhas de ferro, prolongadamente, e por repetidas vêzes, pondo-o às portas da morte por causa da perda de sangue, mandou levá-lo ao cárcere, numa tentativa de prolongar-lhe o martírio. Sua intenção era torturá-lo outra vez, depois que as feridas se fechassem. Não lhe foi dado tempo. Numa única noite, perdeu a benevolência de que gozara junto ao César Maximiano, de quem até então fôra amigo, companheiro e primeiro ministro. Por intermédio de um decreto inesperadamente chegado, viu-se despojado de uma hora para outra de tôdas as suas dignidades, abandonado por seus guardas, expulso ignominiosamente do palácio, arrastado pelas ruas, entre escárnios; e, depois de ter sido exposto durante algum tempo ao desprezo e aos insultos da população, a cujos olhos se tornara odioso por causa de suas violências e devassidões, e diante da qual então se humilhou abjetamente, teve a cabeça cortada no centro da própria cidade em que praticara tantas crueldades. A mesma sina estava reservada a Firmiliano, que não se mostrou menos cruel. (1)

São Panfílio permaneceu dois anos na prisão. Um de seus discípulos, o historiador Eusébio, fôra encarcerado juntamente com êle. Nesse período de

---

(1) Eusébio, Ruinart. Acta SS., Tillemont.

tempo escreveram ambos a apologia de Orígenes, em contra oposição aos que, por maldade ou ignorância, combatiam a doutrina daquele grande homem, e que lhe condenaram os escritos sem tê-los lido ou compreendido. A obra era dividida em cinco livros, aos quais Eusébio acrescentou mais tarde um sexto. Era dedicada aos confessores que trabalhavam nas pedreiras da Palestina, entre os quais havia alguns que se tinham deixado influenciar desfavoravelmente em relação a Orígenes e seus amigos. Os seis livros ainda se encontravam intactos no tempo de Photius, no nono século; porém, só o primeiro chegou às nossas mãos, na versão latina de Rufino. Resumimos sua substância na *História da Igreja*, quando nos referimos à doutrina de Orígenes.

Enquanto vivo, êsse homem extraordinário tivera santos contra êle, e a seu favor. Idêntica coisa ocorre depois da sua morte. Enquanto o mártir Panfílio escreve para justificá-lo, outro mártir escreve para condená-lo. Foi êste São Metódio, bispo de Tiro.

A princípio bispo da cidade de Olímpia, na Lícia, e provavelmente também de Pataro, que podia ser unida a Olímpia, foi transferido para Tiro e sucedeu, ao que se supõe, a São Tyranion, que sofreu o martírio sob Diocleciano. Metódio foi primeiramente grande admirador de Orígenes; mas quando viu as ímpias conclusões que algumas pessoas tiravam de certos princípios seus, relativos à ressurreição, escreveu um trabalho sôbre o assunto, destinado a servir de refutação àqueles princípios e conclusões. E forçoso é convir que o artigo em que Orígenes é mais fracamente defendido na apologia de São Panfílio, é o da ressurreição da carne. A obra de São

Metódio não chegou até nós; mas Santo Epifânio preservou um longo fragmento dela, fragmento que justifica plenamente os louvores que os antigos dirigiram à beleza do seu espírito e à elegância do seu estilo.

Orígenes ou os origenistas defendiam a idéia de que nosso corpo é uma prisão, onde nossa alma foi encarcerada por ter pecado numa vida precedente; que é uma túnica de pele com que Deus revestiu nossos primeiros pais depois da sua queda, túnica que precisamos depor por intermédio da morte para ficarmos livres do pecado e retornarmos à primitiva vida de bem-aventurança. São Metódio demonstra, com muita finura e sagacidade, que essa idéia é contraditória, não apenas em relação às Escrituras, mas também em relação a si própria. "Se Adão e Eva, ainda inocentes, não possuíam corpo, como pôde o primeiro dizer à segunda: "Eis o osso de meus ossos, e a carne da minha carne?" Se Adão e Eva pecaram antes de ter um corpo, como podeis dizer que o corpo é a causa de todos os males e supor que a alma seja impecável por si mesma? É a prisão a causa da perversidade dos criminosos nela encarcerados? Não será antes o castigo, o remédio, o empecilho? Se o nosso corpo é a prisão da nossa alma, merecerá, não ser privado da ressurreição, mas dela participar como parte principal. Se o homem ressuscitado não deve ter um corpo de carne, por que terá Cristo ressuscitado dito aos seus apóstolos: "Apalpai-me e vêde: pois um espírito não tem carne e ossos, como vêdes em mim?" A verdade é que o homem não é apenas alma, mas composto de alma e corpo; que o corpo é instrumento do bem e do mal, de acôrdo com o árbitro da alma, que dêle é a verdadeira causa. O

pecado original é como que um arbusto vigoroso que implantou as raízes entre as pedras de um templo; por mais que se cortem os brotos, a raiz oculta entre as pedras torna sempre a crescer; para se libertar completamente o templo, será preciso demoli-lo, pedra por pedra, e novamente o reconstruir. É o que Deus faz através da morte e da ressurreição. O pecado original é uma espécie de estrago sofrido por uma bela estátua de bronze; embora o estatuário nela acrescente um pedaço, o defeito continuará visível; para que desapareça, será mister quebrar a estátua e tornar a fundi-la, de acôrdo com o desenho primitivo. A ressurreição é essa refundição. (2)

Além do *Tratado da Ressurreição*, Metódio escreveu, para combater os origenistas, o *Tratado do Livre Arbítrio e Sôbre as Criaturas*, de que só nos restam fragmentos. O santo bispo nêles demonstra que a matéria não é a causa do mal, mas que o mal vem da livre vontade da criatura. Sendo o historiador Eusébio um fervoroso partidário de Orígenes, não diz uma só palavra na sua *História* sôbre São Metódio, nem sôbre os seus escritos; e não é êsse o único exemplo da sua parcialidade. O santo Bispo foi igualmente esquecido por Fleury e seus copistas. Escreveu ainda dois livros contra Porfírio, além de um volume *Sôbre a Pitonisa*, e outro *Sôbre os Mártires*. Mas, de tôdas essas obras, só uma chegou completa até nós: o *Banquete das Virgens*. Pela forma do diálogo, a elevação dos pensamentos e certa poesia do estilo, pode ser comparada aos mais belos diálogos de Platão.

---

(2) Apud Epiph. Hoeres. 64.

São dez virgens, convivas de Arete, ou da Virgindade, que, uma após a outra, falam da excelência da virgindade e dos meios de conservá-la intacta. A virgindade é a flor da igreja, a flor do seu espírito. Requer temperamentos generosos que, palmilhando a terra, se elevem até o céu. Assim sendo, a virgindade não foi revelada à infância do mundo. Os patriarcas podiam ter várias mulheres. Salomão, no livro da *Sabedoria*, faz o elogio da castidade voluntária; mas não se conhece justo ou profeta que tenha louvado a virgindade e por ela tenha optado. A promulgação dessa doutrina estava reservada para o Senhor, que seria o príncipe das virgens, como é o príncipe dos sacerdotes, dos profetas e dos anjos. São João, no seu *Apocalipse*, nô-lo mostra no meio das cento e quarenta e quatro mil virgens resgastadas da terra. Contudo, a preeminência da virgindade não prejudica em nada a santidade do casamento. Embora mais brilhante, nem por isso a lua eclipsa as estrêlas. Por ser o mel mais doce, não se conclui que tudo o mais seja amargo. Com as flôres da virgindade, a Igreja também se coroa com as flôres da castidade conjugal. Assim, a virgem que se casa age bem; mas aquela que não se casa age melhor. Ela é, dentro da nova lei, o que o nazareno era dentro da antiga lei. O nazareno abstinha-se de tôda e qualquer bebida que pudesse embriagar; a virgem abstém-se, com cuidado ainda maior, de tôda e qualquer paixão embriagadora. Seria pouco para ela conservar a pureza do corpo, caso deixasse seu coração ser dominado pela imprudência e pela vaidade. Representa dentro da Igreja o mesmo que o altar dos perfumes, no tabernáculo do testemunho: altar de madeira incorruptível, revestido de ouro, colocado diante da arca sagrada, no qual o pontífice

oferecia a Deus, não carne ou sangue, e sim o perfume dos mais preciosos aromatas. Na parábola das dez virgens há cinco que são chamadas loucas por não se terem preocupado com tornar perfeita a virgindade, pois há uma virgindade da vista, do ouvido, assim dos outros sentidos. Que mais diremos? O próprio Verbo de Deus não tece o elogio da virgindade no *Cântico dos Cânticos*? Não é dela que diz: "Como um lírio entre os espinhos, assim é a minha bem-amada entre as filhas de Adão?" Compara-a ao lírio por causa da sua pureza, do seu perfume, da sua suavidade, do seu esplendor. É aquela espôsa inigualável à qual se une na mais íntima das uniões. A mãe que gera virgens é a Igreja, mulher vestida de sol, que tem a lua a seus pés, e uma coroa de doze estrêlas na cabeça. As donzelas devem aprender com sua mãe a fugir das ciladas do dragão ou a esmagar-lhe a cabeça. A festa do tabernáculo era uma imagem da ressurreição. Os filhos de Israel moravam em tendas de folhagem, dentro das quais se entregavam à alegria e aos festins. Na ressurreição o próprio Deus erguerá nossas tendas, isto é, nossos corpos. Os ramos de verdura que devem adorná-los são as virtudes cristãs, sôbre as quais a virgindade resplandecerá. Os filhos de Israel moravam em tendas quando entraram na terra prometida: entraremos no céu com as tendas ressuscitadas dos nossos corpos.

Depois de terem as *convias* de Areté desenvolvido essas idéias, assim como outras, a própria Areté concluiu que muitos faziam profissão de pureza, mas que poucos a guardavam com perfeição. Pois para ser inteiramente virgem, não era bastante conservar a pureza do corpo; também era preciso conservar a alma pura de tôda paixão, entre outras, da glória vã,

da ambição, da avareza; era preciso juntar à virgindade suas companheiras, a caridade e a compaixão. As considerações são encerradas com um cântico admirável sôbre a excelência da pureza e sôbre os justos que dela deram o exemplo, entre os quais se encontram Judite e Susana.

Metódio padeceu o martírio quase no fim da perseguição, no ano de 312 ou 313. Panfilio tivera a mesma glória no ano de 309, juntamente com doze outros cristãos. O governador Firmiliano, que presidia aos suplícios, mandou matar um de seus próprios oficiais, chamado Teódulo, a quem estimava mais do que a qualquer outro, tanto por sua fidelidade incorruptível como por sua idade avançada, pois era bisavô e via a terceira geração de seus filhos. Seu crime, como o de tantos outros, consistia em ter mostrado simpatia aos mártires; Firmiliano, porém, ainda mais irritado com o fato de pertencer àquele oficial à sua própria família, mandou crucificá-lo, ao passo que os outros, em sua maioria, morreram pela espada.

O César Maximiano Daia freqüentemente presidia a essas execuções. Em Cesaréia, a fim de festejar o próprio nascimento, mandou dilacerar por uma ursa, e em seguida atirar ao mar, o mártir Agapius. Era dado à magia, sendo êsse o motivo que o levava a perseguir os cristãos; não decidia a menor coisa sem consultar os oráculos e os adivinhos. Mandou reconstruir em tôdas as cidades os templos dos ídolos, instituiu sacrificadores por tôda parte e colocou um pontífice em cada província, com uma companhia de oficiais e guardas, e uma alta autoridade no Estado. Concedia dignidades e grandes privilégios aos feiticeiros e aos mágicos, pois os considerava homens

piadosos e amados pelos deuses. Oprimiu as províncias que governava com cobranças indébitas, e arrebatou a vários homens ricos seus antigos patrimônios. O vinho enfurecia-o e, bêbedo, dava ordens de que se arrepndia quando sóbrio. Seu exemplo estimulava os soldados e os governadores das províncias ao luxo e à devassidão. Em tôdas as cidades por que passava, corrompia as mulheres e raptava as donzelas; houve, porém, cristãs que preferiram a morte à infâmia. Entre outras, uma mulher de Alexandria resistiu-lhe intrêpidamente. Era nobre, rica e culta. Não era coisa extraordinária encontrarem-se nessa cidade mulheres instruídas em humanidades e em filosofia; e tais indícios fazem supor que se tratasse da ilustre Santa Catarina. Embora permanecesse inacessível à perseguição de Maximiano, êste não se decidiu a mandá-la matar, contentando-se com privá-la de seus bens e condená-la ao exílio. (3)

Dêsse modo os desertos iam-se povoando de mártires e confessores. Outros santos a êles se recolhiam espontâneamente. Formavam o que o paganhismo jamais presenciara, uma multidão de verdadeiros filósofos, isto é, de amantes práticos da autêntica sabedoria. São conhecidos sob o nome de anacoretas, monges, cenobitas. Na realidade, compunham o retrato ideal que a filosofia grega concebera do sábio: insensíveis às coisas dêste mundo; refratários à superstição, ou como diziam os gregos, imunes ao mêdo dos demônios; procuravam elevar-se a Deus para a êle se assemelharem através da contemplação de suas infinitas perfeições e pela imitação da sua providência; em resumo, para falar como o filósofo

---

(3) Euseb. et Lact.

da China, procuravam tornar-se santos. A diferença que existe entre os filósofos do paganismo e os monges do cristianismo é a seguinte: os primeiros empenhavam-se em falar sàbiamente e os segundos realizavam ainda mais sàbiamente o que êles recomendavam.

\* \* \*

## SÃO JOSÉ DE CUPERTINO

### *Franciscano*

José Desa nasceu no dia 17 de junho de 1603 em Cupertino, pequena cidade da diocese de Nardo, entre Brindes e Otranto. Seus pais eram pobres, mas virtuosos. Cognominaram-no mais tarde Cupertino por causa do lugar do seu nascimento. Sua mãe educou-o dentro de uma grande piedade; mas se mostrava muito rigorosa e castigava-o severamente pelas menores faltas, a fim de habituá-lo a uma vida áspera e penitente. José mostrou, desde a infância, um extraordinário fervor e já parecia desfrutar a doçura das consolações celestiais. Era extremamente assíduo ao serviço divino; e, numa idade em que só se costuma aspirar ao prazer, usava um áspero cilício e macerava o corpo com várias disciplinas. Fizeram-no aprender o ofício de sapateiro, que exerceu durante algum tempo.

Porém, ao atingir a idade de dezessete anos, apresentou-se para ser recebido pelos Franciscanos conventuais, comunidade à qual pertenciam dois tios seus, bastante considerados. Contudo, foi recusado, pois nada estudara. O máximo que conseguiu obter foi ingressar nos Capuchinhos, na qualidade de irmão converso. E, após oito meses de noviciado, foi des-

pedido como incapaz de corresponder à vocação. Longe de insurgir-se, persistiu na resolução de abraçar o estado religioso.

Enfim, tocados de compaixão, os Franciscanos conventuais receberam-no no convento *Della Grotella*, assim chamado por causa de uma capela subterrânea, dedicada à Santa Virgem. O convento ficava muito próximo a Cupertino. Depois de ter feito seu noviciado com muito fervor, José foi recebido como irmão converso entre os oblatas da ordem terceira. Confiaram-lhe, a princípio, as tarefas mais grosseiras da casa, que executou escrupulosamente. Duplicou os jejuns e as austeridades; orava incessantemente e só dormia três horas por noite. Sua humildade, sua doçura, seu amor à mortificação e à penitência tornaram-no alvo de tamanha veneração que num capítulo geral realizado em Altamura, em 1625, ficou decidido que seria recebido entre os religiosos do côro, a fim de preparar-se para as santas ordens.

José pediu permissão para fazer um segundo noviciado, depois do qual se afastou mais do que nunca do convívio dos homens para unir-se a Deus de maneira ainda íntima através da contemplação. Considerava-se um grande pecador e imaginava que, só por caridade, lhe haviam permitido usar o hábito religioso. Sua paciência fê-lo suportar em silêncio e com alegria, severas repreensões por faltas que não cometera. Levou a obediência ao ponto de executar prontamente às mais difíceis ordens que lhe davam. Tantas virtudes o tornaram objeto da admiração de todos. Tendo sido ordenado sacerdote em 1628, celebrou a primeira missa penetrado de intraduzíveis sentimentos de fé, de amor e de respeito. Esco-

lheu uma cela afastada, escura e incômoda. Costumava rezar em capelas pouco freqüentadas, a fim de entregar-se mais livremente ao seu pendor pela contemplação. Privou-se de tudo quanto lhe fôra concedido pela regra; e quando se viu completamente despojado, disse, prosternado diante do crucifixo: "Eis-me aqui, Senhor, despojado de tôdas as coisas criadas; sêde, conjuro-vos meu único bem; considero qualquer outro bem um verdadeiro perigo, como a perdição da minha alma.

Depois de haver recebido o sacerdócio, passou cinco anos sem comer pão e beber vinho; durante êsse tempo só se alimentou de ervas e frutos secos; e as ervas que comia na sexta-feira eram tão repugnantes que só êle mesmo conseguia comê-las. Observava um jejum tão rigoroso na quaresma que durante sete anos só tomou algum alimento às quinta-feiras e aos domingos, com exceção da Santa Eucaristia, que recebia todos os dias. Seu rosto, que amanhecia pálido, tornava-se fresco e rosado depois da comunhão. De tal maneira se habituara a não comer carne que o estômago não conseguia mais suportá-la. O zêlo pela mortificação fazia-o inventar vários instrumentos de penitência. Durante dois anos foi provado com dores internas que o faziam sofrer intensamente. Enfim, a bonança sucedeu à tempestade.

Tendo-se espalhado o rumor de que tinha êxtases e operava milagres, uma grande quantidade de pessoas o acompanhou quando viajou pela província de Bari. Um vigário geral ofendeu-se e queixou-se aos inquisidores de Nápoles. José recebeu ordens para apresentar-se àquela cidade. Mas depois de

terem sido examinados os pontos de acusação, êle foi declarado inocente, e despediram-no. Celebrou a missa em Nápoles na Igreja de São Gregório Armênio, que pertencia a um mosteiro de religiosas. Terminado o sacrificio, José caiu em êxtase, como o atestaram várias testemunhas oculares durante o processo de canonização. Os inquisidores enviaram-no ao seu superior em Roma. Foi duramente recebido e logo depois recebeu ordens para recolher-se ao convento de Assis, o que lhe causou grande alegria por causa da devoção que lhe merecia o santo patriarca da sua ordem. O Superior de Assis também o tratou com aspereza. Sua santidade manifestava-se cada vez mais visivelmente, e as pessoas mais bem qualificadas testemunhavam um ardente desejo de vê-lo. Chegou em Assis em 1639 e lá permaneceu pelo espaço de treze anos. Sofreu, a princípio, muitas tribulações interiores e exteriores. Seu Superior frequentemente o acusava de hipocrisia e usava para com êle de grande severidade. Por outro lado, Deus parecia tê-lo abandonado; seus exercícios eram acompanhados por uma secura e uma aridez que o consternavam. Os fantasmas impuros que a imaginação lhe apresentava, com tentações terríveis, fizeram-no cair numa melancolia tão profunda que nem mesmo ousava levantar os olhos. Informado das tristes condições em que José se encontrava, seu Superior mandou-o chamar a Roma; e depois de lá tê-lo retido durante três semanas, mandou-o de volta ao convento de Assis.

Ao regressar de Roma, o santo sentiu retornarem as consolações celestiais que, em seguida, lhe foram dispensadas com mais abundância do que nun-

ca. Ao pronunciar os nomes de Deus, de Jesus, ou de Maria, tão-só, ficava como que fora de si. Exclamava freqüentemente: "Dignai-vos, ó meu Deus! encher e possuir meu coração todo inteiro! Possa a minha alma despojar-se dos laços do corpo e unir-se a Jesus Cristo! Jesus, Jesus, atraí-me a vós, não posso mais continuar na terra! "Ouviam-no muitas vêzes excitar os outros à divina caridade: "Amai a Deus; aquêle em quem domina êsse amor é rico, embora não chegue a percebê-lo". Seus êxtases eram tão freqüentes quanto maravilhosos. Teve, mesmo, vários em público, dos quais um grande número de pessoas da mais alta categoria foram testemunhas oculares, e cuja verdade atestaram sob juramento. Inclui-se entre essas testemunhas João Frederico, Duque de Brunswicy e de Hanovre. Êsse príncipe, que era luterano, ficou tão impressionado com o que presenciou, que abjurou a heresia e retornou ao seio da Igreja católica. José também possuía um dom singular para converter os mais endurecidos pecadores e tranqüilizar as almas torturadas pelos problemas interiores. Costumava dizer às pessoas escrupulosas que a êle se dirigiam: "Não quero escrúpulos, nem melancolia; que a vossa intenção seja reta, e nada temais". Explicava os mais profundos mistérios da fé com uma grande clareza e tornava-os sensíveis sob qualquer aspecto. Devia aquêles sublimes conhecimentos às comunicações íntimas que tinha com Deus através da oração.

A prudência de que dava provas na direção das almas atraía para junto dêle um avultado número de pessoas, até mesmo cardeais e príncipes. Predisse a João Casimiro, filho de Sigismundo II, rei da Polônia,

que reinaria um dia para o bem do povo e santificação das almas. Aconselhou-o a não ingressar em nenhuma ordem religiosa. Tendo mais tarde êsse príncipe entrado nos Jesuítas, pronunciou os votos dos discípulos da sociedade; e, em 1646, foi, mesmo, proclamado cardeal pelo papa Inocência X. José dissuadiu-o a abandonar a sua resolução de receber as ordens sacras. A predição do santo realizou-se. Vladislau, filho mais velho de Sigismundo faleceu em 1648 e João Casimiro foi eleito rei da Polônia. Mais tarde abdicou e retirou-se para a França, onde morreu em 1672. É o próprio príncipe quem dá a conhecer os pormenores do fato que acaba de ser relatado.

Os milagres de São José de Cupertino não foram menos impressionantes do que os outros favores extraordinários que recebia de Deus. Vários doentes se restabeleceram graças às suas orações.

Tendo apanhado febre em Osimo, a 10 de agosto de 1663, predisse que a sua última hora se aproximava. Na véspera da morte, pediu lhe administrassem o santo viático. Em seguida, recebeu a extrema-unção. Muitas vezes, ouviram-no articular as aspirações sugeridas pelo coração inflamado de amor: "Desejo que minha alma se liberte dos laços da carne, a fim de reunir-se a Jesus Cristo. Graças, louvores, sejam dados a Deus! Que a vontade de Deus seja feita! Jesus crucificado, recebi meu coração, acendei nêle o fogo do vosso amor". Expirou no dia 18 de setembro de 1663, com a idade de sessenta anos e três meses. Seu corpo foi exposto na igreja e a cidade inteira veio visitá-lo respeitosamente; em se-

guida, foi sepultado na capela da Conceição. Tendo sido confirmadas as suas heróicas virtudes, assim como a verdade de seus milagres, foi beatificado por Bento XIV em 1753, e canonizado por Clemente XIII em 1787. Clemente XIV mandou inserir o ofício desse santo no breviário romano. (4)

\* \* \*

---

(4) Godescard, 18 sept.

## SÃO FERRÉOLO (\*)

*M á r t i r*

*(Século III?)*

Ferréolo era tribuno militar, da guarnição de Vienne, onde estava investido das funções dos capitães de hoje, de polícia.

Quando da perseguição de Décio, o governador Crispino quis constranger os cristãos a sacrificar aos deuses e encarregou a polícia de proceder às prisões.

Ferréolo, ao contrário de muitos colegas de carreira, recusou-se a obedecer o governador, indo no encalço de cristãos.

— Ferréolo, disse-lhe aquêle, tu deves sacrificar às leis dos imperadores invencíveis, antes de todos: o sôlido que te pagam te impõe a fidelidade. É preciso que obedeças. Obedece, para que escapes do castigo. Sacrifica aos deuses.

Ferréolo, que ouvia calado, respondeu, assim que o governador dissera aquelas palavras:

— Eu sou cristão. Não posso sacrificar. Eu servi os imperadores tanto quanto mô permitiu a religião. Prometi obedecer as leis justas, jamais as leis sacrílegas. Fui engajado para servir contra culpados, não contra cristãos. Não reclamo sôlido

algum. É-me suficiente viver como cristão e, se não me fôr possível, estou pronto para morrer.

O governador, pelo tom das palavras de Ferréolo, bem como pela serenidade que o tribuno apresentava, logo viu que era inútil insistir. Em todo o caso, ordenou que o flagelassem.

Quando os guardas o encaminhavam à prisão, Ferréolo conseguiu escapar, diz a lenda, com a ajuda dum anjo. Prêso, mais tarde, foi decapitado sem qualquer processo.



Segundo uma tradição um tanto duvidosa, São Ferréolo, desde o início da perseguição, enviara para Auvergne um dos seus subordinados, chamado Juliano, o qual logo foi prêso e decapitado. Ora, os carrascos, como testemunho de que o haviam alcançado, porque a Juliano enviaram soldados nas pegadas, tomaram-lhe a cabeça e levaram-na ao governador, para que a visse e se certificasse de que a missão fôra cumprida.

Diz-se que a cabeça foi entregue a Ferréolo, para que refletisse sôbre a própria situação. Ainda havia tempo para salvar-se. Morto Ferréolo, enterraram-no com a cabeça de Juliano, relíquias que foram encontradas bem depois, em 473.

Um século mais tarde, Gregório de Tours abordaria a história com detalhes.

A primeira basílica de São Ferréolo encontrava-se numa das margens do Ródano, mas tão próxima das águas, que era constantemente ameaçada por elas. A fim de evitar o mal, qualquer desastre, São Marmerto erigiu uma basílica com a mesma grandeza e o

mesmo esplendor, para abrigar o corpo do mártir. Então um grande número de abades e monges, acorreu para a solene cerimônia de trasladação. Passada a noite, que se encheu do murmúrio das orações, buscaram a tumba, para abri-la. Admirados, viram que, ao invés de uma, havia três. Consternados, puseram-se a olhar uns para os outros, como se perguntassem qual seria a de São Ferréolo.

Eis senão quando, um dos monges, com uma exclamação, lembrou-se de que o bem-aventurado mártir, fôra enterrado com uma cabeça, dizendo:

— Segundo a tradição popular, a cabeça do mártir Juliano encontra-se na sepultura do mártir Ferréolo! Se levantarmos as tampas, talvez descubramos tudo!

E assim fizeram. Respeitosamente, olharam os interiores dos túmulos e, no primeiro e no segundo, São Mamerto deu com dois corpos tão sòmente.

Depois duma oração, abriu o terceiro, e encontrou um homem deitado, de roupas intatas e o corpo sem qualquer corrupção. Tinha, no entanto, a cabeça cortada, e retinha com um dos braços outra cabeça.

Exclamou São Mamerto, cheio de alegria:

— Eis o corpo de Ferréolo, a cabeça de Juliano! Não resta a menor dúvida!

E assim, ao canto dos salmos, as relíquias, solenemente, foram transportadas para a nova basílica.

## SANTA RICARDA (\*)

### *Imperatriz*

### *Fundadora de Andlau*

Ricarda era filha do conde da Alsácia e foi casada com Carlos, o Gordo, filho de Luís, o Germânico.

Santa Ricarda foi uma grande benfeitora de mosteiros: dotou Seckingen e Zurzach na região de Constance; São Félix e Santa Régula de Zurich; e São Martinho de Pavia, na Itália.

Em 880, fundou Andlau, em terras que eram do seu patrimônio. Conta a lenda que o lugar em que o mosteiro se levantou foi indicado por uma urso, que cavava a terra, com os filhotes.

Em 1754, criou-se piedosamente, na abadia, *in memoriam*, um urso. Ainda hoje se pode ver, na cripta da igreja, uma estátua da urso, usada para a veneração dos fiéis, e o buraco furado pelas unhas inspiradas, dirigidas pela Providência.

Em 881, Ricarda e o espôso estavam em Roma, e a Santa colocou aquela fundação sob a égide da Santa Sé.

Em 888, quando Carlos abdicou, Ricarda procurou o convento, e ali ficou a servir a Deus até a morte, ocorrida em 900.

## BEM-AVENTURADO DOMINGOS TRACH DOAI (\*)

*Dominicano, Mártir*

Domingos nasceu no Tonkin oriental, em 1792, e professou entre os dominicanos, os quais procurou no ano de 1825, no dia 13 de junho, dia em que se festeja o grande Santo Antônio de Pádua.

Um dia, disse aos companheiros:

— No vicariato ocidental há mártires, mas, entre nós, nenhum!

A perseguição obrigou-o a esconder-se, mas foi prêso. Colocaram-lhe, então, rudemente, uma canga ao pescoço.

O mandarin ordenou que o atirassem, bem como a outros cristãos, no cárcere. Ali, Domingos confessava-os e exortava a tudo suportar com coragem.

— Eu não sou vigoroso, dizia, mas não me importo nem me queixo de sofrer por Deus. Não tenho medo algum.

Um dia, soldados foram buscá-lo na prisão. E levaram-no até uma cruz, sobre a qual, obrigaram-no, devia pisar, calcar com desprezo.

Recusou-se o bem-aventurado dominicano, malgrado a brutalidade, mas nada o levaria a tão van-dália, sacrílega coisa — preferia morrer.

Atirado de novo ao cárcere, dali saiu a 18 de setembro de 1840, para ser decapitado. Estava com quarenta e nove anos de idade, e o vicariato oriental ganhava um mártir, porque Roma iria beatificá-lo em 1900.

---

No mesmo dia, a festa das santas Sofia e Irene, as quais, supõe-se, foram martirizadas. Tudo, sobre elas, é obscuro e confuso.

Em Milão, Santo Eustórgio I, bispo daquela cidade, que um têxto do bem-aventurado Ambrósio tornou célebre. Eustórgio, cujo nome, de origem grega, significa *Bem-amado*, de *eu* e *stergo*, *bem* e *amar*, respectivamente, foi o nono bispo de Milão, cidade em que se ergue a igreja com o nome do santo prelado. Faleceu depois de 355.

Em Gortina, Creta, Santo Eumênio, bispo e confessor. Eumênio (o que bem vela), teria peregrinado até Roma e morrido na Tebaida. O corpo teria sido enterrado em Creta, em Rhaxos, ao lado do corpo de São Cirilo, bispo de Gortina.

Em Avranches, São Seniero, bispo, que teve parte das relíquias em Roma.

Em Limoges, São Ferréolo, bispo, falecido depois de 591. Acredita-se que tenha sido o quinto bispo daquela cidade. Estêve presente ao concílio de Mâcon, em 585, e à morte de Santo Yrieix.

No Hainaut, São Walberto e Santa Bertila ou Bertília, sua espôsa.

Na Alsácia, São Desidério, bispo e mártir, que foi morto quando regressava duma viagem a Roma.

Na Abadia de Sittichenbach ou Sichem, em Westfália, o bem-aventurado Volcuíno, abade cisterciense, falecido em 1154. Nascido na região de Colônia, tomou o hábito em Altencamp, donde passou a Walkenried, depois a Sittichenbach, na diocese de Halberstadt. Amicíssimo do compatriota Adão de Ebrach, abade. Operou vários milagres.

Em Nocera, na Úmbria, o bem-aventurado Filipe, bispo, grande amigo dos Menores. Camáldulo, inicialmente, em Fonte Avellana, faleceu como bispo de Nocera em 1285.

Em Gênova, na Itália, o bem-aventurado Simão, camáldulo, recluso. Foi diretor de almas e secretário do bem-aventurado Peregrino, ermitão de Camaldoli.

\* \* \*

## 19.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO TEODORO

*Arcebispo de Cantuária*

*E outros Santos monges da Inglaterra.*

Convertidos pelos monges, os inglêses fundaram em seu país uma grande quantidade de mosteiros, nos quais a piedade vicejou durante muito tempo. Pessoas de tôdas as condições, até mesmo príncipes e reis, nêles se consagraram a Deus. Os monges do Oriente, tais como os do Egito, dedicavam-se quase que inteiramente à contemplação; os monges do Ocidente, em particular os da Inglaterra, reuniam a vida contemplativa e a vida ativa. Depois de terem consagrado uma parte do dia e da noite aos cânticos de louvor a Deus, e às meditações sôbre a sua lei, empregavam o resto do tempo em trabalhos de outro gênero; alguns instruíam os meninos que lhes eram enviados; outros ensinavam, através do exemplo, os novos cristãos a arrotear as charnecas, a melhor cultivar os campos, a melhor construir casas, e, sobretudo, a erguer igrejas mais sólidas e mais cômodas, e a ornamentá-las com pinturas e quadros edificantes.

São Bento Biscop, que de fidalgo se tornara abade, fêz cinco vêzes a viagem a Roma, tanto para

instruir-se como para trazer homens com conhecimento do canto e das cerimônias da Igreja, e até mesmo arquitetos e pintores, assim como quadros. Esses homens de Deus tudo faziam para todos a fim de conquistá-los e ligá-los a Jesus Cristo.

Na mesma época, cêrca de 668, dois reis inglêses pediram ao Papa Vitaliano que lhes enviasse para o cargo de arcebispo de Cantuária um homem bastante entendido nas cerimônias e na disciplina da Igreja, a fim de que lhe fôsse possível doutrinar o clero da Inglaterra.

O Santo Papa, que buscava um homem digno e competente, mandou vir do mosteiro de Niridan, nas imediações de Nápoles, o abade Adriano, de nacionalidade africana, muito instruído nas santas letras, assim como na disciplina, tanto eclesiástica como monástica, e que conhecia perfeitamente o grego e o latim. Adriano declarou-se indigno de tal honra, mas afirmou que indicaria um homem cujo saber e idade conviriam melhor ao episcopado. Era um monge chamado André, que efetivamente foi considerado digno por todos que o conheciam; porém, suas enfermidades corporais impediam-no de aceitar o cargo proposto. Novamente insistiram para que Adriano o aceitasse. Êle pediu mais tempo, certo de encontrar alguém que o substituísse.

Vivia então em Roma um tal Teodoro, nascido em Tarso, na Cilícia, que fôra filósofo em Atenas e depois monge. Conhecia muito bem as letras divinas e humanas, o grego e o latim, tinha bons costumes e sua idade tornava-o venerável, pois contava sessenta e seis anos. Adriano, que o conhecia, apresentou-o ao Papa, e conseguiu que fôsse nomeado bispo, sob

a condição de ser acompanhado até a Inglaterra pelo próprio Adriano; tendo estado já por duas vezes nas Gálias, êste poderia orientá-lo na viagem. O Papa também desejava que auxiliasse Teodoro a doutrinar os inglêses, velando para que não introduzisse naquela Igreja coisa alguma contrária à fé, como faziam os gregos, às vezes. Tendo sido São Teodoro ordenado subdiacôno, esperou quatro meses para deixar crescer os cabelos, a fim de que pudessem fazer-lhe a coroa, pois os monges gregos raspavam inteiramente a cabeça, pretendendo com isso imitar os apóstolos São Tiago e São Paulo. Enfim, o Papa São Vitaliano ordenou Teodoro bispo no domingo, dia 26 de março de 668.

São Bento Biscop encontrava-se nessa ocasião em Roma, onde acabava de chegar pela terceira vez; além da primeira viagem que realizara em companhia de São Wilfrid, fizera uma segunda da qual o príncipe Alfrid tencionava participar, antes de ser detido pelo rei Oswi, seu pai. De regresso dessa segunda viagem, Biscop fôra à ilha de Lerins, onde recebera a tonsura e abraçara a disciplina monástica. Depois de lá ter permanecido durante dois annos, retornou a Roma, e foi então que o Papa Vitaliano, a par tanto da sua nobreza, como da sua piedade e sabedoria, lhe recomendou o novo bispo Teodoro, e lhe ordenou que desistisse, em consideração a um bem maior, da peregrinação já iniciada, e regressasse à pátria, levando consigo Teodoro, a fim de servir-lhe de guia e de intérprete. Biscop obedeceu às ordens do Papa e partiu de Roma para a Inglaterra em companhia do bispo Teodoro e do santo padre Adriano, no dia 27 de maio de 668.

Havendo chegado a Marselha, por mar, e depois a Arles, por terra, êles entregaram as cartas do Papa ao arcebispo João que os reteve em sua casa até que Ebroin, prefeito de Palácio, lhes desse permissão para continuarem a viagem. Quando a obtiveram, São Teodoro foi a Paris encontrar-se com o bispo Santo Agilberto que, tendo permanecido muito tempo na Inglaterra, podia dar-lhe boas informações sôbre aquêlê país. Foi muito bem recebido e demorou-se bastante tempo em sua casa. Santo Adriano dirigiu-se primeiramente a Emmon, arcebispo de Sens, depois a São Faron, em Meaux, junto dos quais longamente se deteve; pois o inverno, que se aproximava, obrigava-os ao repouso. Tendo Egberto, rei de Cant, sabido que se encontrava na França o bispo por êle solicitado ao Papa, enviou-lhe ao encontro um fidalgo da sua côrte; depois de obter a permissão de Ebroin, êste conduziu Teodoro ao pôrto de Quentavia, mais tarde São José-sôbre-o-mar, onde se demorou algum tempo em virtude de haver caído doente; logo que se sentiu melhor partiu para a Inglaterra em companhia de Bento Biscop, e tomou posse da sua sede de Cantuária no ano seguinte à sua ordenação, num domingo, 27 de maio de 669. Governou a igreja durante vinte e um anos, três meses, vinte e seis dias e, de início, confiou a Bento a direção do mosteiro de São Pedro.

Adriano foi detido algum tempo na França por Ebroin, que suspeitava estivesse êle incumbido de entregar aos reis da Inglaterra alguma mensagem desfavorável ao reino dos francos. Reconhecendo o engano, permitiu-lhe ir ao encontro de Teodoro que, à sua chegada, lhe confiou o mosteiro de São Pedro, governado durante dois anos por Bento Biscop. Pois

antes de haverem deixado Roma o Papa ordenara a Teodoro que desse a Adriano, na sua diocese, um lugar onde pudesse morar cômodamente com os seus.

Depois de ter o arcebispo Teodoro tomado posse da sua igreja, percorreu tôdas as províncias inglêsas, acompanhado pelo abade Adriano. Foi muito bem recebido e atendido com benevolência, introduzindo por tôda parte boas regras de vida e o ritual da Igreja católica na celebração da Páscoa. Foi o primeiro arcebispo a quem a Igreja dos inglêses se submeteu inteiramente, e o principal autor daquela célebre escola, de onde mais tarde saíram tantos grandes homens. Pois sendo Teodoro e Adriano muito instruídos, não apenas em ciências eclesiásticas, mas também em humanidades, reuniram à sua volta um grande número de discípulos aos quais ministravam lições diárias. Explicavam-lhes a astronomia, a aritmética eclesiástica, isto é, o cálculo para encontrar a Páscoa, e a composição de versos latinos. Muitos houve que aprenderam o latim e o grego tão bem quanto a língua materna. Desde que fôra ocupada pelos inglêses, nunca a Bretanha conhecera tempos mais felizes. Seus reis eram tão corajosos que faziam tremer tôdas as nações bárbaras, e tão cristãos que tôdas as suas aspirações se voltaram para as alegrias celestes, a êles recentemente anunciadas. Quem desejasse instruir-se, com facilidade encontraria mestres, e o canto eclesiástico, até então apenas conhecido na região de Cant, começou a ser ensinado em tôdas as igrejas inglêsas.

Durante as suas visitas, Teodoro ordenava bispos nos lugares em que se faziam necessários e, auxiliado por êles, ia corrigindo as imperfeições. Encontrando

vaga, havia muito tempo, a sede de Rochester, lá estabeleceu Putta, que fôra ordenado sacerdote por São Wilfrid. Era um homem simples, mais muito instruído na disciplina da Igreja, e no canto romano, que aprendera com os discípulos de São Gregório. (1)

São Teodoro restabeleceu o próprio Wilfrid na sua sede de York, e anulou a ordenação de Ceadda, seu competidor, como duplamente irregular; pois fôra introduzido nessa sede com prejuízo de Wilfrid, e ordenado por inglêses cismáticos. Disse-lhe Ceadda: "Se meu episcopado não é legítimo, a êle renuncio; pois nunca me considerei digno, e só o aceitei por obediência." E recolheu-se ao seu mosteiro de Lestingham. Tocados por tanta humildade, Teodoro e Wilfrid deram-lhe o arcebispado de Merciens, vago pela morte de Jaruman. São Wilfrid também lhe cedeu umas terras denominadas Leichfeld, isto é, campo dos corpos, por causa da grande quantidade de mártires que lá tinham padecido no tempo de Diocleciano. O rei Wulfere doara essas terras a São Wilfrid para que nelas estabelecesse uma sede episcopal, fôsse para êle, fôsse para outro. São Wilfrid transmitiu a doação a São Ceadda, a quem êle e São Teodoro ordenaram bispo regularmente através de todos os graus eclesiásticos.

Quanto a São Bento Biscon, que acompanhara São Teodoro à Inglaterra, contribuiu mais poderosamente do que ninguém para lá implantar as letras, as ciências e as artes. Depois de ter cedido ao santo abade Adriano o mosteiro de São Pedro de Cantuária,

---

(1) Ver Beda l. IV, assim como as **Vidas de São Wilfrid**, Act. Bened. t. IV, de São Bento Biscon, de Santo Adriano, de São Teodoro, *ibid.*, t. II, assim como as Acta SS.

fêz, nas imediações do ano 670, uma quarta peregrinação a Roma, de lá trazendo grande quantidade de livros eclesiásticos, parte dos quais lhe fôra dada, parte adquirida. Ao passar por Viena, recolheu vários outros que comprara e deixara com amigos.

Tendo retornado à Inglaterra, relatou ao rei Egfrid, de Northumbres, tudo quando fizera nas suas viagens em prol da religião, tudo quanto aprendera em Roma e em outros lugares sôbre as disciplinas eclesiástica e monástica e mostrou-lhe os livros e as relíquias que trouxera. O rei de tal modo se afeiçoou a êle que lhe deu terras com setenta famílias, isto é, setenta charruas, a fim de que edificasse um mosteiro consagrado a São Pedro. São Bento Biscop construiu êsse claustro junto à embocadura do rio Vire, de onde lhe veio o nome Viremouth, ou seja, bôca do Vire. Corria o ano de 674.

Um ano depois Bento partiu para as Gálias e de lá trouxe pedreiros para levantarem a sua igreja de pedra, com abóbadas romanas. E como ainda não havia na Bretanha operários que soubessem fabricar vidro, também mandou buscá-los nas Gálias e colocou vidros nas janelas da sua igreja e de outros edifícios. Foi assim que os inglêses aprenderam a arte da vidraria. Mandou vir de além-mar tudo quanto era necessário para o serviço do altar e da igreja, e que não existia no país, fôssem vasos ou ornamentos. Enfim, desejando conseguir outras coisas que nem mesmo nas Gálias eram encontradas, retornou a Roma pela quinta vez. Porém, antes dessa última viagem, fundou outro mosteiro; pois o rei Egfrid, ao ver que fizera bcm uso das primeiras terras a êle doadas, deu-lhe outras com quarenta famílias num sítio cha-

mado Jarou, a duas léguas de Viremouth, para que lá fundasse um mosteiro em honra de São Paulo. O santo padre Ceolfrid foi o primeiro abade dêsse mosteiro; ambos os mosteiros, o de São Pedro e o de São Paulo eram de tal forma unidos, que se diria uma única comunidade. Bento Biscop também colocou um abade em São Pedro, pois viajava com muita freqüência, e foi êle São Esterwin, parente seu. Tendo ido pela quinta vez, trouxe um sem número de livros de tôda espécie, e uma grande quantidade de relíquias. Também trouxe várias imagens de santos para ornamentar a igreja de São Pedro. Obteve do Papa (era Santo Agathon, terceiro sucessor de São Vitaliano), de acôrdo com o pedido formulado pelo rei Egfrid, o privilégio de conservar a liberdade do seu mosteiro. Enfim, na intenção de introduzir na sua igreja o canto e as cerimônias romanas, pediu ao Papa que deixasse João, abade de São Martim, de Roma, e Cantor da Igreja de São Pedro, partir em sua companhia: o que lhe foi concedido. (2)

O Papa Agathon incumbiu o abade São João de missão mais importante, isto é, informar-se exatamente como funcionava a Igreja da Inglaterra e mandar um relatório a Roma; pois queria ficar a par do estado daquela província, assim como das outras, principalmente em relação à heresia dos monotelitas. O abade João levou consigo os atos do concílio realizado em Roma, sob o Papa São Martinho. Quando chegou à Inglaterra, assistiu a um concílio que o bispo Teodoro convocou para discutir aquela mesma heresia, no dia 17 de setembro de 680. O lugar onde se realizou êsse concílio chamava-se Hertfeld. A Igreja

---

(2) Acta Benect., t. II, pág. 104.

da Inglaterra nêle fêz uma profissão de fé, declarando que aceitava os cinco concílios gerais e o concílio do Papa São Martinho, anatematizando tudo quanto condenavam e aceitando tudo quanto aceitavam. Entregaram uma cópia dêsse concílio ao abade João a fim de que o levasse a Roma. Por sua vez, êle mandou copiar no mosteiro de São Bento Biscop o concílio do Papa São Martinho. (3)

Também deixou ordens por escrito regulando a celebração das festas do ano inteiro, ordens de que foram tiradas muitas cópias, e ensinou pessoalmente o canto romano. Os mais hábeis cantores vinham de todos os mosteiros do país para ouvi-lo e muitos convidavam-no a visitá-los. Enfim, o abade João partiu para Roma; porém, pouco depois de ter atravessado o mar, caiu doente e morreu. Seus amigos mandaram transportar-lhe o corpo para São Martinho de Tours, onde foi honrosamente sepultado; pois tivera uma particular devoção àquele santo, que dera nome ao seu mosteiro de Roma. Os monges tinham-no recebido muito carinhosamente; haviam-lhe pedido que passasse por lá no seu regresso e até lhe tinham dado companheiros para auxiliá-lo na viagem. Sua morte não impediu que a confissão de fé dos ingleses fôsse levada a Roma e recebida com grande satisfação pelo Papa e por todos quantos a viram.

Santo Bento Biscop ornamentou seus dois mosteiros com as imagens que trouxera de Roma. No fundo da Igreja de São Pedro colocou a imagem da Virgem e dos doze apóstolos; na parede do sul, as histórias do Evangelho; do lado do norte, as visões do Apocalipse. De maneira que ao entrar nessa

---

(3) Beda, l. IV, c. XVIII.

igreja, mesmo os que não sabiam ler deparavam de todos os lados com objetos agradáveis e edificantes e podiam admirar Jesus Cristo e seus santos, assim reavivando em suas memórias a graça da encarnação ou o terror do último julgamento. É assim que se expressa um santo, o venerável Beda, ao ter diante dos olhos aquelas pinturas. Bento Biscop colocou no mosteiro de São Paulo as imagens que assinalavam a harmonia do Antigo e do Novo Testamento. Por exemplo, Isaac carregando lenha para o seu sacrifício, e Jesus Cristo carregando a sua cruz; a serpente de bronze, e Jesus Cristo crucificado.

Foi assim que os três apóstolos da fé divina e da civilização humana, São Teodoro, Santo Adriano, e São Bento Biscop, divulgaram-nas no seio da nação inglêsa. O Papa São Vitaliano, que para lá os enviou, nunca deixou de apoiá-los. Pois havendo-lhe Teodoro pedido a confirmação dos privilégios da sua igreja, o Papa escreveu-lhe uma carta na qual, com a autoridade de São Pedro, reconhece e confirma perpetuamente, em relação a tôdas as igrejas das Ilhas Britânicas, os direitos que seu predecessor, São Gregório, concedera a Santo Agostinho, além do uso do pallium. E, pela mesma autoridade apostólica, lança sobre os contraventores a pena de deposição, se forem bispos, sacerdotes ou cônegos, e de excomunhão, se forem leigos, sejam êstes reis ou príncipes, grandes ou pequenos. (4)

São Teodoro, arcebispo de Cantuária, morreu no ano de 690, com a idade de oitenta e oito anos, depois de vinte e dois anos de episcopado. Foi enterado na Igreja de São Pedro, ao lado de seus pre-

(4) Acta SS., 19 sept. Vit. S. Theod., p. 59.

decessores, e sua memória é reverenciada no dia da sua morte, 19 de setembro. As escolas que fundou juntamente com seus amigos São Bento Bispo, Santo Adriano e São Wilfrid, produziram um grande número de santos e de sábios, dos quais alguns foram convocados mais tarde para ressuscitar os estudos quase desaparecidos no resto da Europa, e os outros para converter nações ainda bárbaras; tal como Santo Willibrod, apóstolo de Frísia; Santo Bonifácio, apóstolo da Alemanha; e Sigfrid, apóstolo da Suécia.

\* \* \*

## SANTA EMÍLIA DE RODAT (\*)

### *Fundadora da Congregação da Santa Família*

Nascida em 1787, no dia 6 de setembro, no castelo de Druelle, Maria Emília de Rodat pertencia à velha família de Rouergue.

Educada pela avó, vivendo no vasto castelo de Ginals, Emília mesma, mais tarde, escreveria: "Com a idade de oito anos, minha avó tomou-me consigo e, assim que cheguei à idade da razão, ensinou-me a amar o bom Deus. Uma de minhas tias-avós, religiosa visitandina, de concôrto com ela, prodigalizou-me os mais ternos cuidados.

"Quando era pequena, tinha o defeito de ficar amuada fãcilmente. Ia, então, agachar-me debaixo duma janela, e minha avó me chamava:

"— Emília vem comigo, vem!"

"Eu a atendia e ia. E quando estava com ela, dizia-me:

"— Olha-me bem, e sorri!"

"Tornava-me amarga, áspera, mas vovó persistia até que, rindo, voltava ao meu ar costumeiro".

Naquele ambiente calmo, de pessoas compreensivas, a jovem foi crescendo tôda brandura. Aos onze anos, fêz a primeira comunhão na capela do castelo.

Moça, em Villefranche de Rourgue, abriu uma sala de aula, onde quarenta juvenzinhas estudavam e passavam o dia. Era em 1815, e tanta procura teve a *Sala* que, em 1819, instalava-se nos Cordeliers, com caráter religioso, e as irmãs pronunciavam os votos perpétuos e tomavam o hábito das religiosas. Todavia, nesse meio de tempo, de 1815 a 1819, quantas provas, quantas críticas, quanta incompreensão por parte dos faladores. O instituto, porém, cresceu, e, quando a Santa faleceu, em 1852, sabia que as filhas jaziam acomodadas por trinta e seis fundações.

Que levaria Emília de Rodat a fundar tal instituto, que começou numa sala? Um dia, ao visitar uma doente, ouviu das vizinhas que ajudavam a pobre as queixas que faziam sôbre o desaparecimento, do lugar, das Ursulinas e suas escolas gratuitas, onde se haviam educado, e nas quais agora, não podiam deixar as filhas.

Emília, tocada, propôs levar avante, como levou, a obra que a tornou conhecida e na qual se santificou.

A 9 de junho de 1940, Pio XII beatificou a fundadora. O mesmo Papa da Paz, a 23 de abril de 1950, canonizou-a solenemente.

---

No mesmo dia, em Verona, São Teodoro, bispo, cujo culto, naquela cidade, é antiquíssimo. O corpo repouscu em Santo Estêvão, depois passou à catedral. Reconhecidas as relíquias no século XIII, depois do século XVI transferiram-nas para a capela da Virgem (*Acta sanct.* 19 sept.).

Em Trêves, São Mileto, bispo, falecido em 500, ao que se supõe.

Em Espoleto, na Úmbria, São João, bispo e mártir (550?). Morto pelos gôdos, foi enterrado na igreja de São Pedro.

Em Metz, São Goerico ou Abbo, bispo, sucessor de Arnulfo. Faleceu, crê-se, em 642.

Perto de Sampigny, na diocese de Verdun, Santa Lúcia, virgem (século X-XI?). Diz-se que esta Lúcia teria vindo da Escócia, empregando-se como pastora dum rico proprietário, que acabou por lhe deixar a fortuna, fortuna que usou para erguer um santuário em Sampigny, onde foi enterrada. É invocada pelas mulheres em vias de dar à luz. Ana da Áustria, conta-se, teria ido ao santuário invocá-la (1638), antes do nascimento de Luís XIV.

Em Gap, Santo Arnaldo, bispo, desaparecido em 1075.

Em Madri, o bem-aventurado Alonso de Orozco, ermitão de Santo Agostinho. Nascido em 1500, em Toledo, faleceu em Madri, mais que nonagenário, em 1591. Foi beatificado em 1881. Deixou muitos escritos. Grande admirador de Santo Agostinho, influenciado pelo grande bispo de Hipona, escreveu as *Confesiones del pecador fray Alonso de Orozco* (1580). Um dos mestres espirituais do grande século espanhol, mais asceta que místico, foi dos primeiros que escreveram trabalhos religiosos na língua materna, na Espanha.

Em Pozzuoli, na Campânia, os santos mártires Januário, bispo de Benevento; Festo, seu diácono; Desidério, leitor; Sósio, diácono da igreja de Miseno; Próculo, diácono da igreja de Pozzuoli; Eutíquio e Acúcio, que depois de languecerem no cárcere, carregados de cadeias, foram decapitados sob o Imperador Diocleciano. O corpo de São Januário foi

levado para Nápoles e sepultado com grande pompa na igreja onde ainda existe um frasco cheio de seu sangue, o qual, quando posto junto à sua cabeça, se liquefaz e ferve, como se ainda estivesse fresco. — Em Nocera, os santos Félix e Constâncio martirizados sob Nero. — Na Palestina, três bispos do Egito, os santos Peleu, Nilo e Elias, que durante a perseguição de Diocleciano foram condenados ao fogo por terem confessado Jesus Cristo, assim como vários de seus clérigos. — No mesmo dia, os santos Tróximo, Sabácio e Dorimedonte, martirizados sob o Imperador Probo. Estando Sabácio em Antioquia, o prefeito Ático mandou-o açoitar até que exalasse o espírito. Tróximo, que fôra enviado a Síndica perante Perênio, depois de ter passado por duras provas, foi decapitado com o senador Dorimedonte. — Em Córdoba, Santa Pomposa, virgem, martirizada durante a perseguição dos árabes. — Em Tours, Santo Eustóquio, bispo, homem de notável virtude. Na diocese de Langres, São Sena, sacerdote e confessor. — Em Barcelona, na Espanha, a bem-aventurada Maria de Cervellón, virgem, da ordem das Mercês, que, por causa da assistência que costuma prestar aos que a invocam, é vulgarmente chamada Maria do Socorro.

## 20.º DIA DE SETEMBRO

### SANTO AGAPITO

#### *Papa*

Tendo o Papa João falecido no dia 26 de abril de 535, teve como sucessor Santo Agapito, romano de nascimento, e arqui-diácono da Igreja Romana. O novo Papa foi ordenado no dia 4 de maio e governou a Santa Sé durante onze meses e dezoito dias.

Ao ser informado da ordenação de Santo Agapito, o imperador Justiniano enviou-lhe a sua confissão de fé, com uma carta na qual lhe pedia conservasse nas dignidades eclesiásticas os arianos convertidos, e fizesse seu vigário na Ilíria ao Bispo de Justiniana, cidade da Dardânia, que o mesmo Justiniano mandara erigir junto à sua cidade natal. (1) O Papa respondeu ao Imperador com duas cartas diferentes. Numa aprova a confissão de fé por êle enviada, "não porque reconheçamos aos leigos o direito da pregação, explica, mas confirmamos o zelo da vossa fé, desde que esteja de acôrdo com as regras dos nossos Padres." Na segunda carta, o Papa agradece a Justiniano as congratulações que lhe endereçara pela sua elevação ao pontificado, os presentes que enviara

(1) Labbe, t. IV, 1788 e 9.

à Igreja Romana, e também o felicita pelas conquistas e pelas vitórias por êle obtidas. Da mesma forma, louva-lhe o zêlo em relação à incorporação dos arianos na Igreja católica. Mas adverte-o que não deve, nem pode fazer a mínima coisa contrária aos cânones dos Papas, e aos decretos da Sé Apostólica, que proíbe promover às ordens os heréticos reconciliados, e conservá-los nos mesmos postos por êles ocupados antes da reconciliação. Acrescenta que, se desejam abraçar sinceramente a verdadeira fé, devem submeter-se às regras da Igreja e que, se continuam a mostrar-se ambiciosos, será uma prova da pouca solidez da conversão dos mesmos.

Justiniano pedira que o caso de Estêvão de Larissa, que implorara a proteção da Santa Sé, sob o pontificado de Bonifácio, contra uma sentença do Patriarca Epifânio, fôsse encerrado pelos legados do Papa em Constantinopla. Agapito prometeu confiar a execução aos legados que logo enviaria àquela cidade; declara, porém, que desde aquêl momento recebia na sua comunhão a Aquiles, por quem o Imperador intercedera. "Perdoai a nosso irmão e Bispo Epifânio por ter ordenado tal coisa, pois o fêz por vossa ordem", diz êle. "Mas Epifânio devia ter-vos feito compreender a necessidade de respeitar devidamente o Trono Apostólico, pois conhece o zêlo com que defendeis os privilégios da Santa Sé." Agapito adia até à chegada de seus novos legados a Constantinopla o conhecimento da sua decisão a respeito da ordenação de Aquiles, que fôra nomeado bispo de Larissa, em substituição a Estêvão; e a respeito do bispo de Justiniana que o Imperador desejava fôsse designado para vigário da Santa Sé na Ilíria. Essa

carta data de 15 de outubro de 535. Efetivamente, Santo Agapito enviou cinco bispos a Constantinopla como seus legados, a saber: Sabino de Canossa, Epifânio de Eclane, Astério de Salerno, Rústico de Fés-tula e Leão de Nola. (2)

Uma carta, entre outras, causou ao Papa grande alegria: a carta sinodal dos bispos da África comunicando-lhe o restabelecimento de suas igrejas, livres, enfim, da opressão dos vândalos. Desde o mês de agosto de 530, o rei Hilderico fôra destronado por Gelimer, que devia suceder-lhe como membro mais idoso de sua família. Justiniano, que havia muito tempo mantinha relações de amizade com Hilderico, resolveu vingá-lo, e rompeu a aliança que o Imperador Zenon fizera com o rei Genserico. No sétimo ano do seu reinado, isto é, em 533, enviou à África uma frota de quinhentos navios sob o comando de Belisário. No mês de junho, quando a frota estava a ponto de levantar as velas, o Imperador mandou que a nau capitânea fundeasse diante do palácio. O Patriarca Epifânio nela embarcou; e, depois de ter implorado as bênçãos do céu, fêz subir no navio um soldado recentemente batizado, a fim de santificar aquela grande empresa. O exército, composto de dezesseis mil homens selecionados, dos quais seis mil cavaleiros, desembarcou sem obstáculos três meses após a sua partida de Constantinopla. Os vândalos não esperavam por isso. Como haviam desmantelado tôdas as praças fortes, como a sua opressão não os fizera amados pelos habitantes, e como o exército romano, que se proclamava libertador, observava rigorosa disciplina, a conquista da África processou-se quase sem esbarrar com resis-

(2) Labbe, t. IV, Epist. 1 e 4. It., t. V, p. 11.

tência. À primeira notícia do desembarque dos romanos, Gelimer mandara matar Hilderico, que até então conservara prisioneiro; e ordenara que as tropas avançassem, dando ordens que poderiam ter sido funestas aos romanos; porém, não foram executadas com a necessária unidade, ou então, circunstâncias imprevistas intervieram; e, depois de alguns malogros, Gelimer foi um dos primeiros a perder a coragem. Enfim, o exército romano alcançou as imediações de Cartago na véspera da festa de São Cipriano, isto é, no dia 13 de setembro. A noite caía. Os soldados encontraram as portas da cidade abertas. Os habitantes tinham iluminado as ruas, a fim de festejar a libertação, ao passo que os vândalos, desorientados, se refugiavam nas igrejas, ou, pálidos de medo, se abraçavam aos altares. A fim de receber a frota romana que começava a surgir à vista, o povo retirou as cadeias que fechavam a entrada do porto. Contudo, Belisário não entrou na cidade, mas passou a noite com o exército, a certa distância, junto a uma Igreja de São Cipriano, cuja festa seria celebrada no dia seguinte. Durante o dia, os sacerdotes arianos, certos da vitória, tinham adornado o templo com seus mais ricos ornamentos. Porém, à notícia da derrota dos vândalos, apressaram-se em fugir, e Belisário já encontrou os católicos de posse da igreja, com todos os preparativos ultimados.

Contudo, havia nos porões do palácio de Gelimer um tenebroso calabouço, onde êle encarcerava todos os que caíam no seu desagrado. Lá se achavam presos vários negociantes romanos, acusados pelo tirano de terem estimulado o imperador à guerra. Naquele mesmo dia, Gelimer lavrara a sentença de morte dos prisioneiros. Quando o carcereiro desceu ao cala-

bouço, êles supuseram que iam ser conduzidos ao lugar do suplício. "Que me dareis se vos restituir à liberdade?" indagou o carcereiro. Responderam-lhe que estavam dispostos a entregar-lhe tudo quanto possuíam. "Pois bem, observou o primeiro, não vos peço nem ouro, nem prata; jurai-me, apenas, que me auxiliareis com todos os vossos recursos na hora em que também eu correr perigo." Tendo os prisioneiros pronunciado o juramento, o carcereiro contou-lhes em que situação estavam as coisas e, abrindo uma janela, mostrou-lhes os navios romanos que entravam no pôrto ao clarão da lua. Em seguida saiu do calabouço em companhia dos presos libertados. (3)

Após a conquista, Justiniano dividiu a África em sete províncias, a Tingitana, a Mauritânia, a Numídia, a província de Cartago, a Bizacena, a Tripolitânia e a Sardenha, que foi anexada às outras por ter pertencido aos vândalos. Estabeleceu um prefeito do pretório com residência em Cartago, tendo sob a sua dependência os governadores de cada província. Justiniano recomendou-lhe que velasse pela conservação da paz, que tratasse os habitantes com brandura, fazendo-lhes sentir a diferença entre a humanidade romana e a dureza vândala. Restaurou várias cidades e levantou um número considerável de edifícios imponentes, entre êles muitas igrejas. Sômente na cidade de Léptis mandou construir cinco, sendo a mais bela dedicada à Santa Virgem. Também lhe consagrou uma em Septa, hoje Ceuta, no estreito de Gibraltar; outra em Cartago, e um mos-

---

(3) Procop., *Vandal.*, l. I, c. XX.

teiro na mesma cidade, ao qual deu o nome de Justiniana. (4)

Entretanto, Reparato, que sucedera a Bonifácio na sede Episcopal de Cartago, convocou um Concílio Geral na África, onde havia cem anos não se realizara um único por causa da violência das perseguições. Duzentos e dezessete bispos compareceram ao Concílio, e reuniram-se na Basílica de Fausta, onde repousavam as relíquias de vários mártires. Queriam assim consagrar as primícias da sua libertação ao Senhor, e ao restabelecimento da disciplina, que muito sofrera durante aquêles tempos de confusão. Ergueram a Deus muitas ações de graças; não havia um só dos bispos que não chorasse de alegria ao ver-se finalmente livre da opressão, e assistindo à conversão de um grande número de heréticos. Em seguida, foram lidos públicamente os cânones de Nicéia, e estudaram a maneira por que deveriam ser recebidos os bispos arianos que abraçavam a fé católica: se seriam conservados em seus postos de honra, ou apenas incorporados à comunhão leiga. A opinião do Concílio era que não deviam ser recebidos como bispos; contudo, antes de tomar uma decisão final, os duzentos e dezessete Padres dessa venerável assembléia resolveram, unânimemente e sem discussão, consultar em primeiro lugar a Sé Apostólica. Nessa intenção enviaram a Roma dois bispos, Caio e Pedro, assim como um diácono chamado Liberal, que já estivera naquela cidade quando se dera o caso dos monges acemetos. Foi-lhes entregue uma carta sincdal, dirigida ao Papa João, que ainda vivia, e a quem muito enaltecia. Nela, o Concílio também

(4) Procop., *Ædific.*, l. VI.

indagava se era permitido elevar ao clericato os que, na infância, houvessem sido batizados pelos arianos. Enfim, havendo vários bispos, durante o domínio dos vândalos, cruzado o mar, o Concílio pede ao Papa, só receba na sua comunhão aquêles que provarem, por meio de cartas de bispos da África, que haviam viajado a serviço das igrejas. (5)

A carta estava redigida, e os emissários só esperavam que o inverno lhes permitisse embarcar, quando tiveram notícia da morte de João II e da ordenação de Santo Agapito. Reparato de Cartago, então, juntou à carta sinodal uma segunda carta particular dirigida ao novo Pontífice, a fim de felicitá-lo pela sua elevação e recomendar-lhe os interesses da sua igreja. O Papa Santo Agapito a ambas respondeu no dia 9 de setembro de 535. Testemunhou ao Concílio que a Sé Apostólica tomara parte nas suas tribulações. Sendo a Igreja um único e mesmo corpo, seus principais membros eram sensíveis aos males que acometiam qualquer das partes do mesmo corpo. "Vossa aflição foi nossa, sempre, e suspiramos ao ouvir vossos gemidos." Louva-os em seguida por não haverem, tal como convinha a sábios e doutos pontífices, esquecido o Principado Apostólico, dirigindo-se, ao contrário, ao Trono daquele que recebeu o poder de ligar e desligar, para obterem a solução das suas dificuldades. Em relação à primeira de suas perguntas, que envolvia os bispos arianos convertidos, disse-lhes que não deviam permitir-lhes conservar as dignidades eclesiásticas; achava bom, porém, lhes concedessem as rendas da Igreja destinadas à manutenção dos clérigos. Com referência ao segundo

---

(5) Labbe, t. IV, 1755.

tópico, respondeu que não deviam elevar a qualquer dignidade do clero os que abandonavam o arianismo para unir-se à Igreja Católica, fôsse qual fôsse a idade em que haviam sido contaminados pelos erros daquela seita. Também achou bom que os auxiliassem com as rendas da Igreja a manterem-se, e se mostrassem misericordiosos para com todos os que deixassem o erro para abraçar a verdadeira fé. Relativamente aos clérigos que haviam transposto o mar, disse que a precaução tomada pelo Concílio devia ser observada, a fim de obrigá-los a permanecer em suas igrejas e impedi-los se tornassem vagabundos. Deu a Reparato uma resposta pessoal, na qual lhe agradece afetuosamente as felicitações por êle enviadas, e lhe devolve todos os seus direitos de metropolitano, de que fôra despojado pela maldade de seus inimigos; e por êsse motivo, enquanto não chegassem os legados, ordenava-lhe desse a conhecer a todos as decisões do Trono Apóstolico sôbre a observação dos cânones, a fim de que ninguém pudesse ignorá-las. (6) Palavras notáveis e que mereciam ser consignadas numa História da Igreja.

Durante a reunião do Concílio de Cartago, Feliciano, Bispo de Ruspe, indagou como devia comportar-se em relação ao mosteiro fundado por São Fulgêncio, seu predecessor, e do qual Fortunato era então prior. Félix, Bispo de Zactare, respondeu em nome da assembléia que não devia alterar nada do que fôra decidido num Concílio Geral realizado sob o Arcebispo Bonifácio, de santa memória, e que os mosteiros deviam gozar de plena liberdade dentro das condições prescritas pelos concílios, a saber: os mon-

(6) Labbe, t. IV, 1791 e 2.

ges deveriam dirigir-se ao bispo diocesano para a ordenação dos clérigos e para a consagração das capelas, sem que êste tivesse o direito de impor-lhes nenhum cargo, nem qualquer servidão ecelesiástica, não sendo conveniente que o bispo estabelecesse sua sede em nenhum mosteiro; os monges deveriam permanecer sob a direção e a autoridade do seu prior; por ocasião da morte do prior, os monges elegeriam outro, sem que o bispo pudesse atribuir-se o direito de escolha; e, se surgisse alguma dúvida no assunto, seria resolvida pelo conselho ou pelo critério dos outros abades. (7)

O mesmo Concílio enviou a Constantinopla um diácono chamado Teodoro, incumbido de pedir ao imperador a restituição dos bens e dos direitos das igrejas da África, usurpados pelos vândalos. Com efeito, Justiniano promulgou uma lei, datada do dia 1.º de agosto de 535, dirigida a Salomão, prefeito do pretório da África, e que rezava: tôdas as terras usurpadas das igrejas da África devem ser-lhes restituídas, sob pena de serem cobrados tributos; também devem ser devolvidos as casas e os ornamentos pertencentes às igrejas; a Igreja de Cartago gozará de todos os direitos concedidos pelas leis precedentes às igrejas metropolitanas; e não será permitido nem aos arianos, nem aos donatistas manter assembléias, ordenar bispos ou clérigos, batizar e perverter quem quer que seja, nem exercer qualquer cargo público.

No mesmo ano, 535, Justiniano ainda promulgou várias outras leis relacionadas com a Igreja, denominadas Novas, pois eram posteriores à publicação do seu código. Ao que parece êle pretendia transformar

---

(7) Labbe, t. IV, 1785,

em leis imperiais todos os regulamentos dos concílios e dos Papas. Fêz leis sôbre as ordenações e os deveres dos bispos, sôbre o número dos clérigos, sôbre os bens das igrejas, sôbre a fundação e o govêrno dos mosteiros, sôbre o noviciado e a profissão dos monges; enfim, depois de promoulgar uma lei sôbre o levantamento dos impostos, encarrega os bispos de velar pela sua execução, apontando os magistrados que cumpriam seu dever e os que não o faziam; também decretou que, depois de publicada, fôsse a lei guardada nas igrejas com os vasos sagrados, e gravada sôbre pedras, a fim de ser afixada às portas das igrejas e todos dela pudessem tomar conhecimento. (8) Teria sido melhor que, em lugar de tantas leis novas, algumas dignas de louvor, outras de excusa, outra de censura, obrigassem a melhor observar as antigas. Tantas leis novas são uma demonstração de que nenhuma era bem observada, e que os abusos se multiplicavam. Também se poderia dizer que Justiniano tinha a mania de fazer leis e lançava uma sôbre a outra, sem qualquer objetivo.

Uma prova disso é que, por entre as suas profissões de fé, por entre as suas leis contra os heréticos, êle permitiu que um herético ocupasse a sede de Constantinopla. Tendo o Patriarca Epifânio falecido em 535, a Imperatriz Teodora deu-lhe como sucessor Antimo, Bispo de Trebisonda. Embora passasse por católico, era êste, tal como a Imperatriz, adversário do Concílio da Calcedônia. Iludiu o Imperador e os Patriarcas, assegurando-lhes que seguia em tudo o Trono Apóstólico, e que se submetia antecipada-

---

(8) Novelle 8.

mente a tudo quanto o Papa ordenasse. (9) Sua ordenação de tal maneira estimulou os acéfalos, ou semi-eutiquianos, que os principais membros dessa seita, ou seja, Severo, falso patriarca de Antioquia, Pedro, expulso de Apaméia, e o monge Zoaras, foram para Constantinopla, onde mantiveram assembleias particulares e batizaram algumas pessoas. Os abades católicos daquela cidade fizeram chegar essas desordens ao conhecimento do Papa Agapito, em Roma, a quem o Imperador assegurou que mandaria executar rigorosamente tudo quanto a Santa Sé canonicamente lhe ordenasse contra os cismáticos. (10) Uma revolução irrompida na Itália obrigou o Papa a ir pessoalmente a Constantinopla, e assim lhe proporcionou a oportunidade de remedir, *in loco*, aos males da igreja daquela cidade.

Os gôdos da Itália tinham degenerado tanto quanto os vândalos da África. O rei Atalarico morreu, em consequência de seus desregramentos, no dia 2 de outubro de 534, com a idade de dezesseis anos. Sua mãe, Amalasonte, filha de Teodorico, deu-lhe como sucessor um parente seu, Teodato, que mandou atirá-la no cárcere e estrangulá-la no ano seguinte. Justiniano, com quem Amalasonte e Teodato negociavam secretamente, um contra o outro, erigiu-se vingador daquele assassinio, e deu a Belisário o comando de uma frota que se apoderou da Sicília. Teodato possuía a perfídia e a rapacidade do bárbaro, mas não a coragem; do estudo indigesto de

---

(9) Labbe, t. V., pág. 87.

(10) Labbe, p. 22-31.

Platão e de Cícero só retivera os devaneios filosóficos. Quando soube que a Sicília se encontrava em poder de Belisário, deu mostra do mais abjeto medo. Depois de mandar vir à sua presença, secretamente, o embaixador imperial, prometeu ceder a Justiniano a Sicília inteira, pagar de três em três anos cem libras de ouro, enviar, tôdas as vêzes que lhe fôsse requisitado, um corpo de três mil gôdos; nunca condenar à morte, nem mesmo confiscar os bens de nenhum bispo, nenhum senador, sem antes ter obtido a necessária autorizaçãõ; renunciava ao direito de conferir a dignidade de patrício ou de senador, direito que unicamente caberia ao Imperador exercer, a seu pedido; o nome do Imperador seria sempre citado antes do seu próprio, nas aclamações públicas; e nunca seriam erigidas estátuas em sua própria honra sem que primeiro tivesse sido erigida uma ao Imperador, que seria colocada à direita.

Não parou aí a baixeza do indigno rei dos gôdos. Mal o embaixador deixara Ravena, mandou-o chamar outra vez e entreteve-se com êle nos seguintes têrmos: "Julgais que o Imperador ratificará o tratado?" "Talvez." "Se não consentir em ratificá-lo, que acontecerá?" "A guerra." "Mas semelhante guerra seria justa e razoável?" "Certamente, pois cada qual agiria de acôrdo com o seu caráter." "Que quereis dizer?" "Vós gostais muito de filosofar e Justiniano prefere agir como imperador romano; ora, ficaria mal a um filósofo, sobretudo a um discípulo de Platão, causar a morte de tantos homens, em lugar de levar uma vida pura de homicídios. Mas nada impede ao Imperador dos romanos reivindicar pelas armas as antigas províncias do seu império."

Vencido por êsse raciocínio, Teodato prometeu sob juramento, tanto êle como sua mulher, ceder a Justiniano o reino da Itália, mediante um rendimento em terras de mil e duzentas libras em ouro. Chegou, mesmo, a escrever a Justiniano a seguinte carta:

“Não sou estranho à côrte, ó Imperador! tendo nascido na côrte de meu tio, onde recebi educação digna do meu nascimento; mas não sou muito experiente em relação à guerra e à sua balbúrdia. Amante das letras desde meus verdes anos, só com elas privei, e muito cedo me afastei do tumulto das batalhas. O desejo de reinar não é bastante forte para fazer-me abraçar uma vida cheia de perigos, quando posso libertar-me tanto de um, como da outra; pois nada disso oferece encantos para mim: nem a realeza, pois o gôzo dos prazeres gera a saciedade e a repulsa; nem a guerra, pois a falta de hábito ocasiona a confusão. Darei a certo número de propriedades rurais, cujos rendimentos sejam pelo menos de mil e duzentas libras de ouro por ano, maior aprêço do que a realeza; e imediatamente vos entregarei o Império dos gôdos e dos italianos. A viver assoberbado pelas preocupações da realeza, que me lançariam em contínuos perigos, prefiro ser pacífico lavrador. Enviai, pois, o mais cedo possível um homem de confiança em cujas mãos eu possa entregar a Itália e a soberania.” Tal foi a carta filosòficamente imbecil do ostrogodo Teodato. Contudo, êle tomou a vã precaução de fazer com que o emissário jurasse mostrá-la ao Imperador, apenas no caso em que êste último não aceitasse o primeiro tratado.

Justiniano ficou radiante e respondeu-lhe com as seguintes palavras: “Já conhecia a vossa fama de homem de espírito; agora, porém, vejo-a confirmada

pela experiência. Não esperais pelo desfêcho da guerra como certa gente que, por causa disso, deixou de realizar grandes negócios. Não vos arrependereis de nos terdes preferido como amigos a inimigos. Além do que nos pedistes e que vos concedemos, sereis inscrito entre as mais altas dignidades romanas. No momento, envio dois homens que farão o necessário para que ambos os lados obtenham satisfação. Logo em seguida Belisário irá ao vosso encontro, a fim de ultimar nossas convenções." (11)

Porém, o rei dos ostrogodos que tanto se humilhava diante do Imperador de Constantinopla, mostrava-se orgulhoso e tirânico para com o Papa e o senado de Roma. Ameaçou-os através de cartas que, caso não convencessem o Imperador a desistir de atacar a Itália, mandaria matar pela espada, não apenas os senadores, mas também suas espôsas e filhos. O Papa Santo Agapito viu-se obrigado a encarregar-se das negociações. Como não tinha os recursos necessários para a viagem, penhorou os vasos sagrados da Igreja de São Pedro por determinada quantia, que lhe foi emprestada pelos tesoureiros do Príncipe, aos quais empenhou sua palavra. Contudo, Cassiodoro obteve mais tarde, da avareza de Teodato, que os vasos sagrados fôsem restituídos à Igreja, e custeada a embaixada do Papa: o que êle considera uma grande generosidade da parte do citado Príncipe. O Santo Pontífice partiu, pois, em pleno inverno, em companhia do embaixador imperial. Ora, o embaixador levava consigo a secreta e vergonhosa abdicação daquele mesmo Teodato que ameaçava de morte os senadores e suas famílias, caso o Imperador preten-

---

(11) Procop., Goth, l. I, c. VI.

desse retomar a Itália, tão covardemente entregue por êle a Justiniano. (12)

Quando o Papa chegou à Grécia, apresentaram-lhe um homem mudo e entevado, que não conseguia proferir uma única palavra, nem se levantar do chão. Seus pais, em prantos, ladeavam-no. Agapito perguntou-lhes se acreditavam que pudesse sarar. Responderam-lhe que assim o esperavam firmemente do poder de Deus, através da autoridade de São Pedro. Tocado por tanta confiança, o Santo Papa disse primeiro a missa e, em seguida, tomou o doente pela mão e fê-lo caminhar na presença de todos; depois, colocando-lhe na bôca o corpo de Nosso Senhor, restituiu-lhe o uso da palavra. O milagre fêz com que todos os assistentes chorassem de alegria, e aumentou de maneira singular a veneração merecida pelo sucessor de São Pedro. (13)

O Papa fêz sua entrada em Constantinopla no dia 2 de fevereiro de 536, acompanhado por cinco bispos, seus legados, que enviara no ano precedente, e de alguns clérigos da Igreja romana, que levava consigo. Recebeu dignamente as pessoas que o Imperador enviara ao seu encontro, embora não consentisse em avistar-se com o novo patriarca Antimo, que se achava entre elas. A viagem do Papa não alterou as negociações políticas da Itália, já iniciadas entre Teodato e Justiniano; mas teve memoráveis resultados em relação aos negócios da Igreja.

O Imperador e a Imperatriz insistiram para que o Papa recebesse a visita de Antimo. Santo Agapito consentiu, sob a condição de que o citado bispo lhe

---

(12) Anast., Liberat., c. XXI, Procop., Goth., l. I, c. VI.

(13) S. Greg. Dial., l. III, c. III.

fizesse uma confissão de fé católica por escrito e retornasse à Igreja de Trebizonda, visto ser impossível, segundo afirmava, que um bispo transferido permanecesse na sede de Constantinopla. Não era o que desejavam Antimo e a Imperatriz que habitualmente dominava o Imperador. Tentaram outra vez. O Imperador e Imperatriz serviram-se, para convencer o Papa, de promessas, ameaças, e até de ofertas de dinheiro. Agapito, que fôra obrigado a pedir dinheiro emprestado para a viagem, permaneceu inflexível. Como as discussões se arrastassem, o Imperador disse-lhe um dia: "Concordai conosco, ou então mandarei deportá-lo". O bem-aventurado Papa imediatamente respondeu, cheio de alegria: "Eu, pecador, desejei chegar até Justiniano, acreditando que fôsse um imperador cristianíssimo e eis que deparo com um Diocleciano! Não temo as vossas ameaças. Contudo, a fim de convencer-vos da indignidade do vosso bispo, peço-vos que o mandeis vir à minha presença para que êle confesse as duas naturezas de Cristo." Antimo foi chamado; mas negou-se terminantemente a responder de maneira católica às interrogações do Papa, e a confessar as duas naturezas de um único Jesus Cristo. O Imperador reconheceu seus erros e prosternou-se humildemente diante do sucessor de São Pedro. E o Papa, tendo confundido Antimo, condenou-o, assim como aos seus cúmplices, Severo de Antioquia, Pedro de Apaméia, e o monge Zoaras, despojando-os de tôda e qualquer função sacerdotal, dos episcopados, do próprio nome de católicos, até que tivessem feito penitência. Em seguida, a pedido do Imperador, do clero, e do povo, propôs, para ocupar a Igreja de Constantinopla, Mennas, superior do grande hospital da cidade, conhecido pela

cultura e pela integridade dos seus costumes; e, após ter dêle exigido uma profissão de fé por escrito, a fim de apresentá-la pessoalmente em Roma, ao apóstolo São Pedro, sagrou-o com suas próprias mãos na Igreja de Santa Maria.

O Pontífice Romano disse a êsse respeito a um dos mais doutos teólogos da França que não poderia ter exercido mais gloriosamente os seus privilégios do que depondo um patriarca herético e ordenando outro para substituí-lo, sem ter convocado nenhum concílio. (14)

De acôrdo com antigos autores consta que nas palestras que manteve com o Imperador Justiniano, o Papa Santo Agapito achou-o contaminado pelos erros de Eutíquio e o trouxe de volta à verdadeira doutrina. Êsse extravio de Justiniano não nos surpreende, pois sabemos até que ponto era dominado pela espôsa, que cultivava aquela heresia. Sem dúvida, foi para dissipar tôdas as desconfianças do Papa que Justiniano lhe apresentou duas profissões de fé: a primeira, que situamos no ano precedente, mas que outros reportam ao seguinte; uma segunda, datada do mês de abril de 536, a mesma que foi prescrita a todos os bispos pelo Papa Santo Hormisda. O Imperador encerra a profissão de pé com as seguintes palavras: "Seguindo em tudo o Trono Apostólico, proclamamos o que foi por êle estabelecido. E reconhecemos que tudo quanto estabeleceu é inabalável e declaramos que obrigaremos todos os bispos a proceder de acôrdo com êste formulário; e,

---

(14) Anast., *In Agapet. Liberat.*, C. XXI; Lable t. V, p. 14 e 47. *Nat. Alex., Hist. Soec.* VI, c. II, art. 3. *Acta SS.*, 20 sept. De S. Agapet.

assim sendo, os patriarcas devem dirigi-la à Vossa Santidade, os metropolitanos aos patriarcas, e os outros aos metropolitanos, a fim de que nossa Santa Igreja Católica se estabeleça por toda parte". (15)

O Papa Santo Agapito escreveu uma carta encíclica aos bispos, particularmente a Pedro, Patriarca de Jerusalém, a fim de comunicar-lhe tudo quanto fizera. Diz êle: "Tendo chegado à corte do Imperador, encontramos a sede de Constantinopla usurpada, em desacôrdo com os cânones, por Antimo, Bispo de Trebizonda. Recusou-se até mesmo a abandonar o êrro de Eutíquio. Foi por isso que, depois de tê-lo exortado à penitência, o declaramos indigno do nome de católico e de bispo, até que professe plenamente a doutrina dos Padres. Deveis rejeitar da mesma forma os outros bispos que o Trono Apostólico condenou. Estamos surpreendidos ao ver que, em lugar de denunciar-nos essa injúria feita à sede de Constantinopla, vós a tendes aprovado. Com o auxílio de Deus, pela autoridade apostólica e com o adjutório do Imperador, reparamos a injúria ordenando Mennas, que é o primeiro bispo da Igreja Oriental sagrado por nossas mãos." (16)

O Papa recebeu outro requerimento apresentado por Mariano, sacerdote e exarca dos mosteiros de Constantinopla, tanto em seu nome como no dos outros arquiemandritas da mesma cidade, e no dos de Jerusalém e do Oriente, que se achavam presentes. Nêle, os requerentes dão ao Papa o título de Arcebispo da antiga Roma, de Patriarca Ecumênico. Quei-

---

(15) *Acta SS.*, 20 sept. *De S. Agapet.*, n. 75 e seqq. Paul, diac., 1. XVII. *Aimoin.*, 1. XI, c. VI. Labbe, t. IV, 1801 e 2.

(16) Labbe, t. V. p. 38.

xam-se de que os cismáticos acéfalos, sectários de Dióscoro e de Eutíquio, mantêm assembléias. Segundo relatam os queixosos, freqüentam aquêles casas de pessoas constituídas em dignidade, e conquistam as mulheres para os seus erros. Erguem altares e batistérios nas casas senhoriais e particulares da cidade e dos bairros, e desprezam os mais, por causa da proteção que lhes vem do palácio. Não obstante as leis do Imperador que proíbem os heréticos de reunirem-se e de batizar, Zoaras batizou várias pessoas no dia da Páscoa, entre as quais os filhos de residentes do próprio palácio. "Usai, pois, Santíssimo Padre, de vossa habitual coragem. Assim como vos elevastes contra Antimo, lôbo que desmascarastes e expulsastes do aprisco, novamente velai e fazei compreender ao Imperador que o zêlo por êle manifestado em relação às igrejas de nada adiantará, se permitir possam os cismáticos ocultar-se nos palácios e nas residências particulares. Suportamos até agora males intoleráveis na esperança de que Deus vos enviasse para depor e expulsar Severo, Pedro, Zoaras e seus cúmplices, tal como outrora êle enviou a Roma o Príncipe dos Apóstolos. Pedro, para confundir os sortilégios de Simão, o Mágico."

Em seguida, depois de relembrares o caso de Antimo, acrescentam: "Por ter sido justamente condenado por vós e expulso da sede desta capital, por ter o Imperador aprovado vossa justa indignação, por não desejardes que êle se perca inteiramente, mas só esperais que se converta para acolhê-lo no vosso seio paternal, conjuramos Vossa Beatitude, pela santa e consubstancial Trindade, pelo Príncipe dos Apóstolos, Pedro, e pela salvação do nosso Imperador, a não negligenciar os santos cânones por êle

espezinhados, nem a Igreja que lhe foi confiada e que desdenha, mas a seguir em tudo os vossos ilustres predecessores, agindo contra êle como Celestino agiu contra Nestório, concedendo-lhe um espaço de tempo, findo o qual, caso não houver apresentado a Vossa Beatitude, e ao Arcebispado da capital, o formulário prescrito, e não houver retornado à sua Igreja de Trebizonda, seja por vós despojado definitivamente de tôda dignidade e poder pontificais, condenado com os heréticos, ordenando vós outro para o seu pôsto de Trebizonda. Quanto aos outros bispos, clérigos e arquimandritas que permanecem nesta cidade, unicamente para perturbar as igrejas, pedimos que sejam todos levados à vossa presença e sujeitos às penalidades prescritas pelos cânones. Acolhendo a nossa súplica e fazendo uso contra os héreticos do poder que Deus vos concedeu, purificais a Igreja de Deus e a livrais dos lóbos, aos quais fareis sentir, não mais o bordão do pastor, mas a vara da disciplina. É por isso que vos enviamos delegados a Roma, que anunciamos a vossa chegada e a festejamos com tanta alegria. Quanto ao Imperador, prometeu-nos executar tudo quanto decretardes canonicamente, e enfim livrar o universo das maquinações e das prolongadas sedições dos heréticos. (17) Essa petição foi subscrita por oitenta arquimandritas, a maior parte de Constantinopla e de seus arredores, e os outros da Palestina e da Síria, sendo que vários subscreveram em siríaco.

O Papa Santo Agapito enviou essas petições ao Imperador e convocou um Concílio para encerrar todos aquêles casos. Porém, antes que o Concílio se

---

(17) Labbe, t. V, p. 11.

reunisse, o grande e Santo Pontífice caiu súbitamente doente e faleceu no dia 17 de abril de 536. Foi uma festa para êle, observa uma testemunha ocular, mas um acontecimento lutuoso para todos. Nem bem acabara Agapito de entregar a alma a Deus e já a sua fama atraía aos seus funerais todos os povos do universo. Grande quantidade de bispos de diversas províncias, coros de sacerdotes e de monges enchiam a cidade quase que inteiramente: a população inteira de Bizâncio lá se encontrava. Dir-se-ia que julgavam um sacrilégio não prestar as últimas homenagens a semelhante pontífice! Os salmos, as aleluias ressoavam até às nuvens. Viam-se coros de jovens de um lado, coros de velhos do outro. Inúmeros poemas celebravam os louvores e as obras do Pontífice! Jamais algum bispo ou imperador tivera funerais semelhantes; nem as praças, nem os pórticos, nem mesmo os telhados bastavam para conter a multidão. A capital viu reunidos todos os habitantes do país. E êstes se felicitavam mutuamente pela glória do falecido Pontífice. O que mais surpreendia era não ter a palidez alterado o semblante de Santo Agapito, que expressava ainda certa dignidade e gravidade; dir-se-ia que não estava morto, mas adormecido. (18) Foi assim que o Papa Santo Agapito, falecido por dizer em pleno triunfo, retornou de Constantinopla a Roma, onde foi sepultado na igreja de seu predecessor Pedro, Príncipe dos Apóstolos.

\* \* \*

---

(18) Acta SS. de S. Agapet, appendix. Acta SS., 20 sept.

## O BEM-AVENTURADO FRANCISCO DE POSADAS *Dominicano*

Seus pais eram pobres e ganhavam a vida vendendo flôres, legumes e frutos. Moravam a princípio em Lama de Arcos, em Castela; depois, estabeleceram-se em Córdoba. Malgrado a humildade da sua condição, provinham de estirpe nobre, circunstâncias que, aliadas às virtudes por êles praticadas, faziam-nos merecedores de consideração. Francisco nasceu em Córdoba, no dia 25 de novembro de 1644. Seus piedosos pais preocuparam-se em inculcar-lhe profundos sentimentos religiosos. Ensinaram-lhe muitas práticas de piedade, com as quais entretiveram seu espírito desde a infância, e educaram-no na oração, no amor a Deus e ao próximo. Inspiraram-lhe particularmente uma terna devção à Santa Virgem. Desde os mais verdes anos, habituou-se a recitar todos os dias o rosário. Muitas vêzes, outras crianças da mesma idade a êle se juntavam. Reuniam-se a determinada hora e depois de terem recitado algumas orações, caminhavam em procissão pelas ruas da cidade e pelas estradas adjacentes, cantando o rosário e também hinos. Francisco era a alma de todos êsses exercícios piedosos e, desde então, começava a salientar-se como um zeloso servo de Deus.

Sua mãe que, logo após ter Francisco nascido, o colocara sob a proteção da Santa Virgem, alimen-

tava o grande desejo de que êle pudesse entrar na Ordem de São Domingos e mandcu educá-lo da melhor maneira possível. Os progressos do jovem Francisco no estudo, a atenção que lhe mereciam os deveres religiosos, correspondiam perfeitamente às intenções de seus pais. Desde a mais tenra idade demonstrara o menino o desejo de pô-las em execução, tornando-se dominicano. Daí por diante foi como se já tivesse renunciado ao mundo e se consagrado inteiramente a Deus. Não tomava parte nos jogos e nos divertimentos infantis; procurava a solidão e dedicava à prece e à meditação quase todo o tempo que não dispndia no estudo. Freqüentava os sacramentos com grande devoção e seu único objetivo era vir a ser um digno membro da Ordem de São Domingos. Durante muito tempo seus desejos permaneceram irrealizados. Morreu-lhe o pai, e sua mãe tornou a casar-se com um homem que se comportou com êle da pior maneira possível. Obrigou-o a aprender um ofício, e confiou-o a um mestre brutal, que o espancava todos os dias, não obstante a sua assiduidade ao trabalho. Finalmente de tal forma a brandura do virtuoso jovem conquistou o patrão, que êste o auxiliou a concluir os estudos. Tendo sua mãe enviuvado pela segunda vez, Francisco cumpriu em relação a ela todos os deveres de um bom filho e prodigalizou-lhe os mais ternos cuidados. Mais tarde, na velhice, Francisco atribuía as graças a êle concedidas por Deus ao respeito que sua mãe sempre lhe merecera.

Enfim, chegou o tão almejado momento de consagrar-se a Deus. Em 1663 foi admitido nos Dominicanos da *Scala-Coeli*, convento situado a uma légua de Córdoba, e, depois das provas habituais, pronun-

ciou os votos solenes. A princípio seus méritos não foram devidamente apreciados. Foi vítima de perseguições e de calúnias, mas suportou-as com grande paciência; e, havendo sido o êrro reconhecido, foi ordenado sacerdote em São Lucar de Barmeja. Em seguida seus superiores designaram-no para o ministério da prédica. Seus sermões, apoiados pela santidade de vida, produziram frutos incmensuráveis. Multidões acorriam para ouvi-lo e tinha de pregar em praças públicas, pois as igrejas eram insuficientes para contê-las. Bastava que sua voz ressoasse para que o auditório ficasse penetrado de respeito; a força e o encanto das suas palavras, as lágrimas que derramava, tocavam e convertiam as almas. Viram-no algumas vezes com o rosto resplandecente, como são representados os serafins. Levava nas suas missões uma vida mortificada, viajando sempre a pé, muitas vezes descalço, sem provisões, e só tendo como leito um saco de palha, ou mesmo a terra nua. Obtinha os mesmos resultados no tribunal da penitência; a unção com que envolvia as palavras era quase irresistível. Guia sábio e esclarecido, levava à perfeição as almas por êle dirigidas, afastando-as dos perigos do mundo. Tinha horror aos espetáculos profanos e empenhava-se tenazmente para dêle desviar os fiéis. Seu prestígio sobre o espírito dos habitantes de Córdova foi bastante forte para conseguir a demolição do teatro dessa cidade, que até agora não foi reconstruído.

Nem as fátigas, nem as dificuldades logravam atenuar seu zêlo pelo serviço de Deus: nada, porém, ultrapassava seu amor pelos pobres e servia-se dos mais engenhosos meios para proporcionar-lhes socorros temporais e espirituais. Suas austeridades e

seus jejuns surpreendiam. Os bispados de Alquer, na Sardenha, e o de Cádiz foram-lhe oferecidos; recusou-os, pois desejava viver na humildade e na obscuridade da profissão que abraçara. Após uma vida transcorrida em meio a tôdas as práticas da perfeição religiosa, e no trabalho incessante de um santo apostolado, morreu quase súbitamente, ao sair para celebrar a missa, no dia 20 de setembro de 1713. Publicara várias obras sôbre questões de teologia e assuntos piedosos. As mais notáveis são: 1.º): *O triunfo da castidade sôbre a luxúria diabólica de Molinos*; 2.º) *Vida da Venerável Madre Leonarda de Cristo, religiosa dominicana*; 3.º): *Vida do Padre Cristovão de Santa Catarina, fundador do Asilo de Jesus de Nazaré em Córdova* 4.º): *Vida de São Domingos*; 5.º): *Conselhos à cidade de Córdova*. Durante os últimos anos de vida já era reverenciado como santo pelos habitantes das províncias meridionais da Espanha. As diligências para a sua canonização foram iniciadas logo após a sua morte e depois regularmente continuadas. No dia 4 de agosto de 1804, o Papa Pio VII declarou que êle possuía as virtudes teológicas em grau muito elevado. No dia 5 de maio de 1817, o mesmo Pontífice proclamou dois milagres que haviam sido operados pela sua intercessão; no dia 8 de setembro do mesmo ano, o Santo Padre anunciou que iriam proceder à beatificação de Francisco. O decreto de beatificação foi promulgado no dia 20 de setembro de 1818, e a festa foi celebrada em Roma com grande solenidade. (1)

\* \* \*

---

(1) Godescard, 20 sept.

## BEM-AVENTURADOS CARTUXOS DE LONDRES (\*)

### *Mártires*

Morreram, pela fé, em Londres, no ano de 1537, no mês de junho: aos 6, Guilherme Greenwood; aos 8, João Davy; aos 9, Roberto Salt; aos 10, Tomás Green e Gualter Pierson; aos 15, Tomás Scryven; e aos 16, Tomás Redying.

No mês de agosto, no dia 9, Ricardo Beere ou Bere.

No mês de setembro, aos 20 dias, Tomás Johnson.

Mais tarde, aos 4 de agosto de 1540, Guilherme Horne.

Todos, na fôrça, padeceram a morte por se recusarem a prestar o juramento que os submetteria a Henrique VIII antipapa.

Leão XIII confirmou-lhes o culto em 1886.

---

No mesmo dia, na Gália, São Montano, monge, no século V. São Montano foi o monge que predisse a Santa Celina, já velha, o nascimento dum filho,

São Remi. São Montano era cego. Diz-se que Remi, quando menino já desmamado, tomando um pouco de leite da mãe, com êle esfregou as pálpebras do velho monge, restituindo-lhe a vista (21 de outubro).

Em Marselha, Santa Eusébia, abadêssa (século VIII?), que, dizem, foi martirizada pelos sarracenos em 738, com quarenta religiosas. A lenda é um tanto parecida com a de Santa Ebba, que, vendo o mosteiro invadido pelos dinamarqueses, armando-se duma navalha, cortou o nariz e decepou o lábio inferior, lutando pela castidade; tôdas as companheiras, exortadas por ela, imitaram-na, sem titubear.

Em Tonkin, o bem-aventurado João Carlos Cornay, mártir, em 1837, que belamente escreveu: "Todos os homens são nossos amigos, quando a todos os amamos, e um homem que procura a Deus encontra a pátria onde quer que vá".

A vigília de São Mateus, apóstolo e evangelista. — Em Roma, os santos mártires Eustáquio, Teopista, sua mulher e seus dois filhos Agapito e Teopisto que, sob o Imperador Adriano, foram condenados às feras; porém, nada tendo sofrido, por particular graça de Deus, foram encerrados num touro de metal candente e alcançaram o têrmo do martírio. — Em Cizico, na Propôntida, festa de Santa Fausta, virgem, e de Santo Evilásio, martirizados sob o Imperador Maximiano. Evilásio, sacerdote dos ídolos, depois de mandar raspar a cabeça da santa para cobri-la de vergonha, ordenou a suspendessem e torturassem; em seguida, deu ordens para que a ser-rassem ao meio, mas os carrascos não conseguiram fazê-lo; fato que de tal modo o surpreendeu que imediatamente se converteu e professou a fé de Jesus Cristo, sendo também torturado por determinação do

Imperador; quanto a Fausta, depois de ter tido a cabeça e o corpo inteiro traspassados por pregos, foi atirada a uma fornalha ardente; ouviu nesse momento uma voz celestial que a chamava e no mesmo momento passou juntamente com Evilásio para a mansão do eterno repouso. — Na Frígia, os santos mártires Dinis e Privado. — Ainda São Prisco, mártir, decapitado nesse dia depois de ter o corpo inteiro furado por punhais. — Em Perga, na Panfília, São Teodoro e Santa Filipa, sua mãe, que foram martirizados assim como vários companheiros seus, sob o Imperador Antonino. — Em Cartago, Santa Cândida, virgem, que sob o Imperador Maximiano, tendo ficado com o corpo inteiramente coberto de chagas, recebeu a coroa do martírio. — Ainda Santa Susana, mártir, filha de Artêmio, sacerdote dos ídolos, e de Marta. — Em Milão, São Glicério, bispo e confessor.

\* \* \*

## 21.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO MATEUS

#### *Apóstolo*

Quando o Filho de Deus se fêz homem e veio a êste mundo, tomou o nome de Jesus ou Salvador, porque viera para salvar-nos e não para perder-nos. Os primeiros aos quais fêz anunciar pelos anjos a boa nova da sua vinda, foram alguns humildes pastôres de Belém. Quando escolheu seus doze apóstolos, ou doze enviados, para espalharem a boa nova a todos os povos da terra, escolheu-os entre os humildes e os pequenos. Primeiramente foram dois irmãos, Pedro e André, que viviam da pesca, assim como dois outros, Tiago e João.

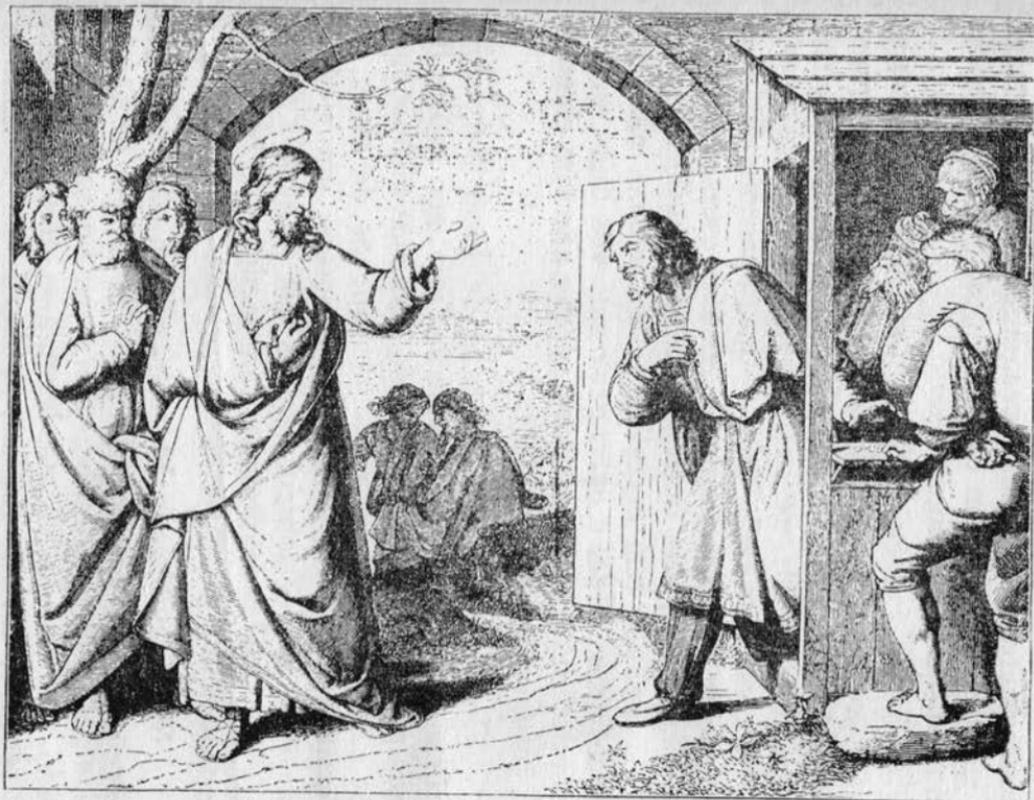
Mais extraordinário ainda é não ter Jesus escolhido seus apóstolos precisamente entre os santos, nem no interior do templo, mas nas praças públicas, entre a classe operária e mesmo entre os empregados da alfândega. Saía da cidade de Cafarnaum e dirigia-se para o mar da Galiléia, onde costumava pregar à multidão, quando, ao passar, avistou um publicano, Levi, filho de Alfeu, também chamado Mateus, sentado à mesa de cobrança de impostos, e disse-lhe: "Segue-me". E aquêle, tudo abandonando, levantou-se e seguiu-o. E Levi ofereceu a Jesus um grande

banquete em sua casa. Estando êste à mesa, chegaram muitos publicanos e pecadores que se sentaram à mesa com êle e com os discípulos, que em grande número o tinham acompanhado.

Mas os fariseus e os escribas, vendo que Jesus comia com os publicanos e os pecadores, murmuraram e disseram aos discípulos: "Por que motivo come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores e vós com êle?" Malgrado a aparente piedade, de que se jactavam, aquêles homens estavam cheios de desprezo pelos outros. Respondeu-lhes Jesus: "Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos. Ide, e aprendei o que vos digo: quero misericórdia e não sacrifício; porque não vim chamar os justos e sim os pecadores".

Quão grande é a bondade de Jesus Salvador! Quem ainda poderá desesperar, seja por causa de seus pecados, seja por causa de suas más inclinações? Aí está um médico capaz, não apenas de curar os doentes, mas de ressuscitar os mortos; um médico caridoso, que se sobrecarregará com as nossas doenças e as nossas iniquidades; um médico tão bom que se transmuda em remédio para os nossos males.

Mas o publicano Mateus também não merecerá que o amemos e imitemos? Era um homem de negócios e de dinheiro, um burocrata, um financista. Contudo, mal Jesus o chama, levanta-se, tudo abandona e segue-o; testemunha-lhe publicamente a gratidão com um grande banquete. E nós, que talvez nos julgemos muito melhores do que os publicanos, o Senhor chama-nos, o Senhor diz-nos há muito tempo: "Vinde e segui-me!", e ficamos surdos ao seu apêlo. Ah! roguemos ao bem-aventurado publicano,



Vocação de São Mateus. Depois de Owerbeck. Século XIX.

cuja festa celebramos, que nos seja dado seguir o Senhor, tal como o fêz.

De publicano transformado em apóstolo, São Mateus perseverou até o fim. Depois de receber o Espírito Santo com a abundância de suas graças, no dia de Pentecostes, pregou durante vários anos na Judéia às ovelhas perdidas da casa de Israel: em seguida, levou o Evangelho às nações longínquas, à Pérsia e à Etiópia, e confirmou com o sangue as verdades que pregava.

Além de um dos doze apóstolos, escolhidos para pregarem o Evangelho por tôda a terra, São Mateus também foi um dos homens inspirados para gravá-lo por escrito. Há quatro evangelistas: São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João; assim como há quatro grandes profetas: Isaías, Ezequiel, Jeremias e Daniel; e quatro grandes impérios: Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma e quatro querubins acima dos quais se eleva o trono de Deus, no qual está sentado o Filho do homem.

O conjunto dos quatro querubins, com o trono de Deus suspenso acima dêles, não tem a sua representação na terra no conjunto dos quatro grandes impérios, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, a cujas lutas e a cujos destinos vemos outros tantos espíritos celestes presidir; espíritos que serviram de carro do Filho de Deus para que descesse à terra e nela estabelecesse seu império espiritual, e dos quais tirou seus instrumentos de vingança, pois no capítulo X, de Ezequiel, não vemos um dos querubins apanhar os carvões ardentes, que seriam espalhados sôbre a criminosa Jerusalém?

Na Igreja Cristã, não viram os Padres os quatro evangelistas? Na face do homem, São Mateus, que

inicia seu evangelho pela genealogia de Cristo enquanto homem; na face do leão, São Marcos, que inicia o seu pela voz de Deus clamando no deserto; na face do touro, vítima principal dos antigos sacrifícios, São Lucas, que começa pelo sacerdote Zacarias no ato de desempenhar as funções do sacerdócio num templo; na face da águia, São João que, de início, eleva-se como uma águia acima das nuvens até o seio de Deus. São quatro, mas cada um deles é encontrado nos três outros, e os quatro são encontrados em cada um em particular; há quatro evangelhos, e só há um Evangelho. É o mesmo espírito que os inspira, que os alenta, que os dirige. São cheios de olhos; em tudo, até num ponto e vírgula, cintila a verdade. Contém como que um fogo divino de onde saem as fagulhas, as correntes elétricas da graça, que iluminam os espíritos, tocam os corações e renovam a face da terra.

No Evangelho de São Mateus há um belo resumo de todo o Evangelho: é o Sermão da Montanha, que reproduz inteiramente, enquanto os outros evangelistas só citam alguns trechos. É o sermão que se inicia com as oito bem-aventuranças.

O único objetivo do homem é a felicidade. Jesus Cristo veio unicamente proporcionar-nos os meios de realizá-lo. Colocar a felicidade onde deve estar é a fonte de todo bem; e a fonte de todo mal é colocá-la onde não deve estar. Digamos, pois: "Quero ser feliz". Vejamos, porém, de que maneira; vejamos em que consiste a felicidade; vejamos quais são os meios para alcançá-la.

A felicidade está em cada uma das oito bem-aventuranças; pois, em tôdas, sob várias designações, é sempre da felicidade eterna que se trata. Na pri-

meira bem-aventurança, como um reino; na segunda, como a terra prometida; na terceira, como a verdadeira e perfeita consolação; na quarta, como a satisfação de todos os nossos desejos; na quinta, como a última misericórdia que suprime todos os males e concede todos os bens; na sexta, sob seu legítimo nome, que é a visão de Deus; na sétima, como a perfeição da nossa divina adoração; na oitava, mais uma vez como o reino dos céus. Eis, pois a felicidade em tôdas; mas há vários meios de alcançá-la e cada bem-aventurança assinala um; juntos, completarão a felicidade do homem.

Se o Sermão da Montanha é o resumo de tôda a doutrina cristã, as oito bem-aventuranças são o resumo de todo o Sermão da Montanha.

Se Jesus Cristo ensina que a nossa justiça deve sobrepujar a dos escribas e fariseus, o ensinamento está contido na seguinte sentença: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça". Pois se a desejarem como único alimento, se dela estiverem verdadeiramente famintos, com que abundância a receberão, pois que de todos os lados se apresentará para saciar-nos? Então também seguiremos os seus mínimos preceitos, como homens famintos que nada deixam, nem mesmo, por assim dizer, uma migalha de pão.

Se vos recomendam não maltratardes com palavras o vosso próximo é por efeito da brandura, do espírito pacífico ao qual foi prometido o reino e qualidade de filho de Deus. Não olhareis uma mulher com más intenções: "*Bem-aventurados os puros de coração*"; e o vosso coração só será inteiramente puro, depois que o tiverdes purificado de todos os desejos sensuais. São mais felizes os que passam a vida em

lutas e numa tristeza salutar do que no meio de prazeres que embriagam. *Não jureis; digais: É verdade, não é verdade.* É ainda um efeito da brandura: quem é manso e humilde não se apega excessivamente aos sentidos, o que faz o homem afirmar com muita facilidade; diz simplesmente o que pensa, dentro do espírito de sinceridade e de mansidão. Perdoaremos fãcilmente tôdas as ofensas se estivermos possuídos por êsse espírito de misericórdia, que atrai para nós uma misericórdia bem mais ampla. Mansos e pacíficos, não resistiremos à violência, deixar-nos-emos mesmo levar além do que prometemos. Amamos nossos amigos e inimigos, não apenas porque somos mansos, misericordiosos, pacíficos, mas também porque somos famintos de justiça e queremos vê-la reinar dentro de nós mesmos, melhor do que reina no coração dos fariseus e dos gentios. Essa fome de justiça também nos leva a desejá-la por necessidade e não por ostentação.

Amamos o jejum quando encontramos nosso principal alimento na verdade e na justiça. Por meio do jejum, nosso coração se purifica e nos livramos dos desejos dos sentidos. Temos o coração puro quando reservamos para os olhos de Deus o bem que praticamos; quando nos contentamos em ser vistos apenas por êle; e quando não nos servimos da virtude como de uma máscara para iludir o mundo e atrair os olhares e o amor das criaturas. Quando nosso coração é puro, temos o olhar luminoso e a intenção reta. Evitamos a avareza e a busca de bens, quando somos verdadeiramente pobres de espírito. Não julgamos, quando somos mansos e pacíficos; porque a mansidão expulsa o orgulho. A pureza de coração faz com que nos tornemos dignos da Euca-

ristia, e que nunca recebamos sem unção o pão celestial.

Quando temos fome e sede de justiça, rezamos, imploramos, suplicamos: pedimos a Deus os verdadeiros bens e confiamos em que nos atenda, quando só aspiramos ao seu reino e à mansão dos vivos. De boa vontade entramos pela porta estreita quando nos consideramos felizes na pobreza, no pranto, nas tribulações que sofremos pela justiça. Quando temos fome de justiça, não nos contentamos de dizer com a bôca: "Senhor, Senhor!", mas nos alimentamos intimamente com a sua verdade. Então edificamos sobre o rochedo e o achamos suficientemente firme para servir de apoio à nossa construção.

As bem-aventuranças constituem, pois, o resumo do sermão inteiro; mas um resumo aprazível, porque a recompensa está ligada ao preceito; o reino dos céus, sob vários nomes admiráveis, à justiça; a felicidade, à prática. (1)

No ano de 1080, Santo Alfano, arcebispo de Salerno, lá descobriu as relíquias de São Mateus, apóstolo e evangelista. Apressou-se em comunicar o achado ao Papa Gregório VII, que o felicitou, e com êle a tôda a Igreja Católica, numa carta datada do dia 18 de setembro, na qual recomenda ao bispo que as preciosas relíquias sejam dignamente veneradas.

\* \* \*

---

(1) Bossuet, *Méditat. sur L'Ev.*

## SÃO JONAS

### *Profeta*

A Assíria, a Caldéia, a Média e a Pérsia antigas podem ser consideradas quatro províncias de um mesmo império. Algumas vèzes compuseram Estados independentes; com mais freqüência formaram uma vasta monarquia, cujo centro foi sucessivamente Nínive, Babilônia, Ecbátana ou Susa, e Persépolis, de acôrdo com a província que então dominasse. Os reis assírios-babilônios surgem como uma primeira dinastia indígena; os reis medo-persas, como a segunda; Alexandre da Macedônia e seus sucessores, como dinastia estrangeira. Êsse Império foi um berço de conquistadores; dêle partiu a idéia do domínio universal. Enquanto na parte oriental da Ásia, vemos a Índia e a China, invadidas, às vèzes, com mais freqüência trabalhadas por revoluções intestinas, raramente enviarem suas hostes fora do território pátrio, vemos na Ásia ocidental um Nemrod, um Belus, um Ninus, uma Semíramis, Nabucodonosores, Ciro, Cambises, Dario, Xerxes aspirarem à conquista do universo, e mais de uma vez levarem suas armas até mesmo à África e à Europa. Êsses revolucionários de grandes proporções, assim como os gregos e os romanos que os sobrepujaram, executavam sem saber um plano da Divina Providência:

fundiam num mesmo império a Ásia, a Europa e a África, e assim preparavam o mundo para o domínio pacífico de Cristo. Assim veremos os profetas de Deus anunciarem-nos o conquistador da paz, traçando antecipadamente a história da sua Igreja e, ao mesmo tempo, delineando de antemão aquela monarquia universal, que de Nínive chegaria a Roma. Dois desses profetas, Jonas e Nahum, só profetizaram sobre Nínive.

O primeiro, cujas predições estão encerradas no livro que traz o seu nome, foi enviado pessoalmente à mais antiga capital da monarquia conquistadora.

O aparecimento de Jonas deve ter-se dado, no máximo, nos primeiros anos do reinado de Jeroboão II; pois, tal como vimos, acusaram esse rei de ter subtraído aos sírios as suas conquistas, de acôrdo com as palavras que Jeová, rei de Israel, pronunciara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amati, profeta, natural de Geth, em Opher. (1) Essa região, que pertencia à tribo de Zabulon, estava situada na Galiléia.

Segundo os antigos, Nínive, construída sobre o Tigre, era de tamanho descomunal; era como um país inteiro encerrado dentro de muralhas. (2) Essas muralhas de cem pés de altura eram tão largas que três carros emparelhados poderiam passar por cima dela; além disso, eram flanqueadas por mil e quinhentas tôrres com duzentos pés de altura. O interior do recinto não continha casas, apenas; além de grandes

(1) Ipse restituit terminos Israel, ab introitu Emath usque ad mare solitudinis, juxta sermonem Domini Dei Israel, quem locutus est per servum suum Jonam, filium Amathi, prophetam, qui erat de Geth, quae est in Opher. IV, Reg., XIV, 25.

(2) Ps. XXXII,

praças, havia imensos jardins, pequenas matas, templos. No tempo de Jonas, seriam necessários três dias para alguém percorrer a cidade inteira.

Orgulhosa da sua extensão, atulhada pelas riquezas da Ásia, de que era senhora, Nínive entregara-se à corrupção, muito comum nas grandes cidades. O clamor de seus desvarios subira até àquele que do alto do céu contempla os filhos dos homens. (3) O castigo estava próximo; conteve-o a misericórdia divina que enviou um missionário a Nínive para que pregasse a penitência.

Em lugar de obedecer à ordem de Deus, Jonas fugiu para Joppe ou Joppe, atualmente Jafa, no Mediterrâneo, e entrou num navio que desfraldava as velas rumo a Tarsis, palavra pela qual podemos compreender as costas da África. Quando a embarcação alcançou o alto mar, o Eterno suscitou uma grande tempestade, que ameaçava despedaçar o navio. Tomados de medo, os marinheiros puseram-se a invocar cada qual o seu deus; atiraram ao mar tôda a carga a fim de diminuir o pêso da embarcação. Contudo, Jonas descera ao fundo do porão e lá dormia um sono profundo.

Então, aproximando-se, disse-lhe o piloto: "Como? dormes? Levanta-te, invoca teu Deus; talvez teu Deus se lembre de nós e não permita que pereçamos". E um dizia ao outro: "Vinde, tiremos a sorte para sabermos por causa de quem nos acontece esta desgraça". Pois os antigos acreditavam geralmente que a presença de um grande pecador expunha os outros a perecerem juntamente com êle. Tiraram a

---

(3) Diodor. Sic., 1, XI.

sorte que caiu em Jonas. Imediatamente lhe perguntaram o que fizera, de onde viera, qual era a sua terra e o seu povo. Êle lhes disse: "Sou hebreu; temo Jeová, o Deus do céu, que fêz o mar e a terra". Ao ouvir essas palavras, os homens foram tomados de grande temor e lhe perguntaram: "Por que nos fizeste isso?" pois acabavam de saber que êle fugia da face de Jeová.

Com um embaraço, que em semelhante situação lhes era favorável, indagaram: "Que faremos para que o mar volte a acalmar-se?" Jonas respondeu: "Jogai-me no mar e êle tornará a acalmar-se; pois sei que é por minha causa que tão grande tempestade se abateu sôbre vós". Entretanto, os marinheiros remavam com tôdas as suas fôrças, tentando regressar à terra; mas não o conseguiam: o mar encrespava-se cada vez mais e cobria-os com suas ondas. Então êles se dirigiram ao Eterno: "Nós vos suplicamos, ó Jeová! não nos deixeis perecer por causa dêste homem, não nos imputeis o sangue inocente; pois vós, ó Jeová! tudo podeis."

O próprio Jonas se denunciara como causa da tempestade e os aconselhara a que o atirassem ao mar. De boa vontade, tê-lo-iam poupado! Lutando contra as vagas, tentavam alcançar a terra, mas debalde! Só viam um meio de salvação: acreditaram e deviam acreditar que era a vontade de Deus que Jonas fôsse atirado ao mar. Contudo podiam enganar-se e, em relação a êles, aquêles homens era inocente. Por isso pediram a Deus para que lhes imputasse a sua morte, caso estivessem enganados.

Tomaram Jonas e jogaram-no ao mar que imediatamente se acalmou. E aquêles homens sentiram-

se tomados de um grande terror diante de Jeová e imolaram-lhe vítimas e fizeram votos. (4)

Mas a Divina Providência preparara para o profeta um maravilhoso meio de salvação. Um grande peixe o engoliu e êle permaneceu no ventre do cetáceo durante três dias e três noites. Deus, que faz com que a criança viva e cresça durante nove meses no seio materno, não teve dificuldades para fazer com que seu profeta vivesse três dias no ventre de uma baleia.

E Jonas orou a Jeová, seu Deus, nas entranhas do peixe, e disse: "Clamei ao Senhor no meio da minha tribulação e êle me ouviu; clamei desde o ventre do sepulcro, e tu ouviste a minha voz. Tu me atiraste ao mais profundo do mar, e a corrente das águas me cercou; todos os teus escolhos e tôdas as tuas ondas passaram por cima de mim. E eu disse: Fui rejeitado de diante dos teus olhos; todavia verei ainda novamente o teu santo templo. As águas me cercaram até à vida; o abismo encerrou-me dentro de si, o mar cobriu-me a cabeça. Desci às raízes dos montes; os ferrolhos da terra encerraram-me para sempre; tu, contudo, Senhor Deus meu, preservarás a minha vida de corrupção. Quando em si angustiava a minha alma, lembrei-me do Senhor para que a minha oração chegue até ti, subindo ao teu santo templo. Os que se entregam inútilmente às vaidades abandonam a misericórdia daquele que os teria livrado. Eu, porém, te oferecerei sacrifícios com cânticos de louvor; cumprirei todos os votos que fiz ao Senhor pela minha salvação",

---

(4) Jonas, I, 1-16.

Então o Senhor deu uma ordem ao peixe e este vomitou Jonas na praia.

E a palavra do Senhor foi dirigida uma segunda vez a Jonas, dizendo-lhe: "Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega nela a pregação que te ordeno". Jonas levantou-se e foi a Nínive, segundo a ordem do Senhor. Ora, Nínive era uma cidade enorme, tinha três dias de caminho. E Jonas começou a entrar na cidade, andando por ela um dia; e clamou: "Daqui a quarenta dias Nínive será destruída!" E os ninivitas creram em Deus e ordenaram um jejum público e vestiram-se com sacos, desde o maior até ao menor. O rei de Nínive levantou-se do seu trono, despiu sua púrpura, cobriu-se com um saco, e sentou-se na cinza. E mandou publicar em seu nome e em nome dos príncipes, uma ordem para todos jejuarem e fazerem jejuar os animais. "Todos devem cobrir-se com sacos e clamar a Deus com tôdas as forças; cada um deve arrepender-se do seu mau caminho e da iniquidade que há nas suas mãos. Quem sabe? Deus poderá voltar-se, compadecer-se, aplacar o furor da sua cólera, de maneira que não pereçamos". E Deus viu aquelas obras de penitência, e como se tinham convertido do mau caminho, e apiedou-se dêles, arrependendo-se do mal de que os havia ameaçado. (5)

Isso muito desgostou Jonas; encolerizou-se e orou a Deus, dizendo: "Rogo-te, Senhor! é o que receava quando ainda estava em minha terra, e foi por isso que me preveni com o expediente de fugir para Târsis; porque sei que és um Deus clemente e misericordioso, paciente e cheio de infinita compai-

---

(5) Jon., II, 1-11.

xão, e que perdoas os pecados. Agora, eu te rogo, ó Senhor! tira a minha alma; pois prefiro a morte à vida! "Mas Deus respondeu-lhe: "Julgas que tens razão para te encolerizares?"

O que, acima de tudo, afligia a Jonas, era a idéia de que, após tão grande exemplo de misericórdia, os profetas não mais seriam ouvidos quando falassem em nome do Senhor; que debalde anunciariam a Judá e a Israel o rigor dos seus julgamentos; que tanta facilidade e tanta indulgência nada mais fariam a não ser endurecer os homens no mal; que os próprios profetas passariam por mentirosos, e que a profecia seria alvo de zombaria.

Jonas deixou Nínive e construiu, do lado do nascente, uma cabana de folhagem, a cuja sombra repousava, enquanto aguardava o que iria acontecer à cidade. Deus fêz nascer uma espécie de hera que cresceu projetando sombra sôbre a cabeça do profeta, o que lhe causou muita satisfação. No dia seguinte, porém, ao romper da manhã, Deus mandou um verme que roeu a planta, e essa secou. E quando o sol apareceu, soprou, a mando do Senhor, um vento abrasador, ao passo que o sol dardejava seus raios sôbre a cabeça de Jonas, fazendo com que caísse numa grande prostração. Desejou a morte, dizendo: "Melhor é morrer do que viver". Mas Deus disse a Jonas: "Julgas que tens razão para te aborreceres por causa da hera?" E Jonas respondeu-lhe: "Tenho razão para aborrecer-me a ponto de desejar a morte". "Como?" respondeu o Senhor, gostarias de poupar uma hera, que nenhum trabalho te custou, e que nem mesmo fizeste crescer, que nasceu numa noite e numa noite pereceu! E não hei de poupar a grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil pessoas

que não sabem discernir a mão direita e a esquerda, e um grande número de animais!" (6)

Vê-se, por essas últimas palavras, até onde alcança a bondade de Deus. Davi já dissera: "Salvareis os homens e os animais porque vos apraz, ó meu Deus, multiplicar a vossa misericórdia". (7)

Por indivíduos que não sabem discernir a mão esquerda e a direita, naturalmente se entendem as crianças abaixo de dois anos de idade. Supondo que representem, em relação à população total, um em cada 15 habitantes, Nínive teria uma população de dois milhões.

Nínive foi verdadeiramente destruída, disse um Padre da Igreja de Santo Eucher, em Lion, (8) pois seus impulsos maus se converteram em bem; foi verdadeiramente destruída, pois o luxo de suas vestes se transformou num saco e num cilício, o desperdício de seus banquetes em austero jejum, a alegria dissoluta de suas libertinagens em santos gemidos de penitência.

A penitência dos ninivitas, é um exemplo para todas as nações. Os habitantes de Nínive, dizia Cristo aos judeus que o rodeavam, elevar-se-ão contra vossa raça no dia do julgamento, porque fizeram penitência ao ouvir a palavra de Jonas; e aqui tendes mais do que Jonas. (9) Talvez seja essa a causa do grande desgosto do profeta. A capital da nação

---

(6) Jon., III, 1-10.

(7) Ps. XXXV. *Homines et jumenta salvabis, Domine, quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam.*

(8) S. Eucher, de Lyon.

(9) Math., XII, 41. *Viri Ninivitae surgent in judicio cum generatione ista, et condemnabun eam, quia poenitentiam egerunt in praedicatione Jonae, et ecce plus quam Jonas hic.*

gentílica se convertia ao ouvir a sua prédica, acreditava em Deus com fé eficaz, prevenia a sua destruição como cidade, destruindo-se a si mesma ao reconhecer as suas culpas; ao passo que Israel, favorecido por tantas graças, exortado, advertido, continuamente ameaçado por inumeráveis profetas, iria abandonar, derrubar os altares do verdadeiro Deus, prostituir-se aos ídolos, e como que se empenhar para apressar os castigos de que estava ameaçado. No que então acontecia, Jonas via talvez o que aconteceria mais tarde, as nações gentias seguindo o exemplo de Nínive, novamente se voltando para Deus e ocupando na Igreja do seu Cristo, o lugar de Israel impenitente e condenado.

Jonas não era apenas um profeta, mas também uma profecia.

Jonas é enviado para pregar a penitência na capital dos gentios; Cristo sê-lo-á para pregar a penitência à humanidade inteira. Jonas, a princípio, não quer ser o apóstolo de Nínive; Cristo, a princípio, não quer ouvir a Cananéia, nem enviar seus apóstolos às nações. Jonas, procurando limitar seu ministério ao povo de Israel, excita uma grande tempestade no meio da qual adormece profundamente; Cristo, enviando seus apóstolos unicamente às ovelhas extraviadas da casa de Israel, levanta, contra êle, dentro do próprio Israel, uma violenta conspiração, no meio do qual permanece calmo, como quando dorme no barco durante a tempestade. Jonas, atirado ao mar, entregue humanitariamente à morte, é o salvador dos que com êle se encontram no navio; Cristo, mergulhado num mar de aflições, morto segundo a natureza humana, é o salvador dos que com êle se encontram no mesmo barco. Jonas, que desce ao ventre da

baleia como a um inferno vivo, lhe enaltece Deus, celebra suas maravilhas, e dá-lhe graças pela sua próxima libertação; Cristo, que desce aos infernos, às regiões inferiores da terra, anuncia as maravilhas de Deus às almas lá retidas e, livre entre os mortos, com êles se rejubila pela sua próxima ressurreição. Jonas fica três dias e três noites nas entranhas da baleia; também o Filho do homem, diz o próprio Cristo, ficará três dias e três noites no seio da terra. Jonas, ao retornar do seio das águas, sai de Judéia e converte a primeira capital da nação gentílica; Cristo, ressuscitado dentre os mortos, envia seus apóstolos até os confins do mundo; e, com a última capital dos gentios, converte todos os gentios. Jonas, vendo a conversão de Nínive e a impenitência de Israel, deseja a morte, de tão pesaroso; Cristo, na pessoa de São Paulo, vendo a conversão dos gentios e o endurecimento dos judeus, que são seus irmãos, deseja, na sua dor, amaldiçoá-los.

\* \* \*

## SANTA IFIGÊNIA (\*)

### *Virgem*

Santa Ifigênia aparece na *Paixão*, lendária de São Mateus, como filha dum rei da Etiópia, Eglipo, e da rainha Ifianassa.

A família real etiópica, convertida por São Mateus, o apóstolo e evangelista, viveu sem distúrbios até a morte do rei. Morto Eglipo, o novo governante propôs-se pedir a mão de Ifigênia, mas, como a princesa votara a Deus a virgindade e dirigia já duzentas virgens, recusou o pretendente.

Ora, o novo príncipe pensou logo em São Mateus e foi procurá-lo, para que induzisse a jovem filha de Eglipo a aceder ao seu desejo. São Mateus não se deixou levar e nem, diante das ameaças, intimidar-se. E fêz mais: consagrou Ifigênia a Deus, solenemente, com as demais virgens.

Aquilo levou um desmedido furor ao coração do príncipe, que, imediatamente, ordenou a morte do Santo Apóstolo, logo após a cerimônia de consagração.

Santa Ifigênia, contristada com a morte do querido amigo, despojou-se de tudo aquilo que era precioso e o entregou ao clero para que se erigisse

uma basílica ao grande evangelista e o resto se distribuisse à pobreza.

O príncipe que a desejava por espôsa, irritadíssimo, convocou todos os mágicos do país, para que, com bruxedos, levassem a Ifigênia à morte. Deus porém, intervindo, fê-la fugir.

Diz o resumo do martirologio: "Na Etiópia, Santa Ifigênia, virgem: batizada e consagrada a Deus pelo bem-aventurado Mateus, apóstolo, acabou santamente os dias".

\* \* \*

## SÃO CASTOR (\*)

### *Bispo*

São Castor foi o primeiro bispo de Apt. Nascido numa grande e ilustre família de Nimes, teria fundado, perto de Cavaillon, o mosteiro de São Faustino.

Foi eleito bispo de Apt antes de 13 de junho de 419, data duma carta do papa Bonifácio I que ordenava aos bispos da Gália e de sete províncias para que julgassem o bispo de Valença, Máximo: São Castor foi um dos nomeados para aquêlê julgamento.

Fiel amigo da vida monástica, escreveu algumas cartas a João Cassiano, pedindo conselhos. Depois de lhe ter expôsto que todos tem necessidade dum guia, rogou que lhe desse a conhecer os exercícios que lhe haviam trabalhado a alma e os costumes monásticos da Tebaida e do Oriente. É que São Castor queria aproveitar os ensinamentos, applicando-os numa nova comunidade que se erguera perto de Apt.

Cassiano descreveu, em doze livros, as *Instituições Cenobíticas* e dedicou-as a Castor, pedindo perdão pelas insuficiências: era uma discreta homenagem à virtude do amigo, dizia.

Homem piedosíssimo, penitente e caridoso, faleceu o santo bispo antes do ano 426.

O culto de São Castor é antiquíssimo. Aptem-no como um dos padroeiros.

---

No mesmo dia, em Poitou, São Francário, pai de Santo Hilário; falecido em 350.

Em Tallard, diocese de Gap, São Gregório, bispo de Amnice.

Na Bretanha, São Gragan, pai de São Guenoleu.

Perto de Tronchiennes, na Bélgica, São Gerulfo, mártir, em 750.

Em Troyes, Santa Maura, virgem, da qual um contemporâneo, São Prudêncio, bispo de Troyes, deixou uma oração fúnebre. Era filha de Mariano e de Sedúlia, rico casal daquela cidade. Faleceu muito santamente em 850, tendo ao lado os santos Pedro, Paulo, Gervásio e Protásio, que lhe apareceram no último momento da vida.

Na Cracóvia, Polônia, o bem-aventurado João Prandota, bispo. Nobre polonês, foi padre, depois arcebispo e, finalmente, bispo de Cracóvia, em 1242. Tomou o partido de Boleslau, o Casto, contra o inimigo Conrado, ao qual excomungou. Faleceu em 1266.

Em Pesaro, nas Marcas, o bem-aventurado Marcos de Módena, dominicano, falecido em 1499. Nasceu em Módena; pregou na Itália.

Na Coréia, o bem-aventurado Lourenço Imbert, bispo missionário e companheiros, mártires, em 1839. Foram beatificados em 1925.

Em Roma, São Pânfilo, mártir. — Na via Cláudia, a vinte milhas de Roma, Santo Alexandre, bispo que, sob o imperador Antonino, sofreu pela fé de Jesus Cristo, cadeias, pauladas, cavalete, tochas ardentes, unhas de ferro, feras e as chamas de uma fornalha: enfim, tendo tido a cabeça cortada, entrou na vida gloriosa que nunca se extinguirá. O Papa São Dâmaso mais tarde mandou trasladar-lhe o corpo para Roma, no dia 26 de novembro, e fixou sua festa no dia dessa transferência. — Na Fenícia, Santo Eusébio, mártir, que foi apresentar-se espontaneamente ao prefeito e, tendo-se declarado cristão, depois de várias torturas, teve a cabeça decepada. — Em Chipre, Santo Isácio, bispo e mártir. — No mesmo lugar, São Melécio, bispo e confessor.

\* \* \*

## 22.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO TOMÁS DE VILANOVA

No início do século XVI, a Alemanha e a Espanha apresentavam um curioso contraste. A Alemanha fôra dividida, escandalizada e pervertida por um monge agostinho, o apóstata Lutero; a Espanha fôra edificada, santificada por um monge agostinho, São Tomás de Vilanova.

Tomás nasceu no ano de 1488, em Fuenlana, diocese de Toledo. Era filho de Afonso Tomás Gas-cilas de Vilanova, e de Lúcia Martinez, de velha nobreza; porém, alguns membros da família a que pertenciam, tinham sido reduzidos a trabalhar na agricultura. Vilanova, de que eram originários, é uma cidadezinha a duas milhas de Fuenlana, na qual se tinham refugiado, na ocasião em que grassava uma epidemia. Tão caritativos se mostravam para com os pobres, que receberam a alcunha de esmoleres. Afonso distribuía entre os necessitados o rendimento de um moinho e emprestava aos camponeses pobres trigo para a sementeira, sendo que raramente o des-contava. Lúcia era extremamente piedosa; tinha uma capela, na qual se retirava a determinadas horas com suas empregadas e sobrinhas, a fim de dedicar-se à oração; lá mandava celebrar a missa nas ocasiões em que não podia ir à igreja. Confessava-se e comungava

tôdas as semanas. Usava um cilício sob as roupas modestas, jejuava tôdas as sextas-feiras, trabalhava incessantemente para os pobres; muitas vêzes executava o trabalho de pobres operárias, trabalho que depois lhes entregava, a fim de que recebessem o devido salário. Era principalmente por ocasião da Páscoa, durante a semana santa, que costumava distribuir os trabalhos de agulha que fazia; mais de uma vez deu as suas próprias roupas. Os pobres envergonhados, os presos e os doentes mereciam de sua parte uma ternura maternal e ela lhes levava pessoalmente tudo de quanto precisavam. Deus fê-la conhecer, por meio de um milagre, o quanto a sua caridade lhe era agradável. Certo dia, em que já distribuía tôda a farinha chegada do moinho, como fazia tôdas as semanas, apareceu à porta um mendigo que pedia esmola. Lúcia mandou suas criadas verificarem se ainda havia farinha no celeiro; estas afirmaram que haviam distribuído tudo pela manhã e que não restava uma só migalha. A bondosa senhora insistiu: "Voltai, pelo amor de Deus; varrei bem o celeiro, pois Deus não há de permitir que êste pobre se vá embora de nossa casa de mãos vazias." As criadas obedeceram-lhe e, ao chegarem à soleira do depósito, exclamaram: "Ah! Senhora, que é isto? deixamos o celeiro completamente vazio e o encontramos cheio!" e puseram-se a dar graças a Deus pela sua generosidade. (1)

Tomás, filho mais velho, mostrou-se digno de tão santa mãe. Nascera compassivo. Na escola dava o seu almôço às crianças pobres. Se via alguém despojado de roupas, dava-lhe as próprias vestes para protegê-lo contra o frio. Mais de uma vez retornou

(1) Acta SS., 8 sept. Vita prolixior, austore Salônio, l. 1, c. I.

a casa sem casaco, sem colête, sem chapéu e sapatos, pois com êles vestira Jesus Cristo na pessoa de mendigos. Quando em sua casa já haviam distribuído todo o pão diàriamente reservado para esmola, e mais um pobre se apresentava, o menino pedia à mãe que desse ao infeliz a sua porção no jantar; nesse dia desistia de comer. Muitas vêzes, a boa senhora consentiu em satisfazê-lo, a fim de pôr à prova a virtude do filho. Outras, porém, recusava-se; então Tomás pedia a sua parte na refeição, tal como se pretendesse comê-la em companhia de outros meninos mas, na verdade, para dá-la aos pobres; e passava o dia tão alegremente como se tivesse feito a melhor refeição do mundo. Certo dia, aconteceu que sua mãe saísse de casa sem deixar pão para esmola; como de costume, mendigos vieram bater-lhe à porta; e, como não encontrasse pão, Tomás deu um frango a cada um dêles. Como sua mãe o interrogasse sôbre o que acontecera durante a sua ausência, respondeu-lhe, sorrindo: "Ah! mamãe, quando saíres, não te esqueças de deixar pão para os pobres, caso queiras encontrar teus frangos; pois os pobres vieram e, como não havia pão, e eu não queria mandá-los embora de mãos vazias, dei um frango a cada um". Se recebia algumas moedas de seus pais, o menino comprava ovos e levava-os aos doentes dos hospitais. Durante a colheita, a que presidia, dava aos pobres que respigavam uma parte do seu jantar e do jantar dos ceifadores, sem que nada faltasse a ninguém. Ainda muito jovem, não apenas observava as abstinências e os jejuns da Igreja, mas a êles acrescentava outros, e mortificava-se com flagelações secretas. Dotado de pudor e de modéstia angelicais, desde cedo inspirava respeito a todos. Quando pregavam numa igreja, ouvia com surpreendente aten-

ção as palavras do pregador e, depois do jantar, reunia ao redor de si algumas crianças da sua idade e repetia o sermão com tanto fervor que até pessoas adultas acorriam para ouvi-lo, e muitas ficavam profundamente sensibilizadas.

Tinha quinze anos quando seus pais o enviaram para a Universidade de Alcalá ou de Complut, fundada havia pouco pelo Cardeal Ximenes. Lá concluiu seus estudos com tanto êxito, que foi considerado digno de ser incorporado ao Colégio de Santo Ildefonso e ensinar filosofia e teologia. Foi, depois, chamado a Salamanca para exercer o mesmo cargo. As virtudes que praticara na infância cresciam com os anos. Vários de seus companheiros de estudo, conquistados por seus bons exemplos, enveredaram pelos caminhos da perfeição. A morte do pai obrigou-o a ir a Vilanova, onde pouco se demorou. Reservando apenas o necessário para a manutenção de sua mãe, distribuiu aos pobres a herança e transformou a casa num hospital.

Contava vinte e oito anos quando ingressou na Ordem dos Ermitas de Santo Agostinho, em Salamanca, onde tomou o hábito no dia 21 de novembro de 1516, dia da Apresentação da Santa Virgem, pela qual demonstrou, durante a vida inteira, devoção filial: fez sua profissão em 25 de novembro de 1517, como se quisesse reparar a apostasia de um monge da mesma ordem, o heresiarca Lutero, ocorrida no mesmo ano. Ordenado sacerdote em 1520, São Tomás de Vilanova celebrou sua primeira missa na santa noite do Natal. Os assistentes maravilharam-se diante do seu fervor, que foi o de um serafim; ao recitar o Cântico dos Anjos e o Prefácio, como que caiu em êxtase. O mistério daquela festa penetrava-o tão intensamente

que, ao aproximar-se o fim da sua vida, não mais celebrava em público as três missas do Natal, e sim numa capela particular, em virtude dos arroubos de que era prêsa.

Foi incumbido por seus superiores de ensinar teologia e predicação da palavra sagrada, e da administração do sacramento da penitência. Foi também sucessivamente prior de Salamanca, de Burgos, e de Valladolid, duas vêzes provincial da Andalusia, e uma vez de Castela. São incalculáveis os frutos que obteve no exercício dessas várias funções. Depois de ouvi-lo, o Imperador Carlos V escolheu-o como pregador e conselheiro. Alguns fidalgos da côrte haviam sido condenados à morte. Carlos V recusara-se a agraciá-los, a pedido de seu próprio filho Filipe, assim como do Arcebispo de Toledo, e outras altas personalidades. Em último recurso, êstes delegaram o pedido a São Tomás de Vilanova, então prior de Valladolid, que obteve sem dificuldade o perdão solicitado. E o Imperador explicou à côrte: "Não vos admireis de que tenha concedido a graça aos culpados por intermédio do Prior dos Agostinhos: êle não pede, manda, e verga os corações". Como diretor de almas, o santo conduziu grande número delas, mesmo pertencentes à alta sociedade, ao mais elevado grau de perfeição. O ardor da sua fé crescia com os anos. Tinha freqüentes êxtases durante a oração, a santa missa, até mesmo nas prédicas. Formou na sua ordem vários religiosos apostólicos, que enviou ao Novo Mundo anunciar a fé cristã às populações do México.

Tendo-se vagado o arcebispado de Granada, Carlos V, que se encontrava em Toledo, designou para ocupá-lo a Tomás de Vilanova, então provincial da sua ordem, e que viajava, fazendo visitas. Corria

o ano de 1534. Tomás foi procurar o Imperador, e tanto insistiu em não aceitar, que conseguiu o intento. Dez anos mais tarde, em 1544, Jorge da Áustria, tio do Imperador, demitiu-se do arcebispado de Valência para ocupar o de Liège. Nessa ocasião, Carlos V encontrava-se nas Flandres. Deu ordens para o seu secretário expedir o diploma de nomeação para o arcebispado vago em favor de um religioso hieronimita. Não lhe veio a idéia de oferecê-lo a Tomás de Vilanova, pois conhecia a sua repulsa em relação às dignidades eclesiásticas. Contudo, o nome do Santo figurou no diploma. Surprêso, o Imperador indagou a razão da troca; respondeu-lhe o secretário que acreditara ter ouvido o nome de São Tomás de Vilanova, mas que seria fácil reparar o engano cometido. "Não, não, observou o príncipe; reconheço nisso uma providência particular, e precisamos sujeitar-nos à sua vontade." Assinou o diploma de nomeação e enviou-o ao santo, então prior do convento de Valladolid.

Esse fato encheu Tomás de consternação. Empregou, para subtrair-se ao cargo, os recursos a que já recorrera com êxito; mas o príncipe Filipe da Espanha, que governava na ausência de seu pai, em lugar de atender às suas instâncias, agiu em sentido contrário. O Arcebispo de Toledo e outros grandes do reino juntaram seus rogos aos do Príncipe. Tomás continuava a resistir. Restava um meio de convencê-lo. Em 1534, era provincial da sua ordem e não havia, na Espanha, superior com poderes para dar-lhe ordens; em 1544, porém, era simplesmente prior de Valladolid. O Príncipe, o Arcebispo e os fidalgos induziram o provincial em exercício a obrigar Tomás a aceitar o arcebispado de Valência em virtude da obediência religiosa e sob pena de excomunhãc. O

santo submeteu-se e, chorando, deixou a cela. Tendo chegado as bulas do Papa Paulo II, foi sagrado em Valladolid pelo Cardeal João de Tavera, Arcebispo de Toledo. Logo na manhã seguinte, êle partiu para Valência. Fêz a viagem a pé, envergando o hábito monástico, já muito gasto, pois o usava desde que professara. Apenas se fazia acompanhar por um religioso da sua ordem e por dois criados.

Entretanto, sua mãe, que ainda vivia, pediu-lhe que passasse por Vilanova, assim lhe proporcionando o consôlo de vê-lo. Tomás consultou o companheiro de viagem e êste lhe disse: "Senhor, passemos por Vilanova; pois os cinco ou seis dias que o desvio nos custará não podem ser recusados a sua mãe". O santo respondeu: "Também me parece acertado; contudo recomendamos o caso a Deus durante alguns momentos". Era êsse o seu costume. Após meio quarto de hora de oração e meditação, Tomás observou: "Vamos direito para Valência; pois, no momento, importa-nos socorrer à Espôsa, que talvez tenha necessidade da nossa presença; não nos faltarão oportunidades para consolar a mãe, se não pessoalmente, pelo menos por meio de cartas. Nosso primeiro pai disse em relação à espôsa que o Senhor lhe dera: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher", dando a entender que com amor e solicitude o marido deve apressar-se em socorrer a espôsa. Ora, a mesma razão obriga os bispos a amar e a socorrer suas igrejas".

Havia muito que o reino de Valência era vítima da sêca e de aridez. De súbito, quatro dias antes do Natal de 1544, a chuva começou a cair abundantemente, como para anunciar a tôda a região dias de graça e de redenção. Enquanto a chuva caía a cân-

taros, o porteiro do Convento dos Agostinhos, fora dos muros da cidade, viu chegar dois monges daquela ordem, que solicitaram hospitalidade para dois dias; acompanhavam-nos dois criados. O porteiro perguntou-lhes se traziam cartas de seu superior que pudesse mostrar ao prior da casa; em caso contrário, não lhe seria permitido acolhê-los. Um dos religiosos lhe disse: "Meu irmão, cumpris escrupulosamente o vosso dever; mas êste padre foi prior e provençal de Castela, e não tem necessidade das cartas que reclamais. Ide procurar vosso prior e contai-lhe que chegaram aqui dois antigos religiosos de Castela, e que só desejam permanecer aqui dois dias, até que a chuva tenha cessado; quanto aos criados, sabem onde se alojar na cidade com as mulas. O bom prior, que aguardava a chegada do Arcebispo desconfiou que o viajante bem poderia ser a pessoa esperada. Porém, ao chegar à porta, só deparou com os dois religiosos, pois os criados já se tinham retirado: não soube mais o que pensar. De qualquer forma, acolheu com muita urbanidade os dois irmãos graves e modestos e disse-lhes que poderiam permanecer no convento todo tempo que lhes aprouvesse. Uma única coisa o penalizava: a casa era tão pobre e pequena, que não poderia tratá-los como mereciam. "Não vos preocupeis, padre prior, respondeu um dos religiosos; êste padre e eu ficaremos muito satisfeitos com uma pequena cela enquanto as chuvas persistirem em cair; quanto aos viveres, nós mesmos proveremos: daqui a pouco chegará o criado incumbido das despesas da viagem." O prior fitava atentamente o religioso e nada dizia: estava impressionado com a sua humildade e modéstia. Cada vez mais se convencia de que era o Arcebispo Tomás de Vilanova. Contudo, hesitava em

interrogá-lo, pois não via a menor sombra de cortejo. Finalmente se encheu de coragem e dirigiu-se ao viajante: "Peço-vos, pelo amor de Deus, meu pai, tirai-me da dúvida: sois o senhor Arcebispo?" Como não pudesse mais ocultar a verdade, o outro respondeu: "Sim, sou eu, embora não seja digno, nem capaz". E o bom prior ajcelhou-se aos pés de Tomás e beijou-lhe a mão. A comunidade inteira reuniu-se e, cantando o *Te Deum*, conduziu processionalmente o novo arcebispo à igreja do convento; e, depois, entoando a *Ave Maris Stella*, à capela de Nossa Senhora do Bom Socorro, que dava nome ao convento.

O santo arcebispo pretendia entrar em Valência na véspera do Natal; as contínuas chuvas retiveram-no até o comêço do ano de 1545. Entrou na cidade com o humilde hábito de monge e a todos impressionou com o seu recolhimento e fervor; houve, até, quem se sensibilizasse ao ponto de derramar lágrimas. O Capítulo, que conhecia a pobreza de Tomás, fêz-lhe presente de quatro mil ducados para o seu mobiliário. Ele os aceitou com grandes demonstrações de reconhecimento, mas deu-os ao hospital, sobrecarregados de pobres e necessitado de grandes reparações.

A Igreja de Valência, clero e povo, muito precisava de um pastor de tal quilate. Um bom número de eclesiásticos vestia-se como leigos, levava vida mundana, freqüentava teatros e torneios. O santo arcebispo resolveu restabelecer a disciplina no clero, a fim de impô-la mais facilmente ao povo. Preparou-se com preces, jejum, e macerações incomuns. Anunciou a visita que faria à diocese através de uma carta pastoral, na qual a todos exortava a uma sincera conversão. Visitou até mesmo a mais insignificante aldeia e por tôda parte fêz ressoar a sua voz paternal.

E depois de ter-se inteirado bem da condição das ovelhas e dos pastôres, reuniu um concílio provençal, a fim de relembrar aos últimos as regras da Igreja. Alguns a elas se submeteram imediatamente, outros recalcitraram; a doce firmeza, a paciência, o bom exemplo do santo arcebispo iam lentamente fazendo novas conquistas. Ao visitar a prisão onde eram encarcerados os eclesiásticos escandalosos, achou-a rigorosa demais, e tornou-a mais tolerável. O Capítulo da sua metrópole, subordinado à Santa Sé, pretendia ficar isento da reforma: o que não deixava de ser uma pequena prova de que dela precisava. O Santo não contestou o privilégio dos cônegos, mas esperou a hora da Providência e esta não tardou. Um dos cônegos foi implicado num processo civil, e encarcerado pelo Vice-rei de Valência, o Duque da Calábria. Era assim desrespeitado um dos privilégios do Capítulo, que recorreu à autoridade do Arcebispo para que êste os garantisse. Tomás disse-lhes, sorrindo: "Se fôsseis minhas ovelhas, e se eu fôsse vosso pastor, certamente daria a vida por vós; mas como sois estranhos nada posso fazer". Vendo-se entre a cruz e a caldeirinha, os cônegos renunciaram à pretendida isenção e submeteram-se em tudo à autoridade do Arcebispo, que imediatamente se incumbiu de defendê-los: de nada adiantou ao Vice-Rei resistir e ameaçar; foi obrigado a dar liberdade ao cônego e a vir, em pessoa, à porta da catedral, no Domingo de Ramos, receber a absolvição das censuras em que incorrera.

Bem se concebe que êsse procedimento tenha poderosamente servido ao objetivo do Santo, que era trazer os eclesiásticos de volta aos seus deveres. De resto, êle se servia para isso dos meios mais diversos. Certos beneficiados levavam uma vida pouco edifi-

cante. Durante muito tempo, Tomás de Vilanova pediu-lhes, com palavras amigáveis, que se corrigissem; prometiam sempre, mas nada faziam. Afinal, o Arcebispo resolveu levá-los, um a um, ao seu gabinete; então, fechava a porta, descobria os ombros e dizia, prosternado diante do crucifixo: "Meu irmão, meus pecados é que são a causa de ainda não terdes abandonado o mau caminho, e de terdes desprezado tôdas as minhas advertências. E por isso, sendo minha culpa, é tempo que eu sofra o merecido castigo". E punha-se a flagelar-se cruelmente. O beneficiado, comovido até às lágrimas, suplicava-lhe se poupasse e prometia mudar de vida, cumprindo a palavra.

Havia um ilustre cônego que não vivia muito canonicamente. Desejando conquistá-lo para Deus, o santo arcebispo prestou-lhe durante muito tempo todos os obséquios possíveis. E, havendo assim feito jus à sua amizade e gratidão, disse-lhe um dia: "Tenho um negócio importante em Roma e, tendo necessidade de um homem hábil e dedicado, pensei em vós". Efetivamente, tratava-se de obter em Roma uma bula com determinadas cláusulas, a fim de operar a reforma num mosteiro de religiosos. O cônego ofereceu-se para fazer a viagem, e o Arcebispo recomendou-lhe: "Ponde todos vossos negócios em ordem e vinde em determinada data ao meu gabinete, sem estardes acompanhado de nenhum empregado, pois proverei a tudo quanto vos fôr necessário para partirdes nessa mesma noite". O cônego despediu-se de seus parentes e amigos e, a hora combinada, foi ceiar e dormir em casa do Arcebispo, disposto a partir no dia seguinte. Muito cedo, quando ainda dormia, Tomás foi procurá-lo e disse-lhe: "Senhor Cônego, o mais neces-

sário ainda está por fazer: pusestes todos vossos negócios em ordem, chegastes mesmo a fazer vosso testamento, como é natural, em se tratando de viagem tão longa. Porém, pelo que vejo, ainda não tratastes do principal, isto é, não pusestes ordem em vossa consciência, não fizestes uma boa confissão e uma boa comunhão, na intenção de que Deus abençoe a vossa viagem. Tive uma idéia: meu negócio, embora me interesse bastante, não é tão urgente que a vossa partida não possa ser adiada por um mês. Como já vos despedistes de todos, e não vos conviria aparecerdes em público, empregai êsse tempo fazendo um bom retiro espiritual, de quem ninguém terá conhecimento." O cônego concordou de boa vontade; decorrido o mês, seu confessor aconselhou-o a que pedisse ao arcebispo permissão para adiar a partida por mais trinta dias, a fim de que pudesse consolidar-se ainda mais nas boas resoluções que tomara, e cumprir contritamente a sua penitência. Ao fim de dois meses, o arcebispo lhe comunicou que recebera boas notícias de Roma, sendo que o negócio se decidia favoravelmente, e que dentro de algum tempo receberia as bulas; dessa forma, não lhe seria mais necessário viajar. Isso permitiu que o cônego fizesse secretamente um retiro de seis meses em casa do santo pontífice, e lamentasse seus erros, fortalecendo-se nas boas resoluções. No intervalo, chegaram as bulas, como haviam sido solicitadas. Então o cônego, que todos supuseram ter regressado durante a noite, reapareceu na cidade, mas muito mudado, sobremaneira edificante, êle que o fôra tão pouco. (2) Eis por que engenhosas vias o Agostinho espanhol, São Tomás de Vilanova, ope-

(2) Acta SS. Vita Prolix., c. XIII.

rava a reforma do seu clero e do seu povo, de mal a bem, e de bem a ótimo; enquanto que, sob o mentiroso título de reforma, o Agostinho alemão, o apóstata Martin Lutero, mergulhava a Alemanha durante séculos na anarquia religiosa, intelectual e social.

Contudo, nenhuma das habilidades do arcebispo de Valência foi tão frutífera quanto o exemplo da sua vida. Tal como se mostrara na casa paterna e na humildade do claustro, também se mostrou no trono episcopal: amante da pobreza e dos pobres. Conser-vou o hábito monástico, que êle próprio remendava, assim como fizera no passado. Tendo sido surpreendido por um de seus cônegos no ato de executar êsse trabalho, ouviu a observação de que poderia empregar o tempo mais útilmente e deixar aquela insignificante tarefa aos que dela deviam ocupar-se. Respondeu que, por ser bispo, não cessava de ser religioso e que a tarefa insignificante, que lhe era censurada, daria pão a algum pobre. Suas roupas costumavam ser tão grosseiras que seus próprios criados ficavam vexados, pois ignoravam o motivo que o impelia a agir. Quando o concitavam a que se vestisse de maneira adequada à sua dignidade, respondia que fizera voto de pobreza; que a sua autoridade não dependia da aparência, e que só deviam exigir dêle zêlo e vigilância. Muito dificilmente conseguiram que usasse um chapéu de sêda. Costumava dizer, bem humorado, mostrando o chapéu: "Aqui está a minha dignidade episcopal: os cônegos, meus senhores, acharam que eu não podia ser arcebispo sem usá-lo". A frugalidade da sua mesa não era menos surpreendente. Continuava a observar a abstinência e os jejuns prescritos pela regra que abraçara. Nunca permitia que lhe servissem iguarias requintadas. O dinheiro que custariam pertencia aos

pobres; explicava êle: "não sou o dono das minhas rendas, sou apenas quem as distribui". No Advento e na Quaresma, às quartas e às sextas-feiras, assim como nas vésperas dos dias santificados, jejuava até ao anoitecer, e contentava-se com um pouco de pão e de água. Enfim, seu palácio era uma verdadeira casa da pobreza: no seu interior não se viam tapeçarias. O santo arcebispo só usava roupa branca quando doente; muitas vezes deitava-se sobre um mólho de galhos de árvores, e seu travesseiro era uma pedra.

O Arcebispado de Valência rendia anualmente dezoito mil ducados. O Santo dava dois mil ao Príncipe Jorge da Áustria, que se demitira sob reserva de pensão; reservava treze mil para socorrer os pobres e empregava o resto na manutenção e nos reparos do palácio. Todos os dias, cêrca de quinhentos pobres se postavam à sua porta, e cada um recebia pão, vinho e uma moeda de prata. Proclamou-se pai dos órfãos. Contribuía para o dote das moças que não se encontravam em condições de casar-se. Sentia particular ternura pelos enjeitados e recompensava os que lhe traziam êsses enjeitados, assim como as amas que com êles se ocupavam. Tendo sido uma cidade da sua diocese, situada à beira-mar, pilhada por piratas, enviou provisões e dinheiro para que fôsem resgatados os habitantes cativos. Aos nobres que haviam caído na indigência, aos pobres envergonhados, dava pensões razoáveis, assim como aos operários enfermos e sem trabalho.

Seus atos de caridade eram acompanhados por gestos de bondade. Um eclesiástico a quem, depois de muita protelação, um operário deixara de pagar uma dívida de dezessete ducados, se dispunha a hipot-

tecar os bens do devedor, pois também se encontrava em necessidade. Acompanhado de um vizinho que o incitara, o operário foi procurar o arcebispo, pedindo-lhe para intervir junto ao eclesiástico, impedindo-o de executá-lo. O santo pontífice ouviu-os com simplicidade; porém, tomou o partido do religioso, dizendo ao operário: "Ele não procedeu mal porque esperou muito tempo e talvez esteja mais necessitado do que vós. Não é ele que está errado, mas vós, pois não viestes procurar-me; ter-vos-ia atendido imediatamente". E mandou dar-lhe dez ducados em vez de sete.

Na mesma proporção em que era liberal para com os pobres, mostrava-se parcimonioso para consigo mesmo. Certo dia, mandou entregar um gibão a uma piedosa mulher para que lhe remendasse as mangas. Ela respondeu que aquela peça de roupa estava toda em tão mau estado que não valia a pena consertá-la, sobretudo em se tratando de um arcebispo. O santo objetou: "Se forem trocadas as mangas, ainda poderá servir; e, com o dinheiro que me custaria um novo, auxiliaremos alguém que não tenha nem gibão novo, nem velho". Mandou vir um alfaiate, perguntou-lhe quanto cobraria para colocar mangas novas, achou muito alto o preço apresentado e pediu um abatimento. O alfaiate concedeu-lhe a redução, mas retirou-se muito descontente, chamando o arcebispo de avarento. Acontecia que o mesmo alfaiate tinha três filhas em idade de casar, e não dispunha de recursos para dotá-las. Um sacerdote, que estava a par dessa situação, aconselhou-o a que fôsse procurar o Arcebispo. Recusou-se a fazê-lo, e contou-lhe a história do gibão. Porém, como o sacerdote insistisse, obedeceu à sua sugestão. O santo, que reconheceu o alfaiate, ouviu-o

com muita benevolência, tomou nota do nome das três moças, e depois mandou chamar o sacerdote; êste lhe assegurou que eram pobres e virtuosas. No dia seguinte fêz o pai das moças vir à sua presença e assim lhe falou: "Ontem prometi ao vosso confessor trinta moedas de prata para cada uma de vossas filhas; refleti bem durante a noite e vi que não seriam suficientes para alguém montar uma casa, e, por conseguinte, dou cinqüenta moedas a cada uma delas." O alfaiate atirou-se a seus pés, agradecendo-lhe. O servidor de Deus lhe perguntou: "Meu irmão, não fostes vós que consertastes meu gibão?" Tendo o outro respondido afirmativamente, acrescentou: "Sei que ficastes descontente quando me vistes regatear o vosso salário; mas não me julgastes com acêrto; pois, sem recuar a ninguém o que me parece justo, sempre procuro economizar a fim de poder dar esmolas."

As caridades do santo bispo muitas vêzes eram acompanhadas por milagres. Um dia, ao observar da sua janela os pobres a quem distribuíam esmolas, no pátio, viu que um dêles não desviava o olhar da sua pessoa. Era um homem com pés e mãos entevados, e que se equilibrava penosamente em muletas. O santo mandou os criados buscá-lo e êle veio, carregado. Perguntou-lhe o Arcebispo: "Meu irmão, vi da janela que me olháveis fixamente; por que o fazíeis? Não será suficiente a esmola que vos deram?" Senhor, respondeu o mendigo, ela bastaria para mim, mas tenho mulher e dois filhos, com os quais a reparto: e todos sofremos fome." "Não sabeis nenhum ofício para assim manterdes vossa família com o que vos dou?" "Senhor, tenho um ofício, pois sou alfaiate; ganharia o meu pão, como antigamente, se uma inflamação maligna não me tivesse tornado inválido dos

pés e das mãos." O santo Arcebispo tornou a indagar: "Que preferis, a saúde ou uma esmola mais generosa?" "Ah! senhor, exclamou o pobre, se eu tivesse saúde!" Imediatamente, sem lhe dar ensejo para acrescentar mais nada, Tomás traça sobre êle o sinal da cruz e diz: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que foi crucificado, larga as tuas muletas e retorna, curado ao trabalho". E o mendigo levantou-se curado. (3)

Quanto aos seus parentes, que se encontravam em más condições, São Tomás socorria-os como aos outros pobres, sem fazer a menor diferença.

Animava-lhe suas obras com a mais viva fé, a mais terna piedade, a mais ardente caridade. Mais freqüentemente do que até agora relatamos, caía em êxtase durante as orações, na recitação do ofício e até no meio de suas prédicas. Muitas vêzes êsses êxtases lhe sobrevinham quando se preparava para dizer a missa, e deixava de dizê-la porque perdia a hora. Num dia da Ascensão, às seis horas da manhã, recitava as horas canônicas com seu capelão. Tendo chegado à nona, disse a antífona: "*Videntibus illis, elevatus est*". "À vista dêles foi erguido", mas não iniciou o salmo, pois, arrebatado em êxtase, permaneceu rígido e imóvel até às cinco horas da tarde. Voltando a si, perguntou ao capelão em que ponto se encontravam. "Começamos a nona, e Vossa Graça citou a antífona." "Digamos a nona, então; depois, celebrarei a santa missa e em seguida irei ao côro." "Monsenhôr, é impossível." "Por que?" "Porque acabam de bater cinco horas da tarde e neste momento

---

(3) Cap. XXII.

Vossa Graça cuve os sinos dos mosteiros para as completas." Muito admirado, disse o santo Arcebispo: "Recitemos a nona e também as outras horas; lamento, não por minha, mas por vossa causa, porque não oferecetes o divino sacrifício. Mas assim aprouve ao Senhor, e não nos cabe, nem a mim, nem a vós, a menor culpa. Ficai bem certo que absolutamente não o ofendemos; pois não podíeis abandonar-me, nem eu à graça que o Senhor me proporcionava." O capelão suplicou-lhe, pelo amor de Deus, e pelo bem da sua alma, que lhe desvendasse o mistério daquele êxtase de onze horas. Depois de tê-lo feito prometer que guardaria o segredo enquanto visse, o santo falou: "Meu irmão, no momento em que comecei a antífona *Videntibus illis*, um bando de anjos como que a recebiam de minha bôca e a cantavam nos ares com tão suave harmonia, que ela me arrebatou e me subjugou os sentidos. Surpreende-me, porém, que tenham passado tantas horas como dizeis; julgava que nem mesmo meia hora havia transcorrido, pois é próprio das consolações celestes que um dia inteiro pareça meia hora". (4)

Êsses êxtases eram tão freqüentes e tão conhecidos que o próprio santo a eles faz alusão num sermão sôbre a transfiguração de Nosso Senhor. Depois de ter comentado as palavras de São Pedro: "*Senhor, é bom que aqui estejamos*", acrescenta: "Que o mundo tenha seus consolos, que os homens desfrutem as voluptuosidades que cobiçam; quanto a nós, *apraz-nos unir-nos a Deus e colocar no Senhor a nossa esperança*. Que há entre nós e a alegria, nós que buscamos

---

(4) L. I, cap. IX.

as alegrias futuras? Permaneçamos sempre nesta montanha com o Cristo; permaneçamos fielmente no cume, pois tudo que está embaixo é triste, é amargo, pestilencial, está contaminado por um veneno mortífero; e aqui encontramos a paz, a segurança, a salvação, o repouso, e se existe na vida alegria verdadeira, apenas nesta montanha a desfrutamos plenamente. Mas que faremos na montanha? Permaneceremos ociosos com o Cristo? Não; ergamos no interior de nossas almas três tabernáculos para o Senhor, um para o Pai, um para o Filho, um para o Espírito Santo; tabernáculo do corpo, tabernáculo da alma, tabernáculo do espírito: tabernáculo eterno, morada perpétua que Deus virá ocupar; pois está escrito: "*Iremos a êle e habitaremos a sua casa*". Bem-aventurado aquêle que consagra tôda a sua vida na construção dêsse tabernáculo, que para êle reserva todos os seus cuidados. Quanto a mim, meus irmãos, para falar de passagem algo sôbre a minha pessoa, direi: Se algumas vêzes, e só muito raramente isso aconteceu, não em virtude de algum mérito de minha parte, mas por obra gratuita do infinitamente bondoso Jesus, me foi concedido subir com êle a essa alta montanha e contemplar a glória da sua face, embora por pouco tempo e de longe, oh! com que fervor, com que lágrimas, exclamo: Senhor, é bom que estejamos aqui! Não permitais que eu torne a descer desta montanha; basta-me a vossa presença; suplico-vos, não vos afasteis de mim; que assim transcorram todos os meus dias, tôda a minha vida! que mais procurar? É tudo que desejo, tudo que reclamo. Mas, ai de mim, ai de mim! Súbitamente se desvaneceu aquela glória, aquela paz, aquela doçura, e, cheio de tristeza, fiquei entregue a mim mesmo. Aquêle esplendor passa como

um relâmpago e abandona a alma aflita. Oh! se tivesse perdurado!" (5)

Esse desejo do céu é que lhe fazia desejar intensamente uma oportunidade para abdicar o episcopado, e de novo recolher-se à sua querida cela, entretendo-se apenas com Deus. Depois de ter sido eleito arcebispo, nunca mais tivera uma verdadeira alegria; temia constantemente pela salvação da sua alma. Dirigiu-se ao Papa, e várias vezes ao Imperador, desejoso de obter permissão para demitir-se. Nada tendo conseguido dos homens, voltou-se para Deus. Corria o ano de 1555. Passou várias noites prosternado diante da imagem do Salvador crucificado, chorando e orando para que Deus lhe permitisse aposentar-se. Terminava de recitar o *Miserere*, derramando uma torrente de lágrimas, quando o Salvador crucificado lhe dirigiu distintamente estas palavras: "Tem coragem, no dia da Natividade de minha mãe virás a mim e te repousarás". (6) No dia 29 de agosto, São Tomás foi prêsa de uma febre que foi subindo dia a dia. O Bispo de Segóvia disse-lhe que os médicos poucas esperanças tinham de salvá-lo. Imediatamente, cheio de alegria, agradeceu ao Bispo, pôs-se de joelhos, e disse, erguendo os olhos para o céu: "*Alegra-me o que acabo de ouvir: Iremos à casa do Senhor*". Depois, moderando a alegria, acrescenta: "Senhor, se ainda sou necessário ao vosso povo, não me recuso a trabalhar; de outra forma, desejo minha dissolução para permanecer convosco!"

---

(5) Primeiro Sermão sobre a Transfiguração de Nosso Senhor, no 8. t. I. p. 320, edit. in fol. Milão, 7160.

(6) *Vita prolix.*, I, II, c. XXIV.

Recebeu o Santo Viático na presença do clero, ao qual recomendou calorosamente que obedecessem aos mandamentos de Deus, levassem uma vida conforme à santidade do ministério, professassem uma inviolável obediência à Sé apostólica e pedissem a Deus um pastor exemplar para a Igreja de Valência; acrescentou que, se Deus o achasse digno do seu reino, como esperava firmemente da sua infinita bondade, rogaria constantemente pela sua querida igreja, a fim de fortificá-la na fé. Em seguida mandou distribuir aos pobres todo o dinheiro que lhe restava, e até mesmo seu mobiliário. Tendo-lhe dito seus criados, ao regressarem, que ainda restavam quinze escudos, embora todos os necessitados tivessem recebido generosamente a sua porção, perturbou-se, e disse: "Por que me retendes aqui, não me permitindo gozar a felicidade que o Senhor preparou para mim? Estou convencido de que a minha vida será prolongada até que nada mais reste em casa. Ide, pois, terminar vossa tarefa, a fim de que eu não permaneça aqui ainda por muito tempo, mas repouse na paz de Jesus Cristo".

Entrementes, ordenou que celebrassem a missa no seu quarto, dizendo que desejava, antes da partida, mais uma vez entrever, sob as espécies do sacramento, seu Criador e Redentor, a quem esperava dentro em breve contemplar face a face. Enquanto faziam os preparativos, lembrou-se de que um pobre pai de família, porteiro de uma prisão nada recebera na partilha de seus móveis. Mandou-o chamar, pediu-lhe perdão pelo esquecimento e deu-lhe a cama onde estava deitado, pois nada mais possuía. Ao mesmo tempo, fez sinal para que o pusessem no chão, sobre um tapete, a fim de que o carcereiro pudesse levar o

que lhe fôra dado. Como nenhum dos assistentes consentisse em fazê-lo, o santo voltou-se para o carcereiro e pediu-lhe, pelas entranhas de Jesus Cristo, lhe permitisse usar a cama até que morresse.

Finalmente regressaram os que haviam distribuído o resto do dinheiro aos pobres e anunciaram que nada mais restava. Tomás agradeceu-lhes, dizendo: "Agora, caminharei satisfeito para a luta, pois nada possuo com o que o inimigo possa reter-me". Imediatamente pediu a extrema-unção e recebeu-a possuído da mais terna piedade, enquanto recitava os salmos com o sacerdote. Durante a missa, logo iniciada, mandou lhe lessem a Paixão de Nosso Senhor, segundo São João, e pediu que fizessem uma pequena pausa depois de cada período, a fim de meditá-la um pouco. Durante a Elevação, adorou o Santo Sacramento com profunda humildade e, chorando de alegria, iniciou o cântico *Nunc dimittis*, ao fim do qual acrescentou: "*Senhor, em vossas mãos entrego a minha alma*; e, dizendo-o, entregou a alma ao Criador, no dia 8 de setembro de 1555, dia da Natividade da Santa Virgem, pela qual demonstrara a mais afetuosa devoção em todos os dias da sua vida. Era o seu sexagésimo-sétimo ano de vida e o décimo-primeiro do seu episcopado. Sepultaram-no, como desejava, no mesmo convento dos agostinhos, onde pedira hospitalidade antes de entrar em Valência. Foi beatificado em 1618 por Paulo V, e canonizado em 1658 por Alexandre VII. Sua festa foi fixada no dia dezoito de setembro. (7)

São Tomás de Vilanova deixou grande número de sermões, sendo que a melhor edição dêles é a

---

(7) Acta SS., 18 sept.

publicada em Milão, no ano de 1760. São todos escritos em latim. Dimanam a mesma piedade, a mesma cultura, a mesma caridade presentes nas cartas do mártir, Santo Inácio de Antioquia, discípulo dos apóstolos. O Espírito de Deus, que permanece eternamente na Igreja, e que fala pela bôca dos santos, é sempre o mesmo.

\* \* \*

## SÃO LAUDO (\*)

### *Bispo*

São Laudo foi bispo de Coutances, pequena cidade do departamento da Mancha. Uma *Vida* diz que foi elevado àquela dignidade quando nos doze anos, o que, como diz Pigeon nas *Vidas dos Santos das dioceses de Coutances e Avranches*, "não repousa em nenhum dado positivo".

São Laudo assistiu aos concílios de Orléans de 533, 538, 541, êste por procuração, e de 549.

Falecido em 568, segundo se crê, o corpo de São Laudo, bem como o de São Romacário, foi levado para Bayeux, em 875. Há relíquias suas em Ruão, Angers e Tulle. É o principal padroeiro de Coutances. A festa é dupla de primeira, com oitava comum. Há um ofício próprio, uma seqüência e prefácios próprios.

---

No mesmo dia, em Antioquia da Síria, Santa Drusina, virgem e mártir (século II?), sôbre a qual São João Crisóstomo pronunciou um panegírico.

Em Iesi, na Marca de Ancona, São Septímio, bispo e mártir (século IV?). Diz um breviário de

1642 que o Santo nasceu na Germânia, de pais romanos. Padroeiro de Iesi, a catedral foi-lhe dedicada em 1469, ano êste em que lhe descobriram o corpo.

Na diocese de Chalons-sur-Marne, Santa Lintrudes, reclusa (século V?). Segundo uma lenda, teria sido uma das irmãs de Santa Manechilda, que teria recebido o véu de Santo Alpino, bispo de Chalons. Santa Lintrudes viveu reclusa, ao que consta, perto da igreja de São Maurício.

Na província de Lindsey (Lincolnshire) Santo Higbaldo, abade, no século VII, o qual tem quatro igrejas dedicadas ao seu nome em Hibalstow. Um livro de orações monásticas do século VIII encerra uma *Oração a Santo Higbaldo abade*.

Em Biberbach, Santa Guntilda, criada, que era venerada na abadia de Plankstetten. O corpo teria sido deposto em Suffersheim (época desconhecida).

Em Sion-en-Valais, num lugar chamado Agauno, festa dos santos mártires, Maurício, Eupério, Cândido, Vítor, Inocêncio, Vidal e seus companheiros, soldados da legião tebana que, tendo sido trucidados por amor a Jesus Cristo, sob Maximiano, encheram o mundo com a glória do seu martírio. Em Roma, as santas virgens, Digna e Amérita, martirizadas sob Valeriano e Galiano; suas relíquias repousam na Igreja de São Marcelo. — Em Chartres, Santo Ion, sacerdote e mártir que, tendo ido às Gálias com São Dionísio, foi espancado por ordem do prefeito Juliano e teve o martírio consumado pela espada. — Em Ratisbona, Santo Emerano, bispo e mártir que, no desejo de salvar os outros, sofreu pacientemente morte atroz por Jesus Cristo. — Em Antinópolis, no Egito,

Santa Iraide, virgem de Alexandria, e seus companheiros, mártires. Essa santa, que saíra para buscar água numa fonte um tanto quanto afastada, avistou um navio carregado de confessores de Jesus Cristo; imediatamente abandonou a bilha para juntar-se a eles e quando entraram na cidade foi a primeira a ser decapitada, depois de ter sofrido diversas torturas. Os sacerdotes, os diáconos, as virgens e os outros, todos sofreram o mesmo gênero de morte. — Em Meaux, São Santino, discípulo de São Dinis, o Areopagita; tendo sido sagrado bispo da cidade por aquêle santo, foi o primeiro que lá pregou o Evangelho. Na Gália, São Florêncio, sacerdote. — Em Berry, São Silvano, confessor. — Em Leon, Santa Salaberga, abadessa.

\* \* \*

## 23.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO MAURÍCIO E A LEGIÃO TEBANA

*Assim como vários outros mártires do mesmo tempo  
em especial Vitor de Marselha*

Não foi São Sebastião o único guerreiro que derramou o sangue pela fé. Na mesma época, sob Diocleciano e Maximiano, houve uma legião inteira de mártires. Foi a legião tebana. Tendo-a mandado vir do Oriente, Diocleciano recebeu-a em Roma e deu-lhe ordens para reunir-se a Maximiano, que marchava contra os bagodos, povos insurretos da Gália belga. Mas o Papa São Casus fez a essa legião outras recomendações mais importantes; pois era inteiramente composta de cristãos. Bem depressa tiveram oportunidade de pôr em prática as recomendações do Pontífice. Como Maximiano quisesse utilizá-los na perseguição de cristãos, como costumava fazer com outros soldados, êles se recusaram a obedecer-lhe. O Imperador detivera-se nos Alpes, num lugar chamado Octodura, hoje Martinac de Valais, a fim de refazer-se das fadigas da viagem; a legião tebana encontrava-se a pequena distância, em Agaune, ao sopé da montanha hoje chamada São Bernardo. Irritado com êsse ato de desobediência, Maximiano ordenou que a

legião fôsse dizimada, e reiterou suas ordens no sentido de obrigar os sobreviventes a perseguirem os cristãos. Ao receberem essa ordem pela segunda vez, os soldados tebanos puseram-se a clamar que prefeririam sofrer qualquer espécie de castigo a fazer a mínima coisa contrária à religião cristã. Maximiano mandou fôsem novamente dizimados e os sobreviventes obrigados a obedecer. Mais uma décima parte da legião foi sacrificada, de acôrdo com a sorte; porém, os restantes se exortavam reciprocamente a perseverarem na confissão.

Encorajavam-nos, sobretudo, três oficiais-generais, Maurício, Exupério e Cândido, que lhes propunham o exemplo dos companheiros, aos quais o martírio já conduzira ao céu. Aconselhados por êles, os tebanos enviaram uma representação ao Imperador, cuja substância era a seguinte: "Somos vossos soldados, é verdade; mas também, espontâneamente o confessamos, somos servidores de Deus. Devemos a vós o serviço da guerra, e a êle a inocência; recebemos de vós o salário, e êle nos deu a vida. Não podemos seguir vossas ordens, se nos levarem a renegar Deus, nosso Criador e nosso Senhor, e também o vosso, queirais ou não. Se não ordenardes coisa alguma que possa ofendê-lo, nós vos obedeceremos, como fizemos até agora; em caso contrário, a êle obedeceremos de preferência. Nós vos oferecemos nossos braços contra qualquer inimigo; mas consideramos crime mergulhá-los no sangue inocente. Empunhamos armas a favor de nossos concidadãos e não contra êles. Juramos-vos fidelidade; antes disso, porém, juramos fidelidade a Deus: como podeis confiar no segundo juramento, caso violarmos o primeiro? Exigis que procuremos cristãos para suplicia-los. Não tendes neces-

sidade de procurá-los: aqui estamos, confessando Deus, o Pai, criador de tôdas as coisas, e seu filho, Jesus Cristo, que é com êle um mesmo Deus. Vimos nossos companheiros serem degolados e não os lamentamos; regozijamo-nos pela glória que lhes coube de sofrer por seu Deus e Senhor. Nem essa violência, nem o desespero hão de levar-nos à revolta: temos armas nas mãos e não resistimos, pois preferimos morrer inocentes a viver culpados. O fogo, os tormentos, a espada, tudo estamos dispostos a enfrentar; mas, cristãos, não podemos perseguir cristãos”.

Exasperado pela impotência diante de tanta firmeza, Maximiano ordenou que todos os tebanos fôsem mortos, e deu ordens para que as tropas avançassem e os envolvessem, chacinando-os depois. Não ofereceram a menor resistência: baixavam as armas e apresentavam o pescoço aos perseguidores. O solo ficou juncado de cadáveres; correram rios de sangue. Acredita-se que o número dos soldados tebanos se elevava a seis mil e seiscentos, pois de tanto se compunham geralmente as legiões.

Um veterano, chamado Vítor, que não pertencia àquela legião, e não mais servia, ao seguir seu caminho, viu-se diante dos que haviam trucidado os mártires, e que se regozijavam, enquanto lhes compartilhavam os despojos. Convidaram o recém-chegado a comer em companhia dêles e depois lhe indagaram se também era cristão. Vítor respondeu que era, e que sempre o seria: imediatamente investiram contra êle e o mataram. Outros soldados da mesma legião, foram mortos alhures. (1)

---

(1) Ruinart, e Acta SS., 22 sept.

Podem citar-se vários outros mártires célebres vitimados durante as excursões que Maximiano fêz às Gálias, não apenas contra os bagodos, mas também contra o partido de Carause. Era êste um grande capitão, que recebera a incumbência de conservar o mar, nas costas da Bélgica e da Armórica, livre das incursões dos francos e dos saxões e que depois se tornara suspeito, revoltara-se e apoderara-se da Grã-Bretanha, onde permaneceu durante sete anos. Em Nantes, na Armórica, podemos citar São Donaciano e São Rogaciano, dois irmãos de ilustre nascimento. Donaciano era o mais moço; mas foi o primeiro a converter-se e, depois de receber o batismo, começou a trabalhar pela conversão dos companheiros, o que sensibilizou o irmão mais velho, que também fêz questão de tornar-se cristão. Pediu a Donaciano para ser batizado antes do início da perseguição para que esta não o surpreendesse pagão ou catecúmeno. Mas a ausência do bispo, que fugira, impossibilitou que êle recebesse o batismo. Contudo, tendo chegado à cidade o governador que perseguia os cristãos, Donaciano foi denunciado sob a acusação de ter desviado seus companheiros, e particularmente seu irmão, do culto dos deuses. O governador mandou-o vir à sua presença: Donaciano confessou com santa altivez e foi lançado ao cárcere com ferros nos pés. Tendo Rogaciano também comparecido perante o Imperador, a princípio êste lhe falou com brandura, tentando conquistá-lo com promessas; vendo-o, porém, tão firme quanto o irmão, também deu ordens para que o atirassem ao cárcere. Afligia os dois irmãos acima de tudo o fato de Rogaciano ainda não ter sido batizado, pois no dia seguinte ambos enfrentariam a morte. Donaciano fêz esta prece na intenção do outro:

“Senhor Jesus Cristo, vós, para quem os desejos sinceros igualam os efeitos, vós que, deixando-nos a vontade, reservastes para vós o poder, permiti que a fé pura de Rogaciano lhe sirva de batismo; e, se acontecer que o prefeito nos mande matar amanhã, como decidiu, permiti que o sangue de vosso servidor seja para êle uma ablução e uma unção sacramental!” Tendo velado e orado durante a noite inteira, no dia seguinte foram conduzidos perante o tribunal do prefeito, e após prolongadas torturas, ambos tiveram a cabeça cortada.

Como Maximiano permaneceu mais tempo na Bélgica, é também lá que deparamos com a maior ceifa de mártires do seu tempo. Em Amiens, o Bispo São Firmino; na mesma cidade, Vitória e Fuciano, assim como Genciano, seu hóspede; em Augusta, capital de Vermacois, cidade mais tarde destruída, São Quentin; em Soissons, São Crispino e São Crispiniano; em Tournay, São Pit, sacerdote; em Fismes, perto de Reims, a virgem Santa Macra; no Louvre, em Paris, São Justo ou Justino, que tendo ido a Amiens com o pai e o irmão e, recusando-se a denunciar aos perseguidores os que o acompanhavam, teve a cabeça cortada. Ainda são assinalados vários mártires em Trêves, sob Riciovaro, governador da Gália Belga e a quem também atribuem a responsabilidade da maioria das vítimas precedentes. Na Grã-Bretanha, ressalta entre outros Santo Albano que, tendo acolhido em sua casa um eclesiástico que fugia da perseguição, entregou-se para salvá-lo.

São Caprais, Bispo de Agen, ocultou-se na Aqüitânia, fugindo à perseguição; em seguida, estimulado pelo exemplo de Santa Fê, virgem, junto a Agde, apresentou-se e sofreu o martírio. Tibério, Modesto e

Florêncio, em Viena. Ferréolo, tribuno militar, e um de seus soldados, chamado Julião, foram decapitados em Brioude, no Auvergne. Em Embrun, Vicente, Orôncio e Vítor. Em Arles, Geneu, escrivão, ainda jovem catecúmeno, que ao ouvir ler no tribunal a ordem para perseguir os cristãos, e não podendo decidir-se a escrevê-la, atirou aos pés do juiz as tabuinhas enceradas sôbre as quais escrevia, fugiu e ocultou-se. O juiz deu ordens para que o prendessem; e como não conseguissem encontrá-lo, condenaram-no a perder a cabeça, assim que fôsse descoberto. Enquanto isso o mártir pediu ao bispo, por intermédio de pessoas de confiança, que o batizasse. Seja que não dispusesse de tempo, seja que não confiasse nos seus verdes anos, o Bispo não o atendeu; mandou dizer-lhe que seria suficientemente batizado com o seu sangue. Enfim, permitiu Deus que fôsse descoberto. Ainda tentou fugir atravessando o Ródano a nado; mas foi prêso na outra margem e teve a cabeça cortada. Não se sabe bem qual foi a época em que ocorreu seu martírio; contudo, é muito importante para que seja omitido por carência de maiores dados. (2)

Algun tempo depois do morticínio da Legião Tebana, Maximiano Hércules foi a Marselha. A chacina por êle praticada, tornara-o terrível aos olhos dos cristãos, e os de Marselha muito se alarmaram. Um soldado foi à noite, de casa em casa, concitando os fiéis ao desprezo de uma morte transitória e ao desejo de uma vida eterna. Seu nome era Vítor. Foi prêso e conduzido diante dos prefeitos que o exortaram a não desdenhar o culto dos deuses e a não

---

(2) Ruinart, e Acta SS.

trocar as honras da milícia e a amizade de César pelo culto de certo morto. Vítor provou que aquêles deuses eram demônios impuros: declarou que, Soldado de Cristo, não desejava, de modo algum, afrontando seu rei, desfrutar recompensas militares, nem a amizade do Imperador. Confessou com voz firme que o Senhor Jesus Cristo, altíssimo Filho de Deus, por amor à restauração do gênero humano, fôra, de fato, um homem mortal, e voluntariamente deixara-se matar pelos ímpios; mas que pelo poder da sua divina vontade, ressuscitara ao terceiro dia e subira aos céus, e que recebera de Deus, Pai, uma eterna realeza sôbre tôdas as coisas. Ao ouvir as palavras de Vítor, os assistentes soltaram gritos e cobriram-no de injúrias. Mas como era pessoa de muito prestígio, os prefeitos mandaram-no ao próprio Imperador. Diante do novo tribunal, Vítor não deu menos provas de sabedoria e de firmeza, e demonstrou de maneira irretorquível que os ídolos nada valiam, mas que Jesus Cristo era o verdadeiro Deus. Irritado, o Imperador ordenou que o arrastassem pela cidade inteira. Amarraram-lhe os braços e os pés e arrastaram-no, exposto aos golpes e às injúrias da população, pois todos temiam incorrer em crime poupando-lhe insultos. Todo lacerado e coberto de sangue, foi conduzido ao tribunal dos prefeitos e êstes, acreditando-o vencido pela afronta, mais do que nunca lamentaram o insulto feito a César e à República, e instaram para que finalmente reconhecesse o poder dos deuses; e para que preferisse a amizade de César a uma morte atroz, merecida por causa de um homem que vivera na indigência e morrera supliciado. Animado por êsse comêço de vitória, o mártir respondeu com sabedoria verdadeiramente inspirada: "Se se trata de um insulto

to feito a César e à República, declaro que nunca ofendi a César, nem à República; em nada lesei a honra do Império, nem me recusei a defendê-lo. Todos os dias religiosamente sacrifico pela salvação de César e de todo o Império, todos os dias imolo a Deus hóstias espirituais pela prosperidade da república. Mas creio que todos hão de considerar cúmulo da demência amar um bem de tal forma, a ponto de preferi-lo a outro cem vêzes superior. Tanto mais se pudermos possuir o primeiro da maneira por que gostaríamos de fazê-lo; se não pudermos gozá-lo sem temor de perdê-lo, quando dêle estamos de posse, malgrada as precauções que tomamos? No segundo caso, ao contrário, obtemos sempre o cêntuplo do que desejamos; e, quando o possuímos, desfrutamo-lo com segurança e, nem o tempo, nem a violência nô-lo arrancarão. Ora, no critério da sã razão e de todos os sábios, a simpatia dos príncipes, os prazeres e as honras dêste mundo, a saúde, a própria vida, são bens que não podemos obter à vontade, nem possuir com segurança, nem, sobretudo, cuja posse possamos prolongar por algum tempo. Devemos, pois, colocá-los bem abaixo das alegrias infáveis da vida eterna, e dos amplexos do soberano autor de tôdas as coisas. Pois quando o amamos, o possuímos; e, quando o possuímos, com êle possuímos todos os bens”.

Vítor continua a discorrer com a mesma maturidade da razão cristã; refuta admiravelmente o paganismo e não menos admiravelmente se estende sôbre Jesus Cristo: “Com que amor e que veneração devemos adorar aquêle que, sendo nós seus inimigos, foi o primeiro a amar-nos; que desmascarou as fraudes dos infames e que, para arrancar-nos aos falsos deuses, fêz-se homem, sem com isso diminuir a sua

divindade, mas revestindo a nossa humanidade, e permanecendo Deus entre nós! Oh! como é rica essa pobreza que reprovais; pois, quando lhe apraz, enche barcos de peixe e alimenta cinco mil homens com cinco pães! como é forte essa fraqueza que cura tôdas as nossas enfermidades! como é vivificante a morte que vivificou tantos mortos! Duvidais? Vêde tôdas as coisas preditas desde o comêço e confirmadas por incontáveis milagres. Oh! se considerardes como é grande aquêlê a quem o mundo inteiro obedece! Haverá algo mais santo do que a sua vida? mais reto do que a sua doutrina? mais proveitoso do que as suas promessas? mais terrível do que as suas ameaças? mais seguro do que a sua proteção? mais louvável do que a sua amizade? mais arrebatadora do que a sua glória? Qual dos deuses com êle se assemelha? Todos os deuses das nações são demônios; mas o nosso Deus fêz os céus. É por isso que aquêles são e serão condenados ao fogo eterno juntamente com seus adoradores. Do nosso Deus, ao contrário, disse um santo profeta: "Êle está acima de todos os deuses; tudo quanto desejou pôde fazê-lo no céu, na terra, no mar, e em todos os abismos". Assim sendo, mui ilustres e mui doutos senhores, usai a agudeza do vosso espírito, afastai por um momento a raiva e a contenção, examinai a sangue frio o assunto de ambos os lados, e não vos entregueis mais a impuros demônios que vos odeiam e que vos arrastam à perdição; não degradeis mais a honra da semelhança divina, que está em vós, cedendo à infame torpeza dêsses demônios; mas obedecer ao mui santo, mui belo, mui justo, mui clemente e todo poderoso Criador, vosso amigo, cuja humildade vos elevará, cuja pobreza vos enriquecerá, cuja morte vos vivificará, cujas

salutares advertências vos conclamam, cujas recompensas vos convidam, a fim de que possais em breve ser recebidos na sua eterna glória e vos regozijardes para sempre da sua amizade”.

Tendo o mártir assim se expressado, disseram-lhe os prefeitos: “Vítor, quando cessarás de filosofar? Escolhe de duas coisas uma, ou apaziguar os deuses, ou perecer miseravelmente”. “Já que me propondes, respondeu Vítor, preciso confirmar com o exemplo aquilo que ensinei com a palavra. Estou pronto a sofrer tôdas as torturas que quizerdes infligir-me”. Irritados, e cada qual mais decidido do que o outro a fazê-lo padecer, os prefeitos se desaviam. Um dêles, chamado Eutício, retirou-se: o encargo de mandar torturar o mártir coube a Astério, que finalmente deu ordens para amarrá-lo e supliciá-lo longa e cruelmente. O mártir erguia os olhos para o céu e implorava paciência Àquele que pode concedê-la. Jesus Cristo apareceu-lhe, tendo a cruz nas mãos, e disse-lhe: “A paz seja contigo, Vítor! Sou Jesus que sofre nos meus santos; tem coragem, eu te assisto na luta para depois coroar-te na vitória”. Essas palavras tiveram o dom de fazer desaparecer a dor e as torturas. Os carrascos, já fatigados, convenceram-se de que nada obteriam, e o prefeito ordenou que retirassem Vítor do cavalete e o levassem para um calabouço muito escuro.

Durante a noite Jesus Cristo mandou anjos visitar o mártir; a prisão foi aberta e inundada por uma luz mais clara que o dia; Vítor cantava com os anjos os louvores de Deus. Ao ver aquela luz, três soldados que estavam de guarda jogaram-se aos pés do santo, suplicaram-lhe que lhes perdoasse, e pediram

para ser batizados. O mártir doutrinou-os cuidadosamente, de acôrdo com o tempo de que dispunha; na mesma noite, mandou chamar alguns padres, e levou os soldados até o mar, onde, depois de batizados, tirou-os da água com suas próprias mãos, isto é, foi seu padrinho. Os soldados chamavam-se Alexandre, Longino e Feliciano. Na manhã seguinte, tendo sido divulgada a conversão dos guardas, o Imperador enviou meirinhos, que os levaram, juntamente com Vítor, à praça pública, para a qual acorreu a população da cidade em pêso. Os três soldados, animados por Vítor com palavras muito belas, perseveraram fielmente na confissão; e imediatamente, por ordem do Imperador, tiveram a cabeça cortada. Vítor pedia a Deus com lágrimas que lhe permitisse acompanhar os companheiros no martírio. Tornaram a espancá-lo, foi suspenso e cruelmente açoitado com varas e tendões de boi. Novamente o encarceraram, tendo êle permanecido três dias em prece, pedindo a Deus o martírio com grande contrição e abundantes lágrimas. Em seguida, o Imperador fê-lo comparecer outra vez à sua presença, e depois de interrogar e ameaçar, ordenou que trouxessem um altar de Júpiter, junto do qual o sacrificador se postara. O Imperador disse a Vítor: "Põe incenso, apazigua Júpiter, e sê nosso amigo". O mártir aproximou-se, tal como se fôsse sacrificar, e, tirando o altar da mão do sacrificador, derrubou-o no chão com um ponta-pé. No mesmo momento o Imperador mandou cortar-lhe o pé. Em seguida, mandou colocá-lo sob a mó de um moinho movido a braços, e que os carrascos puseram em movimento, começando assim a esmagá-lo e a partir-lhe os ossos. Mas o instrumento quebrou-se; como a vítima ainda parecesse respirar, cortaram-lhe a ca-

beça. Então ouviram uma voz celestial, que vinha do alto, dizer: "Venceste, bem-aventurado Vítor, venceste!" O Imperador mandou atirar ao mar os corpos dos mártires; mas êles voltaram à praia e foram enterrados pelos cristãos numa gruta talhada no rochedo, lugar onde depois foram operados um grande número de milagres. (3)

\* \* \*

---

(3) Ruinart, e Acta SS., 21 Julii, Hist. de l'Egl, gall.

## SÃO CONSTÂNCIO (\*)

### *Sacristão*

### *Século V*

A única fonte que existe sobre São Constâncio, o Sacristão, é uma passagem do primeiro livro dos célebres *Diálogos* de São Gregório.

Constâncio era sacristão da igreja de Santo Estêvão de Ancona. De vida exemplar, consideravam-no, em toda a região, como a um santo. Aquilo amedrontava-o, porque, desejando unicamente o céu e não a glória, pedia a Deus que o mantivesse longe de se aquecer com a vaidade. E assim foi.

Conta São Gregório que, um dia, faltando óleo para as lâmpadas da igreja, São Constâncio encheu-as todas de água e nelas colocou as mechas. Acesas, ficaram alumando como se sobrenadassem no azeite.

Conta ainda São Gregório que um camponês quis conhecer Constâncio, de tanto que ouvia falar dêle. Quando chegou à sacristia, viu-o a polir as lâmpadas, vestido simplesmente, de roupa remendada, mas limpa.

Disse o camponês, surpreso:

— Pensei que fôsse ver um grande homem e no entanto êste de quem tanto falam não passa dum homem comum!

Ouvindo aquilo, o Santo levantou-se do afazer, felicíssimo, e, com um sorriso, tomou nos braços o camponês, abraçando-o ternamente. E, com a alma alevantada, exclamou:

— Tu és o único que me julgou acertadamente!

São Constâncio, homem humilimo, cumpriu milagres. Ignora-se o dia em que faleceu. O corpo foi transportado para a igreja de São Basílio de Veneza.

---

No mesmo dia, em Iona, Santo Adãozinho (segundo Colgan), abade. Provavelmente nascido na Irlanda, a sudoeste do Ulster, em Donegal, no Drumhome, era filho de Ronan e aparentado com São Columba. Abade de Iona ou I, faleceu em 704.

Em Paris, São Paxêncio e Santa Albina, mártires (época desconhecida).

Em Hazza, na Pérsia, as Santas Tecla, Maria, Marta, outra Maria e Amai, virgens e mártires, em 374.

Em Bolonha, a bem-aventurada Helena Duglioli, viúva. Era filha de Silvério Duglioli, notário de Bolonha, e de Pentesiléia Boccaferri. Casada aos dezessete anos, por obediência aos pais, com Benedito Dall'Oglio, viveu o casal em grande harmonia. Viúva, faleceu em 1250, e, imediatamente, foi tida como santa pelo povo.

Em Kingston, na Inglaterra, Guilherme Flower, mártir. Originário de Cornualha, êste padre secular morreu pela fé em 1588.

Em Roma, São Lino, Papa e mártir, o primeiro que depois do apóstolo São Pedro governou a Igreja Romana: tendo recebido a coroa do martírio, foi enterrado no Vaticano, junto a seu antecessor. — No Icônio, na Licaônia, Santa Tecla, virgem e mártir, que tendo sido convertida à fé pelo apóstolo São Paulo, confessou Jesus Cristo sob império de Nero, com uma liberdade cuja glória, o fogo e as feras apenas lograram aumentar; enfim, depois de ter saído vitoriosa em várias lutas, para a edificação dos fiéis, foi para a Selêucia, onde morreu em paz. Os santos Padres dirigiram-lhes grande elogios. — Na Campânia, a memória de São Sósio, diácono da Igreja de Misena, de quem o bispo São Janeiro predissera o martírio, pois, enquanto lia o Evangelho, vira uma chama elevar-se acima de sua cabeça. Com efeito, alguns dias depois, contando perto de trinta anos de idade, teve a cabeça cortada juntamente com o santo Bispo, e com êle alcançou a glória do martírio. — Na África, os santos mártires André, João, Pedro e Antônio. — Na diocese de Coutances, São Paterno, bispo e mártir. — Na Espanha, as santas mulheres Xantipa e Epolixena, que tinham sido instruídas pelos apóstolos.

## 24.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO GERALDO

#### *Bispo de Chonad, na Hungria, mártir*

Geraldo era veneziano e já na infância recebera o hábito monástico. Tendo empreendido uma peregrinação a Jerusalém, passou pela Hungria, onde o santo rei Estêvão de tal modo lhe apreciou a doutrina e a virtude que o reteve contra a sua própria vontade, chegando a mandar guardá-lo por soldados. Geraldo recolheu-se ao mosteiro de Béel, que o santo rei mandara construir a pedido do santo eremita Gunther, e lá permaneceu durante sete anos, exercitando-se no jejum e na oração, e tendo como única companhia o monge Mauro, que foi mais tarde bispo de Cinco Igrejas. Depois de estabelecer a paz no seu reino, o santo rei Estêvão tirou Geraldo da solidão, fê-lo ordenar bispo, e mandou-o pregar ao povo, do qual o monge se fêz tão amado, que era considerado por todos como pai. Tendo crescido o número de fiéis, o santo rei fundou outras igrejas nas principais cidades e colocou o bispo Geraldo na Igreja de Chonad, dedicada a São Jorge, e onde existia um altar da Virgem com um incensório de prata na frente; dois velhos queimavam perfumes nesse incensório,

interruptamente; todos os sábados era rezado na igreja o ofício da Virgem, em nove lições; pois o rei Estêvão e tôda a Hungria consagravam particular devoção à Santa Virgem.

O santo Bispo Geraldo tinha grande desvêlo em relação a tudo quanto se referia ao serviço divino, e dizia que a fé devia ser estimulada pelas coisas agradáveis aos sentidos. Era por isso que reservava o melhor vinho para o santo sacrifício e, no estio, mandava colocá-lo no gêlo. A fim de mortificar-se, levantava-se durante a noite, apanhava um machado, e ia sòzinho à floresta cortar lenha. Quando viajava, não o fazia a cavalo, mas ia numa carroça, a fim de entreter-se com santas leituras. Encontrou meio para conciliar a vida solitária com o episcopado, construindo celas junto às cidades onde ia pregar, nos recantos mais isolados das florestas; nessas celas, passava a noite. Assim era o santo Bispo.

Depois da morte do rei Santo Estêvão, Pedro, filho de uma irmã dêste último, foi reconhecido rei. Mas como era de raça alemã, entregou a alemães todos os cargos e governos. Irritados, os húngaros escolheram um novo rei, Ovon ou Aba, cunhado de Santo Estêvão; e Pedro, obrigado a fugir no terceiro ano do reinado, retirou-se para a Alemanha, junto ao rei Henrique, o Negro, filho do Imperador Conrado. Contudo, Ovon derramou muito sangue e mandou impiedosamente matar os mais importantes componentes do Conselho, durante a quaresma, segundo se acredita, no ano de 1041. Em seguida foi celebrar a Páscoa em Chonad, capital da província Morissem, da qual São Geraldo era bispo. Tendo sido êsse prelado convidado pelos bispos e pelos fidalgos a ir coroar o novo rei, recusou-se a fazê-lo. Coroa-

ram-no outros bispos; pois naqueles tempos era costume receberem os reis a coroa das mãos dos bispos em tôdas as grandes festividades.

O rei Ovon entrou na igreja, coroado, e seguido por grande cortejo de religiosos e pelo povo. Mas o santo Bispo Geraldo subiu à tribuna e dirigiu-se ao rei por meio de um intérprete, pois não falava húngaro: "A quaresma foi instituída para conceder perdão aos pecadores e recompensa aos justos. Tu a profanaste com assassínios e, privando-me de meus filhos, privaste-me do nome de pai. É por isso que hoje não mereces perdão; como estou disposto a morrer por Jesus Cristo, dir-te-ei o que vai acontecer-te. No terceiro ano de teu reinado a espada vingadora se levantará contra ti e perderás, com a vida, o reino que obtiveste pela fraude e pela violência". Os amigos do rei, que compreendiam o latim, surpresos com aquelas palavras, faziam sinal ao intérprete para que se calasse, desejosos de proteger o Bispo contra a cólera do rei. Mas o Bispo, percebendo que o temor fazia calar o intérprete, disse-lhe: "Teme a Deus, honra ao rei, e repete as palavras do teu pai!" Finalmente o obrigou a falar, e os acontecimentos provaram que o santo Bispo tinha o dom da profecia. Também predisse que uma violenta revolta irromperia na nação, durante a qual êle mesmo morreria.

A fim de vingar-se do rei da Germânia, que acolhera o rei Pedro, Ovon invadiu a Baviera, em 1042, e fêz grandes devastações. A guerra durou dois anos; enfim, em 1044, o rei Henrique repôs no trono ao rei Pedro e êste, pouco tempo depois, man-

deu prender Ovon e cortar-lhe a cabeça. Assim se realizou a profecia de São Geraldo. (1)

Em 1047, os húngaros que continuavam descontentes com o rei Pedro, chamaram três fidalgos fugitivos, André, Bela e Leventeu, irmãos, pertencentes à família de Santo Estêvão; porém, assim que estes chegaram, obstinadamente dêles exigiram permissão para viverem como pagãos, de acôrdo com os antigos costumes do país, para matar os bispos e os clérigos, para derrubar as igrejas, para renunciar ao cristianismo e adorar os ídolos. André e Leventeu, pois Bela ainda não retornara, foram obrigados a ceder à vontade do povo que só mediante tais condições se comprometia a pegar armas contra o rei Pedro. Um indivíduo chamado Vatha foi o primeiro a professar o paganismo, raspando a cabeça, com exceção de três mechas de cabelo que ficavam penduradas. Atendendo às suas exortações, o povo começou a sacrificar aos demônios e a comer carne de cavalo. Mataram cristãos, tanto clérigos como leigos, e queimaram várias igrejas. Enfim, revoltaram-se abertamente contra o rei Pedro, infligiram morte vergonhosa a todos os alemães e latinos por êle espalhados pela Hungria, ocupando diversos cargos, e mandaram avisar Pedro que matariam os bispos, o clero, e os cobradores de dízimos; que restabeleceriam o paganismo e que a memória de Pedro seria para sempre olvidada.

Em seguida André e Leventeu avançaram com suas tropas até Pest, à margem do Danúbio. Quatro bispos, Gerard, Beztrit, Buldi e Benetha, disse infor-

---

(1) Acta, 24 sept. Acta Bened., sect. 6, pars. 1.

mados, saíram de Alba para ir-lhes ao encontro e recebê-los honrosamente. Havendo chegado a um lugar chamado Giod, ouviram missa celebrada por Gerard; antes, porém, êste lhes disse: "Sabei, meus irmãos, que hoje sofreremos o martírio, exceto o Bispo Benetha". Deu comunhão a todos os assistentes; em seguida, os quatro bispos se dirigiram a Pest, onde Vatha e um grupo de pagãos os cercaram, atirando-lhes uma porção de pedras. O Bispo Gerard, que se encontrava no seu carro, não foi atingido; defendia-se, abençoando os agressores e fazendo continuamente sôbre êles o sinal da cruz. Os pagãos derrubaram o carro e continuaram a lapidar o Bispo, que caíra no chão. Êle exclamou em voz alta: "Senhor Jesus, não lhes imputeis êste crime, pois não sabem o que fazem". Enfim, transpassaram-lhe o corpo com uma lança e êle morreu. Também mataram os dois bispos Beztrit e Buldi, assim como grande número de cristãos; mas tendo chegado o Duque André, salvou da morte o bispo Benetha. Assim foi realizada a profecia de São Geraldo, que a Igreja venera como mártir, no dia da sua morte, 24 de setembro.

O rei Pedro foi prêso e teve os olhos vazados; morreu de desgosto algum tempo depois; e o Duque André foi coroado rei em Alba-Real, no mesmo ano, 1047, pelos três bispos que restavam após o martírio dos cristãos. O novo rei ordenou a todos os húngaros, sob pena de morte, que abandonassem o paganismo, retornassem à religião cristã e vivessem de acôrdo com a lei que lhes fôra dada pelo rei Santo Estêvão. Felizmente Leventeu morreu por

---

essa época; pois, se tivesse vivido mais, e se tornasse rei, sem dúvida teria mantido o paganismo. (2)

O rei André mandou construir um mosteiro em honra a Santo Aignan, num lugar chamado Tion. E a tempestade, que devia derrubar o cristianismo da Hungria, nada mais fez a não ser fortalecê-lo; depois do reinado de André, a Hungria continuou cristã e católica.

\* \* \*

---

(2) Acta SS., 24 sept.

## SANTOS ANDÓQUIO, TIRSO E FÉLIX (\*)

### *Mártires*

Depois do martírio, Santo Irineu apareceu a seu mestre São Policarpo, e lhe pediu que enviasse à Gália Andóquio, Benigno e Tirso.

Desembarcados em Marselha, em Lião encontraram-se com o padre Zacarias, com o qual rumaram para Autun. Ali, foram recebidos por um nobre, Fausto, que se havia convertido, não fazia muito, com toda a família.

Um filho deste nobre, Sinfiriano, então com três anos, foi batizado por Benigno, e Andóquio foi o padrinho.

De Autun, Andóquio buscou Langres, onde batizou os chamados *Três Gêmeos*, que eram filhos de Leonília, irmã de Fausto, mulher riquíssima.

Aureliano, então em Sens, ordenou a perseguição aos cristãos.

Andóquio, que se juntara a Tirso, deixou Langres e partiu para Saulieu, indo hospedar-se na casa dum mercador oriental, que se fizera cristão, denominando-se Félix.

Ora, Aureliano, deixando Sens, de viagem, fez uma parada em Saulieu, e acconteceu que um do seu

séquito viu Andóquio e Tirso pregando o Evangelho. Imediatamente, correu levar a notícia ao imperador. Aureliano, então, ordenou que prendessem os dois cristãos e os trouxessem à sua presença.

Félix, ardentemente, rogou que o levassem também de modo que, logo, os três jaziam frente a frente com o imperador.

Andóquio, tomando a palavra, recusando-se a sacrificar aos deuses, como lhe ordenaram, ameaçou Aureliano com o fogo do inferno: ia principiar o suplício.

Suspensos pelos braços, do galho duma árvore, com brutas pedras pendendo dos pés, ali passaram assim os três a noite.

No dia seguinte, compareceram diante de Aureliano tão saudáveis como se houvessem dormido, em fôfas camas, um sono imensamente reparador.

Furioso, o imperador deu ordem para que os atirassem ao fogo, com mãos e pés manietados, mas uma chuva violenta, pesada, nem bem foram jogados à fogueira, apagou o fogo. E os três indenes, de novo compareceram diante de Aureliano.

Aqui, o imperador, no auge da cólera, ordenou que lhes rompessem os pescoços com barras de ferro. Foi dêste modo que Andóquio, Tirso e Félix conquistaram a coroa gloriosa do martírio, quando do imperador Aureliano, em Saulieu, Autun.

Fausto, com o filho Sinforiano, então com cinco anos, à noite, acobertados pela escuridão, recolheram os preciosos restos, sepultando-os carinhosamente.

## SÃO GERMARO (\*)

### *Abade de Flay*

São Germaro teria nascido em Vardes, na comuna de Neufmarché, no Sena inferior, e ocupado altos cargos na côrte do rei Clóvis II.

São Germaro foi o fundador do mosteiro de São Pedro do Bosque.

No décimo-sexto ano do reinado de Clóvis II, Germaro, que era casado e tinha um filho chamado Amalberto, afilhado de Santo Ouen, deixou a espôsa e o jovem para retirar-se ao mosteiro de Pentale, hoje denominado de São Sansão.

Depois de ter dirigido a fundação por algum tempo, em virtude do descontentamento dalguns monges, buscou a solidão numa gruta. Foi ali que soube da morte do filho, quando Amalberto regressava numa expedição na Gasconha. São Germaro deixou a gruta e foi ao encontro do filho morto, cujo corpo trouxe para Pentale.

Diz-se que a fundação de Flay foi indicada por um anjo: o Santo procurara Ouen para que lhe auto-

rizasse fundar um mosteiro onde pudesse viver com os que se haviam reunido ao seu redor, na gruta, e, ao cabo de três dias, um anjo, aparecendo-lhe, mostrara-lhe o lugar em que devia levantar a nova casa.

São Germaro governou aquêle mosteiro por três anos e meio, falecendo em 660.

\* \* \*

## SANTO ISARNO (\*)

### *Abade*

Santo Isarno foi educado por cónegos de Frelzas, no mosteiro de Santo Antonino. O bispo de Agda deu-lhe o hábito monástico e o jovem foi estabelecer-se em São Vítor de Marselha.

Monge modêlo, dado à oração e à meditação, penitente, humilde e silencioso, logo o abade o tomou como prior. Zeloso, prestativo, amando os irmãos e pelos irmãos sendo amado, o priorado de Santo Isarno foi famoso.

Em 1021, foi eleito abade por unanimidade, e com grande alegria de tôda a comunidade.

Caridoso em extremo para com os pobres, não havia aquêlo que, batendo à porta do mosteiro, em busca de qualquer óbolo, dali saísse sem o que quer que seja.

Dormindo pouquíssimo, alimentando-se parcamente, mortificando-se sempre e sempre, Santo Isarno, furtivamente levantando à noite, silenciosamente, para não o revelar a ninguém, ia rezar na cripta dos mártires, onde ficava, às vêzes enregelado, até altas horas.

Admirado por Santo Odilon (porque Isarno estêve. numa temporada, em Cluny) faleceu o santo abade em São Vítor de Marselha no ano de 1043.

---

No mesmo dia, a festa da Bem-aventurada Virgem Maria, dita das Mercês, ordem que Ela mesma instituiu, sob êste nome, para o resgate de cativos. A origem da Ordem dos Mercedários, que se ocupou com a liberdade dos cristãos cativos dos muçulmanos, calca-se numa vontade mesma de Nossa Senhora, que, aparecendo a São Pedro Nolasco, a São Raimundo de Penhaforte e ao rei de Aragão, no século XIII, assim sugeriu que se criasse aquela ordem. A festa de Nossa Senhora das Mercês estendeu-se à Igreja universal em 1696.

Em Bréscia, a comemoração de Santo Anatalão, bispo, que foi discípulo de São Barnabé, apóstolo, e o sucedeu como bispo da Igreja de Milão (século II).

No Egito, a *Paixão* de São Pafúncio e companheiros, mártires. Pafúncio, que vivia no deserto, soube que haviam pôsto a ferros uma grande quantidade de cristãos e, inspirado por Deus, foi apresentar-se espontâneamente ao prefeito, a quem fêz solene profissão da religião cristã. Imediatamente, foi carregado de ferros e longamente torturado no cavalete, depois enviado com vários dos companheiros ao imperador Dicleciano, que mandou cravá-lo numa palmeira. Os demais pereceram pela espada (século IV).

Na Calcedônia, quarenta e nove santos mártires que, depois do triunfo de Santa Eufêmia, foram condenados às feras, sob o imperador Dicleciano. Tendo sido, porém, milagrosamente poupados, tiveram a cabeça decepada e entraram triunfalmente no céu.

Em Clermont, Auvergne, a morte de São Rústico, bispo e confessor.

Em Joinville, Champagne, Santa Ama, virgem (século VI). Ama ou Amadã era uma santa virgem que se honrava em Joinville, a qual seria irmã de

Manechilda, Pusina, Lintrudes, Hoilda, Frâncula e Liberga. Santo Alpino, bispo de Châlons, deu-lhes o véu das virgens. No século XII, um priorado beneditino trazia o nome de Santa Ama.

Em Beverley, na Inglaterra, São Brithun, abade, falecido entre 733 e 740, o qual foi diácono de São João de Beverley, bispo de York. Nos tempos em que Beda escrevia a *História Eclesiástica*, João tinha a Brithun como abade do mosteiro de Inderauda. Brithun contava, expontâneamente, os milagres que São João de Beverley operara. Foi enterrado ao lado do santo bispo.

Em York, o bem-aventurado Roberto de Knaresborough, ermitão, que faleceu entre 1220 e 1235 e foi veneradíssimo na Inglaterra durante a Idade Média.

\* \* \*

## 25.º DIA DE SETEMBRO

### SÃO PACÍFICO DE SÃO SEVERINO

#### *Franciscano*

São Pacífico de São Severino, Irmão Menor da Observância, veio à luz em São Severino, importante cidade, antigamente chamada Septempeda, nas Marcas d'Ancona, e entrou nos Irmãos Menores da Observância, em Forano, diocese de Osimo, em 1670. Pronunciou seus votos no ano seguinte, e começou a estudar belas-letas e teologia. Ordenado sacerdote, entregou-se ao exercício das funções do santo ministério com edificação e fervor admiráveis. Sua maior felicidade era falar de Jesus Cristo e inculcar em todos um ardente amor pelo amável Salvador. Seu espírito de pobreza e de humildade destacavam-no entre os irmãos da mesma ordem. Não menos zeloso em relação ao seu progresso espiritual do que o era em relação à santificação do próximo, transformou a vida num encadeamento de atos meritórios. Pregava com freqüência, ensinava o catecismo, ouvia confissões, visitava doentes, e espalhava por tôda parte o bom odor de Jesus Cristo. Grande e pequenos acorriam a ouvi-lo e retiravam-se impressionados por tudo quanto viam e ouviam. Fêz grande número de con-

versões entre os pecadores mais escandalosos e endurecidos. Também possuía, em alto grau, o dom da prece e o da profecia. O Senhor chamou-o a uma vida melhor no dia 14 de setembro de 1721. O Papa Pio VI beatificou-o no ano de 1785. (1) Gregório XVI canonizou-o no dia 26 de maio de 1830.

\* \* \*

---

(1) Godescard, 25 sept.

## BEATO PEDRO CLAVER

*Jesuíta*

*Apóstolo e servidor dos negros escravizados*

Nascido em Verdu, na Catalunha, por volta do ano de 1581, Pedro Claver poderia, pela nobreza de origem, pretender às dignidades da Igreja e às honras militares. Abraçou o instituto de Jesus e terminou os estudos no colégio de Maiorca. Lá morava, então, um ancião chamado Afonso Rodriguez que, depois de ter dedicado uma parte da vida aos negócios comerciais, retirara-se do mundo para viver mais intimamente com Deus. Simples irmão coadjutor e porteiro do colégio, Rodriguez, a quem o Papa Leão XII incluiu na categoria dos beatos, ligou-se estreitamente com Claver. Não se preocupou com revelar ao jovem discípulo os mistérios da ciência; iniciou-o nos da santidade. Tão bem Afonso Rodriguez preparara o noviço para as virtudes do apóstolado, que as fadigas e os perigos afrontados pelos missionários não conseguiram tolher o amor dêste pelos sofrimentos, ou a intensidade do seu zelo. Claver acreditava que sôbre a superfície da terra existia uma raça de homens ainda mais dignos de lástima que os selvagens; a ela consagrou a sua caridade.

No mês de novembro de 1615 chega a Cartagena, uma das cidades mais importantes da América meridional. Essa cidade, cujo pôrto era o entreposto do comércio da Europa, também era o grande bazar do tráfico dos negros, que lá eram vendidos e comprados, sobrecarregados de trabalho. Obrigavam-nos a descer ao fundo das minas, infligiam-lhes as torturas da fome, da sede, do frio e do calor, a fim de que a fonte das riquezas fôsse aumentada. Quando, sob aquêl sol de chumbo, sob as tempestades que arruinam em pouco tempo as mais robustas compleições, os senhores percebiam que os pobres escravos já não tinham mais fôrças para tornar fértil um solo ingrato, então os abandonavam às precoces enfermidades ou ao desespero de uma velhice antecipada. E êles morriam sem socorros, como tinham vivido sem esperanças.

O padre de Sandoval precedera Claver naquele litoral; também nascera na riqueza. Impusera-se o dever de consolar e aliviar tanta desgraça. Afonso Rodriguez ensinara a Claver a teoria da abnegação cristã, Sandoval pô-lo em contacto com a prática. Mal o preparara para a vida que abraçara, para a série de adversidades que forçosamente teria de suportar se quisesse suavizá-las em relação aos outros, o jesuíta, envelhecido na prática das boas obras, sentiu que poderia entregar-lhe nas mãos o cetro de humilhação. Sandoval pôs-se a percorrer o deserto, a esquadriñar os bosques mais cerrados para anunciar aos negros livres a boa nova de Jesus Cristo; depois, êsse homem, cuja família fôra tão opulenta, expirou coberto de úlceras voluntariamente contraídas no exercício da caridade.

Quanto a Claver, seu sucessor, veremos qual foi, durante quarenta anos a sua vida de todos os dias em Cartagena. Assim que um navio carregado com negros aportava, ele acorria com uma provisão de biscoitos, de limões, de aguardente e de fumo. Prodigalizava seu carinho aos escravos embrutecidos pelas torturas de uma longa viagem, sempre oprimidos pelas ameaças, ou espancados. Aquêles pobres homens tinham sido vendidos pelos próprios pais ou por seus soberanos; falava-lhes de um pai e de uma pátria que tinham no céu. Acolhia os doentes nos braços, batizava as criancinhas, fortificava os válidos, fazia-se servo de todos, dizendo-lhes, por meio de sinais, que sempre e em toda parte estaria às ordens deles, pronto para compartilhar-lhes os sofrimentos, disposto a doutriná-los e nunca se negando, quando solicitado, a sacrificar-lhes os seus dias.

Diante das misérias que acabavam de suportar, em face das que os esperavam, os negros, que só enxergavam desdém ou impassibilidade na fisionomia dos brancos, habituavam-se a confiar naquele homem, que seus compatriotas, já afeitos ao jugo europeu, saudavam como a um amigo. Claver insinuara-se na confiança dos pobres negros; tinha vontade de ensinar-lhes o Evangelho; mas seria preciso vencer obstáculos de várias espécies, encontrar intérpretes, pagá-los e ensiná-los a tornarem-se missionários por substituição. Claver pôs-se a mendigar, de porta em porta, a estender a mão nas praças públicas. E, tendo arrancado aos colonos autorização para visitar os escravos nas suas choças, ou nas minas, era constantemente visto, sempre com olhos febris, sempre pálido, sempre com o corpo minado por indescritíveis

moléstias, a caminhar através dos campos a fim de levar aos negros a esperança e a salvação.

Tendo na mão um cajado, um crucifixo de bronze no peito, os ombros vergados sob o fardo de provisões com que presenteará seus protegidos, o jesuíta Claver percorre com um passo, que a caridade torna ágil, as estradas curtidas de sol. Transpõe rios, afronta chuvas torrenciais, assim como bruscas variações de clima. E, mal alcança uma choça, na qual a aglomeração dos escravos adensa o ar já empestado pela proximidade de tantos corpos maltratados, êle se dirige para o lado dos doentes; a primeira visita pertence-lhes de direito. Com suas próprias mãos, lava-lhes o rosto, trata-lhes as chagas, distribui-lhes medicamentos e conservas; exorta-os a oferecerem seus sofrimentos a Deus, que morrera na cruz para salvá-los. Depois de ter suavizado as dores do corpo e do espírito, reúne os escravos ao redor de um altar por êle mesmo construído; suspende acima de suas cabeças um quadro que reproduz Jesus Cristo no Calvário, Jesus Cristo cujo sangue correu pelos negros. Coloca os homens de um lado, as mulheres do outro, em bancos ou esteiras que êle mesmo fabricou; e no meio daqueles seres degradados, sem roupas, cobertos de parasitas, radiosamente começa a ministrar-lhes ensinamentos que sabe colocar ao alcance do abastardamento intelectual dos ouvintes.

Além dos negros públicamente escravizados, havia outros que a cupidez conservava ocultos em Cartagena e que, fugindo ao pagamento dos dízimos devidos ao rei da Espanha, eram vendidos em segredo a mercadores, e encaminhados às usinas de açúcar. Êstes últimos, embora pareça impossível, eram ainda mais desgraçados do que os outros. O govêrno não

tinha conhecimento do contrabando: Claver o presentiu. Não se dispôs a denunciá-lo; mas achou que aquêles escravos, tanto quanto seus irmãos, não deveriam ser privados dos benefícios do Evangelho. Jurou guardar segredo, sob a condição de que lhe seria permitido instruí-los e batizá-los. E o segredo foi com êle para o túmulo.

Não bastava ao jesuíta ter tranformado tantos miseráveis em cristãos; tentou inculcar-lhes os mais primários princípios de moral. Quando foi chamado para pronunciar seus votos solenes, a êles acrescentou um quinto. A Companhia de Jesus fazia dêle um escravo de Deus; resolveu submeter-se a um jugo ainda mais pesado e assim assinou sua profissão: *Pedro, escravo dos negros para sempre*. Claver consagrava-se inteiramente aos bandos incultos dos negros; nunca mais dêles se separou. Havia batizado os menos obtusos, tentou inspirar-lhes alguns sentimentos humanos. Eram fracos, tremiam diante dos senhores: sua aspiração era reerguê-los diante de Deus. Os senhores fugiam ao contacto dos escravos, pois exalavam cheiros fétidos; mas eram cristãos. Claver exige que, na Igreja dos Jesuítas, pelo menos, reine a igualdade, tal como no céu ou no túmulo. Seu zêlo parece excessivo: ameaçam desertar o templo. Claver responde que, embora comprados pelos homens, nem por isso os negros deixavam de ser filhos de Deus; que têm a obrigação de cumprir os mandamentos da Igreja, e que êle, seu pastor, devia romper o pão da palavra da vida. E os negros puderam rezar no santuário, tal como os brancos, sendo-lhes permitido misturar-se aos europeus.

Grande número de vícios haviam germinado no meio de tantas misérias; a devassidão reinava aber-

tamente, só provocando prazeres vergonhosos, doenças ainda mais vergonhosas e, nunca, um único remorso. O pudor era palavra que os negros não compreendiam. Claver gradativamente fê-los chegar ao conhecimento e até mesmo à prática da virtude. Por meio do carinho e de lições afetuosas ensinou-os a tornarem-se puros, castos e sóbrios. Durante quarenta anos, submeteu-se a êsse tipo de vida, de que apenas esboçamos um dia. Os leprosos, os pestiados foram seus filhos prediletos; porém, êsse ancião, que vira a humanidade sob tantos aspectos medonhos, não tardou a sentir as dores que tão freqüentemente suavizara. Perdeu aos poucos o uso das pernas e dos braços e expirou no dia 8 de setembro de 1654.

Confudira no mesmo amor o colono e o escravo, o branco e o negro. Todos se reuniram ao redor do seu túmulo, tomados pelo mesmo sentimento de admiração, de pesar e de piedade. Os magistrados de Cartagena, o Governador, tendo à frente Dom Pedro de Zapata, solicitaram a honra de fazer, às expensas da cidade, as exéquias do apóstolo da humildade. Os negros, os próprios escravos fugitivos, juntaram-se à cerimônia fúnebre, e de todos os palácios, assim como de tôdas as choupanas, se elevou um só grito de respeito e de gratidão para com o jesuíta que tanto glorificara a humanidade. Em 1747, Bento XIV confirmou o decreto da congregação dos ritos, que declarara suficientes as provas de grau de heroísmo em que Pedro Claver possuía tôdas as virtudes. Pio IX acaba de beatificá-lo. (1)

\* \* \*

(1) Crétineau — Joly, t. III, c. IV.

## SÃO CLÉOFAS (\*)

*Discípulo do Senhor*

*1.º Século*

Sepultado Jesus, as mulheres que foram atrás de José de Arimatéia observaram o sepulcro e de que modo o corpo do Mestre fôra nêle depositado. Voltando, prepararam aromas e bálsamos. No sábado, repousaram, segundo mandava a lei, "mas, no primeiro dia da semana, foram muito cêdo ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. Encontraram revolvida a pedra do sepulcro. Entrando, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. Aconteceu que, estando consternados por isso, eis que apareceram junto delas dois homens com vestidos resplandecentes. Estando elas medrosas e com os olhos no chão, disseram-lhes:

"— Por que buscais entre os mortos o que está vivo? Êle não está aqui, ressuscitou. Lembrai-vos do que êle vos disse, quando estava na Galiléia: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, seja crucificado, ressuscite no terceiro dia".

"Então lembraram-se elas das suas palavras. E, tendo voltado do sepulcro, contaram tôdas estas coisas aos cnze, e a todos os outros. As que referiam

aos Apóstolos estas coisas eram Maria Madalena, Joana, Maria (*mãe*) de Tiago, e as outras, que estavam com elas. Mas estas palavras pareciam-lhes como que um delírio; e não lhes deram crédito. Todavia, Pedro, levantando-se, correu ao sepulcro, e, inclinándose, viu só os lençóis por terra, e retirou-se, admirando consigo mesmo o que sucedera.

“Eis que, no mesmo dia, caminhavam dois dêles para uma aldeia, chamada Emaús, que estava a distância de Jerusalém sessenta estádios. Iam falando um com o outro sôbre tudo o que se tinha passado. Sucedeu que, quando êles iam conversando e discorrendo entre si, aproximou-se dêles o próprio Jesus, e caminhou com êles. Os olhos, porém, estavam como que fechados, de modo que não o reconheceram. Êle lhes disse:

“— Que conversas são essas que ides tendo pelo caminho, e por que estais tristes?”

“Respondendo um dêles, chamado Cléofas, disse-lhe:

“— Só tu és forasteiro em Jerusalém, e não sabes o que ali se tem passado êstes dias?”

“Êle lhes disse:

“— Que é?”

“Responderam:

“— Sôbre Jesus Nazareno, que foi um varão profeta, poderoso em obras e em palavras diante de Deus e de todo o povo; e de que maneira os nossos príncipes dos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que êle fôsse o que havia de resgatar Israel; depois de tudo isto, é já hoje o terceiro dia, depois que estas coisas sucederam. É bem verdade que algumas mulheres, das que esta-

vam entre nós, sobressaltaram-nos, porque, ao amanhecer, foram ao sepulcro, e, não tendo encontrado o seu corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma aparição de anjos, os quais disseram que êle estava vivo. Alguns dos nossos foram ao sepulcro e acharam (*que era assim*) como as mulheres tinham dito; mas não o encontraram”.

“Êle lhes disse:

“— Ó estultos e tardos do coração para crer tudo o que anunciaram os profetas! Porventura não era necessário que o Cristo sofresse tais coisas, e que assim entrasse na sua glória?”

“E, começando por Moisés, e (*discorrendo*) por todos os profetas, explicava-lhes o que dêle se encontrava dito em tôdas as Escrituras. Aproximaram-se da aldeia, para onde caminhavam, e êle fingiu que ia para mais longe. Mas êles o constrangeram, dizendo:

“— Fica conosco, porque se faz tarde e o dia declina”.

“Entrou para ficar com êles. Aconteceu que, estando com êles à mesa, tomou o pão, benzeu-o, partiu, e lho dava. Abriram-se os seus olhos, e reconheceram-no; mas êle desapareceu.

“Disseram um para o outro:

“— Não é verdade que nós sentimos abraçar-se-nos o coração, quando êle nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”

“Levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusalém, e encontraram junto os onze, e os que estavam com êles, os quais diziam:

“— Na verdade o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”.

“E êles contaram (*também*) o que lhes tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

“Enquanto falavam nisto, apresentou-se Jesus no meio dêles, e disse-lhes:

“— A paz seja convosco”.

“Mas êles, turbados e espantados, julgavam ver algum espírito. Jesus disse-lhes:

“— Por que estais turbados, e que pensamentos são êsses que vos sobem aos corações? Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo; apalpai, e vêde, porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vêdes que eu tenho”.

“Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. Mas, não crendo êles ainda e estando fora de si com a alegria (*que sentiam*), disse-lhes:

“— Tendes aqui alguma coisa que se coma?”

“Êles lhe apresentaram uma posta de peixe assado e um favo de mel. Tendo-os tomado, comeu-os à vista dêles. Depois disse-lhes:

“— Isto (*que vós estais vendo*) são as coisas que eu vos dizia, quando ainda estava convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos”.

“Então, abriu-lhes o entendimento, para compreenderem as Escrituras; e disse-lhes:

“— Assim está escrito, e assim era necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos ao

terceiro dia, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a tôdas as nações, começando por Jerusalém. Vois sois as testemunhas destas coisas. Eu vou mandar sôbre vós o (*Espírito Santo*) prometido por meu Pai; entretanto, permaneci na cidade, até que sejais revestidos da virtude do alto”.

“Depois levou-os fora (*cêrca de*) Betânia; e levantando as suas mãos, abençoou-os. Aconteceu que, enquanto os abençoava, separou-se dêles, e elevava-se ao céu. Êles, depois de o adorarem, voltaram para Jerusalém com grande júbilo, e estavam continuamente no templo, louvando e bendizendo a Deus”. (1)



Como vimos, São Lucas chama a um dos dois que caminhavam para Emaús de Cléofas. É o São Cléofas que encima estas linhas, e que os antigos acreditavam que fôsse de Emaús mesmo.

E o outro, que se dirigia àquela aldeia, como se chamava êle? Orígenes nomeou-o Simão.

Segundo alguns. São Cléofas de Emaús era tio de Nosso Senhor. Outros, ainda, julgam que era Simeão, primo de Jesus. Ora, um Simeão, que sucedeu a Tiago como bispo de Jerusalém, morreu mártir, em 107. É por isto que São Cléofas tem passado por mártir desde muitos séculos — pelo menos a partir do VI.º.

---

(1) Lc. 24, 1-53.

Adon, em 860, no seu livro sôbre as festas dos Apóstolos, observa que Cléofas foi morto pelos judeus na casa onde recebera Jesus, e Teodósio, no seu *Guia da Terra Santa*, no século VI, assinala que São Cléofas foi martirizado em Emaús.

Diz assim o resumo do santo discípulo de Nosso Senhor do martirologio:

“No burgo de Emaús, a morte do bem-aventurado Cléofas, discípulo de Jesus Cristo: na casa mesma em que havia preparado a refeição do Senhor, foi, diz-se, morto pelos judeus por ter confessado o Cristo, e enterrado numa tumba que é gloriosa (I.º século)”.

\* \* \*

## SÃO FIRMINO (\*)

*Bispo e Mártir*

*(Século IV?)*

Segundo uma lenda, o senador Firmo, que vivia em Pampeluna, foi, um dia, ao templo de Júpiter e, ali, encontrou um sacerdote, chamado Honesto, que estava a escarnecer dos ídolos todos, ruidosamente.

Firmo abordou o sacerdote, e depois de curta palestra, acabou por dizer a Honesto que se tornaria cristão se São Sernino de Tolosa surgisse por Pampeluna.

Poucos dias depois, sete, precisamente, São Sernino apareceu. Diz-se, então, que, por três dias, outra coisa não fez senão batizar pagãos convertidos, e que batizou cêrca de quarenta mil dêles.

A administração daquela nova cristandade, então, deixou-a São Sernino nas mãos de Honesto, que foi o educador do filho mais velho de Firmo, Firmino.

Encaminhado com esmêro para Nosso Senhor, Firmino, aos dezessete anos, principiou a pregar, enviado por Honesto, nos arredores.

O velho sacerdote, sentindo-se acabado, já trô-  
pego, fê-lo sagrar bispo por Honorato de Tolosa,  
quando contava vinte e quatro anos.

Quando entrou nos trinta, Firmino partiu para  
pregar o Evangelho na Gália. Tendo passado por  
Agen, Clermont e Angers, ouviu rumores sôbre a  
perseguição que se abatera sôbre os cristãos de Beau-  
vais. Dirigindo-se àquela localidade, foi prêso.

Pouco depois, o governador morria, e a todos os  
encarcerados era restituída a liberdade.

São Firmino, agradecendo ao Senhor, antes de  
partir dedicou uma igreja em honra de Santo Estêvão,  
e deixou Beauvais.

Em Amiens, para onde dirigira os passos, seu  
apostolado foi fecundíssimo, todo êle marcado por  
prodígios: em pouco tempo, convertera cêrca de três  
mil pessoas.

Ora, os governadores Lôngulo e Sebastião, que  
viviam em Trêves, tendo ouvido rumores a respeito  
daquelas conversões e de milagres, dirigiram-se para  
Amiens, para melhor se certificarem daquilo que jul-  
gavam boatos.

Ao par do sucesso do santo bispo, ordenaram-lhe  
a prisão. E, para que não houvesse murmúrios ou agi-  
tações, deram ordens para que ao Santo decapitassem  
no cárcere mesmo, secretamente.

São Firmino, bispo de Amiens, conquistou a  
coroa do martírio no dia 25 de setembro, e foi enter-  
rado no lugar em que, quase imediatamente, foi ale-  
vantada uma igreja que se dedicou a Nossa Senhora.

## SÃO SOLÊNIO (\*)

### *Bispo*

São Solênio, ao que parece, foi o décimo-terceiro bispo de Chartres, e o seu pontificado acha-se colocado em fins do século V ou princípios do século VI, já que o seu sucessor, Santo Aventino, assistiu ao concílio de Orléans no ano de 511.

Segundo uma legenda, São Solênio foi feito bispo de Chartres por Clóvis, em virtude da reputação de santidade, reputação essa que lhe adveio depois que curou um homem mudo e cego.

Diz-se que, quando soube que o rei queria elevá-lo à dignidade episcopal, fugiu, deixou a cidade, indo, humildemente, esconder-se numa caverna retirada. Como não fôsse encontrado, Aventino, então arceidiago, foi escolhido para substituí-lo.

No dia seguinte da consagração, Solênio calculou que podia deixar o refúgio. E saiu, apareceu pela cidade. Ora, o povo, ao vê-lo, cercou-o, alegre e ruidosamente, e obrigou-o a aceitar a dignidade, fazendo com que os consagradores lhe conferissem o episcopado.

Assim, ficou Chartres com dois bispos, mas Aventino concedeu-lhe o lugar, e, por Solênio, foi indi-

cado para a região de Chateaudun, onde esperaria o momento de sucedê-lo.

São Solênio foi conselheiro acatadíssimo pelo rei, falecendo depois de doze anos de episcopado, a 25 de setembro dum dos primeiros anos do século VI.

Conta-se que um prisioneiro, que estava ferido, milagrosamente, só por tocar o corpo do Santo, foi curado.

A lenda não indica em que lugar o santo bispo foi enterrado. Gregório de Tours, todavia, no seu *À Glória dos Confessores*, conta que a tumba foi descoberta miraculosamente. Um dia, dois possessos vindos da basílica de São Martinho de Tours, começaram a gritar, enquanto, com as mãos, iam batendo num determinado lugar. Diziam, em altas vozes:

— Aqui repousa o bem-aventurado Solênio, numa gruta, escondido. Descobri-o, ponde tapêtes, acendei círios, que isto será um grande bem para o país!

E, com as unhas, num tremendo afã, iam cavando a terra.

Com efeito, encontraram o corpo dum homem, que os dois afirmavam ser o de São Solênio. Nem bem o fizeram, foram ambos curados, assim como uma grande multidão de enfermos.

## SANTO ANACÁRIO (\*)

### *Bispo*

Santo Anacário foi bispo de Auxerre. Nascido em Orléans, era filho de Pastor e de Ragnoara, e irmão de Austreno, que seria bispo de Orléans depois de 587, e de Santa Austregilda, que foi mãe de São Lôbo, bispo de Sens.

Nobre, Anacário viveu uns tempos na côrte do rei Gontran, mas, depois duma peregrinação ao túmulo de São Martinho de Tours, fêz-se tonsurar sem que os pais o soubessem. Formado pelo bispo Siágrio, de Autun, junto do qual passou a viver, a 31 de julho de 561 foi eleito para a sé de Auxerre.

Santo Anacário assistiu ao concílio de Paris em 573, e aos primeiro e segundo de Macon, em 583 e 585.

Reunindo um sínodo diocesano, lançou vários estatutos, quarenta e cinco, ao que se presume, sôbre a disciplina eclesiástica e as superstições.

No fim da vida, o Santo ordenou sub-diácono o futuro bispo de Bourges, Santo Austragésilo. Falecido em 605, foi enterrado, consoante o seu desejo, na

abadia de São Germano de Auxerre. É de notar que as suas relíquias escaparam da profanação dos protestantes em 1567.

---

No mesmo dia, no território de Marselha, São Defensor, mártir (época desconhecida).

Em Cloyne, Irlanda, São Finbarr, bispo (século VI?). Nada se sabe sobre São Finbarr, senão que fundou um mosteiro ao sul da Irlanda, onde hoje se encontra o pôrto de Cork. As lendas, contudo, são várias.

Na abadia de Cusance, na diocese de Besançon, Santo Ermenfredo, abade, que, tendo deixado a côrte de Clotário II, foi viver em Luxeuil. Faleceu em 670.

Em Langres, São Godofredo, abade de Wearmouth. Em 674, o abade Bento Biscop fundou, na Inglaterra, o mosteiro de Wearmouth, depois o de Jarrow. Êste último, em 682, foi confiado a São Godofredo. Morto Bento Biscop, o Santo dirigiu ambos os mosteiros, o de Wearmouth e o de Jarrow. Falecido em 716, em Langres, quando duma viagem, teve os restos transportados para o primeiro dos mosteiros fundados por Biscop.

Em Reichenau, numa ilha do lago de Constance, o bem-aventurado Hermann Contract, monge. O mosteiro de Reichenau é a mais antiga abadia beneditina em terras germânicas, tendo sido fundada por São Firmino em 724. Hermann, descendente dos condes de Alshausen, foi uma das maiores glórias daquela fundação. O bem-aventurado fêz-se monge

aos trinta anos. Culto, inteligente, recebeu a visita de Henrique III e do papa São Leão XIII. Nas ciências exatas, foi um dos grandes mestres. Poeta, escreveu versos *Sobre os Oito Pecados Capitais* ou *Sobre o Desprêzo do Mundo*, poema inacabado. Tornou-se verdadeiramente imortal com a *Alma* e o *Salve*. Comparado a Beda, há os que o julgam superior, uma vez que foi matemático, poeta, teórico, músico e compositor. Faleceu em 1054, com quarenta e um anos de idade. O culto, quase que imediato à morte, surgiu em todos os mosteiros da Suábia e da Suíça.

Em Auch, Santo Austindo, arcebispo. De Bordéus, professou entre os beneditinos, chegando a abade. Em 1049, foi eleito arcebispo no lugar de Raimundo Copa, deposto por simonia. Começou a construção da catedral e erigiu uma casa para os cônegos, com um claustro entre os dois edifícios. Faleceu em 1068.

Em La Guardia, perto de Toledo, o bem-aventurado Marcos Criado, trinitário. Nascido em Andujar, na Andaluzia, entrou jovem (1536) na ordem da Santa Trindade, para o resgate dos cativos. Cruelmente assassinado, em 1569, pelos mouros, em Almeria, na região mesma de Andujar. O papa Leão XIII confirmou o culto, que lhe rendiam, em 1899.

Perto de Hué, no Annam, o bem-aventurado Francisco Jaccard, mártir, em 1838. Morreu pela fé na Indochina, depois de grandes trabalhos. Beatificado em 1900. Os restos estão em Paris desde 1847. Filho de pequenos agricultores, Marino José e Maria Monge, nasceu em 1799 no lugarejo de Cevillon, que era paróquia de Onion, atual diocese de Annecy, Alta Savóia.

Em Roma, Santo Herculano, soldado que, tendo-se convertido à vista dos milagres ocorridos no martírio de Santo Alexandre, bispo, sofreu tôda espécie de torturas sob o Imperador Antonino, e terminou a vida pela espada. — Em Damasco, os santos mártires, Paulo e Tata, sua espôsa, assim como Sabiniano, Máximo, Rufo e Eugênio, seus filhos que, tendo sido acusados de professar a religião cristã, foram espancados e suportaram outros suplícios, no meio dos quais entregaram a alma a Deus. — Na Ásia, os santos mártires Bardomiano, Eucarpo, e vários outros, em número de vinte e seis. — No mesmo dia, santo Anatalão, bispo, discípulo do apóstolo São Barnabé, e seu sucessor no arcebispado de Milão. — Em Lião, morte de São Lopo, que de anacoreta se tornou bispo. — No mesmo dia, São Príncipe, bispo de Soissons, irmão de São Remígio, bispo. — Em Anagni, as santas virgens Aurélia e Neomísia.

\* \* \*

# ÍNDICE

## 3.º dia de setembro

Santa Serápia e Santa Sabina, mártires .....	9
Santo Agilulfo, mártir .....	17

## 4.º dia de setembro

São Moisés, Legislador do Antigo Testamento, Profeta e Testemunha do Novo .....	21
Santa Rosa de Viterbo .....	33
Bem-aventurada Catarina de Racconigi, virgem dominicana ....	36

## 5.º dia de setembro

São Lourenço Justiniano, primeiro patriarca de Veneza .....	40
São Genebaldo, bispo .....	59

## 6.º dia de setembro

Pedro Acotanto, o bem-aventurado e várias outras santas pessoas do seu tempo .....	65
São Zacarias, Antigo Testamento .....	71
Bem-aventurado Liberato, franciscano .....	83

## 7.º dia de setembro

São Gauzelino, bispo de Toul .....	90
São Clodoaldo ou Cloud, sacerdote .....	92
Bem-aventurados Marcos Estêvão Crisin, Estêvão Poncgraz e Melquior Grodecz, mártires em 1619 .....	95

## 8.º dia de setembro

Natividade da Santíssima Virgem .....	99
São Corbiniano, bispo de Freising .....	101
Santos Eusébio, Néstabo e Zeno, mártires .....	109
São Nestor, mártir .....	111

## 9.º dia de setembro

São Teófilo, abade de Constantinopla .....	114
São Kieran, abade .....	116
Bem-aventurada Serafina Sforza, clarissa .....	118

## 10.º dia de setembro

São Nicolau de Tolentino .....	121
Santa Pulquéria, Virgem e Imperatriz .....	125
São Sálvio, bispo .....	135
Bem-aventurado Oglério, abade .....	139

## 11.º dia de setembro

São Bodon, bispo e sua irmã Santa Salaberga .....	143
Santa Teodora, Penitente .....	146
Bem-aventurado Bernardo da Offida, Irmão Leigo Capuchinho .....	147

## 12.º dia de setembro

A Bem-aventurada Maria Vitória Fornari, Fundadora das Anunciadas selestes .....	151
Santo nome de Maria .....	157
São Gúido, Confessor .....	163

## 13.º dia de setembro

Santo Amado, abade, em Lorena e seu amigo São Romarico .....	166
São Maurílio, bispo .....	170

## 14.º dia de setembro

O Bem-aventurado Alberto .....	173
Santa Notburga, criada .....	186
Exaltação ou Glorificação da Santa Cruz .....	188
Bem-aventurado Gabriel Taurin Dufresse, Bispo, Missionário e Mártir .....	192

## 15.º dia de setembro

Santo Ebro, bispo .....	197
São João, O Anão, anacoreta de Cete .....	199
São Valeriano, mártir .....	205
Santos Êmilas e Jeremias, mártires .....	206
Nossa Senhora das Sete Dores .....	207

## 16.º dia de setembro

São Cornélio, papa e São Cipriano, bispo de Cartago .....	218
Bem-aventurado Luís Aleman, arcebispo e cardeal .....	241

## 17.º dia de setembro

Santa Hildegarda, virgem .....	246
Comemoração dos Sagrados Estigmas de São Francisco de Assis .....	256
São Sático, irmão de Santo Ambrósio .....	270
São Pedro de Arbues, mártir .....	271

## 18.º dia de setembro

São Metódio, bispo de Tiro, São Panfilio, sacerdote de Cesaréia, na Palestina e outros mártires da mesma época .....	282
São José de Cupertino, franciscano .....	293
São Ferréolo, mártir .....	300
Santa Ricarda, Imperatriz, fundadora de Andlau .....	303
Bem-aventurado Domingos Trach Doal, dominicano, mártir ....	304

## 19.º dia de setembro

São Teodoro, arcebispo de Cantuária e outros Santos monges da Inglaterra .....	307
Santa Emília de Rodat, fundadora da Congregação da Santa Família .....	318

## 20.º dia de setembro

Santo Agapito, papa .....	322
O Bem-aventurado Francisco de Posadas, dominicano .....	343
Bem-aventurados Cartuxos de Londres, mártires .....	347

## 21.º dia de setembro

São Mateus, apóstolo .....	350
São Jonas, profeta .....	358
Santa Ifigênia, virgem .....	368
São Castor, bispo .....	370

## 22.º dia de setembro

São Tomás de Vilanova .....	373
São Laudo, bispo .....	396

## 23.º dia de setembro

São Maurício e a Legião Tebana .....	399
São Constâncio, sacristão .....	411

## 24.º dia de setembro

São Geraldo, bispo de Chonad, na Hungria, mártir .....	414
Santos Andóquio, Tirso e Félix, mártires .....	420
São Germaro, abade de Flay .....	422
Santo Isarno, abade .....	424

## 25.º dia de setembro

São Pacífico de São Severino, franciscano .....	427
Beato Pedro Claver, jesuíta .....	429
São Cléofas, discípulo do Senhor .....	435
São Firmino, bispo e mártir .....	441
São Solênio, bispo .....	443
Santo Anacário, bispo .....	445

---

---

Composto e impresso nas  
oficinas gráficas da  
**EDITORA DAS AMÉRICAS**  
São Paulo ————— 1960

---

---